

Copyrighted Material

New York
Times
Bestselling
Author

JENNIFER ESTEP

"Estep blends the perfect
amount of action,
romance and comedy."
—RT Book Reviews

A Mythos Academy Novel

MIDNIGHT FROS



AQUI VAMOS NÓS NOVAMENTE...

JUSTO QUANDO PARECE QUE A VIDA NA ACADEMIA MYTHOS NÃO PODIA FICAR MAIS PERIGOSA, OS CEIFADORES DO CAOS CONSEGUEM PROVAR QUE ESTOU ERRADA. ERA APENAS UMA NOITE TÍPICA NA BIBLIOTECA DAS ANTIGUIDADES — ATÉ QUE UM CEIFADOR TENTOU ME ENVENENAR. A BOA NOTÍCIA É QUE EU AINDA ESTOU VIVA E LUTANDO. A MÁ NOTÍCIA É QUE O CEIFADOR ENVENENOU OUTRA PESSOA EM VEZ DISSO.

COMO CAMPEÃ DE NIKE, TODOS ESPERAM QUE EU LIDERE A LUTA CONTRA OS CEIFADORES, EMBORA EU CONTINUE FERIDA PELO QUE ACONTECEU COM O GUERREIRO ESPARTANO LOGAN QUINN. AGORA TENHO QUE COLOCAR MINHAS MÃOS NO ANTÍDOTO BEM RÁPIDO — CASO CONTRÁRIO, UMA PESSOA INOCENTE MORRERÁ. MAS A ÚNICA CURA CONHECIDA ESTÁ ESCONDIDA EM ALGUMAS RUÍNAS ASSUSTADORAS — E OS CEIFADORES COM CERTEZA ESTÃO ESPERANDO POR MIM LÁ...



Eu me sentia presa.

Passei de um lado para outro, girando no calcanhar, e andei para frente e para trás. Alguns passos depois, cheguei à parede oposta, então girei e repeti o processo. Para frente e para trás, e de um lado para outro, eu caminhei, minha mente vagando de uma coisa para a outra.

Meus amigos na Academia Mythos. Minha busca por artefatos. O que Agrona, Vivian e o resto dos Ceifadores do Caos estavam planejando a seguir. Onde estava Logan.

Meu coração torceu ao pensar em Logan, e meu pé enroscou na parte inferior de uma rede que estava envolta da parte de trás da minha cadeira. Eu tropecei, mal conseguindo me segurar antes de bater o rosto na minha cama.

Eu cambaleei e olhei para a rede. Oh, claro, parecia bem inocente pendurada lá, como um remendo de algas cinzas claras brotando da parte de trás da minha cadeira. Supostamente havia pertencido a Ran, a deusa nórdica das tempestades. Verdade seja dita, não era tão impressionante quanto os outros artefatos. As algas marinhas estavam nodosas, amarradas e pareciam tão finas, esfarrapadas e quebradiças que provavelmente se desmoronariam como

poeira se você respirasse nela. Mas aprendi da maneira difícil que as aparências muitas vezes enganam, especialmente no mundo mitológico. Então suponho que eu deveria agradecer por não ter esmagado a rede, espalhando-a por toda a parte.

Eu tinha a rede há alguns dias, desde que a encontrei no Museu Crius, e ainda não sabia o que havia de tão especial nela. Nem consegui sentir grandes vibrações dela com minha psicometria, a qual me permite conhecer, ver e sentir a história de um objeto.

Mas encontrar poderosos artefatos mitológicos e mantê-los a salvo de Ceifadores era a última missão que Nike, a deusa grega da vitória, me deu.

A maioria das pessoas me conhecia como Gwen Frost, aquela garota Cigana estranha que tocava coisas e via coisas, mas eu também era a Campeã de Nike, a menina escolhida pela deusa para ajudar a cumprir seus desejos aqui no reino mortal.

Eu, uma Campeã. Eu ainda não podia acreditar às vezes.

Mas Nike era muito, muito real, assim como o resto do mundo mitológico, com todos os seus deuses, deusas, magias, criaturas, artefatos e garotos guerreiros.

Mais e mais pensamentos se aglomeraram em minha mente, mas os afastei. Em vez disso, deslizei a cadeira para mais perto da mesa, a fim de não tropeçar na rede novamente, e recomecei meu ritmo. Ida e volta e ida e volta, de um lado para o outro da minha prisão...

— Você vai parar, por tudo o que é sangrento? — Uma voz com um sotaque inglês grunhiu alguns minutos depois. — Você está impossibilitando que eu tire minha sesta pré-matar-Ceifador do meio da tarde.

Olhei para a parede, onde uma espada em uma bainha de couro preto estava pendurada ao lado dos meus posterês de Mulher Maravilha, Karma Girl e The Killers. Um olho violeta no punho estava aberto e brilhando para mim, enquanto as características do resto da espada – um nariz, uma orelha e uma boca – estavam revirados em uma expressão petulante.

— S rio, Gwen, — Vic, minha espada falante, me recriminou de novo. — Alguns de nós estão tentando dormir. Não é mesmo, bola de pelos?

Um som concordante soou de uma cesta no canto. Nyx, o filhote de lobo Fenrir que eu cuidava, era tão fofa como poderia ser com o seu escuro pelo cinzento e os olhos purp reos, mas ela tinha um hábito irritante de concordar com quase tudo o que Vic dizia.

— Tudo bem, — resmunguei e me sentei na cama. — Vou parar de andar.

Ok, ok, então eu não estava *realmente* presa. Mas meu dormitório certamente se parecia como uma prisão atualmente, especialmente porque quase sempre havia um guarda do Protetorado parado lá fora. Eu afastei um pouco a cortina e olhei por uma das janelas. Aiko, uma Ninja esguia e pequena de somente vinte anos, estava apoiada contra uma árvore no gramado abaixo, como esteve desde que voltei para o meu quarto uma hora atrás. Aiko se deslocou em seus pés, fazendo as dobras de seu manto cinza se espalhar por sua figura esbelta e me dando um breve vislumbre da espada curta e das estrelas prateadas enganchadas em seu cinto.

Suspirei e deixei a cortina cair no lugar. Aiko estava lá fora para me proteger de qualquer Ceifador que pudesse tentar me matar, algo que aconteceu mais de uma vez dentro dos confins murados da Academia Mythos.

Ainda assim, eu não gostava de ser observada o tempo todo, mesmo que fosse para meu próprio bem. Isso me fazia sentir fraca, desamparada e simplesmente... presa.

De repente, o quarto pareceu insuportavelmente quente e abafado, e eu não conseguia ar o bastante nos meus pulmões.

Embora meu quarto fosse maior em compara o com alguns dos outros na academia, o teto parecia se abaixar e as paredes pareciam se aproximar cada vez mais enquanto eu olhava para eles, como se deslizassem lentamente em minha dire o, preparando-se para avançar e me esmagar em um abra o frio e indiferente.

Estremeci e abaixei meu olhar para o chão, mas mesmo ele parecia ondular, como se estivesse tentando levantar para encontrar o teto. Suspirei. Meu dom de Cigana estava agindo e me fazendo ver coisas que não estavam realmente lá. Olhei para o chão, determinada a controlar minha psicomетria, mas, mais uma vez, as tábuas subiam e caíam como as ondas oceânicas que eu vi quando toquei a rede de Ran.

Me afastei da cama. — Preciso de ar, — eu disse. — Volto logo.

Vic e Nyx não disseram nada quando caminhei até a porta, abri e espiei a entrada. Eu esperava ver um cara com pele bronzeada, olhos e cabelos castanhos escuros encostado à parede. Mas Alexei Sokolov, meu amigo e o guerreiro Bogatyr russo que servia como guarda, não estava me esperando para me acompanhar pelo campus.

Isso era um pouco estranho, já que Alexei levava sua tarefa muito a sério, mas eu não estava prestes a ignorar minha boa sorte.

Saí, fechei a porta e me afastei do meu quarto tão rápido quanto pude.

Apesar de Aiko estar do lado de fora do meu dormitório, foi fácil ir à cozinha na área comum que todas as garotas no Styx Hall compartilhavam, abrir uma das janelas e rastejar para fora. Eu me escondi de uma árvore para a próxima até estar fora da vista de Aiko e do dormitório antes de entrar em um dos caminhos de paralelepípedos que atravessavam o campus.

Era o final de janeiro, e o ar estava amargamente frio. As rajadas de vento derrubavam os flocos de neve que cobriam o chão, enquanto as nuvens cinzentas e grossas lançavam a paisagem em sombras, mesmo que fosse apenas o final da tarde. Coloquei minhas mãos nos bolsos da minha jaqueta e enfiei meu queixo no cachecol cinza escuro com padrões de flocos de neve enrolado em meu pescoço, tentando me esquentar.

Já que estava tão frio, eu era a única a atravessar o campus. Pensei em subir a colina para o quadrilátero principal e ir até a Biblioteca

das Antiguidades, mas com certeza estaria cheio de alunos estudando. Eu não sentia vontade de ser observada, então virei para um caminho à minha esquerda. Acabei no anfiteatro.

O anfiteatro era realmente duas peças juntas – um palco no fundo e depois uma série de longos e baixos degraus que subiam pela colina. Os degraus, que também serviam de assentos, formavam um enorme semicírculo, que quase parecia uma série de braços que se aproximavam do palco para abraçá-lo.

As sombras pareciam ainda mais profundas, mas a pedra branca cor de osso do teatro brilhava como um fantasma na escuridão invernal. As faíscas de um lilás suave, cinza prateado e verde floresta estavam embutidas na pedra, dando-lhe um brilho pálido e opalescente e fazendo parecer como se cem mil vaga-lumes estivessem piscando lentamente.

Era uma bela visão, e alguma tensão e preocupação saíram do meu corpo. Além disso, o anfiteatro estava vazio, assim como eu esperava que estivesse. Eu não estava com vontade de ter qualquer companhia.

Caminhei até o palco, que estava cercado por quatro colunas, uma em cada canto. Estátuas de quimeras estavam agachadas em blocos redondos no topo das colunas, suas cabeças se viraram para olhar os passos, quase como se esperassem que uma multidão se reunisse para algum show. Eu hesitei, inquietação revirando um pouco meu estômago, mas quando as quimeras não se viraram e me olhavam, subi e caminhei até o meio do palco e sentei na borda. Soltei um suspiro profundo.

Sozinha... eu finalmente estava sozinha.

Fechei meus olhos e respirei dentro e fora, dentro e fora – apenas desfrutando desse momento de paz, calma e tranquilidade...

Alguma coisa fez um barulho à minha esquerda.

Meus olhos se abriram e minha mão caiu para o meu lado, mas eu só vi o ar vazio. Deixei Vic no quarto, então a espada não estava amarrada à minha cintura como de costume.

Fiz uma careta. Por que o deixei para trás? Eu geralmente não fazia isso. Costumo levar Vic em todos os lugares que eu vou,

especialmente agora, com os Ceifadores à beira de declarar outra Guerra do Caos contra o Panteão.

O barulho soou novamente, como botas batendo na pedra. Virei minha cabeça para a esquerda e percebi que havia outra pessoa no palco comigo – um garoto da minha idade, com cabelos pretos e um corpo magro e musculoso.

Logan Maldito Quinn.

O cara que eu amava.

Aquele que me esfaqueou no peito – e me abandonou.

Ele usava botas, jeans e uma jaqueta de couro preto sobre um suéter azul claro que iluminava seus olhos gelados. Ele parecia o mesmo que eu me lembrava, o mesmo que eu imaginei cem vezes desde que ele deixou a Mythos, desde que me deixou.

— Logan? — Perguntei, minha voz um sussurro rouco e esperançoso.

— Logan!

Eu me levantei. Abri meus braços e comecei a correr em direção a ele quando percebi que Logan estava segurando uma espada – e que seus olhos agora brilhavam com aquele estranho vermelho Ceifador.

Parei rapidamente. A última vez que os olhos de Logan estiveram daquela cor horrível foi a algumas semanas atrás, durante uma emboscada feita pelos Ceifadores no Auditório Aoide. Ele atacou e quase me matou antes de eu usar minha psicometria para desfazer a magia assassina que os Ceifadores haviam feito.

Achei que tivesse salvado Logan dos Ceifadores, de Loki, mas agora parecia que ele estava aqui para terminar o trabalho.

— Oh, continue, Gwen, — gritou uma voz zombadora. — Vá dizer olá para seu namorado. Ele está tão feliz em te ver.

Eu me virei. Uma garota agora estava sentada no meio de um dos degraus do auditório. Uma túnica preta escondia suas roupas de vista, mas ela não usava uma máscara, então eu podia ver seu rosto. Cabelo castanho-avermelhado, incríveis olhos dourados, feições bonitas. Vivian

Holler, a Campeã de Loki, a garota Ceifadora que havia assassinado minha mãe.

— O que você está fazendo aqui? — Perguntei.

Vivian sorriu para mim. — Nada de mais. Apenas observando Logan finalmente terminar o que ele começou. Certo, Logan?

Olhei para o Espartano. Ele não disse nada, embora seus dedos apertassem lentamente o punho da espada. Depois de um momento, ele começou a girar a arma na mão, sentindo a espada como fizera no auditório antes de me atacar.

— Não, — sussurrei. — Não, não, não.

— Oh sim, sim, sim, Cigana, — outra voz ronronou.

Olhei para os degraus. Uma mulher com cabelos dourados e brilhantes olhos verdes estava agora sentada ao lado de Vivian, usando o mesmo tipo de túnica preta que ela. Agrona Quinn, a madrastra traidora de Logan e líder dos Ceifadores.

Franzi a testa. Como Agrona e Vivian chegaram aqui?

E como elas conseguiram fazer o feitiço maldoso em Logan novamente? Ele deveria estar com o pai dele, Linus, recuperando-se de todas as coisas terríveis que aconteceram no auditório. Ele deveria estar *seguro*.

— O que está acontecendo? — Perguntei.

Eu me afastei de Logan e me aproximei do outro lado do palco, esperando poder fugir antes que ele me acertasse. Logan me cortaria em fitas com a espada, especialmente porque eu não conseguiria me defender. Mas, mais do que isso, eu não queria lutar contra Logan – não novamente.

— Ah, ah, ah, — Vivian gritou. — Fique exatamente onde você está, Gwen.

Um *clique* suave soou. Minha cabeça voltou para a garota Ceifadora, que agora mirava uma besta em mim. Eu congelei. De onde ela tirou isso?

— Excelente, — Agrona resmungou de novo.

Ela acenou com a mão esquerda, fazendo com que um rubi grande e em forma de coração brilhasse no anel em seu dedo. Agrona ainda tinha algumas das joias de Apate? Era assim que ela estava controlando Logan novamente? Pensei ter esmagado todas as joias que ela estava usando no auditório, mas ela deve ter conseguido colocar as mãos em outras.

— Agora, — Agrona disse. — Nós podemos finalmente prosseguir. Isso lhe agrada, meu senhor?

Ela e Vivian se viraram e olharam sobre seus ombros. Eu estava tão concentrada nas duas que não percebi que uma terceira figura estava sentada nos degraus, exatamente no centro do anfiteatro. Em vez de uma túnica, sombras envolviam seu corpo, curvando-se, contorcendo-se e murmurando ao redor dele, como se pairassem sobre um incêndio. Lentamente, a escuridão começou a espalhar, desenrolando-se como um tapete sobre os degraus, sufocando o suave arco-íris de faíscas na pedra e manchando tudo com um preto sem fim. Tudo o que eu podia ver de seus traços eram seus olhos – um azul vívido, o outro queimando com o vermelho Ceifador que eu odiava mais do que qualquer outra coisa, mas estremeci de medo.

Por que, de algum jeito, Loki, o malvado deus nórdico do caos, estava aqui na Academia Mythos.

— Meu senhor? — Agrona perguntou novamente.

— Prossiga, — Loki respondeu, sua voz ressoando pelo auditório, mais alto do que qualquer trovão. — Mate a garota Frost... agora.

— Com prazer. — Desta vez, foi Logan quem falou.

Mas não era a voz dele – era a de Loki.

Olhei para ele com horror, mas Logan já corria para mim.

— Não, Logan, — eu disse, erguendo as mãos e me afastando dele. — Não. Por favor, não. Não de novo...

Logan avançou e acertou a espada no meu peito.

A dor agonizante explodiu como uma bomba em meu coração, e gritei com a força afiada e brutal disso. Logan sorriu, tirou a espada do meu peito e me esfaqueou novamente.

E de novo, e de novo, e de novo...

Eu acordei gritando.

Em um segundo, eu estava no palco do anfiteatro com Logan me matando, e Vivian, Agrona e Loki, assistindo alegremente. A seguir, eu estava deitada na cama no meu dormitório, lutando com o travesseiro em que eu havia enterrado meu rosto.

Coloquei o travesseiro na cama, sentei e respirei fundo. Meus olhos se dirigiram para o meu quarto, mas tudo era o mesmo. Cama, mesa, estantes, geladeira, TV. Vic pendurado na parede, Nyx enrolada em sua cesta no canto, a rede de algas de Ran na parte de trás da minha cadeira.

Real, isso era real.

Todo o resto foi um sonho. Apenas um sonho.

Vic abriu seu olho, e me olhou com uma expressão simpática. — Outro pesadelo?

Deslizei para o chão e me encostei de costas contra a lateral da cama. Nyx saiu de sua cesta e correu para mim. Peguei a lobinha e a abracei. Nyx lambeu minha bochecha, e senti sua preocupação quente me lavar.

— Gwen? — Vic perguntou novamente. — Outro pesadelo?

— Algo assim.

— Ele a esfaqueou novamente desta vez?

— Ah, sim. — Meu peito doeu como se Logan realmente tivesse me machucado de novo, e enterrei meu rosto no pelo de Nyx até que a dor desapareceu e estava razoavelmente certa de que não choraria.

— Como começou? — Vic perguntou. — O pesadelo?

Mais calma agora, rebobinei as imagens na minha mente. Graças à minha psicometria, nunca esquecia nada que eu ouvi, vi ou senti, nem mesmo os meus sonhos. Algumas vezes, era uma bênção ser capaz de recordar uma memória feliz, mas com os pesadelos que eu tinha ultimamente, parecia mais uma maldição.

— Eu estava aqui, andando de um lado para o outro, e sentia que precisava sair...

Eu contei o resto. Quando terminei, a espada franziu a testa em pensamento, enquanto Nyx lambia meus dedos, tentando me informar que ela estava aqui para mim também. O estranho era que eu realmente fui ao Museu Crius alguns dias antes, e realmente peguei a rede de Ran que estava na minha cadeira. Na verdade, eu falei sobre a rede e sua inutilidade com Alexei e Daphne Cruz, minha melhor amiga, quando jantamos no refeitório anteriormente. Nós voltamos para o meu dormitório por um tempo, e depois que eles saíram, eu decidi me deitar para descansar por alguns minutos antes de tomar banho e me preparar para dormir. Em vez disso, eu adormeci, e a imagem da rede de alguma forma levou ao meu pesadelo recorrente de Logan me esfaqueando no peito.

Como ele fizera algumas semanas atrás.

— Bem, obviamente, você ainda tem alguns problemas com o Espartano e o que ele fez com você, — Vic finalmente disse. — E quem não teria? Você quer falar sobre isso?

Ele me perguntava isso desde que eu tive o primeiro pesadelo há algumas semanas, mas, mais uma vez eu balancei a cabeça. Não queria falar sobre isso. Nem queria *pensar* nisso, ainda que minha recusa em falar provavelmente causasse alguns dos meus pesadelos.

Depois de um momento, suspirei, cansada de Ceifadores, de lutas e, sobretudo, de todas as lembranças horríveis que eu nunca poderia esquecer, nem mesmo quando eu dormia.

— Gwen? — Vic perguntou novamente.

— Estou bem agora, — eu disse. — Foi apenas um sonho. Não era real.

Desta vez.

Vic me deu um olhar simpático, que eu ignorei. A espada foi muito agradável comigo desde que Logan me deixou.

Todos os meus amigos foram, o que só me lembrava ainda mais que ele havia ido embora. Mesmo assim, apesar das minhas palavras, o pesadelo me abalou, e mais uma vez eu senti a necessidade desesperada de escapar, de ir a algum lugar onde ninguém estivesse me observando,

ir a um lugar onde ninguém pensaria em me procurar ou tentar me machucar.

Olhei para o relógio na mesa de cabeceira. Eram só depois das oito. Eu ainda tinha algum tempo antes dos dormitórios serem trancados às dez da noite.

Dei mais um abraço em Nyx, a levei para a cesta e a ajudei a se acomodar lá dentro.

Então vesti meu casaco e peguei minhas luvas e cachecol. Eu também tirei Vic da parede e pendurei a espada e a bainha na minha cintura. Ao contrário do meu sonho, eu não seria estúpida de não levar uma arma comigo, embora meu destino não estivesse tão longe e o campus provavelmente fosse mais seguro atualmente.

— Para onde vamos? — Vic perguntou.

— Você verá. — Abri a porta e deixei meu dormitório.

De verdade desta vez.



2

Eu disse a Alexei que ficaria no meu quarto durante o resto da noite, então ele voltou para seu próprio dormitório em vez de ficar de guarda do lado de fora da minha porta. Bom. Eu não queria que ele soubesse para onde eu estava indo. Eu não queria que ninguém soubesse. Sério, era tão triste e patético.

Não me incomodei em me arrastar por uma janela como nos meus sonhos. Em vez disso, desci as escadas e saí pela porta da frente da Styx Hall. Uma coisa que era a mesma na vida real e no meu pesadelo era o clima. Por causa do frio, neve e ventos agitados, o campus estava tão deserto como eu imaginava que estaria – exceto pelos membros do Protetorado.

Homens e mulheres de todas as formas, tamanhos e etnias podiam ser vistos patrulhando o campus da academia, escondendo-se debaixo de árvores e examinando as sombras espalhadas pela paisagem. Depois do ataque dos Ceifadores no show da banda, a segurança no campus foi intensamente reforçada e os membros do Protetorado podiam ser vistos aqui 24/7 agora. Eu duvidava que isso ajudasse, no entanto.

Por mais que tentassem, o Protetorado não poderia estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Mais cedo ou mais tarde, os Ceifadores atacariam novamente, e tudo o que se pode fazer era esperar que acontecesse e tentar sobreviver.

Outra coisa igual era Aiko, que estava de pé embaixo da minha janela, assim como no meu sonho. Eu acenei para a Ninja, e ela ergueu a mão e acenou também. Eu gostava de Aiko. Ela lia quadrinhos e novelas gráficas como eu.

Entrei no caminho do meu dormitório e passei pelo campus. Aiko me observou, mas não me seguiu, pois suas ordens era para estar atenta ao meu dormitório – não necessariamente em mim. Esse era o trabalho de Alexei. Eu me senti mal por não manter minha promessa de ficar lá dentro, mas eu não podia sentar no meu quarto pelo resto da noite. Não depois do pesadelo. Então fui em direção ao Hephaestus Hall, um dos dormitórios dos meninos.

Todos os dormitórios na Mythos exigiam um cartão de identificação do estudante para entrar, e seu cartão só permite que você entre no dormitório onde você mora. Mas se você disfarçasse o suficiente e apertasse a campainha, alguém acabaria se irritando o suficiente para deixá-lo entrar sem verificar se você realmente pertencia ali. Nós, jovens, somos totalmente preguiçosos dessa maneira. Eu só tive que segurar a campainha por trinta segundos antes que a porta fosse aberta.

— Já basta! — Uma voz masculina retumbou de mais fundo dentro do dormitório. — Estamos tentando assistir aos jogos!

Eu sorri, abri a porta e entrei antes que o cara investigasse. A julgar pelos gritos e gemidos alterados que ouvi vindo da sala comum, todos no dormitório estavam assistindo o jogo, o que tornava mais fácil para eu subir os degraus até o quinto andar. Parei no topo da escada, me perguntando se alguém realmente poderia estar em seu quarto, estudando, mas tudo estava quieto e silencioso. Já que o caminho estava livre, subi pelo corredor até chegar na última porta.

Parei e inclinei minha cabeça para o lado, ouvindo, mas nenhum som veio do outro lado. Então novamente, eu não esperava que eles... eu

sabia exatamente como estava vazio esse quarto em particular. Alcancei minha mochila e tirei minha carteira. Só me levou um minuto para deslizar a carteira de motorista entre a moldura e porta se abriu. Deslizei para o outro lado e fechei a porta.

O quarto estava escuro, então apertei o interruptor na parede.

As luzes acenderam, revelando o mesmo mobiliário que todos os alunos tinham. Uma cama, uma mesa, algumas estantes, uma TV de tela plana montada em uma das paredes. A única coisa que era diferente no quarto eram os troféus que ele ganhou. Dezenas de homenzinhos dourados segurando espadas, lanças e outras armas cobriam a mesa, as estantes e uma prateleira acima da cama. Havia até mesmo um troféu de tamanho natural no canto, um bastão apertado em suas mãos, como se o homem estivesse prestes a dar um passo à frente e bater na minha cabeça com ele. Estremeci e desviei o olhar. De alguma forma, o fato de que nenhum dos troféus realmente tinha rosto os tornava ainda mais assustadores.

Um suspiro alto soou, e percebi que Vic estava acordado. A espada tinha ido dormir, assim como era seu hábito quando ele estava em sua bainha. Puxei a espada do couro e segurei para que nós estivéssemos face a face. A espada olhou ao redor do quarto. Vic suspirou novamente.

— Sério? Você vai entrar aqui e se deprimir novamente?

— Não estou deprimida, — eu disse em uma voz defensiva.

— Sério? — Vic perguntou de novo, sua voz tornando-se ainda mais sarcástica pelo mordaz sotaque inglês. — Porque eu acho que sentar na cama do Espartano e encarar as coisas dele definitivamente se qualifica como deprimir. *Ruminando*, também. Especialmente quando você fez isso uma dúzia de vezes desde que ele foi embora.

Olhei para o quarto de Logan. Talvez Vic estivesse certo. Talvez eu estivesse deprimida pelo Espartano e o fato dele ter deixado a Mythos — de ter *me* deixado.

Na primeira vez que eu vim aqui há duas semanas, eu esperava encontrar alguma pista sobre onde Logan havia ido. Ele me pediu para não procurá-lo, e eu queria respeitar seus desejos. Sério, eu queria. Eu

não pensava em procurá-lo e pedir para voltar ou qualquer coisa louca assim. Mas achei que talvez meu coração não doesse tanto se eu soubesse onde ele estava – e que estava bem. Então eu invadi o quarto dele, determinada a usar minha magia para olhar suas coisas até descobrir onde ele havia ido com seu pai, Linus. A primeira coisa que encontrei foi uma nota apoiada em sua mesa:

Sério, Garota Cigana. Pare de me procurar.

Amor, Logan.

Eu não sabia se sorria ou resmungava por ele me conhecer tão bem.

Após encontrar a nota, abandonei meu plano para descobrir onde ele estava. Mas eu não conseguia me impedir de entrar furtivamente no quarto dele, especialmente depois que os pesadelos começaram. Se eu fechasse os olhos e tocasse seu livro de história-mitologia ou um dos troféus que ele ganhou, eu podia sentir, ver e ouvir o Logan *de verdade*, e não o assassino enlouquecido em que ele havia se transformado em meus pesadelos – aquele que parecia ter um prazer maligno em me esfaquear até a morte. Ao usar a minha psicomетria em uma de suas jaquetas de couro ou as espadas que ele havia alinhado no fundo do armário, eu poderia quase fingir que ele ainda estava aqui comigo, se preparando para me encontrar no refeitório para almoçar ou chegar à academia para o início do treinamento de armas de manhã. Isso quase me fez sentir melhor sobre as coisas.

Quase.

— Bem, se você está determinada a passar o resto da noite aqui deprimida, então vou voltar a dormir, — Vic disse. — Me acorde quando tiver algo para matar.

A espada fechou os olhos. Suspirei e a deslizei em sua bainha. Pelo menos ele não queria mais falar comigo. Ou pior, me olhar com tanta pena nos olhos.

Eu caminhei e sentei na cama, logo ao lado de uma foto. Peguei o papel brilhante que me mostrava sentada nos degraus da Biblioteca das Antiguidades, meus braços ao redor de Logan. Ele tinha o mesmo cabelo preto e olhos azuis como no meu sonho, mas o sorriso provocante e malicioso que esticava seu rosto era algo que nunca apareceu em meus pesadelos. Era uma visão bem-vinda, uma que eu nunca consegui, especialmente tendo em conta as imagens horríveis que o meu cérebro continuava evocando dele.

Ele sorria para mim e passei os dedos pelo seu rosto.

— Oh, Espartano, — sussurrei. — Eu queria que você estivesse realmente sentado nos degraus da biblioteca agora. Eu queria estar com você também.

Logan continuou sorrindo para mim. É claro que ele nunca respondia quando eu falava com ele assim, e não respondeu a nenhum dos meus e-mails ou mensagens. Às vezes, ele parecia um sonho maravilhoso que eu tive – um que se foi para sempre. Talvez seja por isso que os pesadelos eram tão terríveis, porque ele não estava aqui para me mostrar que ele não era aquele monstro, apesar de eu conhecer a bondade do coração dele. Talvez essa seja a razão pela qual eu entrei no seu quarto tantas vezes. Então eu poderia me lembrar de como era o real Logan – e torcer para que ele volte logo para a academia.

Que ele voltasse logo para mim.

Resmunguei. Sim, era verdade. Pesadelos ou não, eu estava sendo totalmente, completamente patética.

Um bonito quadro prateado em relevo com flores e videiras também estava deitado na cama. Logan iria enquadrar a nossa foto e entregá-la no Dia dos Namorados. Eu usei minha psicometria para tocar na imagem e no quadro. Ele estava sorrindo quando escolheu o retrato em uma das lojas na Montanha Cipreste e pensou em como a nossa foto ficaria bem na minha mesa ao lado da que eu tinha da minha mãe e da Professora Metis.

Suspirei e levantei a mão até o colar em volta da minha garganta. Seis fios de prata com pontas de diamante juntando-se para formar um

floco de neve no meio do design delicado e bonito. Um presente de Natal de Logan. Um que eu quase sempre usava, apesar das más lembranças que estavam impregnadas nele – as de quando ele me atacou.

Por um momento, meu peito doeu e soltei o colar, massageando um lugar bem acima do meu coração. Duas cicatrizes me marcavam lá. Uma era do ataque de Logan, enquanto a outra foi feita por Preston Ashton, um garoto Ceifador que me esfaqueou. Daphne e a Professora Metis usaram sua mágica de cura para tentar me livrar das minhas cicatrizes, mas não funcionou. Metis disse que, às vezes, os artefatos deixavam marcas que nunca desapareceriam – assim como minhas memórias das batalhas nunca desapareceram.

Eu também tinha duas marcas nas minhas mãos – uma da luta com Logan, enquanto a outra era onde Vivian me cortou com a Adaga de Helheim quando usou o artefato e meu sangue para libertar Loki. O estranho era que as marcas na minha mão correspondiam exatamente com as do meu coração – até o tamanho, a forma e o X que elas formavam quando se cruzavam uma sobre a outra. Perguntava-me quantas cicatrizes eu teria antes que Loki estivesse morto – ou eu estivesse.

Pensar em Vivian, Preston, e nos outros Ceifadores fez a raiva queimar no meu peito, afastando minha melancolia. Mas a verdade era que eu não estava apenas com raiva dos Ceifadores – eu estava irritada com Logan também.

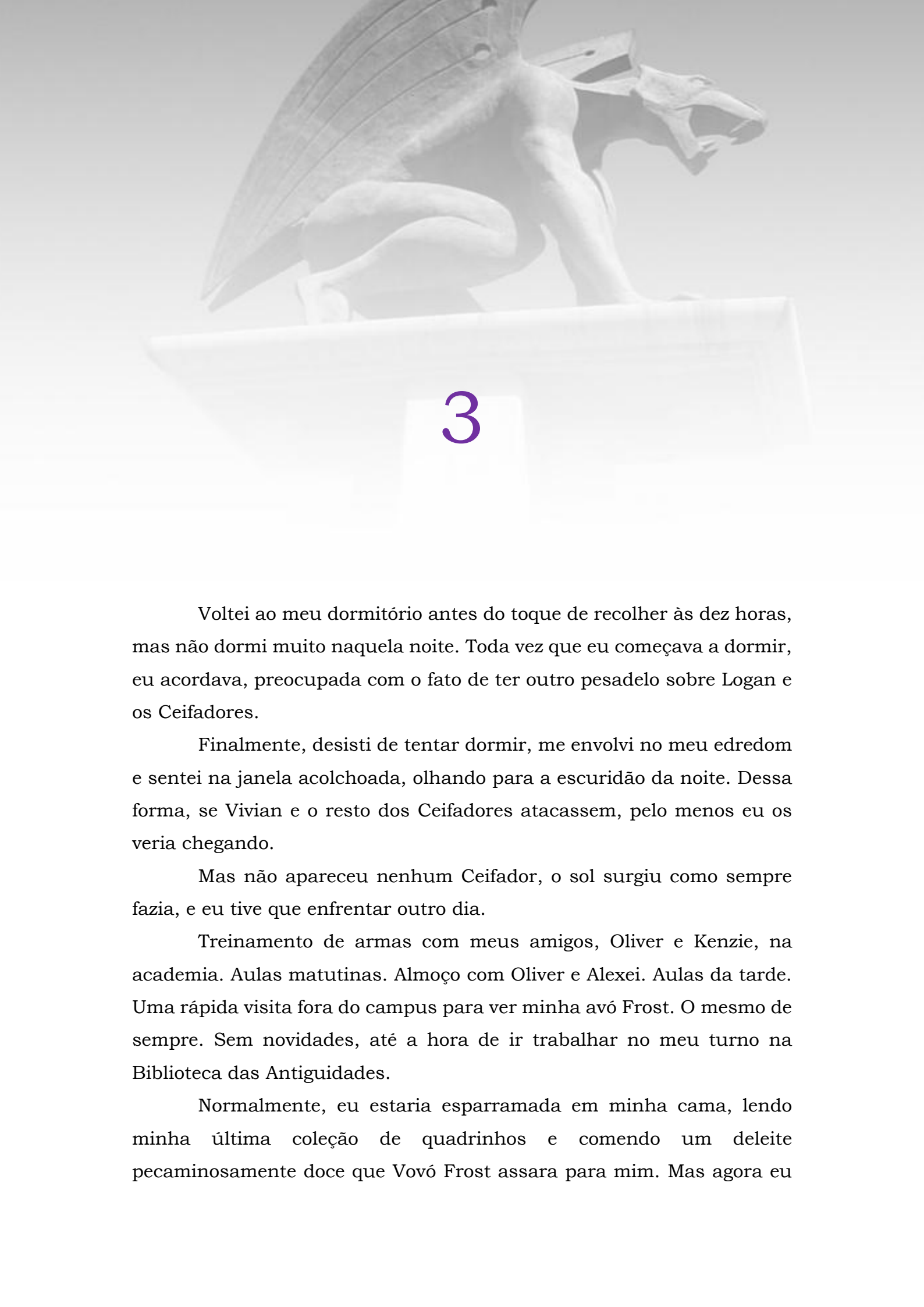
Eu sei que ele sentiu que precisava deixar a Mythos, que achava que não podia confiar em si mesmo para não me machucar, que precisava de algum tempo para entender tudo o que aconteceu. Na minha cabeça, eu sabia disso. Mas no meu coração, parecia como se ele tivesse me abandonado – como se tivesse me deixado para lutar contra os Ceifadores e enfrentar os pesadelos sozinha.

Soltei uma risada amarga. Talvez eu não estivesse com raiva, mas com ciúmes. Porque nunca mais ver outro Ceifador novamente seria muito bom. Mas não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso – ou qualquer outra coisa.

Nada mesmo.

Então coloquei a foto de Logan e eu no quadro, e o abracei, como se aliviasse minha raiva, como se acalmasse a dor oca dentro de mim, como se fosse um escudo que me protegeria, como se o pequeno pedaço de metal impedisse meu coração de romper mais do que já rompera.

Não impediu, é claro, mas pelo menos eu sentia que poderia respirar de novo e que as paredes não estavam se fechando. Então fiquei na cama de Logan, segurando a nossa foto por mais um tempo.



3

Voltei ao meu dormitório antes do toque de recolher às dez horas, mas não dormi muito naquela noite. Toda vez que eu começava a dormir, eu acordava, preocupada com o fato de ter outro pesadelo sobre Logan e os Ceifadores.

Finalmente, desisti de tentar dormir, me envolvi no meu edredom e sentei na janela acolchoada, olhando para a escuridão da noite. Dessa forma, se Vivian e o resto dos Ceifadores atacassem, pelo menos eu os veria chegando.

Mas não apareceu nenhum Ceifador, o sol surgiu como sempre fazia, e eu tive que enfrentar outro dia.

Treinamento de armas com meus amigos, Oliver e Kenzie, na academia. Aulas matutinas. Almoço com Oliver e Alexei. Aulas da tarde. Uma rápida visita fora do campus para ver minha avó Frost. O mesmo de sempre. Sem novidades, até a hora de ir trabalhar no meu turno na Biblioteca das Antiguidades.

Normalmente, eu estaria esparramada em minha cama, lendo minha última coleção de quadrinhos e comendo um deleite pecaminosamente doce que Vovó Frost assara para mim. Mas agora eu

estava em outro dormitório, onde as paredes, o teto e as cortinas eram todas cor-de-rosa. Eu me sentei na cama, enrugando o edredom, que também era, você adivinhou, rosa. A luz do sol passava através das cortinas de renda iluminando a estante na esquina, destacando os livros que estavam lá.

Até seus livros de história-mitologia tinham capas rosa.

Como ela conseguiu isso?

Eu não me considerava um garoto, mas certamente não era tão feminina, e tudo ser tão rosa me deixava um pouco enjoada. Se eu já não estivesse tendo pesadelos, certamente eu teria depois disso. Sem dúvida, da próxima vez que eu sonhar com Logan me matando, ele usaria uma jaqueta de couro rosa. Eu estremeci com o pensamento.

Dois dedos estalaram na frente do meu rosto, seguidos de uma chuva de faíscas rosa. Eu me afastei da explosão de magia e olhei para cima encontrando Daphne Cruz de pé na minha frente, ela estava com as mãos nos quadris e batendo rapidamente no tapete rosa no chão.

— Gwen? Você está prestando atenção?

— Claro, — eu disse em uma voz animada. — Estava esperando você experimentar o próximo vestido.

Os olhos escuros de Daphne se estreitaram, e mais faíscas dispararam da ponta dos seus dedos. Como todas as Valquírias, Daphne sempre soltava mais magia quando estava brava, chateada ou irritada, neste caso, por mim e minha completa falta de senso de moda.

Ela me pediu para ajudá-la a escolher algo para usar em um grande encontro que ela planejou no próximo fim de semana com seu namorado, o nerd da banda, Carson Callahan. Eu estive sentada na cama de Daphne durante a última hora, observando-a experimentar vestidos, blusas e um ocasional par de jeans de designer rosa, todos com bolsas combinando, joias e outros acessórios.

— Bem? — Ela exigiu. — O que você acha desse?

Ela girou ao redor, fazendo com que seus cabelos loiros dançassem em torno de seus ombros e a saia curta do vestido cor-de-

rosa girasse em torno de suas pernas. A cor rica do tecido me fez desejar o sorvete de morango caseiro da Vovó Frost.

— Um... é muito ... Rosa?

Daphne revirou os olhos. — É *Claro* que é rosa. Existe alguma outra cor? Mas você gosta mais deste vestido do que o framboesa que tentei a um minuto atrás? Ou a saia de algodão doce que mostrei a você antes disso? Acho que tenho um suéter rosa chiclete no meu armário, em algum lugar também...

Daphne se aproximou do armário e começou a tirar ainda mais roupas das profundezas, jogando-as no chão até encontrar o que queria. Com sua grande força de Valquíria, as roupas voavam pela sala, aterrissando na estante de livros, na TV e até nos monitores, servidores e discos rígidos em sua mesa, que ela gostava de mexer no seu tempo livre.

Eu me abaixei a tempo de evitar ser atingida no rosto por uma blusa de gola rolê rosa. Desesperada, eu olhei para Vic por ajuda, já que o apoiei na cama quando entrei no quarto. Mas a boca da espada estava aberta e ele roncava suavemente. Vic entendia tanto de moda quanto eu. Eu trouxe Nyx também, e a filhote de lobo estava agachada no chão do outro lado do quarto, preparando-se para saltar sobre uma Hello Kitty que estava apoiada contra o fundo de uma das estantes de livros. Até o brinquedo de pelúcia tinha um vestido rosa.

— Ali está! — Daphne disse, afastando-se do armário, um claro suéter de caxemira nas mãos.

— O que você acha desse?

Ela segurou o suéter sobre o vestido que estava usando, e a cor deixou sua pele âmbar mais brilhante do que o habitual.

— Eu gosto, — eu disse. — É muito... rosa.

Estremeci novamente, mas Daphne sorriu para mim.

— É uma das minhas blusas favoritas, — ela disse, segurando-a no seu peito novamente e admirando o reflexo no espelho sobre a mesa.

— Não sei por que eu não pensei nisso antes. Obrigada, Gwen.

— Certo. Sem problema.

— E tenho certeza que será perfeito para o restaurante onde Carson está me levando.

— Sim. Perfeito.

Daphne deve ter notado minha voz pouco entusiasmada, porque ela girou abruptamente para me encarar. — Eu sinto muito. Não deveria falar de Carson e de um encontro estúpido. Não com Logan... — Sua voz se apagou, e desta vez ela estremeceu.

— Não com Logan não estando aqui, — terminei.

— Desculpa, Gwen. Esta foi uma ideia idiota, não foi? Eu só queria te animar...

Ergui minha mão, cortando-a. — Não, está tudo bem. Só porque Logan não está aqui não significa que a vida não continua. Que não seguimos em frente. Fico feliz que você e Carson estejam tão felizes juntos. E vir hoje ajudou a tirar minha mente... de outras coisas.

Ou seja, meus pesadelos, embora eu não tenha dito isso a ela. Também não contei a Vovó Frost ou a Professora Metis sobre isso. Vic e Nyx eram os únicos que sabiam que eu sonhava com Logan me apunhalando, de novo e de novo, apenas porque estavam comigo no meu quarto todas as noites e tiveram que ouvir meus gritos.

Daphne mordeu o lábio em dúvida, e mais faíscas de magia cintilaram no ar à sua volta. Eu sorri para ela, esperando convencê-la de que estava me divertindo. Sim, talvez não fosse a coisa mais fácil do mundo ouvir ela falar sobre o seu encontro com Carson, especialmente porque meu único encontro com Logan terminou comigo sendo presa pelo Protetorado algumas semanas atrás. Mas ela estava apenas tentando ser uma boa amiga, e eu não ia arruinar sua diversão porque estava cansada, irritada e preocupada com os problemas que não conseguia consertar.

— Você tem certeza? — Daphne perguntou, jogando o suéter de lado e caindo na cama ao meu lado. — Porque podemos fazer outra coisa.

— Tenho certeza, — respondi com uma voz firme. — Além disso, só passamos pela metade do seu armário. Não podemos parar agora.

Daphne arqueou uma sobrancelha. — Seu sarcasmo foi notado.

Ela se abaixou, tirou um travesseiro da cama e jogou-o para mim, mas eu ri e desviei facilmente.

Um alarme no meu celular tocou, me lembrando que eu tinha quinze minutos para levantar o meu traseiro e ir para a biblioteca.

— E a hora da diversão está oficialmente acabada, — eu disse, fazendo uma careta e me levantando da cama. — Tenho que ir fazer meu trabalho escravo na biblioteca. Você sabe que Nickamedes estará no meu encaço se eu me atrasar um minuto que seja.

No chão, Nyx soltou um grunhido feroz e, finalmente, pulou no brinquedo de pelúcia, rasgando-o com seus dentes de bebê. Os olhos de Vic abriram-se ao som do tecido rasgando, e ele olhou para a lobinha.

— Bom trabalho, bola de pelos, — Vic disse. — Você está ficando muito melhor em pular sobre as coisas. Eu aprovo. Em breve, você estará pronta para acabar com alguns Ceifadores.

Nyx ficou orgulhosa e passou os dois minutos seguintes correndo de um lado para outro, a espuma da Hello Kitty saindo de sua boca enquanto ela mostrava seu prêmio para mim, Vic e Daphne.

— Você sabe que esse era meu brinquedo favorito, certo? — Daphne resmungou.

— Bem, apenas pense, — eu disse. — Agora você pode comprar um novo... que esteja vestindo ainda mais rosa.

Daphne me deu um empurrão, com cuidado para não me machucar com sua força de Valquíria. Eu ri e a empurrei de volta.

Nyx sentou, inclinou a cabeça para trás e soltou um uivo, ligeiramente estridente. Ela matou totalmente a Hello Kitty e sabia disso. Até Daphne teve que sorrir para isso.

Daphne se ofereceu para caminhar comigo até a biblioteca, mas eu disse para ela ficar e acabar de olhar em seu armário. Ela concordou relutantemente.

Geralmente, Alexei esperava no dormitório de Daphne, Valhalla Hall, para andar comigo para onde eu estivesse indo, mas ele me mandou uma mensagem dizendo que estava ocupado com algo e que me encontraria na biblioteca. Então passei minha bolsa carteiro cinza sobre

meu peito, peguei a coleira roxa que Nyx usava por causa de Linus Quinn e as regras do Protetorado, e saí.

Estava ainda mais frio hoje do que ontem, e o vento de inverno que assobiava ultrapassava as camadas de roupas, como se não estivessem lá. Mas o campus estava muito mais animado esta tarde, os estudantes iam para os clubes, os esportes e as atividades depois da escola, dirigiram-se ao refeitório para pegar um lanche ou caminhavam em direção à biblioteca para finalmente começar o trabalho a ser entregue amanhã.

Caminhei pelo caminho de paralelepípedo subindo a colina e pelo quadrilátero principal, onde ficavam os cinco edifícios nos quais os alunos passavam a maior parte do tempo: o de história-inglês, o de ciências-matemática, o ginásio, o refeitório e a Biblioteca das Antiguidades.

Cobri meu queixo com o cachecol e corri para a biblioteca. Apesar do frio, parei na frente dos degraus principais, onde duas estátuas de grifos estavam sentadas.

Cabeças de águia, asas, corpos de leões, caudas longas, bicos curvos, garras afiadas. Os grifos pareciam prestes a pular, se libertar de suas conchas de pedra e atacar alguém que olhasse engraçado para eles. Mas não era sua ferocidade o que os tornava tão especiais para mim. Havia algum tipo de presença, alguma faísca de vida, no fundo da pedra. Eu senti antes, quando toquei as estátuas, e podia sentir agora. Mas, ao invés de me encher de medo como costumava fazer anteriormente, o fato de que os grifos estavam cuidando de mim me deu uma sensação de conforto e paz. Como se eles realmente fossem ganhar vida e ajudar se algo terrível acontecesse aqui.

Outra explosão fria de vento atravessou o quadrilátero, me fazendo tremer, então eu dei uma saudação aos grifos, depois deixei as estátuas para trás, subi os degraus, e me dirigi à biblioteca.

Poderia estar frio, escuro e sombrio lá fora, mas a cúpula alta que se erguia sobre o salão principal deu ao interior da biblioteca uma sensação brilhante e arejada. Estantes de livros rodeavam o piso inferior

enquanto um corredor largo atravessava o meio delas e levava a uma série de escritórios no centro da enorme sala. Placas de mármore cobriam o chão e as paredes, mas meu olhar subiu ao segundo andar e as estátuas que estavam lá – de todos os deuses e deusas, de todas as culturas do mundo.

As estátuas circundavam toda a varanda, cada uma voltada em direção ao centro da biblioteca, como se estivessem observando os alunos que estudavam abaixo. Colunas delgadas separavam as estátuas umas das outras, embora às vezes me parecesse como se os deuses e as deusas se inclinassem em torno das colunas e sussurrassem uns aos outros sobre todos os acontecimentos abaixo. Então, novamente, isso pode ter sido a minha psicometria jogando truques em mim, como costumava fazer, especialmente quando se tratava das estátuas.

Andei pelo corredor principal, mas em vez de ir para trás do balcão de registro, entrar no sistema do computador e começar a trabalhar, me desviei para a direita, onde um carrinho solto de café estava entre algumas mesas de estudo e as estantes atrás delas. Fiquei na fila e respirei, desfrutando o aroma rico e escuro do expresso misturado com os aromas mais suaves de chocolate, baunilha e canela que aromatizavam o ar.

Talvez fosse o frio lá fora, mas eu não era a única que queria uma bebida ou um lanche, e vários alunos estavam à minha frente. Enquanto eu ficava lá, eu estava ciente dos olhos em mim. Exceto que agora, não eram as estátuas me observando – eram meus colegas estudantes.

Eu sabia o que viam quando me olhavam – uma menina com olhos de cor violeta e cabelos ondulados que usava jeans, tênis e uma camiseta e blusa cinza sob a jaqueta de xadrez roxa. Nada realmente fora do comum ou impressionante, mas os alunos começaram a falar mesmo assim.

— Olhe. É a Gwen Frost.

— Isso é um lobo Fenrir de verdade com ela? É tão fofo!

— Eu me pergunto o que ela está fazendo agora?

— A garota Cigana? Provavelmente tentando descobrir como impedir os Ceifadores. Eles dizem que ela é a Campeã de Nike...

Aqueles sussurros se moveram ao meu redor, como os pedaços de neve faziam lá fora. Fiz uma careta, mas não havia nada que eu pudesse fazer, a não ser fingir que não ouvi todos falarem de mim ou os sons em seus telefones enquanto digitavam aos seus amigos sobre a última aparição de Gwen Frost. Daphne me disse que alguém havia criado um aplicativo para que todos pudessem me rastrear no campus com seus telefones. Como se eu não tivesse problemas suficientes sem que todos soubessem exatamente onde eu estava o tempo todo.

Ou, sim, todos pareciam observar cada movimento que eu fazia, e só piorou desde o ataque dos Ceifadores no show da banda de inverno. Agora todos os alunos da Mythos sabiam que eu era a Campeã da Nike – e que eu deveria salvar a todos.

Eles não conheciam os detalhes, no entanto. Que tudo o que eu precisava fazer era encontrar algum artefato mágico misterioso que supostamente me deixaria matar Loki, que era praticamente todo poderoso e o mal encarnado.

Sem pressão ou nada disso.

Nyx inclinou a cabeça para o lado, olhando para os outros alunos. Ela fez uma tentativa de grunhido, esperando que alguém caísse de joelhos e a acariciasse, mas o som baixo apenas fez os outros estudantes se afastarem dela. Eu não poderia culpá-los por isso, no entanto. A maioria dos estudantes na academia não estavam acostumados com as criaturas mitológicas como lobos Fenrir, gatunos de Nemean e rocas negras tentando fazer qualquer coisa, a não ser matá-los.

Eu era a última da fila, e, finalmente, era minha vez de pedir. Olhei o menu ao lado da caixa registradora.

— Me dê uma água engarrafada, um pretzel jumbo com molho de queijo nacho e um brownie de chocolate, — eu disse.

Silêncio.

Olhei em torno de uma exibição de muffins de mirtilo. Uma mulher estava sentada em um banquinho atrás da caixa registradora,

lendo uma revista de fofocas de celebridades como se fosse a coisa mais interessante. A mulher era mais velha do que a Vovó Frost, com impressionantes longos cabelos brancos que pareciam fluir no vestido comprido e branco que ela usava.

Os olhos eram tão pretos e brilhantes quanto os de um pássaro, enquanto rugas escuras marcavam seu rosto, quase como se os sulcos finos estivessem cheios de sombras em vez de apenas flacidez da pele. Ela lambeu o polegar e virou outra página da revista, me ignorando completamente, embora eu tenha me aproximado do balcão assim que o Viking na minha frente saiu.

Suspirei. Raven estava aqui hoje. Eu deveria saber.

Raven cuidava do carrinho de café, um dos muitos trabalhos estranhos que ela tinha na academia, além de estar no conselho de segurança, supervisionar os membros do Protetorado quando eles limpavam cenas de crime e observar qualquer Ceifador que fosse mantido na prisão no edifício de ciências-matemática. Eu não sabia exatamente por que Raven tinha todos esses trabalhos, já que ela não parecia particularmente qualificada para nenhum deles e sempre estava examinando uma revista ou outra, mas tudo o que era importante sempre parecia ser feito, e acho que isso é tudo o que importava para os Poderosos.

Limpei minha garganta, e Raven finalmente abaixou sua revista. Repeti o meu pedido, e ela se moveu de um lado do carrinho para o outro, aquecendo meu molho de pretzel e queijo no pequeno microondas e entregando-os para mim, junto com minha água engarrafada e brownie. Alcancei o bolso do meu jeans, tirei uma nota de dez dólares e a coloquei no balcão, com cuidado para não deixar meus dedos escovarem os dela. Eu não só podia ver as lembranças dos objetos, mas minha psicomетria também ativava sempre que tocava outra pessoa.

Agora eu não tinha vontade de ver como Raven estava entediada cuidando do carrinho de café, fazendo chocolate quente com menta para a gente. Ainda assim, enquanto eu olhava para ela, parecia que seu rosto tremia por um momento, como se houvesse algo abaixo de suas

características. Da mesma forma que havia algo escondido sob todas as estátuas no campus.

— Um dia vou descobrir o que você esconde sob todas essas rugas, — eu disse.

Raven levantou as sobrancelhas para mim, mas não disse nada. Ela nunca falou comigo, então eu não tinha ideia de como era a voz dela, se seria leve e suave ou grossa e grave.

Ela entregou meu pedido, sentou em seu banquinho e enfiou o nariz na revista. Revirei meus olhos, peguei minha comida e corri rapidamente pelo corredor principal até o balcão de registro. Nyx trotou atrás de mim, as unhas de suas patas clicando no chão.

Fui para trás do balcão, abaixei minha comida e coloquei minha mochila no chão ao lado de uma grande cesta de vime cinza. Vovó Frost me deu a cesta para que Nyx tivesse uma cama confortável para ficar enquanto eu trabalhava. Eu me agachei e desprendi a coleira do pescoço da lobinha, embora eu deixasse o colarinho nela.

— Preciso trabalhar agora, então fique em sua cesta, ok? — Murmurei, esfregando suas pequenas orelhas com meus dedos.

Nyx inclinou-se em minha mão e soltou um suspiro satisfeito.

Então ela se abaixou sobre sua linda e gorda barriga, enfiou a cauda sobre o nariz e fechou seus olhos violeta. Ela vinha para a biblioteca comigo por vários dias agora, então ela conhecia a rotina.

— A bola de pelos teve a ideia certa, — Vic disse, com a metade de sua boca se esticando em um bocejo largo e alto. — Me acorde quando tiver Ceifadores para matar.

— Eu não *sonharia* em fazer mais nada. — Vic olhou para mim, pegando o sarcasmo na minha voz.

— Hmph! — Ele bufou, então fechou o olho.

Deixei Vic em sua bainha e apoiei a espada perto de Nyx. Apesar de seu discurso, eu sabia que Vic daria um grito e me avisaria se ele ou Nyx precisassem de qualquer coisa, e que Nyx viria correndo me buscar se algo acontecesse com Vic. Eu gostava que os dois podiam cuidar um do outro, especialmente nos dias atuais, quando todos sabíamos que os

Ceifadores poderiam atacar em qualquer lugar, a qualquer momento – até na Biblioteca das Antiguidades.

Eu sentei em um banquinho e iniciei o sistema informático. Então abri meu saco de comida e o coloquei no balcão. Mergulhei meu pretzel no molho de queijo quente e nacho e estava prestes a dar uma grande mordida quando uma porta se abriu no complexo de escritórios de vidro atrás de mim e pegadas afiadas soaram no mármore. Um momento depois, uma sombra caiu sobre mim, e alguém limpou a garganta.

— Sim, Nickamedes?

— Você está atrasada, Gwendolyn, — ele disse. — Neste ponto, eu ainda tenho que dizer de *novo*? Talvez fosse mais apropriado dizer *como de costume*, ou *como sempre*, ou mesmo *pela enésima vez*.

— Não estou atrasada, — protestei, acenando com meu pretzel em sua direção. — Já estou na biblioteca a dez minutos. Eu estava no carrinho do café. Viu isso?

Nickamedes bufou. — Estar na fila não é o mesmo que estar atrás do balcão trabalhando.

Revirei os olhos. Às vezes, eu pensava que nós dois estávamos destinados a discordar.

— E você vai olhar para mim quando estou falando com você?

Pressionei meus lábios juntos, levantei minha cabeça e olhei para ele. O bibliotecário-chefe era bonito para um cara por volta dos 40 anos, com cabelos pretos e olhos azuis. Você poderia dizer o quão magro e musculoso seu corpo era, apesar do sueter azul escuro, camisa, gravata e calças de veludo preto que ele usava. Eu não estava tentando ignorá-lo e me concentrar em minha comida. Sério, eu não estava. Mas Nickamedes se parecia tanto com seu sobrinho que fazia meu coração apertar. Porque o bibliotecário era mais um lembrete de que Logan foi embora.

— Obrigado, — Nickamedes disse, cruzando os braços sobre o peito. — Agora, como eu dizia, você está atrasada de *novo*, e eu acho isso...

Imediatamente abaxei meu olhar para minha comida. Ok, tudo bem, então eu estava totalmente desatenta ao seu sermão, mas só porque era o mesmo que ele me dera uma dúzia de vezes. Além disso, eu estava com fome. Comecei a me inclinar para morder meu pretzel, quando o bibliotecário o tirou da minha mão.

— Ei! — Eu disse. — Eu estava comendo isso!

— Correção, você *ia* comer isso, — Nickamedes disse. — Agora você vai guardar os livros.

Ele colocou meu pretzel no saco em cima do balcão, pegou uma pilha de livros de um carrinho de metal e jogou-os em meus braços.

— Mas...

— Sem mas, — Nickamedes disse. — Livros agora, comida depois.

O bibliotecário cruzou os braços sobre o peito e me deu um olhar afiado. Ele estava parado entre mim e minha comida, então não havia maneira de pegar meu pretzel, empurrá-lo para dentro da minha boca e levá-lo para as estantes comigo. Mesmo que eu fizesse isso, Nickamedes reclamaria que eu estava derrumando migalhas em seus preciosos livros. Não havia como ganhar dele.

— Agora, se você quiser, Gwendolyn.

— Sim, mestre, — eu cortei.

Os olhos de Nickamedes se estreitaram com meu tom sarcástico, mas eu não me importava. Olhei para a minha comida mais uma vez antes de suspirar, apertar meus livros e caminhar até as estantes.



4

Passei a próxima meia hora entre as prateleiras. Quando voltei à minha comida, o molho estava quente, o pretzel frio e mole, o molho de queijo era uma bagunça dura, fria e congelada.

Então os joguei no lixo e comi o meu brownie e tomei a água.

Eu acabava de terminar de lambar a última das migalhas de chocolate escuro dos meus dedos quando Nickamedes entrou atrás do balcão. Ele também foi ao carrinho de café de Raven, a julgar pelo Muffin de blueberry e a garrafa de água que segurava. Um professor veio e fez uma pergunta. Nickamedes tomou um gole de água, depois colocou a garrafa no balcão junto à minha. Afastei minha garrafa da dele e a virei, para que o rótulo estivesse voltado para o resto da biblioteca, então eu saberia qual era qual. Eu não estava com vontade de ingerir acidentalmente seus germes. Posso pegar algo horrível, como, você sabe, *pontualidade*. Também notei que o bibliotecário não esperou para comer o Muffin *dele*, enquanto procurava algo no sistema de computador para o professor.

Eu ainda atirava um olhar irritado e ciumento para Nickamedes quando Oliver Hector se aproximou do balcão de registro.

Cabelo loiro, olhos verdes, sorriso bonito, corpo musculoso. O Espartano era fofo, mas, mais importante, ele era meu amigo. Oliver me observou assistindo o bibliotecário.

— Sabe, se eu fosse Nickamedes, ficaria feliz por você ter um toque mágico em vez da capacidade de disparar laser pelos olhos, — Oliver falou lentamente. — Porque Nickamedes estaria totalmente morto agora.

Revirei os olhos, mas tive que rir. — Sim, bem, se eu tivesse esse poder, eu o usaria para acabar com os Ceifadores. Não me importaria em destruir o rosto de Vivian. Ou da Agrona.

— Acho que nenhum de nós se importaria com isso, — Oliver disse.

Pensei no meu pesadelo recorrente. Talvez na próxima vez, em vez de deixar Logan me atacar, eu poderia tentar sair do palco do anfiteatro e lutar contra Vivian e Agrona em vez disso. Sem dúvida, eles ainda me matariam no meu sonho, mas isso não seria tão ruim quanto Logan me assassinar novamente – e ter que ver os olhos vermelhos de Ceifador enquanto ele fazia isso.

Oliver contornou o balcão, colocou a bolsa ao lado da minha, e pulou em um banquinho que estava contra a parede de vidro atrás de mim.

Fiz uma careta. — O que você está fazendo?

Ele encolheu os ombros. — Alexei teve algum encontro com os outros guardas do Protetorado, e vai demorar por um tempo, então ele me pediu para ficar de olho em você até ele chegar aqui.

Suspirei. — Eu sou perfeitamente capaz de cuidar de mim mesma, sabe. Acho que já provei isso o suficiente.

— Eu sei, — Oliver respondeu. — Mas eu também sei que todos os Ceifadores estão atrás de você, Gwen. Então relaxe e nos deixe ficar de guarda, ok?

Suspirei novamente. Ele estava certo, mas às vezes me fazia sentir tão desamparada, tão *inútil*, sempre sendo vigiada por alguém, seja Alexei, Oliver, Daphne ou um dos meus outros amigos. Eu era um alvo

para os Ceifadores, e agora eles também eram, só porque eram meus amigos. Eu não sabia o que faria se algo acontecesse com um deles por minha causa – porque eles tomaram uma flecha ou uma adaga para mim. Mas, não importa o que eu dissesse ou fizesse, meus amigos insistiam em ficar comigo, me dizendo que estávamos todos juntos nisso. Isso me fez querer gritar com a teimosia deles – e chorar por causa da lealdade.

— Tudo bem, tudo bem, — resmunguei. — Você pode ficar. Mas só porque você é fofo e preciso de algo bom para olhar.

Ele sorriu. — Oh, Cigana. Você diz as coisas mais doces.

Revirei os olhos novamente. Oliver riu.

As próximas duas horas se arrastaram. Fiz todas as minhas tarefas normais. Guardei livros. Ajudei os estudantes a localizar materiais de referências para suas tarefas de casa. Até esvaziei alguns dos expositores de artefatos perto das estantes.

Limpar os expositores me fez pensar sobre a rede de Ran, que guardei no fundo da minha bolsa carteirairo. Claro, eu havia mostrado a rede para a Professora Metis quando Alexei, Daphne, e eu a trouxemos do Museu Crius alguns dias atrás, mas Metis também não sabia o que havia de tão especial nela. Então ela me disse para guardá-la por enquanto. Eu não sabia que bem a rede faria estando entre os meus gibis e a lata em forma de um biscoito gigante de chocolate, mas, como Metis havia dito, pelo menos saberíamos onde ela estava.

Como não tinha mais nada para fazer, decidi dar uma olhada na rede. Alcancei minha bolsa, tirei um pequeno cartão branco que estava no expositor de artefato com a rede e examinei as palavras, embora eu já tivesse lido uma dúzia de vezes.

Considera-se que essa rede pertencia à Ran, a deusa nórdica das tempestades, e os rumores indicam que estaria entre suas artes de pesca favoritas. Apesar da aparência frágil, a rede é bastante forte e pode segurar muito mais do que deveria, dado o seu tamanho relativamente pequeno. O trançado de algas foi pensado para ter a propriedade

*incomum de fazer o que quer que esteja dentro parecer muito mais leve
do que o peso real...*

O cartão passou a falar sobre algumas das criaturas que Ran supostamente pegou e domesticou, então descartei o resto das palavras.

Em vez disso, eu voltei na minha bolsa e peguei a rede fina e esfarrapada. Para minha surpresa, ela havia dobrado facilmente, uma e outra vez, até que não fosse maior nem muito mais grossa do que um cinto. Coloquei meus dedos em alguns dos laços e alcancei minha magia.

Mas a única coisa que vi foi o subir e descer infinitos do oceano azul-cinza, e a única coisa que eu sentia era um movimento suave e constante, como se eu estivesse balançando para cima e para baixo como uma isca de pesca montando as cúpulas das ondas.

O aroma do mar encheu meu nariz enquanto os sons das ondas batiam uns contra os outros ecoados em meus ouvidos. Lambi meus lábios e provei o sal. Pareceu até estar grosso no meu cabelo, e eu quase podia sentir os grãos de areia neles, como se eu tivesse passado o dia na praia.

Não era desagradável, no entanto. De fato, as sensações foram algumas das mais bonitas que experimentei com a minha magia em muito tempo. Tão gentil, tão calmo, tão reconfortante, que eu poderia ter deixado as ondas me levar embora – e todos os meus medos, preocupações e mágoa junto com elas.

Mas eu tinha um trabalho a fazer, então me concentrei na rede e em todas as imagens, memórias e emoções anexadas, mas a cena e os sentimentos não mudaram. Depois de mais alguns segundos, abri meus olhos, tirei os dedos das algas cinzentas e devolvi a rede e o cartão para minha bolsa.

— Algo novo? — Oliver perguntou, me observando.

Balancei a cabeça. — Nada que eu não tenha visto antes.

— Mas se Nike a mostrou para você, então tem que ser importante, certo?

— Eu acho que sim. Embora não tenha ideia do que devo fazer com uma rede de pesca mitológica quando estamos a centenas de quilômetros de distância do oceano.

Meus olhos se concentraram em busca de inspiração ou algum tipo de indício. Durante meses, eu só consegui ver a escuridão sempre que olhava para o teto da Biblioteca das Antiguidades. Mas há algumas semanas, Nike me mostrou o afresco sob as sombras – um de mim e meus amigos lutando contra os Ceifadores em uma grande batalha. Cada um de nós segurava uma arma ou algum outro objeto, e esses eram os artefatos que Nike me pediu para encontrar e manter fora das mãos dos Ceifadores.

Até agora, a rede de Ran foi a única coisa que consegui identificar e rastrear. Mas, mais uma vez, sombras obscureciam o afresco. Não haveria ajuda lá. Pelo menos não esta noite.

— Mas se parece com a rede no meu desenho, certo? — Oliver perguntou.

Eu não poderia desenhar nem para salvar minha vida, mas Oliver tinha um pouco de talento para arte, de modo que ele felizmente esboçou o afresco para mim, baseado em meus próprios desenhos e descrições. Seu esboço detalhado também estava guardado dentro da minha bolsa carteiro.

— Seu desenho é perfeito, e esta é definitivamente a rede certa, — eu disse. — Não é sua culpa se eu sou burra demais para entender o grande mistério sobre ela.

— Não se preocupe, Gwen. Você descobrirá isso. Você sempre faz. Tenho fé em você.

— Bem, é bom que um de nós tenha, — resmunguei.

Oliver sorriu para o meu sarcasmo.

Após pensar sobre a rede, guardei mais alguns livros e esperei mais alguns expositores de artefatos, mas minha mente não estava nas tarefas, e eu só fazia os movimentos mecanicamente, assim como fiz desde que Logan foi embora.

Mais de uma vez, eu me encontrei olhando para o espaço, me perguntando onde ele estava e o que estava fazendo. Se estava bem. Se estava com frio ou com fome ou com medo ou cansado. Se ele pensava em mim.

Depois de cerca de dois minutos disso, eu afastei minha tristeza e fiquei com raiva de mim por minha obsessão com ele. Vic estava certo. Eu realmente precisava parar de pensar nele e me concentrar em acabar com os Ceifadores. Ou ao menos, terminar minha lição de casa para amanhã.

Mais fácil falar do fazer. Porque, cinco minutos depois, em vez de ler meu livro de história-mítica como deveria fazer, me vi pensando em Logan novamente.

Finalmente, não aguentei mais, então eu virei o meu banquinho e deparei com Oliver, que estava mexendo em seu telefone.

— Então... — eu disse com uma voz clara, tentando não deixá-lo saber o quanto isso era importante para mim. — Você ouviu falar algo sobre Logan?

Oliver congelou. Ele olhou para mim e então olhou para a tela. A culpa piscou em seus olhos verdes. — Você está enviando mensagens para ele agora mesmo, não é?

Oliver estremeceu. Ele digitou algo mais no telefone, depois colocou o telefone no bolso da calça. Ele não respondeu a minha pergunta.

— Como ele está? Onde está? Ele está bem? Ele voltará para a academia?

Essas eram as mesmas perguntas que eu já fizera centenas de vezes para várias pessoas. As mesmas em que eu pensava tarde da noite no meu quarto, especialmente depois de ter tido um dos meus pesadelos.

Oliver suspirou. — Logan precisa de algum tempo, Gwen. Ele precisa de espaço, da academia e de tudo o que aconteceu. Mas sim, para responder sua pergunta, ele está bem. Pelo menos, é o que ele diz quando me escreve. — Ele hesitou. — Se isso ajuda, ele pergunta sobre você o tempo todo.

— E o que você diz a ele? — Perguntei com uma voz suave.

Ele hesitou novamente. — Que você sente falta dele. Que todos nós sentimos falta dele. Que precisamos dele, e para que ele volte assim que puder.

— E o que ele diz a isso? — Oliver encolheu os ombros. — Nada. Somente... nada. Não sei quando ele vai voltar. Não sei se irá voltar. Não depois do que os Ceifadores fizeram. E especialmente não depois do que ele fez com você.

Soltei um suspiro. O pensamento de que Logan nunca mais retornaria era um em que eu não me deixava pensar, mas agora, era tudo o que eu poderia pensar, como um punho frio enrolado em meu coração apertando-o lentamente, me esmagando de dentro para fora. De repente, estava muito pequeno atrás do balcão de registro. Muito apertado, muito confuso, e cheio demais para eu conseguir respirar.

Oliver notou minha expressão ferida. — Eu não quis dizer isso, Gwen. Não é sua culpa que Logan tenha ido embora.

Mas era, e nós dois sabíamos disso. Balancei minha cabeça, peguei alguns livros e desapareci entre as estantes antes que Oliver pudesse ver o quanto estava doendo.

Felizmente, Oliver decidiu não me seguir. Voltei para uma parte remota das estantes, o lugar em que o expositor de Vic estivera. Fiquei de pé, com os olhos fechados, livros apertados no meu peito, tentando respirar. Dentro e fora, dentro e fora, dentro e fora, como minha mãe me ensinou a fazer sempre que eu estava preocupada, nervosa, assustada ou chateada.

Preocupada? Confere. Chateada? Definitivamente. E, mais uma vez, senti uma onda de raiva por Logan não estar aqui, por me deixar para lidar com tudo.

Demorou alguns minutos, mas meu coração parou de doer, e a pressão em meus pulmões diminuiu lentamente. Ainda parecia fria por dentro. Fria, aborrecida e vazia. A minha raiva havia desaparecido, ou pelo menos estava calma no momento, e eu nem conseguiria chorar. Minhas lágrimas pareciam estar tão congeladas quanto o resto de mim.

Novamente, passei pelos mesmos movimentos, guardando os livros que peguei. Quando terminei, percorri as escadas até o segundo andar. Estava mais quieto aqui, e o único som era o ranger dos meus tênis no mármore. Oliver provavelmente ficaria preocupado e viria me procurar em algum momento, mas por enquanto, eu gostaria do silêncio e da solidão.

Eventualmente, acabei em um ponto familiar do panteão circular – na frente da estátua de Nike. A deusa grega da vitória parecia a mesma em sua forma de mármore do que quando ela apareceu para mim. Seu cabelo cacheado caindo em seus magros ombros. Um vestido branco de toga em volta de seu corpo esbelto e musculoso. Asas arqueadas sobre suas costas. Uma coroa de louros descansando sobre sua cabeça. Feições que eram de alguma forma fortes, frias, terríveis e bonitas, tudo ao mesmo tempo.

Normalmente, eu dizia algumas palavras à deusa sempre que eu vinha até a estátua dela, mas não sentia vontade de fazer isso esta noite. Em vez disso, eu me enrolei em uma bola na base da estátua e encostei minha cabeça contra o mármore frio e suave.

Depois de um tempo, fiquei mais calma, como se eu tivesse força para descer as escadas e enfrentar o resto da noite, mas fiquei onde estava. Já que estava no segundo andar, eu tinha uma visão panorâmica de todos os alunos que estudavam abaixo, incluindo o garoto que estava no balcão.

Não estava segura do que chamou minha atenção para ele. Talvez fosse por que ele estava de pé ali, como se esperasse que alguém viesse ajudá-lo. Talvez fosse o olhar furtivo que ele continuava dando para Oliver, que ainda estava sentado atrás do balcão enviando mensagens de texto em seu telefone novamente, inconsciente de todo o resto. Ou talvez fosse o fato dele não ter nada em suas mãos. Nenhum livro, sem blocos de anotações, sem canetas, nem mesmo um tablet que ele usaria para navegar na web ao invés de fazer sua lição de casa como deveria. Mas algo sobre o cara parecia... errado.

Andei até a beira da sacada para poder vê-lo melhor. Calças de ganga, camiseta verde, botas marrons, jaqueta de couro marrom. Ele usava as mesmas roupas que todos os outros, até os logotipos do design que cobriam os tecidos caros. Então estudei o rosto dele.

Cabelo castanho, olhos escuros, pele bronzeada.

Espere um segundo. Eu o conhecia. Jason Anderson. Um Viking, estudante do segundo ano como eu. Ele sentava na minha frente em literatura inglesa. Eu nunca prestei muita atenção a Jason antes, exceto para lhe dizer oi ou pedir que me passasse um livro ou uma cópia da tarefa que estivéssemos fazendo. Mas algo me fez continuar observando-o agora.

Jason discretamente colocou uma mão no balcão, depois outra, e então estendeu a mão e pegou minha garrafa de água. Fiz uma careta. O que ele estava fazendo mexendo com a minha bebida?

Enquanto eu observava, Jason tirou um pequeno saquinho branco do bolso do jeans. Ele olhou ao redor para ter certeza que ninguém estava olhando para ele, então deixou a garrafa ao seu lado e segurou o saquinho sobre ela. Algum tipo de pó branco caiu na água. Jason rapidamente mexeu o líquido dentro, e o pó se dissolveu.

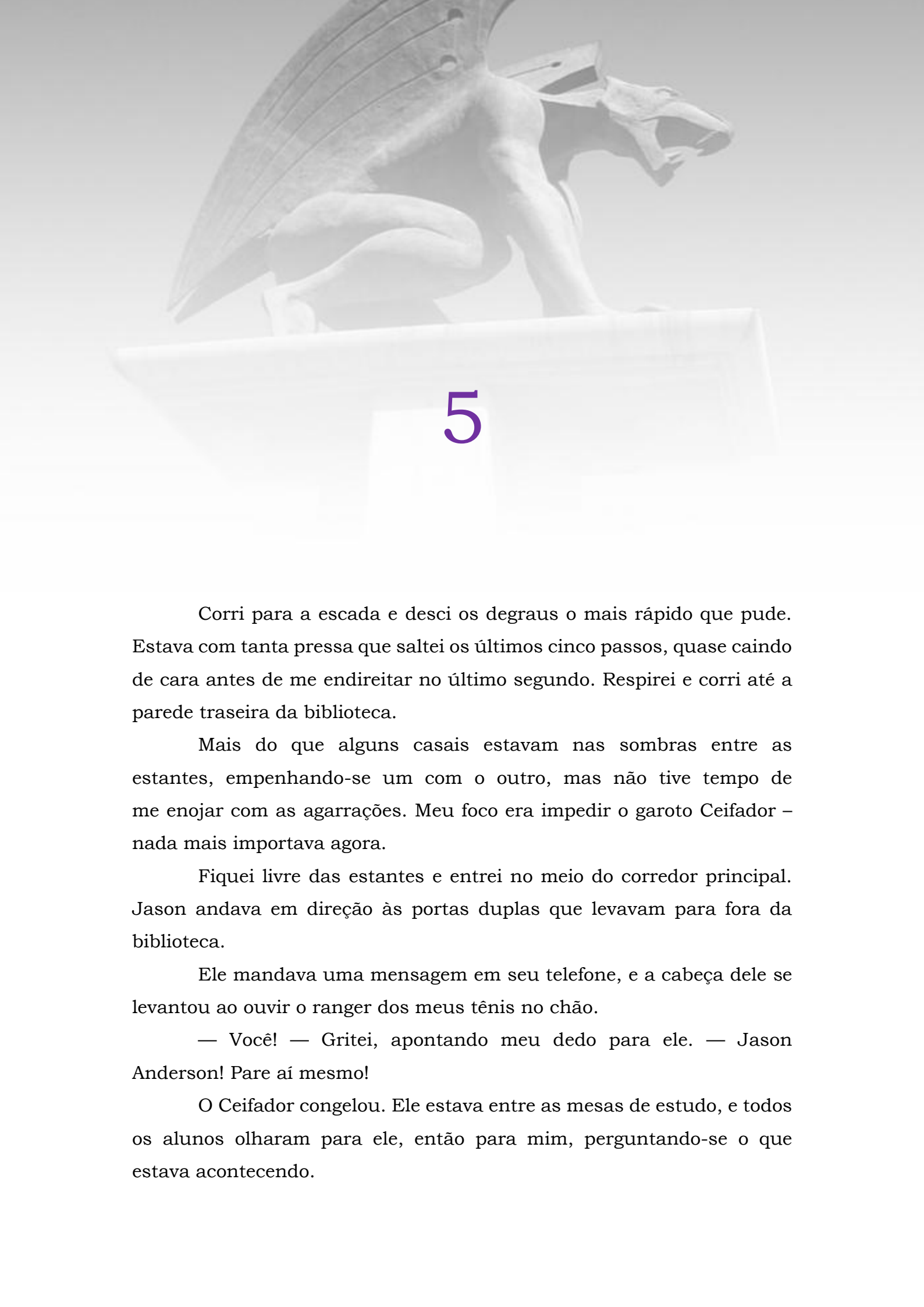
Suspirei. Ele estava... ele poderia estar... ele estava *envenenando* minha água?

Jason colocou a garrafa no balcão onde estava. E começou a se virar, mas então viu a segunda garrafa – a que pertencia a Nickamedes. Jason não deveria ter certeza de qual água era a minha, porque ele olhou novamente, então fez a mesma coisa com aquela garrafa. Pó branco, agitar a água até que o veneno se dissolvesse, então colocá-la no lugar como se ele nunca tivesse pegado para começar.

— Ceifador, — murmurei.

Jason olhou em volta novamente, certificando-se de que ninguém havia visto o que ele fez. Então ele se virou para a mesa de estudo onde esteve sentado e juntou suas coisas. Agora que sua missão estava completa, ele estava saindo da biblioteca, deixando a cena do crime.

Meus olhos se estreitaram. Não se eu pudesse evitar. Me levantei e comecei a correr.



5

Corri para a escada e desci os degraus o mais rápido que pude. Estava com tanta pressa que saltei os últimos cinco passos, quase caindo de cara antes de me endireitar no último segundo. Respirei e corri até a parede traseira da biblioteca.

Mais do que alguns casais estavam nas sombras entre as estantes, empenhando-se um com o outro, mas não tive tempo de me enojar com as agarrações. Meu foco era impedir o garoto Ceifador – nada mais importava agora.

Fiquei livre das estantes e entrei no meio do corredor principal. Jason andava em direção às portas duplas que levavam para fora da biblioteca.

Ele mandava uma mensagem em seu telefone, e a cabeça dele se levantou ao ouvir o ranger dos meus tênis no chão.

— Você! — Gritei, apontando meu dedo para ele. — Jason Anderson! Pare aí mesmo!

O Ceifador congelou. Ele estava entre as mesas de estudo, e todos os alunos olharam para ele, então para mim, perguntando-se o que estava acontecendo.

Caminhei lentamente na direção dele, incerta de quais outros truques ele poderia estar planejando. Jason piscou e colocou o telefone no bolso do casaco. Sua mão também abaixou e ele abriu o zíper da mochila. Aumentei meu ritmo e me aproximei dele, não querendo dar-lhe a chance de tirar uma arma, especialmente porque Vic ainda estava no seu local atrás do balcão de registro.

Abaixei o meu ombro e fui até o Ceifador, derrubando-o como um linebacker faria com o quarterback, e nós dois caímos como uma pilha, deslizando-deslizando-deslizando através do chão liso. Todos os tipos de coisas caíram de sua mochila aberta, canetas, seu caderno, e uma espada em uma bainha de couro vermelho.

— Gwen! — A voz de Oliver soou acima dos gritos confusos dos outros estudante.

— Ceifador! — Gritei, me levantando. — Ele é um Ceifador!

Jason estendeu a mão, pegou a espada, tirou a arma da bainha e se levantou.

— Morra, Cigana! — Jason sibilou para mim.

Ele ergueu a espada, e eu me joguei para o lado.

A lâmina passou sobre o meu ombro e afundou no topo de uma das mesas de estudo, bem na frente de onde Helena Paxton, uma garota Amazona malvada, estava sentada. Helena gritou, empurrou a cadeira para trás, e tropeçou.

Jason amaldiçoou e lutou para tirar sua arma da madeira. Peguei um dos livros de Helena da mesa, avancei e bati na lateral da cabeça dele. Ele amaldiçoou novamente e me atacou com o punho. Eu me virei, de modo que o golpe só acertou o meu ombro, mas ainda gritei quando a dor explodiu na articulação e derrubou meu braço, me fazendo perder o controle do livro, que bateu no chão. Ele definitivamente colocou sua grande força Viking naquele soco.

Comecei a me virar de novo, mas Jason conseguiu soltar sua arma. Eu parei rapidamente. Ele sorriu, percebendo que eu não tinha uma espada, e se aproximou ainda mais de mim.

— E agora, o que você fará, Cigana? — Ele provocou.

Jason levantou a lâmina para outro ataque, e eu fui para o lado...

Um lápis foi atirado no ar e atingiu o ombro de Jason, fazendo com que ele se voltasse e gritasse de dor. Seguiu-se rapidamente mais dois lápis, um rolo de fita e um grampeador de metal que atingiu-o na lateral da cabeça com um ruidoso e satisfatório *thwack*.

Olhei para o Ceifador. Oliver estava atrás do balcão de registro, seus olhos verdes se estreitaram, já pegando um dos teclados do computador. Os Espartanos tinham a habilidade estranha de pegar qualquer arma – ou qualquer objeto – e automaticamente saber como matar alguém com ele. Nas mãos de Oliver, esse teclado poderia ser tão mortal quanto um machado de guerra.

Mas o Espartano não era o único do meu lado agora. Minha briga com Jason surpreendeu os outros estudantes, mas a surpresa desapareceu rapidamente. Cadeiras raspavam para trás, gritos surgiram, e os outros alunos começaram a cavar em suas bolsas, extraíndo espadas, bastões e lanças que eram suas armas de escolha.

Oliver arrancou o teclado do computador e se dirigiu para o Ceifador. Os olhos de Jason passaram de um estudante para outro, e ele percebeu que seria seriamente superado em número em um minuto.

— Isso não acabou, Cigana! — Jason sibilou novamente.

Então ele se virou e correu para a parte de trás da biblioteca. Por um segundo, eu fiquei paralisada, surpresa por ele não ficar e lutar, mas então eu me lancei em ação, correndo atrás dele. Jason foi para o lado direito da biblioteca, longe de Oliver, que corria para ele da esquerda, o teclado ainda apertado na sua mão.

— Eu o pego! — Gritei. — Você dá a volta! Nós temos que cercá-lo antes dele chegar a porta lateral e fugir!

Oliver assentiu, virou e correu nessa direção. Pelo canto do meu olho, notei que Nickamedes estava atrás do balcão de registro segurando sua garrafa de água que foi envenenada junto com a minha. Imediatamente virei nesse sentido.

— Pare! — Gritei. — Não beba isso!

— Gwendolyn? — Nickamedes disse, sua testa franzida enquanto encarava o caos ao redor das mesas de estudos. — O que está acontecendo? O que você está fazendo? Por que todos os alunos estão empunhando suas armas em vez de estudar?

Bati na garrafa de água na mão do bibliotecário. — Não beba isso! — Nickamedes olhou para mim como se eu tivesse enlouquecido, mas eu já passava por ele, agarrava Vic e puxava a arma de sua bainha. O olho da espada se abriu e ele fixou seu olhar violeta em mim.

— Ceifador? — Ele perguntou com uma voz esperançosa.

— Uh-huh.

Senti a boca da espada se curvar em um sorriso contra a palma da minha mão.

— Bola de pelos! — Vic latiu. — Hora de lutar! — Nyx saiu da sua cesta e soltou um grunhido feroz, como um soldado que obedecia às ordens do general.

— Gwendolyn? — Nickamedes perguntou de novo, seus olhos azuis estavam indo e voltando entre nós três. — Ceifador! Veneno! Perseguição!

Isso foi tudo que eu consegui dizer antes de contornar o balcão que conduzia à parte de trás da biblioteca e começar a correr novamente. Aqueles momentos no balcão de registro me custaram, e não vi Oliver ou Jason quando entrei na metade traseira do prédio. As luzes estavam baixas neste lado da biblioteca, fazendo com que as sombras parecessem muito mais sombrias e ainda mais sinistras do que o habitual. Mas ao invés de caminhar cegamente pelos corredores, eu desacelerei, parei ao lado de uma estante de livros e olhei ao redor.

Nada – eu não vi ou ouvi nada.

Estantes de livros estendiam-se tanto quanto poderia ver antes que as sombras as engolissem no final do corredor. Alguns expositores de artefatos de vidro estavam aqui e ali na frente das prateleiras, o metal e as joias dentro brilhavam como estrelas opacas. Tomei várias respirações longas e lentas, tentando acalmar meu coração acelerado pela corrida, e esforcei para ouvir qualquer passo, qualquer farfalhar de

roupa ou qualquer outro sussurro de movimento que me diria onde Jason estava.

Nada – mais uma vez, eu não vi ou ouvi nada.

Bem, se Jason não vinha até mim, eu teria que encontrá-lo. Então apertei Vic e desci o corredor, olhando para frente e para trás, para a esquerda e para a direita através das fileiras de estantes em cada lado. Nyx trotava atrás de mim como um cão de guarda. O lobo Fenrir estava calado, embora as unhas das patas raspassem suavemente contra o chão. Pensei em chamar Oliver, mas não queria indicar minha posição para Jason.

Comecei a passar às mesas de estudo desse lado da biblioteca quando Nyx soltou um rosnado feroz e uma espada brilhou na escuridão. Pulei para a minha esquerda, e a lâmina atingiu o lado de uma das estantes, lançando faíscas vermelhas em todos os lugares.

Eu me virei. Jason estava atrás de mim. Jeans, suéter, características agradáveis. Ele parecia o mesmo que antes, só que com uma diferença notável: seus olhos brilhavam vermelhos. Um vermelho brilhante, ardente e intenso que me disse exatamente o quanto ele me odiava – e o quanto ele queria me matar.

Ele soltou um grito de guerra selvagem e ergueu sua arma para outro ataque.

Clash-clash-clang!

De um lado para o outro, lutamos através das mesas de estudo.

Nyx dançou ao nosso redor, tentando entrar na batalha, mas Jason e eu avançávamos muito rápido para isso. Ele amaldiçoou cada vez que bloqueei um de seus ataques, mas eu não me incomodava em responder a ele.

Tudo o que eu queria fazer agora era matá-lo.

— Gwen! — A voz de Oliver saiu das estantes até mim.

— Aquil! — Gritei.

Jason atacou com sua espada, me fazendo retroceder. Ele olhou por cima do ombro e viu a mesma coisa que eu; Oliver saindo das estantes, ainda segurando o teclado.

Jason avançou. O ataque me pegou de surpresa, e eu tropecei mais alguns passos. O meu quadril atingiu a lateral de uma das mesas de estudo, e gemi com dor. Levantei Vic, esperando que Jason tentasse acabar comigo enquanto minhas defesas caíam, mas, em vez disso, ele se virou e correu de novo. Eu comecei a ir atrás dele, mas minhas pernas ficaram enredadas em uma cadeira, e demorou alguns segundos preciosos para me libertar, mesmo sabendo que qualquer atraso da minha parte o deixaria escapar.

Mas esqueci que eu não era a única lutando contra o Ceifador – Nyx também estava.

Não sei como ela fez isso, já que ela estava realmente atrás de mim, mas o filhote de lobo Fenrir agaixou-se e saltou no ar, pulando mais longe do que eu já a vi antes – e aterrissando na parte de trás de uma das pernas de Jason.

Nyx soltou um outro grunhido e afundou seus dentes de filhote afiados na panturrilha dele. Jason gritou com dor e avançou para a frente, sua perna quase se curvando debaixo dele.

Nyx recuou e mordeu de novo. Jason conseguiu sacudi-la, fazendo o lobo deslizar pelo chão, mas ele estava mancando enquanto se dirigia em direção a uma das portas laterais, empurrando-a para abri-la antes de sair.

Oliver finalmente me alcançou. — Gwen! Você está bem!

— Estou bem. Nós temos que pegá-lo!

Ele assentiu, e nós abrimos a porta atrás do inimigo. Nyx se pôs de pé e nos perseguiu também.

O filhote lobo deve ter feito mais dano ao Jason do que eu percebi, porque ele não conseguiu ir muito longe, tendo apenas descido um conjunto de degraus e depois uns poucos metros até o quadrilátero, deixando uma trilha de gotas de sangue atrás dele. Oliver jogou o teclado, saltou para a parede da varanda, depois se lançou através do ar até as costas de Jason. Os dois atingiram o chão coberto de neve com um baque audível.

Jason tentou atacar Oliver, mas o Espartano afastou a espada dele. O Ceifador conseguiu tirar Oliver de cima dele, e os dois homens voltaram a ficar em pé.

Corri pelos degraus, Vic ainda em minhas mãos, e Oliver e eu avançamos lentamente para Jason. Nyx também estava lá, seus olhos violetas fixos nele, os dentes descobertos, e grunhido saindo de sua garganta minúscula como um motor de carro cada vez mais agitado. Jason se virou para correr, mas, mais uma vez, sua perna quase curvou debaixo dele. Ele gritou com dor e caiu.

— Acabou, — eu disse. — Você está machucado, e nós não estamos. Desista.

Ele virou para nos encarar. Seus olhos, que ainda eram daquela cor horrível de vermelho Ceifador, olharam de mim para Oliver. Em vez de me responder, Jason alcançou o bolso do seu jeans. Eu fiquei tensa, esperando que ele tirasse uma adaga ou talvez uma estrela e jogasse, mas tudo o que ele tirou foi um saquinho vermelho. Ele não demorou em abri-lo com os dentes.

Oliver começou a avançar, mas estendi minha mão, parando-o. Essa bolsa provavelmente tinha o mesmo pó branco que eu vi Jason despejar nas garrafas de água. Talvez você tenha que comer o veneno para que ele funcione, ou talvez tenha que tocar sua pele ou entrar no nariz ou nos olhos. De qualquer maneira, ele poderia nos matar com ele, e eu não queria correr esse risco.

Jason percebeu que não seríamos idiotas o suficiente para impedi-lo, e sua boca torceu-se em um sorriso irritado. Atrás de nós, mais luzes se acenderam dentro da biblioteca e mais gritos ecoaram através do ar noturno.

— Acabou, — repeti. — Os guardas do Protetorado estarão aqui a qualquer momento. Acabou. Desista.

Jason olhou para mim, considerando minhas palavras. Ele olhou para Oliver novamente, então seu olhar vermelho caiu na bolsa em sua mão. Ele hesitou por um segundo a mais, depois o ergueu, e percebi o que ele faria – sacrificar-se, ao deus maligno.

— Não faça isso, — avisei. — Loki não vale a pena. Confie em mim. Você já arruinou sua vida servindo a ele. Não deixe que ele tire o que resta disso também.

— Como se eu pudesse voltar para os outros Ceifadores depois de falhar na minha missão. E, claro, Loki vale a pena, — Jason zombou. Sua voz, que eu lembrei de ser tão suave e gentil, agora estava dura com o ódio. — Você perceberá isso em breve – quando você e todos os seus amigos estúpidos estiverem se rendendo aos pés dele. Esse dia está chegando, Cigana, mais cedo do que você pensa.

Mesmo quando comecei a tentar detê-lo, eu sabia que já era tarde demais. Jason respirou fundo, enfiou o conteúdo da bolsa na boca e o engoliu. Ele fez uma careta, como se o pó deixasse um gosto ruim para trás. Depois de um momento, seus olhos se arregalaram, e ele estendeu a mão, começando a arranhar a garganta.

— Queima... — ele gritou. — Isto... queima...

Suas pernas relaxaram, e ele entrou em colapso na neve fria. Fui até ele, mas não podia fazer nada. Jason começou a convulsionar, e um cheiro estranho encheu o ar – quase como o aroma de um pinheiro. Tão rápido quanto começou a convulsionar, o Ceifador parou. Sua cabeça caiu para um lado, e um pouco de espuma branca escorreu pelo canto de sua boca.

Olhei enquanto a feroz luz vermelha que queimava nos olhos de Jason escurecia. Entorpeceu e finalmente morreu, assim como ele também.



6

Não sei por quanto tempo eu fiquei de pé sobre o corpo de Jason, olhando seus olhos sem vida como se eles me dissessem algo importante.

Como se eles realmente me deixassem entender por que alguém escolheria voluntariamente servir a um deus que queria machucar, matar e escravizar outras pessoas. Como se olhar nos olhos dele me dissesse por que ele se sacrificaria por uma criatura tão horrível quanto Loki. Era o poder que o deus maligno prometeu ao seus seguidores? Um desejo de ser tão cruel quanto o próprio Loki? Ou algo diferente? Eu não sabia, e não entendia. Eu não sabia se entenderia – ou talvez eu simplesmente não quisesse.

— Gwen? — Oliver disse, colocando uma mão no meu ombro. — Você está bem?

Soltei uma respiração. — Sim. Estamos vivos, e ele não. Acho que isso é importante, certo?

— É claro que isso é importante, — Vic disse. — Você não acha, bola de pelos?

Nyx soltou um grunhido, concordando com ele.

Oliver colocou o braço ao redor dos meus ombros, e eu me aproximei dele, feliz por ele estar aqui comigo. Depois de um momento, me afastei e olhei para o corpo de Jason novamente.

— Você acha... você acha que eu deveria tocá-lo? — Perguntei. — Antes que suas memórias se desvançam completamente?

Oliver sacudiu a cabeça e apontou para o saquinho vermelho na mão dele. — Não. Nós não sabemos exatamente como esse veneno funciona ou que outra forma ele poderia agir. Poderia estar em sua pele, em suas roupas. Não vale a pena o risco. Os guardas do Protetorado irão olhar a mochila dele e conferir seu telefone e laptop. Felizmente, isso lhes dirá exatamente o que ele preparava e com quem ele estava trabalhando. Talvez até dê ao Protetorado algumas pistas sobre onde Vivian e Agrona podem estar.

— E se isso não for suficiente?

Oliver encolheu os ombros. — Tem que ser...

Um telefone começou a tocar. Oliver e eu nos olhamos, e depois para o garoto morto. Era o telefone dele. Eu hesitei, então caí de joelhos ao lado dele.

— Gwen? O que você está fazendo? — Oliver perguntou.

— Não se preocupe. Vou tomar cuidado.

Estiquei a barra da minha blusa e usei para puxar o telefone de Jason do bolso de sua jaqueta, tomando cuidado para não tocar o telefone com meus dedos nus, antes de voltar a me levantar. Ainda usando a barra da blusa, toquei na tela para aceitar a chamada e segurei o telefone perto da minha orelha.

— Finalmente! — A voz de Vivian Holler encheu minha orelha. — Eu começava a pensar que você nunca ia atender. Já foi feito?

Não sabia o que eu esperava estar no outro lado da linha, mas ouvir a voz da menina Ceifadora me assustou tanto que quase perdi meu controle no telefone. Por um momento louco, eu me perguntei se isso era uma nova versão distorcida do meu pesadelo. Mas não poderia ser assim... caso contrário, Logan estaria aqui, para me levar à morte novamente.

— Jason? — Vivian perguntou novamente. — Você está aí? Gwen bebeu o veneno?

Finalmente encontrei minha voz. — Desculpe por decepcionar, Viv. Mas ainda não estou morta.

Oliver ergueu as sobrancelhas ao perceber com quem eu estava falando.

Mas Vivian deve ter ficado tão surpresa em ouvir minha voz como eu ao ouvir a dela, porque ela não disse nada. Em vez disso, ouvi um som fraco de raspar. Fiz uma careta. Quase soou como se estivesse correndo por um gramado ou algo assim.

— Bem, isso é uma pena, — Vivian disse finalmente. — Me faça um favor, no entanto. Coloque Jason no telefone. Eu quero dizer a ele exatamente o que planejo fazer com ele por não ter envenenado você.

Olhei para o corpo dele. — Isso será um pouco difícil, já que ele já está morto.

— Bom, — ela grunhiu. — Você me salvou do problema de matá-lo.

Não respondi.

— Oh, vamos, agora, Gwen, — Vivian disse. — Por que você está tão triste? Você conseguiu viver outro dia. Ainda que seja Oliver ao seu lado, em vez do seu precioso Logan.

Girei ao redor, meu olhar indo de um lado do quadrilátero para outro. As luzes da rua ao longo dos caminhos de paralelepípedos lançando brilhos dourados, mas sombras cobriam o resto da área. Ainda assim, eu sabia que Vivian estava aqui em algum lugar – me observando. Essa era a única maneira dela poder saber que Oliver estava comigo.

Oliver bateu no meu ombro. *Qual o problema?* Ele falou. Balancei a cabeça. Eu não o queria fugindo e tentando encontrar Vivian. Seria muito fácil para ela emboscá-lo – e a mim também.

— Logan está bem, — eu disse, tentando fazer minha voz forte e confiante. — Ele espera por mim lá dentro na biblioteca agora mesmo.

— Mentirosa, — Vivian respondeu. — Eu sei que ele não está mais na Mythos. Na verdade, eu sei *exatamente* onde ele está – com Agrona e o resto dos Ceifadores. Ela o capturou ontem de manhã.

Logan capturado pelos Ceifadores? Era meu pesadelo se tornando realidade novamente. Ainda assim, tentei não deixá-la ouvir meu pânico.

— Você está mentindo.

Vivian riu. — Claro, vá em frente e acredite nisso. Tudo o que a ajudar a dormir de noite, Gwen. De qualquer forma, tenho que ir. Vejo você depois. Ou talvez eu devesse dizer, *mato você depois*.

Ela riu de novo e desligou.

Mais uma vez, eu procurei no quadrilátero, procurando algum movimento nas sombras, mas eu ainda não podia ver nada.

— Gwen? — Oliver perguntou. — Você está bem?

Girei para encará-lo. — Onde está Logan? Onde ele *está agora*?

Oliver encolheu os ombros. — Ele está com o pai dele. Isso é tudo o que eu realmente sei. Por quê?

Eu disse a ele tudo o que Vivian havia dito. Oliver ouviu, então balançou a cabeça.

— Relaxe, Gwen. Claro, ela estava mentindo. Ela estava apenas tentando mexer com você. Eu estava trocando mensagens de texto com o Logan mais cedo. Não há como os Ceifadores terem pegado ele.

— Mas como você pode ter certeza de que era ele mesmo? — Persisti.

— Porque eu posso dizer pelo tom dele e pelas coisas de que falamos. Só o Logan saberia. Apenas relaxe, tudo bem? Vivian está apenas mexendo com sua cabeça. Logan está seguro. Confie em mim.

Oliver colocou as mãos nos meus ombros. Sinceridade e cautela ardiam em seus olhos verdes. Depois de um momento, eu concordei. Ele estava certo. Vivian estava mexendo comigo – nada mais.

Oliver inclinou-se, pegou Nyx e a colocou sob seu braço. Ela soltou um som feliz e o lambeu na bochecha. Ele esfregou a cabeça por um momento antes de me olhar de novo.

— Agora, vamos, — ele disse. — Não há mais nada que possamos fazer aqui. Nós dois sabemos que Vivian já se foi. Então vamos voltar para dentro, encontrar Nickamedes e dizer a ele o que aconteceu.

Oliver estava certo, mas isso não me impediu de procurar no quadrilátero uma última vez pela menina Ceifadora antes de eu suspirar e segui-lo pelas escadas e voltar para dentro.

Oliver e eu voltamos para a parte principal da biblioteca. O Treinador Ajax, Aiko e alguns outros guardas do Protetorado haviam convergido no centro da sala e examinavam a parte do corredor onde eu lutei com o Ceifador. Nickamedes estava atrás do balcão, falando em seu telefone. Ajax assentiu com a cabeça para Oliver e eu. Nós acenamos para o treinador grande e corpulento.

A maioria dos alunos havia desaparecido, e os poucos que permaneceram estavam reunindo suas coisas. Helena Paxton me disparou um olhar desagradável quando pegou seu livro – aquele que eu usei para atingir o Ceifador – de onde eu derrubei no chão. Eu a ignorei. Eu tinha outras coisas para me preocupar, como exatamente o porquê de Jason ter tentado me envenenar.

Ok, ok, então eu sabia o *porquê*. Bem, mais ou menos. Os Ceifadores me queriam morta porque tinham essa estranha ideia de que eu ia matar Loki – algo em que Nike também acreditava. Se estivesse morta, então, obviamente, eu não conseguiria tentar matar Loki – como se eu soubesse como fazer isso, em primeiro lugar.

Não, o que eu realmente queria saber era por que agora? Por que aqui, nesta noite, na biblioteca? Por que de repente se tornou tão importante me matar? Mas no final, eu suponho que realmente não importasse. Jason não era o primeiro Ceifador que tentou me matar, e não seria o último.

Mesmo assim, eu olhei para minha garrafa de água envenenada. Estava no balcão onde Jason havia deixado. Se eu não tivesse ficado chateada, se não tivesse subido até a sacada do segundo andar, se não tivesse visto o que ele estava fazendo, eu poderia ter pegado a garrafa e bebido o resto da água antes da minha psicomетria funcionar. Então eu

estaria tão morta quanto Jason. Esta não foi a primeira vez que escapei da morte, mas o conhecimento de que poderia ter sido tão fácil estar morta como ele me fez estremecer.

O olho de Vic se abriu no momento em que o tremor varreu meu corpo. Eu ainda apertava a espada, e ele olhou para mim, e depois para a garrafa de água.

— Você lutou bem esta noite, Gwen, — ele disse, pegando meus pensamentos obscuros. — Você fez o que precisava fazer para poder sobreviver – isso é tudo. E não havia nada que você pudesse ter feito para mudar a cabeça desse garoto.

— Vic está certo, — Oliver falou. — O Ceifador fez sua escolha – não você.

Nyx soltou um gemido baixo e sério, concordando com eles. O filhote de lobo ainda estava nos braços do Espartano.

Encolhi meus ombros. Talvez fosse verdade, mas não parecia assim. Sim, eu queria matar Jason, mas agora que ele se foi, eu me sentia vazia por dentro. Um menino estava morto por minha causa – mas não do jeito que eu esperava.

Oh, eu matei Ceifadores antes em batalha, e até usei minha psicometria para tirar toda a magia e a vida de Preston Ashton para que eu pudesse curar a ferida mortal que ele fizera em mim. Fiz algumas coisas no calor do momento, porque era eles ou eu, e eu queria apenas sobreviver, como havia dito. Mas isso – isso era diferente. Jason tinha livre arbítrio, o mesmo livre arbítrio que todos tínhamos, o mesmo livre arbítrio que Nike e Metis sempre seguiam e continuavam falando. Mas eu o obriguei a escolher entre se entregar ou morrer – e ele escolheu a morte. Eu não sabia se isso era melhor ou pior, mas agora parecia pior.

— Gwendolyn, — Nickamedes disse, agitando a mão para mim. — Venha aqui, por favor.

Suspirei e olhei para Vic, depois Oliver e Nyx.

— Ótimo. Não só esse menino está morto, mas agora provavelmente vou ter outro sermão de Nickamedes sobre arruinar a paz e tranquilidade de sua preciosa biblioteca.

Oliver sorriu para mim. — Isso é para o seu bem, Cigana.

Eu o golpeei no ombro enquanto passava. — Cale-se, Espartano.

Caminhei até Nickamedes. Ele murmurou algo em seu telefone, depois o fechou e colocou no balcão. Ele estendeu a mão e tirou um pouco de suor da testa, como se estivesse quente.

— Acabei de sair do telefone com Aurora, — ele disse, referindo-se a Professora Metis. Sua voz tomou uma nota áspera. — Ela está a caminho. O que aconteceu? O que te sugere que o menino era um Ceifador? E você realmente teve que persegui-lo através da biblioteca?

Suspirei. Lá estava. O começo do sermão que eu conhecia estava chegando. Não havia nada para fazer agora além de ouvi-lo, então eu passei pelo balcão, deslizei Vic em sua bairra e apoiei a espada ao lado da cesta de Nyx.

Nickamedes respirou fundo. — Porque eu tenho que dizer que você não apenas aborreceu seus colegas estudantes, mas também...

E continuou a partir daí. Como eu perturbava a atmosfera pacífica e estudiosa da biblioteca. Como atrapalhei os outros estudantes. Como coloquei meus colegas de classe em perigo perseguindo o Ceifador em vez de alertar calmamente alguém de que eu suspeitava que havia um cara mal na biblioteca.

— E o mais importante, você não me esperou, — Nickamedes disse. — Eu teria vindo e te ajudado se você tivesse esperado...

O bibliotecário parou no meio da frase. Continuei olhando para o balcão de registro, esfregando meu polegar em uma mancha na madeira. Aprendi que era melhor manter minha boca fechada até Nickamedes ter terminado de falar. Para deixá-lo tirar tudo de seu sistema em uma só ocasião.

Como Daphne, sua casca era quase sempre pior do que sua mordida.

Mas em vez de continuar seu pensamento e me dizer quão imprudente eu fui novamente, Nickamedes ficou ali, parado em silêncio. Bati meu dedo no balcão, querendo que ele continuasse com as coisas. Porque, além do sermão dele, eu provavelmente teria que ouvir de vários

outros, inclusive um de Alexei. O Bogatyr ficaria chateado por não estar por perto para me proteger de Jason e sua trama mortal...

Nickamedes sugou outro suspiro. Pensei que ele finalmente recomeçaria seu discurso, mas ainda assim, ele não disse nada.

— Gwendolyn... — ele finalmente disse, sua voz ainda mais dura e áspera do que antes. — Você terá que me desculpar. Não me sinto... muito bem..

Meu olhar se dirigiu até o seu rosto. Notei mais gotas de suor em sua testa, o rubor forte em seu rosto e o movimento fraco de sua garganta e estômago. Seus olhos azuis pareciam opacos e sem foco, e ele balançava de um lado para o outro, como se tivesse dificuldade em manter o equilíbrio.

— Nickamedes? — Chamei. O bibliotecário entrou em colapso sem mais uma palavra.

— Nickamedes? Nickamedes!

Corri em torno do balcão de registro e caí de joelhos ao lado do bibliotecário.

— Nickamedes? O que está errado? Você está bem?

Meu olhar pegou um pedaço de plástico que havia rolado para debaixo do balcão – a garrafa de água que eu vi na mão do bibliotecário quando eu estava perseguindo Jason. A garrafa estava vazia agora, a água acumulada debaixo do balcão. Um sentimento doentio encheu meu estômago, e voltei para Nickamedes.

— A água, — perguntei, me inclinando e balançando seus ombros para tentar fazê-lo falar comigo. — Você tomou um pouco da sua água nos últimos minutos?

— Tomei apenas... um gole... — ele murmurou, sua cabeça caindo de um lado.

Envenenado... Nickamedes foi envenenado.

Ele deve ter tomado um gole da bebida de sua própria garrafa de água envenenada enquanto eu corria pelo primeiro andar e através das estantes. Estava tão focada em tentar impedir Jason que nunca considerei que alguém – Nickamedes – poderia beber a água envenenada.

Por um momento, minha mente ficou completamente, totalmente vazia. Não havia nada além do medo e terror. Então o momento passou, as engrenagens na minha mente começaram a se mover novamente, e tudo o que eu poderia pensar era que essa coisa terrível aconteceu – por minha causa.

— Metis! — Gritei. — Alguém deve chamar a Metis!

— Gwen? — Oliver perguntou, olhando pelo balcão, ainda segurando Nyx. — Qual o problema?

— Nickamedes bebeu a água envenenada. Vá buscar Metis! Agora!

Os olhos de Oliver se arregalaram, e ele se apressou. Tudo o que eu podia fazer era me inclinar sobre Nickamedes de novo.

O bibliotecário olhou para mim. — Não... sua culpa... — Ele balbuciou.

Balancei a cabeça. — Não tente falar. Guarde sua força. Metis estará aqui a qualquer momento e ela irá curar você.

Nickamedes me deu um sorriso fraco. — Não há muito... que ela possa fazer... contra o veneno...

Mordi o lábio para não gritar. Em vez disso, eu me acalmei e conversei com Nickamedes, dizendo o quão feliz ele deveria estar por eu perseguir o Ceifador através da biblioteca desta vez, em vez de derrubar algumas das estantes como fiz no passado. O bibliotecário olhou para mim, mas seus olhos pareciam ficar mais e mais brilhantes com cada segundo que passava. Eu não sabia se ele me ouvia ou não, mas continuei com meu constante fluxo de conversas.

Ouvi um murmúrio e levantei meu olhar do rosto de Nickamedes o suficiente para ver o Treinador Ajax ordenando a Aiko e aos outros guardas do Protetorado para formar um semicírculo ao redor do balcão, dar as costas, e tirar suas armas como se mais Ceifadores pudessem atacar a biblioteca. Mas não... os Ceifadores já fizeram o dano que queriam esta noite. Riso amargo borbulhou na minha garganta como ácido, mas consegui engoli-lo.

Não sei por quanto tempo eu fiquei ali, balbuciando bobagens para Nickamedes, mas finalmente – *finalmente* – ouvi passos correndo. Um segundo depois, Metis estava lá, junto com Daphne, Carson e Alexei.

Metis caiu de joelhos do outro lado de Nickamedes e pegou a mão dele. Um segundo depois, um brilho dourado envolveu-os quando Metis canalizou seu poder de cura para o bibliotecário doente.

Daphne colocou as mãos nos meus ombros e me levantou.

— Vamos, Gwen, — ela disse. — Deixe Metis fazer o trabalho dela.

Daphne manteve o braço em volta dos meus ombros, e nós observamos Metis trabalhar em Nickamedes. O bibliotecário não tinha ferimentos visíveis, então eu não conseguia ver suas feridas se curando e desaparecendo como quando Metis usava sua magia para curar cortes e arranhões. A única coisa visível era o brilho dourado que fluía de Metis para Nickamedes e de volta.

Minutos passaram. Ninguém se moveu. Ninguém falou.

Finalmente, Metis soltou a mão dele, e o brilho dourado e curativo de sua magia desapareceu. Olhei para Nickamedes. Ele já não suava, e seus olhos estavam fechados, como se estivesse dormindo calmamente. Soltei um silencioso suspiro de alívio. Assim como Daphne e o resto de meus amigos. Nickamedes ficaria bem agora...

Metis se apoiou contra um dos carrinhos de metal, seus ombros caídos e exaustos, com linhas profundas ao redor de sua boca. Seus cabelos pretos não tinham seu ondulado habitual, sua pele bronzeada parecia naturalmente pálida, e ela parecia quase tão doente quanto Nickamedes quando ele entrou em colapso.

Eu franzi o cenho. Nunca vi Metis parecer tão cansada após curar alguém. Oliver deve ter colocado Nyx no chão em algum momento enquanto Metis curava o bibliotecário, porque o filhote pulou na ponta das patas e tentou lambe a mão da Professora. Metis sorriu e coçou a cabeça de Nyx, mas de alguma forma, ela parecia ainda mais cansada do que antes.

— Professora? — Perguntei. Metis olhou para Nickamedes, um olhar preocupado em seu rosto.

— Ele está estável... por enquanto.

Aquele sentimento doentio voltou a revirar o meu estômago novamente, sufocando a esperança que eu senti um momento atrás.

— Por enquanto? O que isso significa?

Ela olhou para mim; dor, cansaço e tristeza brilhando em seus olhos verdes. — Isso significa que, se não conseguirmos descobrir o tipo de veneno usado pelos Ceifadores, Nickamedes morrerá.



Nickamedes? Morrer?

Impossível. Não parecia real. Ele não podia morrer. Assim não. Não quando o Ceifador havia tentado *me* matar.

Por um momento, eu balancei de um lado para o outro, como o bibliotecário fizera. Então todas as emoções sumiram, toda a dor, o medo e a preocupação que senti nessas últimas semanas, desapareceram na bola ardente de raiva que rugiu para a vida no meu peito. Os Ceifadores já haviam tirado minha mãe de mim. A mãe de Nyx, Nott. Logan. Eles não tirariam mais ninguém – não se eu pudesse evitar.

Afastei os ombros do braço de Daphne, fiquei de joelhos, e olhei debaixo do balcão.

— Gwen? — Perguntou Daphne. — O que você está fazendo?

Não respondi. Havia apenas uma coisa na qual eu estava concentrada agora – a garrafa de água de Nickamedes.

Usei a borda da minha blusa de capuz para tirar a garrafa das sombras, com cuidado para não tocar em nenhuma parte da água que vazou. O plástico rolou para o lado direito, ao lado do banquinho em que eu sempre sentava quando estava trabalhando na biblioteca. Antes que

alguém pudesse me perguntar o que estava fazendo, agarrei a garrafa de água, fechei os olhos e alcancei minha magia.

Eu estava vagamente consciente que alguém, talvez Carson, ofegou, mas ignorei o choque dos meus amigos e foquei na garrafa. Mas só vi as mesmas coisas que eu havia visto da sacada – Jason Anderson colocando o veneno na água. Concentrei, e, um momento depois, o rosto de Nickamedes encheu minha mente, junto com a lembrança dele pegando a garrafa e tomando um gole.

Ele apenas começou a colocar a garrafa em seus lábios uma segunda vez quando algo chamou sua atenção – eu gritando sobre o Ceifador. Depois disso, tudo o que senti foi sua surpresa e confusão sobre porquê eu estava lutando contra um garoto no meio da biblioteca. A imagem final foi de mim tirando a garrafa da mão dele, não percebendo que já era tarde demais...

Isso era tudo o que havia. Apenas uma série de eventos. Nada útil, como por que Jason tentou me matar ou que tipo de veneno ele usou.

Abri os olhos e me levantei, a garrafa vazia apertada na minha mão. Olhei para ela por um momento, então me virei e a joguei contra a parede de vidro o mais forte que pude. Mas, claro, o plástico apenas ricocheteou e atravessou o chão, aumentando minha raiva e frustração.

Fiquei ali, irritada por um momento, antes de sair, marchar pelo corredor e me dirigir para a parte de trás da biblioteca.

— Gwen? Gwen! — Daphne gritou. — Aonde você vai?

— Você verá. — Respirei fundo e comecei a correr.

Eu sabia o que eu precisava fazer agora, e não queria que meus amigos tentassem me impedir. Corri por entre as estantes, empurrei meu ombro em uma das portas laterais para abri-la, e corri para fora. Então descí as escadas mais próximas e atravessei o quadrilátero.

O garoto Ceifador morto estava na mesma posição que antes, embora agora dois guardas do Protetorado vestindo túnicas cinza estivessem de pé sobre ele. Os guardas deixaram de falar ao me verem correndo para eles. Eu os ignorei e caí de joelhos ao lado de Jason, a neve fofa derretendo no meu jeans.

— Gwen! — Oliver gritou atrás de mim. — Não! É muito perigoso! Não faça isso!

Mas ele estava muito atrasado, e eu não me importava o quão perigoso era. Peguei a mão de Jason e deixei as memórias virem.

Jason Anderson estava morto há mais de vinte minutos, e grande parte do calor já saíra do corpo dele, junto com suas memórias. Mas segurei sua mão mais forte e me concentrei nas poucas imagens que permaneceram.

A maioria das cintilações e flashes era dele lutando e atravessando a biblioteca, tentando fugir de mim e de Oliver. Concentrei nas imagens, mas tudo o que encheu a mente de Jason era uma mistura de raiva por não ter sido capaz de me envenenar e seu crescente medo de que ele não poderia escapar e que havia apenas uma opção para ele – usar o último saquinho de veneno.

Ele sabia que seria mais gentil do que o que Vivian, Agrona, e os outros Ceifadores fariam com ele caso relatasse seu fracasso.

Meu estômago revirou com sua determinação sombria de fazer o que fosse necessário para evitar a captura, mas eu me obriguei a apertar a sua mão na minha e ir muito mais fundo no que restava de suas memórias. Era quase como assistir um filme ao contrário. Jason morreu, foi perseguido pela biblioteca, envenenou as garrafas de água e caminhou até o balcão de registro.

Novamente, não vi nem senti nada que eu já não soubesse, e as memórias ficavam mais fracas e mais nebulosas a cada segundo que passava.

Eu estava prestes a admitir derrota e soltar a mão dele quando uma memória final apareceu na minha cabeça – ele sentado em uma mesa de estudo olhando em um livro de referência. Quase deixo a imagem normal deslizar e desaparecer na crescente escuridão de sua mente quando uma onda de emoção me atingiu – seu coração acelerando de emoção.

Franzi a testa. Por que Jason ficaria tão emocionado de olhar em um antigo livro de referência chato? Eu adorava livros, mas mesmo assim não me excitava com algo assim.

Então agarrei a memória, puxando todos os detalhes que eu conseguia. Jason na verdade não leu o livro, pois continuou dando alguns olhares ao redor, ele segurava sua respiração esperando que ninguém percebesse o livro ou o que ele fazia. Toda vez que olhava para o livro, ele passava alguns parágrafos, então acenava com a cabeça, como se já tivesse memorizado a informação e estava revendo mais uma vez para algum teste importante... como me matar. Parecia que ele tentava memorizar o livro e depois deliberadamente olhava para longe, embora eu não conseguisse imaginar o porquê. Então, me forcei a me concentrar por mais tempo, tentando ver cada pequeno detalhe e aprender o máximo das páginas abertas na frente dele.

Era um livro grosso, antigo, empoeirado e desgastado. Provavelmente, um volume obscuro de referência que era tirado da prateleira uma vez por ano, quando algum garoto precisava de um peso de papel. Não muito útil, já que havia centenas de milhares de livros na biblioteca. Eu poderia procurar por um ano e não encontrar o livro.

Na próxima vez que olhei para o livro, notei que o canto da página superior direita foi dobrado, e que algumas frases naquela página foram destacadas com um marcador vermelho. Meu olhar se aproximou. Nickamedes não gostaria disso. Eu o ouvi dar a mais de um aluno um sermão sobre páginas dobradas e marcadores de texto.

Meu coração apertou ao pensar em Nickamedes, mas continuei concentrada. Jason voltou a olhar o livro e vi algum tipo de planta na página à esquerda, embora eu não tivesse ideia de qual tipo flor, ervas ou ervas daninha poderia ser.

O coração de Jason acelerou muito mais, e ele fechou o livro, estremecendo com o barulho. Sua mão estava em cima da capa, escondendo o título, embora eu conseguisse ver duas palavras douradas impressas no gasto couro marrom – *Plantas e Venenos*.

Nenhuma grande surpresa nisso. O que era uma surpresa foi a próxima imagem que surgiu na minha mente – uma do meu próprio rosto.

A visão me assustou tanto que quase perdi o resto da memória, mas consegui me segurar nisso. Eu estava empurrando um dos carrinhos de metal estridentes pelo corredor principal, indo para as estantes, a fim de poder guardar mais livros. Jason levantou, caminhou e me entregou o livro.

— Você se importaria de guardar isso? — Ele perguntou.

— Claro, — eu me ouvi dizer. — Apenas adicione-o à pilha.

Mais raiva explodiu em mim. Era ruim o suficiente que Jason tivesse tentado me envenenar e tivesse feito com que Nickamedes ficasse doente. Mas, além disso, me pede para guardar o livro que ele usou para tramar minha morte? Isso era frio, até mesmo para os Ceifadores.

Na memória, Jason sorriu para mim. Empurrei o carrinho para além dele, mas ele continuava me observando. Depois de um tempo, ele voltou para a cadeira, feliz com o pensamento de que eu estaria morta antes que a noite acabasse...

A memória piscou e desapareceu. Eu continuava alcançando minha psicometria, tentando voltar ainda mais para os pensamentos de Jason, mas não restava nada além de escuridão. Então fui em frente, ordenando todas as imagens e sentimentos novamente, mas não havia nada de novo. Apenas as mesmas lembranças que vi anteriormente de Oliver e eu perseguindo-o; seu último e horrível ato de envenenar-se; e a queimação, dor pulsante e agonizante que se seguiu. Depois de mais alguns segundos, mesmo aqueles pensamentos e sentimentos desapareceram, e eu sabia que não descobriria mais nada do garoto morto.

Abri meus olhos, abaixei a mão fria de Jason, levantei e voltei para os degraus. À essa altura, Daphne, Carson e Alexei se juntaram a Oliver, e os quatro me seguiram enquanto eu subia os degraus, em direção à porta lateral e voltava para a biblioteca.

— Gwen? — Daphne perguntou. — Desacelere e fale com a gente. Você está agindo como uma pessoa louca.

Soltei uma risada dura e frágil. — Louca? Você ainda não viu meu lado louco. E nem os Ceifadores.

As faíscas de magia cor-de-rosa explodiram das pontas dos dedos da Valquíria como fogos de artifício, me deixando saber o quanto ela estava preocupada comigo. Ela mordeu o lábio e começou a andar ao meu lado.

— Você assumiu um grande risco ao tocar o Ceifador assim, — Oliver disse, sua voz fria, cortada e irritada. — Eu lhe disse anteriormente que não sabíamos o que mais poderia ter nisso. Mas você continuou e fez isso de qualquer maneira, Gwen, assim como você sempre faz. E para que?

Parei e girei para que eu estivesse cara a cara com ele. — Por *Nickamedes*. É por isso que fiz isso. Simplesmente, eu faria o mesmo se fosse um de vocês envenenado no chão ao invés dele.

Oliver estremeceu, mas não terminou de discutir comigo. — Sua morte por ser imprudente não ajudará *Nickamedes*.

— Eu não vou me matar, — gritei. — Estou tentando descobrir o tipo de veneno que o Ceifador usou. E se eu tiver que ser imprudente para fazê-lo, bem, que seja assim. Tudo o que me interessa agora é salvar *Nickamedes*. Então você pode me ajudar, ou pode sair do meu caminho. O que vai ser, Espartano?

Oliver olhou meus punhos fechados, meus ombros rígidos, meus olhos estreitos, meu rosto corado. Depois de um momento, seu olhar suavizou com compreensão.

— Tudo bem, — ele disse, estendendo as mãos para os lados em um gesto apaziguador. — Tudo bem. Você ganha. Você apenas... eu me preocupo com você, Gwen. Todos nos preocupamos.

Olhei para meus amigos. Daphne e suas faíscas rosa. Alexei e suas feições estóicas e impassíveis. Carson e a preocupação que escureceu seus olhos escuros. Oliver e a tensão que apertava seu rosto.

Respirei fundo para acalmar minha raiva e lentamente deixá-la sair. — Você está certo. Foi imprudente. Eu sei que assustei você, mas era a única maneira de descobrir o tipo de veneno que o Ceifador usou.

— E você descobriu? — Carson perguntou, examinando os flocos de neve que estavam presos as lentes de seus óculos.

— Ainda não, — eu disse. — Mas eu vou. Agora, vamos lá. Temos trabalho a fazer.



8

Meus amigos e eu voltamos para a parte principal da biblioteca. Nesse ponto, os guardas do Protetorado tinham movido Nickamedes para fora do balcão e o colocaram em cima de uma das mesas de estudo. Os olhos do bibliotecário ainda estavam fechados, e seu rosto estava calmo, como se estivesse tirando uma soneca – mas eu sabia melhor. Metis estava de pé ao lado dele, segurando a mão dele. Mais uma vez, o brilho dourado de sua magia curativa envolveu os dois.

Observei por um segundo mais, depois passei por eles.

Dei a volta ao redor do balcão de registro, sentei no meu banquinho e liguei o sistema informático da biblioteca. Vic ainda estava apoiado perto da cesta de Nyx.

O olho violeta da espada abriu, e ele me observou com uma expressão séria, mas não disse nada. Nyx se enrolara em sua cesta novamente, levantou a cabeça e soltou um rosnado preocupado, sentindo a tensão no ar.

— Gwen? — Alexei perguntou, seu sotaque russo um pouco mais pronunciado do que o habitual. Seus olhos castanhos fixos no meu rosto.

— Você quer nos dizer o que está fazendo agora?

— O que Nickamedes me ensinou a fazer, — murmurei, voltando a olhar para a tela do computador.

— E o que seria isso exatamente?

— O Ceifador tinha um livro na biblioteca mais cedo esta noite. — Eu disse. — Antes de envenenar as garrafas de água. Vou encontrar esse livro e ver o que ele estava procurando nele.

— Como podemos ajudar? — Carson perguntou.

A voz suave do nerd da banda penetrou na minha raiva, medo e preocupação. Olhei para cima e percebi que todos os meus amigos estavam na frente do balcão. Daphne. Carson. Oliver. Alexei. Todos prontos e dispostos a fazer o que eu pedisse a eles. E percebi que eles estavam tão preocupados com Nickamedes quanto eu – e que não precisava fazer isso sozinha.

Peguei uma caneta e um pedaço de papel, escrevi meu login e senha e entreguei para Daphne.

— Aqui. Comece a pesquisar no catálogo dos livros da biblioteca. Procure qualquer coisa com as palavras *Plantas* e *Veneno* no título. Era o que o Ceifador estava olhando, e estou disposta a apostar que é de onde ele tirou a ideia de qualquer veneno que ele usou.

Ela pegou o papel. — Certo. Não deve ser muito difícil para mim descobrir como melhorar o programa de pesquisas e tornar as coisas um pouco mais rápidas.

— Você é a nossa gênio do computador, — Carson disse.

Daphne sorriu. — Você não sabe disso, querido.

Ela se inclinou e plantou um beijo forte e estalado na bochecha dele, então contornou o balcão, arrastou um banquinho para o computador mais próximo, e o acessou. Um momento depois, ela começou a digitar furiosamente, faíscas cor-de-rosa explodindo da ponta dos seus dedos com cada tecla que atingia.

— E nós? — Carson perguntou. — O que você quer que nós façamos?

— Quando Daphne compilar a lista, nós podemos nos espalhar e começar a tirar os livros das prateleiras, — eu disse.

— Vamos trazer os livros para o centro da biblioteca, olhá-los e ver se algum deles combina com o livro que vi o Ceifador olhando fixamente. Esperemos que, uma vez que encontremos o livro, possamos encontrar o veneno que ele usou... e também o antídoto.

A biblioteca ficou quieta enquanto trabalhávamos. O Treinador Ajax e os guardas do Protetorado ainda estavam agrupados em torno de Metis e Nickamedes, então ninguém prestou atenção em nós. Eles provavelmente pensavam que estávamos desperdiçando nosso tempo.

Talvez estivéssemos, mas era a única coisa que eu pude pensar em fazer para ajudar o bibliotecário. Eu trabalhava na Biblioteca das Antiguidades há meses. Certamente, todas essas longas horas encontrando materiais de referência, guardando livros nas prateleiras e limpando os artefatos precisavam valer *alguma coisa* – e esperava que fosse o suficiente para salvar Nickamedes.

Daphne levou apenas dez minutos para compilar uma lista de todos os livros com as palavras *Plantas* e *Venenos* no título. Infelizmente, havia dezenas deles espalhados por todo o primeiro andar. Dividi a lista de Daphne em cinco seções e entreguei um pedaço a todos. Cada um de nós pegou um carrinho de metal e entrou nas estantes.

Corri de um corredor para o próximo, agarrando todos os livros na minha lista e colocando-os no meu carrinho. Quando meu carrinho estava cheio, o empurrei para o centro da biblioteca. Carson e Oliver já estavam lá, parados ao lado de uma mesa de estudo coberta de livros. Os rapazes folheavam os livros um a um e depois jogando de lado quando se tornava evidente que não era o que procuramos.

Nickamedes teria tido um ataque se visse como os rapazes lançavam casualmente os livros para a mesa de estudos mais próxima – e o fato de que mais do que alguns perderam a marca e caíram no chão. Mas os livros se recuperariam de serem lançados – o bibliotecário não, se não descobríssemos o veneno que o Ceifador usou.

— Lembrem-se, — eu disse. — Procure por algumas marcações em vermelho e páginas com orelhas. Foi o que vi no livro de Jason.

Carson e Oliver assentiram e voltaram a folhear os livros e jogá-los de lado. Juntei meus livros na pilha que eles fizeram e empurrei o carrinho vazio de volta para as estantes.

Para cima e para baixo, para frente e para trás, eu passei pela biblioteca o mais rápido que pude. De vez em quando, avistei Daphne fazendo o mesmo, seu rabo de cavalo loiro balançando de um lado para o outro, ou Alexei se movendo suavemente de um corredor para o outro, com os cabelos castanhos escuros brilhando sob as luzes da biblioteca. Meus amigos acenaram, mas nenhum de nós parou de correr – nem mesmo por um segundo.

Não havia tempo para isso – não quando a vida de Nickamedes dependia de encontrarmos uma resposta. Não sei por quanto tempo eu andei pelas estantes, pegando livro após livro. Concentrei um pouco sobre eles um momento, mas eles eram apenas materiais de referência. Ninguém tinha nenhum apego emocional real a eles, o que significava que não obtive grandes flashes com minha psicomетria. Tudo o que vi eram as centenas de alunos que tocaram os volumes ao longo dos anos, e tudo o que experimentei foi tédio supremo, cansaço e frustração com os livros para acabar com a lição de casa.

Claro, todas aquelas ondas de cansaço e frustração não me fizeram sentir melhor, e os meus movimentos se tornaram mais apressados, estranhos e frenéticos, enquanto meu medo e preocupação por Nickamedes aumentava. Mas não havia nada que eu pudesse fazer, a não ser continuar me movendo, pegando livros e tocando-os. Finalmente, eu cheguei ao último livro da minha parte da lista. Eu o achei facilmente e o agarrei da prateleira...

Uma imagem do garoto Ceifador apareceu na minha mente.

Fiquei tão surpresa que quase deixei o livro cair, mas consegui segurá-lo no meu peito. Fechei meus olhos e me concentrei, e vi o mesmo que eu havia visto antes – Jason se debruçando sobre o livro em uma das mesas de estudo. Era isso. Este era o livro que ele estava olhando.

Abri os olhos e olhei para o título na capa marrom: *Cura, Medicina e Propriedades Venenosas das Plantas Mitológicas*.

Com meus dedos tremendo, abri o livro e folheei as páginas até chegar à passagem que Jason havia destacado em vermelho:

Serket sap é uma planta perene que é conhecida no mundo mitológico por suas intensas propriedades venenosas. É nomeada em homenagem a deusa egípcia que está associada com venenos.

Secket sap pode ser administrado de várias maneiras, incluindo a fervura para criar um líquido verde escuro, mas o método mais popular envolve a secagem das folhas e raízes da planta e, em seguida, esmagá-las em pó branco fino para usá-lo mais facilmente...

Olhei para a página esquerda e a imagem da pequena planta verde, que se assemelhava a um pinheiro em miniatura com folhas e galhos brotando de seu tronco marrom fino. Parecia inofensivo, mas de acordo com essa descrição, era tudo, menos isso.

Fechei o livro, me afastei do carrinho, e corri até as mesas de estudo. Nesse momento, mais guardas do Protetorado se reuniram na biblioteca, mas passei por eles até onde Metis ainda estava de pé ao lado de Nickamedes.

— Aqui, — eu disse, empurrando o livro nas mãos dela. — Isso é o que eles usaram para envenenar Nickamedes... Serket sap.

Metis olhou para mim, seus olhos verdes afiados. — Você tem certeza? — Assenti. — Este é o livro que vi o garoto Ceifador olhando. Este é o veneno que ele usou. Deve ser. Olhe para esta página no meio.

Metis abriu o livro na página certa, e apontei para o desenho e a passagem em destaque. Meus dedos escovaram os dela e minha psicometria entrou, me deixando sentir a preocupação de Metis por Nickamedes – e outra coisa que eu nunca teria adivinhado.

Fiquei gelada, me perguntando se eu estava imaginando coisas, mas as emoções me inundaram novamente, ainda mais fortes do que antes. O medo frio e agitado de Metis de que ela não seria capaz de salvar

Nickamedes misturado com um sussurro suave e efervescente que só poderia significar uma coisa – amor.

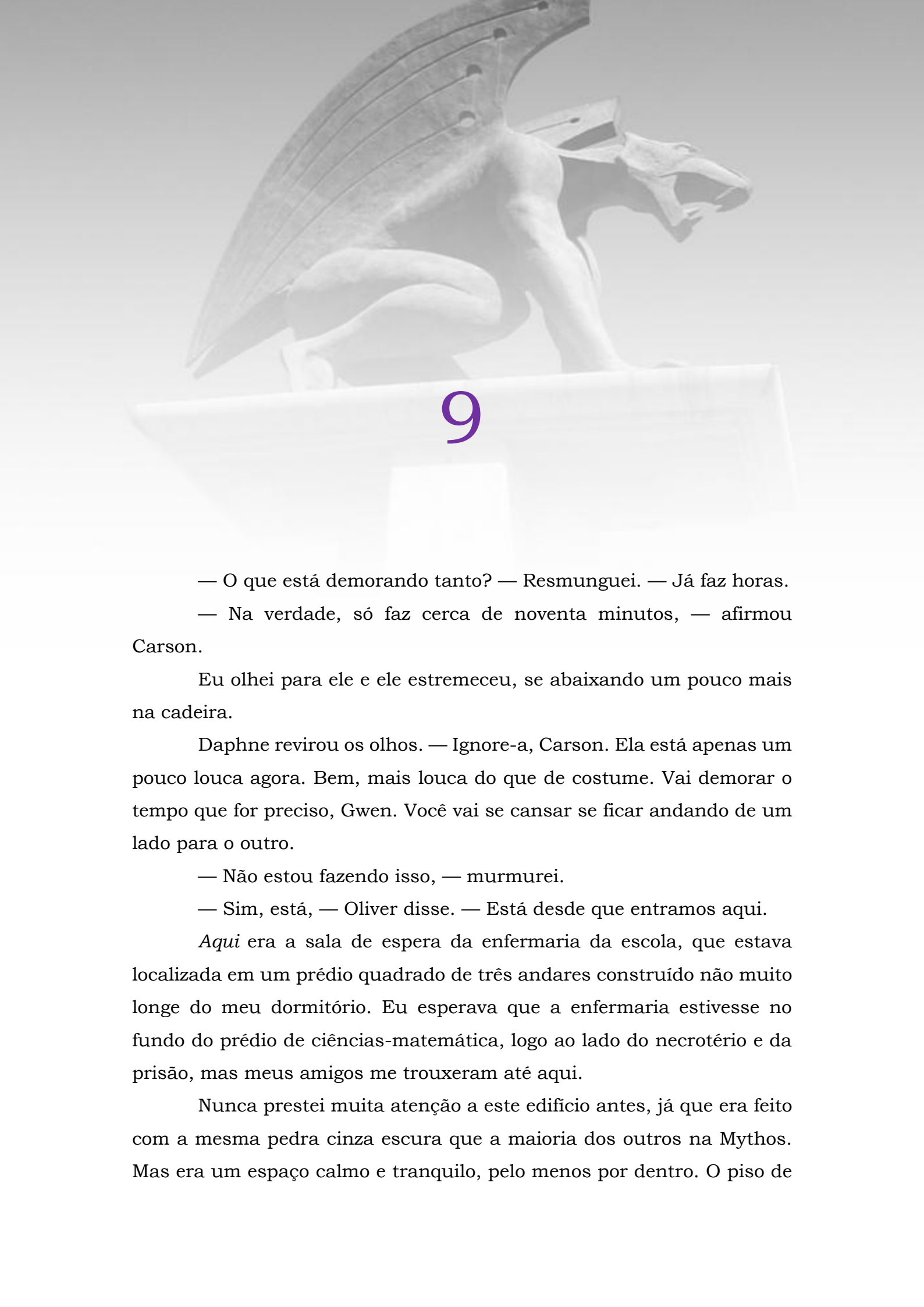
Metis? Apaixonada por Nickamedes? Quando aconteceu isso? E como? Eu estava tão chocada que afastei minha mão da dela. A Professora assentiu e fechou o livro. Ela não pareceu perceber que eu a tocara – e o que eu senti.

— Certo. Obrigada, Gwen. Assumimos daqui.

Metis voltou-se para o Ajax. — Vamos. Precisamos levar Nickamedes para a enfermaria para encontrar um antídoto.

Ajax assentiu, e vários guardas do Protetorado avançaram. Eles ajudaram Ajax a transferir Nickamedes para uma maca plana e plástica, do tipo que os paramédicos usam, amarraram-no e levantaram a maca até os ombros, como se ele fosse um antigo rei sendo transportado. Um momento depois, os guardas deixaram a biblioteca, levando Nickamedes junto com eles.

E tudo o que eu podia fazer era ficar lá, observando-os e esperar que ele ficasse bem.



9

— O que está demorando tanto? — Resmunguei. — Já faz horas.

— Na verdade, só faz cerca de noventa minutos, — afirmou Carson.

Eu olhei para ele e ele estremeceu, se abaixando um pouco mais na cadeira.

Daphne revirou os olhos. — Ignore-a, Carson. Ela está apenas um pouco louca agora. Bem, mais louca do que de costume. Vai demorar o tempo que for preciso, Gwen. Você vai se cansar se ficar andando de um lado para o outro.

— Não estou fazendo isso, — murmurei.

— Sim, está, — Oliver disse. — Está desde que entramos aqui.

Aqui era a sala de espera da enfermaria da escola, que estava localizada em um prédio quadrado de três andares construído não muito longe do meu dormitório. Eu esperava que a enfermaria estivesse no fundo do prédio de ciências-matemática, logo ao lado do necrotério e da prisão, mas meus amigos me trouxeram até aqui.

Nunca prestei muita atenção a este edifício antes, já que era feito com a mesma pedra cinza escura que a maioria dos outros na Mythos. Mas era um espaço calmo e tranquilo, pelo menos por dentro. O piso de

mármore branco tinha uma pitada de azul, como veias que corriam perto da superfície da pele de alguém. Ou talvez o brilho de cor fosse simplesmente a pedra refletindo a pintura azul claro que cobria as paredes. Cada parede apresentava várias janelas, enquanto uma série de clarabóias redondas foram colocadas no teto, embora tudo que eu pudesse ver através do vidro agora fosse a escuridão.

Um longo balcão de recepção estava perto da parte de trás de uma sala, com um conjunto de portas duplas por trás disso para os quartos dos pacientes. Aparentemente, administrar a enfermaria era outro dos estranhos trabalhos de Raven. Ela estava sentada atrás da mesa quando chegamos, suas botas pretas apoiadas em cima da madeira lisa. Ela olhou para mim e para meus amigos, e voltou para a revista. De vez em quando, ela virava uma página, mas, além disso, ela ficou em silêncio, como de costume.

Cadeiras brancas de vime com almofadas grossas estavam agrupadas no meio da sala, junto com dois sofás azul xadrez. Daphne e Carson estavam amontoados em um dos sofás, enquanto Oliver e Alexei estavam sentados lado a lado nas cadeiras. Deixei Vic e Nyx no meu dormitório antes de me juntar aos outros. Meus amigos alternaram entre conversar um com o outro e trocar mensagens de texto em seus telefones, mas eu continuava andando.

Ainda assim, com cada volta que eu dava pela sala de espera, meu olhar era inevitavelmente atraído para a pequena estátua de mármore que poderia ser encontrada em todos os lugares, desde os cantos das paredes até às mesas cheias de revistas no lado oposto da mesa de recepção, ao lado do cotovelo de Raven.

A enfermaria era como no refeitório, em que todas as estátuas tinham um tema similar. Mas em vez de Deuses de colheita e de comida que vigiavam os alunos enquanto comiam, aqui na enfermaria, todas as estátuas eram de figuras associadas à cura. Como Apollo e Esculápio, dois deuses gregos. Como sempre, as estátuas pareciam me observar, mas suas expressões estavam fechadas e neutras, e eu não poderia dizer se alguma coisa poderia estar acontecendo com Nickamedes.

Comecei a dar outra volta pela sala, quando um leve tilintar chamou minha atenção. Um momento depois, uma mulher mais velha com cabelos grisalhos e olhos violetas calorosos e gentis atravessou a porta.

— Vovó! — Eu me joguei em seus braços.

Vovó Frost usava um suéter branco com calças pretas e sapatos com a ponta ligeiramente ondulada para cima. Camadas de lenços verdes, roxos e cinza espiaram as várias dobras de seu casaco. Cada um dos lenços tinha moedas de prata amarradas que faziam um som alegre enquanto eu a abraçava forte.

Ela se afastou e embalou meu rosto em suas mãos, e senti uma onda de amor fluir dela e me inundar. De repente, tudo parecia um pouco mais brilhante e mais esperançoso, e eu me senti muito mais calma. Como se tudo ficasse bem agora que ela estava aqui, mesmo sabendo que esse não era realmente o caso.

— Está tudo bem, abóbora, — vovó murmurou, alisando meus cabelos. — Tudo vai dar certo. Você verá.

Seus braços se apertaram ao meu redor, e senti uma força mexer no ar ao redor dela – aquela velha força conhecedora e vigilante, que parecia me abraçar junto com a Vovó Frost.

Como eu, a vovó era uma cigana, o que significava que ela foi dotada de magia pela Nike, assim como eu. No caso dela, esse poder era a capacidade de ver o futuro. Perguntei-me se ela apenas vislumbrara o futuro de Nickamedes, mas quando eu me afastei para perguntar a ela, a força desapareceu e seus olhos eram tão claros quanto os meus, em vez de serem distantes, como se olhasse para algo que apenas ela podia ver.

— Estou feliz que você esteja aqui, — sussurrei.

Vovó acariciou minha mão. — Estou feliz por estar aqui. Agora, conte tudo. Ajax me contou algumas coisas quando ligou, mas eu quero ouvir de você, abóbora.

Eu a levei até um dos sofás da sala de espera. Ela se sentou e pegou minha mão novamente, e contei tudo – incluindo como o Ceifador estava tentando me envenenar em vez de Nickamedes. Minha voz

enfraqueceu um pouco na última parte, mas vovó apertou os meus dedos frios, e outra onda de amor e compreensão passou por mim.

— Não é sua culpa, abóbora, — ela disse. — Nem pelo que aquele garoto fez, e nem por Nickamedes também.

Mordi o lábio e desviei o olhar do dela, não querendo que ela visse a culpa em meus olhos – especialmente quando falou sobre Nickamedes. O bibliotecário costumava estar apaixonado por minha mãe, Grace, e quando eu comecei na Mythos, ele perguntou a Metis se poderia me designar para trabalhar com ele na biblioteca para que pudesse cuidar da mim de certa forma. Não pude deixar de pensar que ele não deveria ter feito isso. Ele teria ficado muito melhor se eu não estivesse lá esta noite, se eu nunca tivesse pisado na biblioteca para começar...

Uma das portas duplas que levavam para dentro da enfermaria se abriu, e Metis entrou na sala de espera. Todos nos levantamos e avançamos, se agrupando em torno dela.

— O que aconteceu?

— Você tirou o veneno do sistema dele?

— Nickamedes ficará bem?

Uma após a outra, as perguntas caíram dos nossos lábios. Metis levantou as mãos, e lentamente nos acalmamos.

— Descobrir o veneno que o Ceifador usou foi uma enorme ajuda, — ela disse. — Me ajudou a descobrir o melhor curso de tratamento para Nickamedes, incluindo uma maneira de retardar o progresso do veneno.

— Retardar, mas não parar? — Daphne perguntou, pegando o que não foi dito.

Metis suspirou. — Sim, retardar, não parar. Veneno é uma coisa complicada, especialmente um veneno mágico como este. Basicamente, venenos como esses comem toda a magia que você usa para tentar livrar-se deles. O que a magia de cura está fazendo agora é impedindo que a Serket sap cause mais dano a Nickamedes. Mas eventualmente, o veneno construirá uma resistência à minha magia e começará a superá-la. Quando isso acontecer, o veneno seguirá novamente sua progressão

normal e começará a causar mais danos a ele... até que ele finalmente morra disso.

Fechei meus olhos. Eu não estava tocando em nenhum dos meus amigos, mas eu podia sentir a tristeza agonizante ao redor – refletia perfeitamente minhas próprias emoções. Depois de um momento, me forcei a abrir os olhos e a olhar para Metis de novo.

— Então, não há... cura? — Quase não consegui dizer as palavras através do nódulo na minha garganta. — Não há como salvá-lo?

Metis soltou um suspiro um pouco mais triste do que antes.

— Há um antídoto.

— Então, qual o problema? Vá misturá-lo ou fazê-lo ou seja o que for para curá-lo.

Ela balançou a cabeça. — Não é tão fácil. O único antídoto conhecido para a Serket sap é Chloris ambrosia, nomeado em homenagem a deusa grega das flores.

Chloris ambrosia? Nunca ouvi falar disso, e tampouco os outros, a julgar pelos olhares em branco nos rostos dos meus amigos.

— Oh, claro, — Carson exclamou. — É como a madressilva que cresce por aqui. — Todos nós olhamos para Carson, que corou. — Meu pai é dono de vinícolas na Califórnia, — ele disse. — Ele sempre está falando de uvas e plantas e coisas assim.

Metis assentiu. — Está certo. Chloris ambrosia é uma videira florida que é semelhante à madressilva. O único problema é que é muito rara. Na verdade, existe apenas um lugar nos Estados Unidos onde ela cresce... nas Montanhas Rochosas.

— Então, qual é o problema? — Repeti. — Nós vamos até lá, pegamos esta flor, e trazemos para que você possa curar Nickamedes com ela. Sem problemas.

Metis olhou para mim. — O problema é que o único lugar em que a flor cresce está em algumas ruínas no topo de uma montanha da filial em Denver da Academia Mythos.

Alexei estreitou seu olhos cor de avelã. — Você quer dizer as ruínas de Eir?

Metis assentiu novamente, sua boca se apertando em uma linha sombria. Oliver cruzou os braços sobre o peito. Daphne começou a murmurar, enquanto Vovó Frost suspirou, como se soubesse que era o que a Professora diria o tempo todo. Talvez soubesse, com sua habilidade de ver o futuro.

— Ok, então qual é o problema com as ruínas? — Perguntei. — E por que todos fizeram parecer que seria uma péssima ideia ir até lá?

Carson olhou para mim através de seus óculos. — As ruínas de Eir são um lugar de grande poder, de grande magia.

— Então?

— Então... muitas pessoas subiram às ruínas, mas algumas pessoas voltaram... diferentes, — ele disse.

Daphne bufou. — Você quer dizer, a maioria estava tão assustada que tudo o que fizeram foi balbuciar sobre fantasmas e espíritos e como eles mal sobreviveram.

— As ruínas têm uma reputação, — Oliver acrescentou. — Você não vai lá, a menos que precise absolutamente.

— Ok, então, basicamente, as ruínas são uma versão Mythos de uma casa mal assombrada, — eu disse. — E daí? Nós já passamos por pior.

— Não são as ruínas que me preocupam, — Metis disse. — É a armadilha dos Ceifadores.

Nós todos congelamos por um momento.

Finalmente, Alexei falou. — O que você quer dizer? Como poderia ser uma armadilha?

A Professora tirou os óculos de prata e apertou a ponta do nariz. — Porque o veneno está trabalhando lentamente em Nickamedes. O veneno de Serket sap geralmente é fatal dentro de alguns minutos, mas está mais lento do que antes de Nickamedes ter mostrado os sintomas. E agora, minha magia conteve o veneno, mesmo que isso geralmente não seja possível. Eu acho que... eu acho que o Ceifador deu a Nickamedes uma dose pequena e diluída do veneno... de propósito.

— Mas por que os Ceifadores fariam isso? — Oliver perguntou. — Isso não faz sentido.

Pensei novamente em quando eu vi o Ceifador envenenar as garrafas de água e lembrei de algo sobre o qual não pensara antes. Jason usou saquinhos brancos nas garrafas, mas lá fora, ele tinha um saquinho vermelho. E após engolir o veneno, ele morreu em alguns minutos, assim como Metis dissera. Mesmo quando Vivian ligou, ela perguntou se tudo estava pronto, se eu fui envenenada, e não se eu estava realmente *morta*.

Olhei para a Professora e comecei a pegar seu raciocínio. — Jason queria me envenenar, mas não queria me matar, não é? Não imediatamente. Em vez disso, ele queria dar a vocês o suficiente para descobrir o tipo de veneno que ele usou. Talvez seja até mesmo por isso que ele continuou olhando para o livro na biblioteca, para que eu pudesse tocá-lo e vê-lo lendo isso quando vocês finalmente o achassem nas estantes. Ele sabia que vocês iriam se dirigir até as ruínas para encontrar o antídoto, e quando chegassem lá, os Ceifadores estariam esperando.

Metis assentiu. — É o que eu acho. Que os Ceifadores querem nos atrair para as ruínas para que possam atacar.

Fiz uma careta. — Mas por quê? Por que ter todo esse problema quando poderiam nos atacar aqui? Eles já fizeram isso antes.

Quando poderiam simplesmente me matar e terminar com isso.

Esse era o outro pensamento sombrio que encheu minha mente, mas não compartilhei com os outros.

— Para isso eu não tenho uma resposta. — Metis suspirou novamente. — Mas, mesmo que não seja uma armadilha, você não pode simplesmente pegar a flor. A Chloris ambrosia tem propriedades curativas poderosas, mas há um porém... tem que ser colhida sob uma lua da meia-noite. Essa é a única vez que as flores florescem na videira, e as flores são o que eu preciso para fazer o antídoto.

— Então, deixe-me entender isso, — eu disse. — Não temos que apenas chegar às ruínas, descobrir como sobreviver a qualquer feitiço assustador que pode ou não estar lá, e frustrar um provável ataque dos Ceifadores, mas também temos que colher esta flor mitológica

exatamente no momento certo ou Nickamedes irá morrer. Isso resume tudo?

Metis assentiu. — Infelizmente.

Todos ficamos em silêncio mais uma vez, e os únicos sons eram o farfalhar da revista de Raven enquanto ela virava outra página e o bip-beep-bip de um monitor cardíaco em algum lugar mais fundo na enfermaria. Imaginei se esse era o coração de Nickamedes batendo – e quanto tempo seria até que esse som parasse de soar.

Não pela primeira vez esta noite eu desejei que Logan estivesse aqui. Ele não teria podido fazer nada – não mais do que Metis já estava fazendo por Nickamedes – mas o fato de estar aqui teria me ajudado, teria feito com que eu sentisse que as chances não estavam altas contra nós e que, apesar disso, tínhamos a chance de salvar Nickamedes.

Logan não estava aqui, mas eu estava. E eu sabia o que eu deveria fazer – como campeã da Nike, e mais importante, como amiga de Nickamedes.

— Quanto tempo? — Perguntei. — Quanto tempo ele tem?

— Eu não saberei até que possamos fazer mais testes para ver exatamente quanto do veneno ele ingeriu e quão forte, — Metis disse. — Mas eu diria uma semana. Pode ser menos.

Silêncio. Um silêncio completo, absoluto e assustador caiu sobre a sala de espera novamente. Olhei para Metis. A Professora mostrava um rosto corajoso, mas a angústia apertava suas feições. Como não percebi o quanto ela se importava com ele antes? Mais uma vez, eu me perguntei por quanto tempo ela esteve apaixonada pelo bibliotecário – e por que ela não lhe disse como se sentia. Eles seriam um casal perfeito. Mas o amor que Metis tinha por Nickamedes me deixou ainda mais determinada a salvá-lo – por ela.

— Bem, — eu finalmente disse. — Se é uma luta que os Ceifadores querem, então é o que vamos lhes dar.

— Gwen? — Metis perguntou.

Eu me endireitei. — Em quanto tempo podemos chegar a Denver?



10

A resposta à minha pergunta foi várias horas.

Para minha surpresa, Carson fizera todos os arranjos. Aparentemente, seu pai fazia muitos negócios com adegas na Carolina do Norte e nos estados vizinhos, e o Sr. Callahan sempre viajava de um lado do país para o outro. Sorte nossa que o pai de Carson voara alguns dias antes e estava atualmente hospedado em Ashland, visitando algumas vinícolas de lá.

Ele disse a Carson para levar o jato para onde ele precisasse.

Após uma corrida louca de volta aos nossos dormitórios para fazer as malas, fomos ao pequeno aeroporto da Montanha Cipreste e voamos nas primeiras horas da manhã.

Daphne, Carson, Oliver e Alexei tiraram travesseiros e cobertores dos porta malas, deitaram em seus assentos e foram dormir, mas eu fiquei acordada.

Em parte porque nunca voei antes e estava um pouco assustada com toda a experiência, mas principalmente porque eu não queria ter outro pesadelo e despertar todos com meus gritos.

Mas o esgotamento finalmente me alcançou. Em um momento, eu olhava pela janela, me preocupando com Nickamedes e me perguntando

se os Ceifadores realmente capturaram Logan ou não. No seguinte, eu acordei com Daphne de pé sobre mim, balançando meu ombro.

— Acorde, acorde, — ela disse. — Chegamos.

Eu me sentei. Eu usava meu casaco como um cobertor, e ele escorregou do meu peito, pousando no chão.

— Já estamos em Denver?

— Não em Denver, um subúrbio, — Daphne disse. — Ajax nos fez aterrissar aqui porque achou que seria menos óbvio para nós chegarmos do que no aeroporto de Denver. Ele está tentando tirar os Ceifadores do nosso caminho pelo maior tempo possível.

O Treinador Ajax era o único adulto que veio conosco. Metis precisou ficar na academia para que pudesse continuar usando sua magia em Nickamedes e combater o veneno até retornarmos com o antídoto. Vovó Frost também ficou para ajudar Metis e manter um olho em Nyx. Não foi descartada a possibilidade de que os Ceifadores pudessem atacar novamente enquanto estávamos ausentes, e fiquei contente de que a vovó estivesse ajudando Metis. Ainda assim, já sentia a falta dela. Essa era uma missão perigosa, mas eu já não era mais uma garotinha, e não podia ir chorar com minha avó toda vez que algo terrível acontecia. Eu era uma Campeã agora – Campeã de Nike – e deveria impedir que coisas ruins acontecessem – ainda que não tivesse certeza de que eu era a pessoa certa para o trabalho.

Mas eu deveria tentar, por Nickamedes – especialmente quando ele estava sofrendo por minha culpa.

Ajax, Oliver, Alexei e Carson já pegavam suas coisas, então me levantei e fiz o mesmo. Ou pelo menos eu tentei. Precisei esperar Daphne tirar todas as suas malas do caminho primeiro. De alguma forma, ela conseguiu embalar um mês de roupas no tempo que tivemos ao voltar para os nossos quartos e pegar nossas armas antes de sair da academia. Toda a bagagem era rosa, é claro. E combinava com o casaco longo e grosso, luvas, protetores de orelhas e botas que ela estava vestindo, para não mencionar a bolsa de couro pendurada no braço.

— Eu sei que esqueci *algo*, — Daphne murmurou, abrindo e fechando outra de suas malas.

— As únicas coisas em seu armário que você não embalou foram os cabides onde estava tudo isso, — resmunguei. — Não ficaremos fora por muito tempo, sabe.

— E sei que se deve sempre empacotar para todas as situações possíveis, — Daphne fungou.

Revirei os olhos.

Finalmente, Daphne tirou as malas do caminho, e consegui pegar minhas coisas, que estavam enterradas debaixo das dela. Puxei Vic da minha bolsa carteiro. A espada soltou um bocejar alto e abriu os olhos. Então começou a piscar rapidamente e mover a boca para cima, mexendo o queixo de um lado para o outro.

— O que você está fazendo? — Perguntei.

— O que você acha que estou fazendo? Estou tentando abrir meu maldito ouvido, — Vic disse. — A mudança de altitude está me matando, eu digo a você. Me matando!

Eu queria apontar que a espada era quem matava coisas, não o contrário, mas fiquei quieta.

Finalmente, um minuto depois, algo soou no fundo do metal e o rosto de Vic relaxou.

— Isso, — ele disse. — Bem melhor. Agora, hora de cuidar do jet lag. Me acorde quando houver Ceifadores para matar.

Seu olho violeta fechou. Pensei em sacudi-lo para acordá-lo, então ele estaria tão irritado e cansado como eu, mas decidi contra isso. Eu não queria ouvi-lo reclamar todo o caminho até... onde quer que estávamos indo.

Deslizei Vic em minha bolsa carteiro, coloquei no meu ombro, peguei minha mochila cheia de roupas, e desci pela escada do avião com os outros.

O sol estava subindo acima das montanhas, banindo o crepúsculo cinza e lavanda que atravessava o céu. Uma neblina azulada coloria as próprias Montanhas Rochosas, suavizando as bordas afiadas dos picos

altos e acidentados, antes de dar lugar à neve que coroava o topo das montanhas. Minha respiração ficou gelada no ar como uma nuvem de diamantes, e de repente percebi quão gelado estava, mas a paisagem era tão linda que não me importei com o frio.

— Vamos, — Daphne disse. — Pare de admirar. Precisamos nos mover.

Peguei minhas malas e segui os outros pela pista. Nós entramos em um hangar e calor atingiu o meu rosto, afugentando o frio. Nós seguimos atrás do Treinador Ajax, que liderava o caminho. Antes de chegar à porta que nos permitiria entrar no resto do aeroporto, Ajax ergueu as mãos.

— Todos sabemos que os Ceifadores provavelmente já estão nos rastreando, — Ajax retumbou com sua voz profunda. — O que não sabemos é o número de espiões que os Ceifadores têm, quem eles podem ser, ou quando podem decidir atacar. Então cuidem uns dos outros... agora mais do que nunca. Eu quero vocês juntos em todos os momentos com suas armas à mão. Não se separem.

— Por que eles pensam que estamos aqui? — Perguntei. — E onde é aqui?

— Nós vamos à filial em Denver da Academia Mythos, — Ajax disse. — Está localizada mais acima nas montanhas, em um subúrbio chamado Snowline Ridge. Devemos chegar quando as aulas estiverem começando. Levaremos o dia para nos preparar, depois iremos para as Ruínas Eir amanhã.

— E o que você disse às pessoas na academia sobre o porquê de aparecermos de repente? — Alexei perguntou.

Ajax encolheu os ombros. — Que esta é uma viagem de campo especial para estudantes que estão interessados em se transferir para a filial em Denver. Nós fazemos isso de vez em quando.

— No meio do semestre de inverno? — Oliver perguntou. — Você não acha que é um pouco fraca essa desculpa?

O Treinador encolheu os ombros novamente. — Foi a melhor desculpa que Metis e eu conseguimos dar em tão pouco tempo. Além

disso, os Ceifadores sabem por que estamos aqui. Não há nada que possamos fazer sobre isso.

Ele estava certo. Os Ceifadores queriam que viéssemos aqui, e agora, tudo o que restava fazer era ver como as coisas se desenrolavam e tentar sobreviver a qualquer armadilha que os Ceifadores tivessem em mente.

Atravessamos o aeroporto e saímos para uma estação de aluguel de carros. Ajax deve ter ligado antes, porque um Cadillac Escalade preto estava esperando na calçada. Ajax assinou alguma papelada, pegou as chaves de um dos trabalhadores e ficou ao volante. Alexei entrou no banco do passageiro da frente. Oliver e eu nos sentamos na fila do meio, com Daphne e Carson na parte de trás.

Ninguém falou enquanto Ajax se afastava do aeroporto; estávamos todos ocupados olhando pelas janelas, já procurando os Ceifadores que nós conhecemos. Mas tudo o que vimos foram casas modestas e ruas tranquilas.

Estávamos dirigindo por cerca de dez minutos quando o telefone de Oliver emitiu um sinal sonoro, e ele o puxou do bolso, olhando para a tela.

— Quem é? — Perguntei. Ele digitou uma mensagem rápida. — Apenas Kenzie, querendo saber se aterrissamos.

Kenzie Tanaka era outro dos nossos amigos Espartanos na Mythos. Ele ficou para ajudar Metis com Nickamedes, então fazia sentido que ele enviasse mensagens de texto para Oliver, querendo uma atualização.

— Como está Nickamedes?

Oliver bateu mais alguns botões em seu telefone, enviando minha pergunta. Bipou novamente um minuto depois.

— Na mesma, de acordo com Kenzie. Tudo está quieto lá até agora.

Soltei um suspiro. Bem, pelo menos ele não piorou. Se tudo acontecesse de acordo com o plano de Ajax, caminharíamos até as ruínas amanhã. Então, no dia seguinte, nós voltariamos para Mythos com as flores da ambrosia.

Oliver enviou outras mensagens de texto para Kenzie. Ele começou a afastar o telefone, mas ele tocou novamente.

— Quem é agora?

Oliver franziu a testa, como se não gostasse do que a tela dizia desta vez. — Kenzie novamente. Ele esqueceu de me contar algo.

Eu queria perguntar se ele ouvira falar de Logan, mas fiquei de boca fechada. Antes de deixarmos a enfermaria, Metis dissera que já havia ligado para Linus Quinn e lhe contado o que aconteceu com Nickamedes. Ajax e os outros guardas do Protetorado vasculharam os outros prédios da academia, mas não havia nenhum sinal de Vivian ou de outros Ceifadores. Ainda assim, não pude deixar de me preocupar com que Vivian e Agrona tenham feito a Logan, apesar de todas as garantias dos meus amigos de que ele estava seguro com seu pai.

Oliver escreveu outra mensagem e guardou seu telefone. O silêncio caiu sobre o carro mais uma vez, então eu olhei pela janela. Não sabia onde estávamos em relação a Denver, mas as montanhas cobriam o horizonte tanto quanto pude ver, embora nuvens cinzentas comessem a se reunir em torno de alguns dos picos mais altos, como se uma tempestade de neve soprasse do oeste. Eu não via o futuro como a Vovó Frost, mas não pude deixar de me perguntar se era um sinal – que os Ceifadores não eram os únicos com os quais precisávamos nos preocupar.

Andamos por cerca de trinta minutos, então, Ajax saiu da estrada principal e seguiu para a estrada mais alta. Dez minutos depois, entramos em um estacionamento em frente a uma estação de trem com uma placa onde lia: *Snowline Ridge Runner – Comboios turísticos diariamente*. A imagem de um trem vermelho subindo pela montanha foi esculpida na madeira, com pequenas fumaças brancas saindo do motor.

— O que estamos fazendo aqui? — Perguntei. — As estradas até a academia são estreitas, sinuosas e cheias de buracos, — Ajax disse. — Há dezenas de pontos ao longo do caminho que seriam perfeitos para uma emboscada, e estaríamos em desvantagem em qualquer tipo de veículo. Metis e eu concordamos que seria mais seguro se pegássemos o

trem. Muitas pessoas da Mythos usam isso para chegar em Denver e então voltar a subir a montanha para a academia novamente. Nós temos uma chance melhor de nos misturarmos com a multidão desta forma, especialmente porque alguns estudantes estavam na cidade participando de um torneio de armas e estão retornando à academia esta manhã.

— Isso soa como você e seus ônibus, Gwen, — Carson disse com uma voz alegre.

— Sim para o transporte público, — eu disse.

Sáimos do carro, pegamos nossas malas e nos dirigimos para a estação de trem. O interior era mais agradável do que eu esperava, com muitos bancos de madeira reluzentes e trilhos de latão antiquados correndo ao longo de distância, dividindo os assentos em várias seções. As paredes eram feitas da mesma madeira envernizada dos bancos enquanto o chão era um mármore branco demais com manchas douradas cintilantes nele. As cabines de bilhetes ficavam na parede traseira, mas uma larga faixa de mármore branco corria acima das janelas – uma que apresentava dezenas de esculturas.

Muitas das figuras eram as mesmas criaturas pelas quais eu caminhava diariamente na academia – dragões, basiliscos, gárgulas, quimeras, até mesmo um minotauro. Mas havia outras figuras também descritas: ursos, lobos, búfalos, coiotes, coelhos, porcos-espinhos. Todos com três metros de altura e assustadoramente realistas, como se estivessem prestes a se livrar de seu apoio de pedra e saltar para o chão.

Logo que vi as esculturas, notei todas as outras coisas que eu havia perdido antes. Dois trajes de armadura, ambos segurando gigantes espadas de batalha, ficavam em ambos os lados da fonte de água, enquanto uma série de pinturas de alguma batalha mitológica sangrenta estava pendurada na parede ao lado das portas que levavam para os trilhos. Pequenas esculturas de madeira de criaturas mitológicas preenchiam os recessos de vidro nas paredes, todos olhando para os passageiros que passaram pela sala de espera.

As esculturas, as estátuas, as pinturas, os trajes de armadura. De certa forma, era estranhamente familiar – e extremamente

reconfortante. Quando cheguei à Mythos, pensei que não pertencia na academia, mas não podia imaginar não fazer parte do mundo mitológico. As esculturas e as estátuas me diziam que eu estava no meu elemento – por assim dizer.

Tivemos que esperar trinta minutos até o trem chegar. Os outros tiraram seus telefones celulares e começaram a verificar suas mensagens, mas eu caminhei e peguei um folheto em uma prateleira do lado de um dos balcões de bilhetes. Recebi um vago flash de outras pessoas que viraram as páginas, mas isso era tudo. O tipo de vibração pequena que eu esperaria, uma vez que dezenas de pessoas pegaram o mesmo folheto antes de colocá-lo em seu lugar na prateleira.

Examinei as fotos e percebi que o Snowline Ridge parecia muito semelhante à Montanha Cipreste. Os subúrbios abrigavam uma variedade de lojas de designer caras, cafês e livrarias. A única diferença era que a Snowline Ridge também tinha uma estação de esqui no topo que atendia aos turistas. Não houve menção à academia no folheto.

Quase terminei de ler as informações quando tive a sensação de alguém me observando. Senti como se eu pudesse ver alguém pairando na borda da minha visão, olhando diretamente para mim. Mas quando virei minha cabeça naquela direção, tudo o que vi foi o fluxo normal de gente que se deslocava pela estação. Ninguém parecia prestar atenção em mim.

Suspirei e devolvi o folheto para a estante. Comecei a ir até meus amigos quando notei uma garota encostada na parede a poucos metros de distância. Ela tinha aproximadamente a minha idade, dezessete ou talvez um ano a menos, e seu brilhante cabelo preto estava preso em um rabo de cavalo elegante e curto. Ela usava botas pretas e jeans de design, um suéter de gola branca e uma jaqueta de couro verde-oliva que a fazia parecer tão durona e bonita ao mesmo tempo. Uma bolsa carteiro verde escuro pousava no chão ao seu lado.

Ela não era a única estudante na estação. Na verdade, eu vi várias pessoas que deveriam ser estudantes da Mythos, a julgar por suas roupas e joias caras. Para não mencionar as faíscas coloridas de magia que as

Valquírias soltavam. Mas os passageiros regulares não perceberam as faíscas, apesar do fato de que uma Valquíria estava soltando faíscas azuis por toda parte no jornal que o cara mais velho sentado ao lado dela estava lendo.

Daphne me disse uma vez que, a menos que você fosse um guerreiro, você simplesmente não podia ver as faíscas. Aparentemente, algo no nosso DNA guerreiro nos permite detectar as faíscas coloridas que os mortais comuns não poderiam. Então, por isso, Daphne e as outras Valquírias não se preocupavam com a liberação da magia em público.

Aparentemente, todos os outros jovens tagarelavam uns com os outros, e mais do que alguns olharam para meus amigos, perguntando quem eram e por que estavam pegando o trem. Todos pareciam ser amigáveis uns com os outros – exceto quando se tratava da garota que eu notara anteriormente.

Os outros alunos olhavam para a garota, mas ninguém se aproximou dela e ninguém disse nada a ela. Ninguém lhe deu um aceno alegre ou mesmo um de cortesia. A menina fingiu que não conseguia ver os outros alunos deliberadamente evitando-a, mas sua mandíbula estava apertada, e todo o seu corpo estava tenso com raiva... e dor.

Ela me lembrou, bem, a *mim*. Quando cheguei pela primeira vez à Mythos, eu era exatamente como essa menina – a única pessoa sozinha, observando os outros alunos ao meu redor, esperando que alguém pelo menos me percebesse.

Ela me viu olhando e girou a cabeça na minha direção. Os olhos dela eram de um verde brilhante e vívido. A menina franziu o cenho para mim, cruzou os braços sobre o peito e desviou o olhar. Ela deveria ser um dos estudantes da Mythos que iam até o Snowline Ridge – eu só queria saber se ela também era uma Ceifadora. Isso poderia explicar por que ela parecia estar aqui sozinha. Talvez ela fosse a Ceifadora enviada para a estação e estava ocupada observando a mim e a meus amigos, em vez de sair com os seus.

Ou talvez eu estivesse sendo paranóica.

Então ela estava sozinha. Isso não significava que ela fosse uma Ceifadora. Ainda assim, meu olhar continuou voltando para a garota, que continuou com o cenho franzido.

— O que você está olhando? — Ela finalmente rosnou.

Encolhi os ombros. — Nada. Apenas matando o tempo.

— Bem, vá matá-lo em outro lugar. Ou vou fazer você desejar ter feito.

Levantei uma sobrancelha para ela. — Sêrio?

— Sim. Sêrio.

Um lampejo violeta chamou minha atenção, e olhei para baixo. Vic na minha bolsa carteiro.

A espada havia acordado de sua última soneca, mas em vez de bocejar como sempre, ele olhava para a garota.

— Coloque-me contra a garganta dela e a farei retirar suas palavras bem rápido, — Vic murmurou.

O cenho da garota se aprofundou. — O que você disse?

— Nada. Absolutamente nada.

— Nada! — Vic disse com uma voz indignada. — Eu vou mostrar a ela nada...

Levantei minha mão e a apertei sobre a boca da espada para abafar o som de sua voz. Ele me faria pagar por isso mais adiante, mas agora, eu precisava que ele ficasse quieto. Era uma coisa os Ceifadores saberem que estávamos chegando. Outra era a espada começar a gritar ameaças e dizer a todos exatamente onde estávamos. Os olhos da menina se estreitaram e ela passou por mim.

Um segundo depois, Daphne parou ao meu lado. A Valquíria cruzou os braços sobre o peito e olhou a outra garota.

— Problema, Gwen?

— Problema nenhum, — eu disse.

— Bom, — Daphne respondeu. — O trem está quase chegando. Ajax quer que esperemos lá fora.

— Bem atrás de você.

Daphne olhou para a menina por um momento antes de voltar para Carson e os outros. Eu a segui.

Ainda assim, não pude deixar de olhar por cima do meu ombro. A garota ainda franzia o cenho para mim. Mas por um momento, quase pensei ter visto um lampejo de tristeza, e sua boca parecia apertar ainda mais. Por algum motivo, a expressão me fez querer voltar até ela e descobrir o que a deixou tão chateada.

— Vamos, Gwen! — Daphne gritou.

Mas meus amigos estavam esperando, então tirei a garota da minha mente e segui para a plataforma.



11

Quinze minutos depois, o trem saiu da estação.

O apito do motor perfurou o ar do amanhecer, soando tão alto e afiado quanto um grito da Roca negra. Ou talvez parecesse assim, porque eu sabia que os Ceifadores provavelmente estariam esperando por nós na academia e depois nas ruínas de Eir – se chegássemos tão longe.

Como a estação, o próprio trem apresentava longos bancos de madeira acolchoados com trilhos de latão correndo ao lado deles. Havia até algumas mesas aparafusadas no chão aqui e ali por todo o vagão, então as pessoas podiam sentar juntas. Eu estava sentada sozinha. Oliver e Alexei estavam no banco a minha frente sentados de frente com Daphne e Carson. O Treinador Ajax estava na frente de Oliver e Alexei, inclinando os cotovelos em uma das mesas, ocultando a madeira com seu grande corpo musculoso. A luz do sol que atravessava as janelas fez com que sua pele brilhasse como ônix polido.

Eu tinha minha bolsa perto de mim no banco, com Vic apoiado para que pudesse olhar para fora das grandes janelas. A espada olhava para o cenário que passava quando não estava ocupado atirando um olhar feio para mim por apertar minha mão sobre sua boca mais cedo.

O vagão em que estávamos não estava tão cheio. Alguns outros jovens estavam esparramados sobre os bancos na frente, enquanto dois adultos – um homem e uma mulher – estavam em uma mesa atrás deles. Todos estavam absorvidos nos seus telefones ou laptops, que eles abriram no segundo em que o trem saiu da estação. Eu olhei para os outros passageiros, mas ninguém parecia estar dando atenção a mim ou aos meus amigos. Na verdade, nenhuma das outras pessoas no vagão olhava em nossa direção. Normalmente, eu teria pensado que era uma coisa boa, mas algo sobre a completa falta de atenção me pareceu estranho. Ou talvez fosse apenas a minha paranoia novamente.

Para minha surpresa, a garota que eu vi dentro da estação também estava no nosso vagão, embora ela tenha se certificado de se sentar de costas, cinco filas longe de qualquer outra pessoa. Ela se apoiou na janela, e esticou as pernas no banco na frente dela. Ela me notou olhando para ela de novo, franziu o cenho e voltou a cabeça, olhando pela janela.

— Quem é aquela? — Oliver perguntou, inclinando-se pelo corredor para poder falar comigo. — Ela não parece ser membro do fã-clubes Gwen Frost.

Dei de ombros. — Não sei. Não me importo.

Alexei tocou seu braço e Oliver recostou-se para ver o que ele queria. Andamos em silêncio por cerca de trinta minutos. A viagem foi agradável o suficiente. O trem balançou de um lado para o outro, embora de vez em quando as engrenagens triturassem, fazendo o vagão estremecer e as janelas chacoalharem enquanto o motor lutava para subir a montanha. De acordo com o Ajax, era uma viagem de noventa minutos até Snowline Ridge, e os outros logo tiraram seus casacos para usá-los como travesseiros, ficaram confortáveis e se acomodaram para dormir.

O dia mal havia começado e eu já estava cansada, mas por mais que tentasse, não conseguia dormir, não sem me preocupar em ter outro pesadelo. Então olhei para o cenário passando.

De certa forma, as Montanhas Rochosas eram muito parecidas com as montanhas Apalaches em casa. Muitas árvores, muitos afloramentos de pedra, muitos sulcos rochosos. Mas tudo aqui parecia maior, mais irregular e áspero, os picos das montanhas tão altos e afiados que se assemelham a agulhas, como se você pudesse furar seu dedo se conseguisse alcançar e tocar o topo deles. Havia mais neve aqui também, um par de polegadas no chão, e flocos frescos rodavam por toda parte através dos pinheiros densos e altos como pedaços de confetes brancos e duros. Mas não era apenas a neve e o cenário que eram diferentes. Senti... uma selvageria na paisagem que eu não sentia na academia da Carolina do Norte. Ou talvez fosse porque Mythos era em casa e isso não...

Uma mão tocou meu ombro. Minha cabeça voltou para o lado enquanto meus dedos cruzaram o banco, esforçando-se para chegar ao punho de Vic – mas era apenas o Treinador Ajax se aproximando de mim. Eu soltei um suspiro.

— Eu vou ao vagão do refeitório para tomar café, — Ajax disse. — Quer alguma coisa?

Balancei a cabeça. — Obrigada, mas estou bem.

— Bem, estou morrendo de fome, — Daphne disse.

— Eu também, — Carson disse.

Os dois se levantaram e seguiram Ajax. O treinador caminhou até a frente do vagão, balançando de um lado para o outro com o movimento do trem. Ele alcançou a porta e apertou o botão para que pudesse entrar no próximo vagão; em seguida, Daphne e Carson desapareceram de vista. Oliver e Alexei dormiam, suas cabeças juntas enquanto se inclinavam um para o outro. Os dois garotos formavam um lindo casal. Eles se encontraram durante as férias de inverno e se apaixonaram completamente um pelo outro, embora não tivessem começado a namorar oficialmente até algumas semanas atrás.

Os minutos passaram, e comecei a me perguntar o que estava fazendo Ajax, Daphne e Carson demorarem tanto. Eu me inclinei para o corredor. Através do vidro nas portas da frente, eu podia ver pessoas de

pé no meio do corredor no próximo vagão. Essa deve ser a fila para o vagão de lanches.

Aparentemente, meus amigos não eram os únicos que queriam café da manhã. Suspirei, me recostei e olhei pelas janelas novamente.

Passaram-se outros cinco minutos. Então uma das garotas na frente do carro levantou e se dirigiu para a parte de trás. No início, perguntei por que, até que me lembrei, que era lá que ficavam os banheiros. Ainda assim, eu fiquei tensa enquanto a outra menina se aproximava de mim. Algo nela parecia um pouco... fora de lugar.

Ela olhou para baixo e percebeu que eu olhava para ela. A menina hesitou, então me deu um sorrisinho. Acenei com a cabeça para ela. Mas em vez de acenar com a cabeça, o olhar dela passou por mim e fixou-se em Vic. Por um momento, algo despertou em seu olhar. Não sabia exatamente o que era, mas quase parecia... satisfação.

Seu sorriso aumentou, e ela olhou para Vic por um segundo mais antes de notar que eu a observava olhar minha espada. Seus traços se retorceram em uma careta, e seu olhar de desprezo, como se eu tivesse feito algo que não deveria. Sim, era estranho que ela tivesse notado Vic. Então, novamente, era estranho para mim ter uma espada em um trem, mesmo que esse trem atendesse a estudantes da Mythos. E eu ainda não conseguia definir o que me incomodava tanto nela, além do interesse curioso sobre Vic.

Somente quando ela deu um passo para perto de mim que percebi que ela tinha uma das mãos ao meu lado, em vez de colocá-las em cima dos trilhos de latão para se equilibrar enquanto se dirigia para a parte de trás. Eu franzi a testa, me perguntando por que ela caminharia assim quando o trem balançava tanto. O vagão balançou de novo, e a menina se inclinou para sua direita, me deixando ver o brilho da prata por baixo do seu longo casaco preto.

A menina congelou por um momento, percebendo que eu havia notado algo. Então, deu um pequeno encolher de ombros, embora não fosse grande coisa. Ela deu outro passo em frente, depois outro. Virei minha cabeça, seguindo seus movimentos.

Ela quase passou todo o caminho além de mim quando girou abruptamente em minha direção. A menina tirou uma espada por debaixo de seu casaco, ergueu e abaixou para apontar para a minha cabeça.

Instinto assumiu, e imediatamente me abaixei para a minha direita.

Clang!

A espada da menina atingiu o topo do trilho de latão diante de mim em vez de dividir profundamente o meu crânio. Levantei, batendo meus joelhos contra a parte de trás do banco na minha frente.

Mas a menina foi rápida – Amazona obviamente. Ela recuou, girou a espada em suas mãos, e voltou a se preparar novamente para outro ataque. Uma vez que não havia como alcançar Vic e usá-lo para bloquear seu golpe, coloquei as mãos nos trilhos de bronze atrás de mim, me levantei do chão e a chutei com meus pés, pegando-a no estômago. A garota Ceifadora soltou um som alto de *oof!* enquanto o ar saía de seus pulmões, mas ela não caiu. Passei pelos assentos, a empurrei e chutei novamente. Desta vez, ela cambaleou para o lado – e pousou em cima de Oliver e Alexei.

— Ei! — Oliver falou. — Estou dormindo aqui!

— O que... — Alexei murmurou.

Não me incomodei em gritar sobre como eu estava sendo atacada por outro Ceifador. Os garotos perceberiam isso em breve. Aparentemente, o plano de Ajax de viajar em segredo não funcionou tão bem quanto ele e Metis pensaram. Enquanto a menina tentava sair do colo de Oliver, eu corri e agarrei Vic.

— Olhe, — eu disse, saindo de trás do banco, de modo que eu estivesse de pé no meio do corredor. — Uma Ceifadora. Você me perdoa agora?

A espada olhou para a menina, que mais uma vez levantou a espada e me atacou. — Falo depois de matá-la.

Não tive tempo de responder antes que a Ceifadora estivesse em mim.

Clash-clash-clang!

Lutamos ao longo do corredor, cada um de nós tentando acertar sua espada na outra. Eu me agachei passando por baixo do braço da menina Ceifadora, me colocando entre ela e meus amigos. Olhei sobre o meu ombro. Atrás de mim, eu podia ver Oliver tentando sair dos bancos para me ajudar com a garota Ceifadora, enquanto Alexei lutava para puxar suas duas espadas da sua mochila preta. Eu sabia que meus amigos queriam me ajudar, mas não havia tempo. Além disso, eu queria lutar contra a Ceifadora, queria atirar minha dor, raiva, preocupação e medo nela. Então avancei e me concentrei no meu inimigo.

A menina era incrivelmente rápida como todas as amazonas, mas a constante vibração do trem mexia com seu equilíbrio tanto quanto com o meu. Isso fez com que seus ataques perdessem um pouco da rapidez. Através das janelas, eu podia ver uma grande curva chegando à frente, e eu sabia que o trem iria para a esquerda. Então bloqueei os golpes da garota e esperei o momento certo.

Um minuto depois, o trem entrou na curva, bem quando a menina ergueu sua espada sobre a cabeça. Seu golpe forte, junto com o balanço do trem, tirou ainda mais seu equilíbrio, e ela quase caiu em um dos bancos antes de conseguir se equilibrar. Eu me inclinei na curva e deixei o impulso do trem me levar para a frente até a menina – e me ajudar a enterrar a ponta afiada de Vic em seu estômago.

Ela sugou uma respiração que era igual em dor e surpresa. O trem balançou para o outro lado, e tirei a lâmina.

A espada da menina caiu no chão, e ela apertou as mãos contra o estômago, com a respiração entrando em suspiros curtos e dolorosos. Ela olhou para baixo descrente, enquanto o sangue saía de sua ferida, depois olhou para mim. Por um momento, uma faísca de vermelho Ceifador apareceu em seus olhos. Então se apagou abruptamente, como uma luz que foi apagada.

A menina caiu em uma das mesas, com a cabeça apoiada contra a janela, mesmo quando suas pernas relaxaram debaixo dela. Ela não se moveu depois disso.

Respirando com dificuldade, eu olhei para a Ceifadora morta. Eu não a conhecia, nunca a vi antes, mas o que mais me impressionou foi que ela parecia ser da mesma idade que Jason Anderson. Apenas uma garota, como eu. E agora ela estava morta como ele – tudo por minha causa.

— Gwen? — Oliver saiu do banco que ele tentava rastejar, deu um passo à frente e colocou a mão no meu ombro.

— Estou bem. — Eu disse. — Ela não me machucou.

Não externamente, embora matá-la tenha causado outra rachadura dolorosa em meu coração. Perguntei-me sobre quantas rachaduras mais poderia demorar antes de se desintegrar completamente.

Naturalmente, a luta atraiu a atenção dos outros passageiros, e eles se levantaram e se viraram para ver o que causou toda a agitação. Soltei um suspiro e levantei Vic.

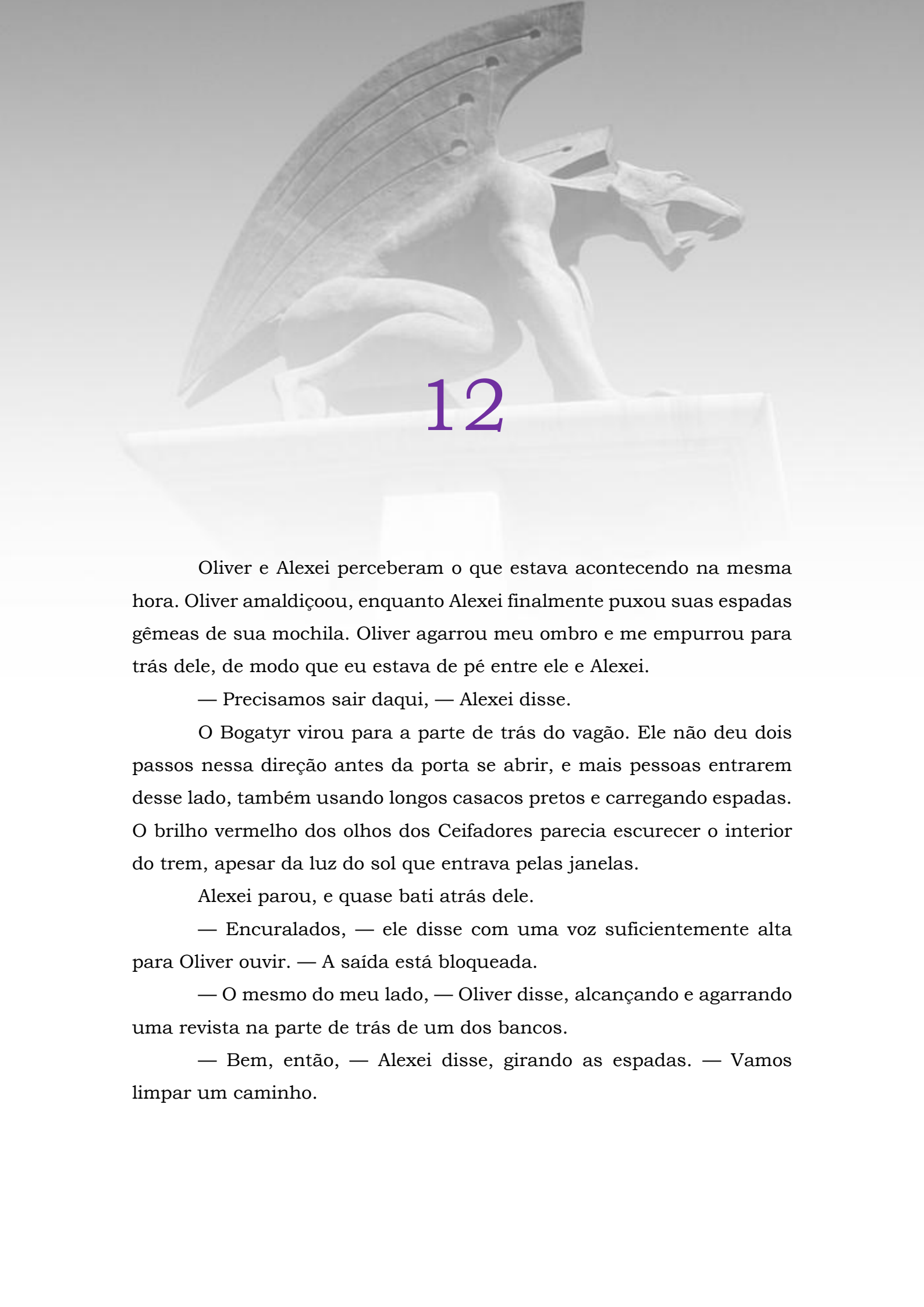
— Então você me perdoa agora?

— Eu vou, — a espada disse. — Se você sobreviver ao resto da luta.

Franzi a testa. — Resto da luta? Do que você está falando?

Vic virou o olho para frente.

Olhei nessa direção e recebi minha resposta um segundo depois, porque as pessoas na frente do vagão não se levantaram porque estavam preocupadas com a batalha. Ah não. Eles estavam se levantando porque todos vestiam longos casacos pretos, assim como a menina Ceifadora. E porque todos tinham espadas afiadas e curvas, assim como a dela – e porque os olhos de cada pessoa brilhava daquela cor misteriosa de vermelho Ceifador.



12

Oliver e Alexei perceberam o que estava acontecendo na mesma hora. Oliver amaldiçoou, enquanto Alexei finalmente puxou suas espadas gêmeas de sua mochila. Oliver agarrou meu ombro e me empurrou para trás dele, de modo que eu estava de pé entre ele e Alexei.

— Precisamos sair daqui, — Alexei disse.

O Bogatyr virou para a parte de trás do vagão. Ele não deu dois passos nessa direção antes da porta se abrir, e mais pessoas entrarem desse lado, também usando longos casacos pretos e carregando espadas. O brilho vermelho dos olhos dos Ceifadores parecia escurecer o interior do trem, apesar da luz do sol que entrava pelas janelas.

Alexei parou, e quase bati atrás dele.

— Encuralados, — ele disse com uma voz suficientemente alta para Oliver ouvir. — A saída está bloqueada.

— O mesmo do meu lado, — Oliver disse, alcançando e agarrando uma revista na parte de trás de um dos bancos.

— Bem, então, — Alexei disse, girando as espadas. — Vamos limpar um caminho.

— Com prazer, — Oliver respondeu, enrolando a revista em um tubo longo, fino e apertado. Os dois homens correram para a frente para encontrar nossos inimigos.

Clash-clash-clang!

As espadas duplas de Alexei acertaram contra a lâmina do Ceifador na frente dele. Embora ele pudesse apenas manobrar de um lado do corredor para o outro, Alexei nunca parou de se mover, nunca parou de lutar, nunca parou de atacar. Bogatyrs tinha uma resistência incrível assim.

De seu lado do vagão, Oliver abaixou sob o balanço do Ceifador. O Espartano talvez não tivesse uma arma tradicional, mas não precisava de uma. Ele chicoteou a revista enrolada de um lado para o outro, golpeando-o no peito, na garganta e no rosto de seu oponente.

Thwack-thwack-thwack.

O Ceifador engasgou e pulou, tentando sugar o ar de volta aos pulmões. Enquanto estava distraído, Oliver arrancou a espada da mão do outro homem, virou-a e depois apunhalou o Ceifador no peito com sua própria arma. Eu não podia ver o rosto de Oliver, mas ele provavelmente estava sorrindo.

Logan teria feito isso.

Mas, assim que o Ceifador caiu no chão, outro ocupou seu lugar – e tudo o que eu pude fazer foi ficar no meio e ver meus amigos lutarem outra batalha por mim.

Virei de um lado para o outro, mas o corredor não era amplo o bastante para eu chegar até onde os Ceifadores estavam. Pelo menos não sem passar por Oliver ou Alexei, e não poderia arriscar fazer isso por medo de estragar a concentração deles. Mas eu estava determinada a ajudar meus amigos, então subi no banco à minha esquerda e comecei a rastejar sobre ele para a parte de trás do vagão, de onde a maioria dos Ceifadores parecia vir.

— Gwen! — Alexei disse, me observando pelo canto do olho e percebendo o que eu fazia. — Fique aqui! Fique atrás de mim!

Não me incomodei em responder. Não conseguia ficar ali, e não conseguiria ficar de pé e não fazer nada. Não enquanto ele e Oliver lutavam contra tantos Ceifadores. Eu talvez não fosse a melhor guerreira ou a mais hábil, mas não era uma covarde, especialmente quando se tratava de ajudar meus amigos.

Enquanto eu caminhava pelos bancos, percebi a garota que estava sentada na parte de trás do trem. Ela estava parada em seu banco exatamente como eu. A menina continuava olhando para frente e para trás entre os Ceifadores e Alexei, como se assistisse uma intensa partida esportiva.

Ela não se moveu para atacar meu amigo, mas também não tentou ajudá-lo. Como a menina aparentava ficar onde estava e fora da luta, eu a afastei da minha mente e continuei subindo pelos bancos o mais rápido que pude.

Uma garota Ceifadora que parecia ter a minha idade veio para me atacar, mas balancei Vic e acertei a espada em seu peito. O sangue brotou de sua ferida e atingiu minha mão, deslizando pela minha pele como gotas quentes de chuva. Apertei os dentes e ignorei a sensação horrível.

— Pegue-a, Gwen! — Vic cantou, sem problemas com o sangue que cobriu sua lâmina. — Mate-a!

Ataquei com a espada novamente, desta vez esfaqueando a lâmina no fundo do seu estômago. A menina Ceifadora gritou e caiu em cima do garoto atrás dela, mas ele colocou as mãos sobre seus ombros e a empurrou para a frente. Coloquei uma mão sobre um trilho de latão, me armando e chutando-a no peito, enviando-a de volta para o menino. Ambos caíram no chão. Eu podia ouvir o menino gritando enquanto tentava afastar a garota morta, mas como ele não era uma ameaça imediata, continuei subindo pelos bancos.

Atrás de mim, eu podia ouvir Oliver e Alexei gritando um para o outro enquanto contavam os Ceifadores que eles mataram.

— Um já foi! — Alexei disse.

— Dois a menos! — Oliver entrou.

— Três!

— Quatro!

Finalmente consegui rastejar até a parte de trás do vagão para um espaço aberto que estava reservado para armazenar bagagem. Coloquei meus pés no chão justo quando o garoto Ceifador finalmente conseguiu afastar a menina morta. Ele se levantou e me atacou.

Não tive tempo de levantar minha espada, então avancei e o golpeei no rosto. O golpe não teve muito efeito sobre o Ceifador, mas o fez hesitar o suficiente para que eu empurrasse Vic em seu estômago. O menino gritou e caiu no chão.

Pelo canto do meu olho, vi um dos Ceifadores que haviam atacado Alexei vir na minha direção, alcançando embaixo do casaco e puxando uma pequena besta. Ele apontou a arma na minha cabeça.

Thwang!

Mesmo quando comecei a me mover, eu sabia que não poderia sair do caminho a tempo de evitar ser atingida pela flecha...

Algo se moveu à minha direita, uma sombra voou na frente dos meus olhos, e ouvi o som distinto de madeira acertando a carne. Eu pisquei.

Mack!

A flecha parou a um centímetro do meu rosto.

Com os olhos arregalados, minha cabeça virou para o lado, e percebi que a garota irritada da estação de trem estava lá – e que ela segurava a flecha na mão como uma bola de futebol que ela acabou de pegar no ar.

— De nada, — ela falou com uma voz sarcástica.

Então jogou a flecha no ar, a agarrou pelo cabo e a jogou no Ceifador com a besta. A flecha se afundou na garganta dele. O homem agarrou o projétil, tentando tirá-lo, enquanto suas pernas cediam debaixo dele, e ele caiu no chão.

— Uma Espartana, — sussurrei. — Você é uma Espartana.

— Sim, e você e seus amigos parecem estar com muitos problemas, — a garota atirou.

Ela entrou na minha frente e pegou o arco do Ceifador morto. Um segundo depois, ela bateu a madeira pesada no lado do rosto de outro Ceifador. Balancei a cabeça, avancei e voltei para a luta.

A garota e eu avançamos para os Ceifadores que estavam aglomerados na frente de Alexei e subindo nos bancos para que pudessem cercá-lo e atacá-lo de uma só vez. Ela correu e bateu com a besta, depois deslizou para o lado, me deixando espaço suficiente para avançar e matar o Ceifador com Vic. Quando a besta finalmente se estilhaçou, então se quebrou, ela usou uma das peças quebradas como uma adaga, apunhalando-a em todos que ela poderia alcançar.

Logan definitivamente teria *aprovado*. Nós lidamos com os Ceifadores neste lado do vagão, Alexei virou para ajudar Oliver a lidar com aqueles que o atacavam. Trabalhando juntos, nós acabamos com o resto deles. Três minutos depois, acabou, e todos os Ceifadores estavam mortos.

Ficamos parados lá, as armas firmes em nossas mãos, sangue em todos os lugares, corpos empilhados de dois ou três aos nossos pés, com mais Ceifadores espalhados pelos bancos e mesas. Por um momento, os únicos sons foram nossas respirações ásperas e agitadas e o som das engrenagens enquanto o trem continuava subindo a montanha.

— Bem, — Vic disse com uma voz alegre. — Essa é a maneira certa de começar o dia. Sangue antes do café da manhã. Sempre é um deleite, na minha opinião.

A menina Espartana me deu um olhar estranho, como se ela pensasse que fui eu quem disse isso. Por favor. Como se eu sempre dissesse coisas tão horríveis – ou pudesse falar com um sotaque inglês.

— Cala a boca, Vic, — murmurei. Olhei para Oliver e Alexei. — Vocês estão bem?

Ambos assentiram, e nós olhamos para a menina Espartana. — Estou bem, — ela disse novamente. — Obrigada por perguntar.

Alexei deu um passo à frente, provavelmente para começar a procurar nos corpos, quando a porta na frente do vagão se abriu. Nós ficamos tensos e viramos em direção à abertura.

Daphne entrou, com Carson e Treinador Ajax logo atrás dela.

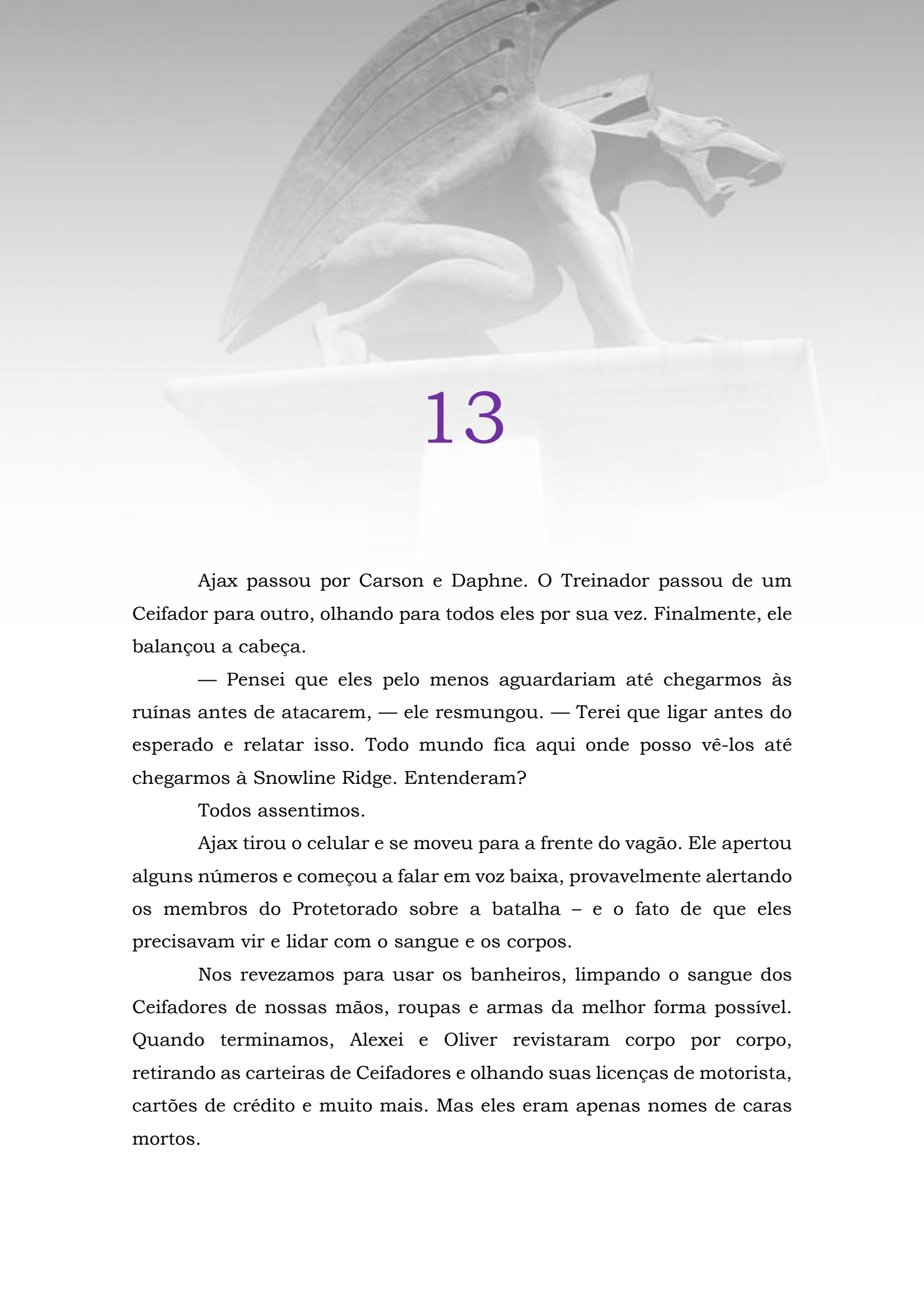
— Não acredito que eles estavam sem bagels de mirtilo...

Sua voz cessou, e ela parou no meio do corredor. Carson bateu em suas costas e deu um passo atrás. Os olhos negros de Daphne se fixaram nos Ceifadores mortos, então seu olhar se dirigiu para Alexei, Oliver e finalmente em mim.

— Então,— perguntei. — Como foi o café da manhã?

Daphne arqueou uma sobrancelha. — Obviamente, não tão excitante quanto o seu.

Fiz uma careta para suas palavras.



13

Ajax passou por Carson e Daphne. O Treinador passou de um Ceifador para outro, olhando para todos eles por sua vez. Finalmente, ele balançou a cabeça.

— Pensei que eles pelo menos aguardariam até chegarmos às ruínas antes de atacarem, — ele resmungou. — Terei que ligar antes do esperado e relatar isso. Todo mundo fica aqui onde posso vê-los até chegarmos à Snowline Ridge. Entenderam?

Todos assentimos.

Ajax tirou o celular e se moveu para a frente do vagão. Ele apertou alguns números e começou a falar em voz baixa, provavelmente alertando os membros do Protetorado sobre a batalha – e o fato de que eles precisavam vir e lidar com o sangue e os corpos.

Nos revezamos para usar os banheiros, limpando o sangue dos Ceifadores de nossas mãos, roupas e armas da melhor forma possível. Quando terminamos, Alexei e Oliver revistaram corpo por corpo, retirando as carteiras de Ceifadores e olhando suas licenças de motorista, cartões de crédito e muito mais. Mas eles eram apenas nomes de caras mortos.

Nenhuma informação nos disse nada importante sobre os Ceifadores, como por que eles decidiram nos atacar agora – ou o que poderiam estar planejando. Eu até me inclinei e toquei algumas das mãos dos Ceifadores mortos, mas os únicos flashes que eu obtive foram da batalha, nada útil. Ajax também passou pelos outros vagões no trem, no caso de Vivian ou Agrona estarem a bordo, escondendo-se no meio dos outros passageiros, mas não estavam em lugar nenhum.

— O que você acha que eles queriam? — Carson perguntou, inclinando-se para olhar para um cara que usava o mesmo tipo de óculos escuros que ele.

— Além de nos matar? — Daphne disse. — Eu acho que isso é suficiente para eles. Você não?

As palavras de Carson me fizeram pensar novamente na forma como os olhos da primeira menina Ceifadora se concentraram em Vic. Certo, talvez ela não esperasse que eu tivesse a espada apoiada no assento ao meu lado, mas parecia haver algo mais em seu olhar afiado do que apenas curiosidade. Não podia imaginar o que poderia ser, ou o que seu interesse por Vic poderia ter a ver com o ataque.

Daphne virou para a menina misteriosa, que estava encostada na parede traseira do vagão, com os braços novamente cruzados sobre o peito. — E você. Gwen diz que você é Espartana. Mulheres espartanas são raras. Nunca conheci uma antes.

A menina encolheu os ombros. — Não é tão raro para mim, já que minha mãe e meu pai eram Espartanos. Sorte para você que veio a me conhecer primeiro, Valquíria.

Faíscas de magia cor-de-rosa saíram dos dedos de Daphne e ela estreitou os olhos para a outra garota. Entrei no meio delas, tentando acalmar a situação antes que as coisas ficassem mais loucas.

— Bem, obrigada, — eu disse. — Por me salvar. Por lutar conosco contra os Ceifadores. Você não precisava fazer isso.

A menina riu, embora fosse um som duro e amargo. — Oh, você conhece os Espartanos. Não podemos resistir a uma boa luta.

— Qual o seu nome?

A menina olhou para mim como se eu tivesse pedido que ela revelasse seu segredo mais profundo e sombrio. Finalmente, quando ela percebeu que eu falava sério e esperava que ela, sabe, realmente me respondesse, ela soltou um longo e profundo suspiro, como se me dar a informação fosse uma espécie de tortura cruel que planejei especificamente para dela.

— Rory Forseti.

Minha boca se abriu com surpresa. Não sabia o nome que eu esperava que ela dissesse, mas certamente não era esse – porque Forseti era do meu pai, o sobrenome de Tyr. Tyr Forseti. Meus pais foram casados, mas eu tinha o sobrenome da minha mãe, Frost, pois essa era a tradição para as mulheres em nossa família.

Levei um momento para fechar meu maxilar escancarado e reunir meus pensamentos. — Forseti? — Perguntei, me perguntando se ouvi direito. — F-o-r-s-e-t-i?

Os olhos da menina se estreitaram, e suas mãos se fecharam em punhos como se estivesse pensando em avançar e me atacar da mesma forma que fez com os Ceifadores.

— Bem, dê-lhe uma estrela de ouro por conseguir soletrar. Você tem um problema com esse nome?

Alexei deu um passo à frente, me protegendo dela. — É você quem terá um problema se der mais um passo em direção a Gwen.

Ela soltou outra risada irritada e amarga. — Caso você não tenha percebido, cara, fui eu quem salvou sua preciosa princesinha de ter uma flecha no crânio.

— Princesinha? — Perguntei.

Rory deu um resmungo ruidoso e irritado. — Sim. Você. Princesa. Você e sua pequena comitiva. Eu os vi pairando ao seu redor na estação. Você pensaria que era uma espécie de princesa ou algo assim com eles pendurados em torno de você.

Meus olhos se arregalaram, meus lábios se contraíram e meus ombros começaram a tremer. Tentei conter – de verdade, eu tentei, mas não pude evitar. Comecei a rir. E uma vez que comecei, não pude parar.

Eu sabia que parecia uma loucura e que minha risada estava louca, que eu deveria tentar controlar como fiz com as minhas outras emoções ultimamente, mas não consegui fazer isso.

Meus amigos me olhavam, então um para o outro. Daphne encolheu os ombros. Ela não sabia por que eu estava rindo, e nem nenhum dos caras.

— O que é tão engraçado? — Rory murmurou.

— Princesa! — Consegui dizer a palavra entre risos. — Você acha que eu sou uma maldita princesa!

O riso continuou vindo e chegando até que as lágrimas escorreram pelos cantos dos meus olhos, e meu estômago doía por causa disso.

Rory me encarou novamente. — Se eu soubesse que você estava louca, eu teria deixado os Ceifadores te tirarem da sua miséria – e da minha também.

Limpei as lágrimas e finalmente consegui controlar minhas risadas. — Você não entende. Se há uma coisa que não sou, é definitivamente uma princesa. Isso é mais uma coisa da Daphne do que minha.

— Ei! — Daphne disparou.

Olhei para ela. — Vamos lá. Você sabe que é verdade. Quantas malas você trouxe para esta viagem?

— Ela bufou. — Só porque você quer passar o resto de sua vida vestindo capuz, tênis e camisetas furadas, não significa que o resto de nós deva sofrer.

Revirei meus olhos. — Oh não.

Rory olhou para a Valquíria. — Seu nome é Daphne?

Ela se endireitou. — Daphne Cruz. Da academia da Carolina do Norte.

Um por um, Daphne apresentou a todos, incluindo o Treinador Ajax, que havia terminado seu telefonema. Rory olhou para meus amigos antes de seus olhos verdes se fixarem em mim mais uma vez.

— E qual é o nome da princesa?

— Gwen, — eu disse. — Gwen Frost.

Rory congelou, assim como eu fiz um momento atrás. Uma sombra passou por seu rosto bonito, e por um momento, todo o seu corpo ficou tenso, como se estivesse discutindo se deveria ou não se atirar para frente e me atacar. Algo que parecia muito com ódio ardeu em seus olhos e senti uma onda de raiva dela, quente como um forno explodindo calor no meu rosto.

— Talvez você tenha ouvido falar dela, — Carson disse com uma voz útil.

— Sim, — Rory murmurou. — Eu já ouvi falar dela.

E pelo som de sua voz, não foi nada de bom. Era ruim o suficiente que todos jovens na academia acompanhassem cada movimento meu, mas nunca pensei que seria assim pelo resto do mundo mitológico. Eu deveria ter sabido que sim, entretanto. Algumas vezes, eu pensava que os alunos de Mythos fofocavam ainda melhor do que empunhavam espadas. Me perguntei o que isso significava para nossa acolhida na academia. Ajax queria misturar nosso grupo com alguns dos estudantes que faziam uma excursão, mas isso não aconteceria agora – se isso sequer foi possível para começar.

Rory me deu outro olhar sombrio, depois se debruçou no banco, cruzou os braços sobre o peito e virou a cabeça para as janelas, ignorando a mim e aos meus amigos. Os outros e eu nos sentamos, também, certificando-nos de que estivéssemos tão distantes do sangue e dos corpos dos Ceifadores quanto poderíamos. Tentei pegar o olhar de Rory, mas ela olhou pelas janelas com o mesmo tipo de determinação intensa e individual que ela havia mostrado durante a luta. Ela poderia ter salvado minha vida, mas era óbvio que não estava feliz com isso. Eu me perguntava por quê. Nunca a vi nem a conheci antes de hoje, então não tinha ideia de que ela tivesse um rancor tão evidente contra mim. Normalmente, eu precisava estar ao redor das pessoas pelo menos alguns minutos antes de irritá-los.

Talvez fosse o seu desagrado sobre mim ou talvez fosse o fato do trem estar agora preenchido com Ceifadores mortos, mas não pude deixar

de sentir que havia um machado gigante balançando de um lado para o outro sobre minha cabeça. Tudo o que restava agora era ver quando finalmente iria cair.

Cerca de quinze minutos depois, o trem entrou na estação no Snowline Ridge. Meus amigos e eu pegamos nossas coisas e nos afastamos do vagão. Esperando na plataforma estava um grupo de homens e mulheres, todos com macacões pretos com o símbolo de uma mão e balanças do Protetorado costurado nos colarinhos em fio branco. Os membros do Protetorado nos esperaram sair do trem antes de embarcarmos, empurrando carrinhos de metal para dentro do vagão onde estavam os corpos dos Ceifadores.

As outras pessoas no trem finalmente perceberam que algo aconteceu, e mais do que alguns tiraram seus telefones, tirando fotos minhas e dos meus amigos antes de começarem a enviar mensagens de texto furiosamente. Alguém deve ter conhecido alguém que sabia algo sobre mim, porque dentro de dois minutos, os telefones de todos começaram a tocar, e os sussurros se aproximaram de mim.

— O nome dela é Gwen Frost...

— Ela deve ser a Campeã...

— Aparentemente, ela está sempre com algum tipo de problema com os Ceifadores...

Bem, lá se foram as esperanças de Ajax de manter nosso caminho incógnito durante o maior tempo possível. Eu fiz uma careta. Talvez as coisas não fossem tão diferentes aqui na academia do Colorado afinal de contas. Ceifadores tentando me matar? Confirma. Todos olhando para mim? Confirma. Crianças sussurando sobre mim atrás das minhas costas? Confirma duas vezes.

Assim, mesmo longe de casa, era como se eu nem tivesse saído de lá. A única pessoa que parecia tão miserável quanto eu era Rory. A menina espartana ficou sozinha em um lado da plataforma. Mais uma vez, notei como as outras crianças se esforçaram para evitá-la, quando não zombavam abertamente e riam dela.

— Claro que *ela* estava no trem com os Ceifadores..

— Negócios da família, eu suponho...

— Não sei porque eles até a deixaram entrar na escola conosco...

Pelo som das coisas, as outras crianças pensavam que Rory tinha algo a ver com os Ceifadores. Mas por que eles pensariam isso? Ela nos ajudou a lutar contra eles. Se realmente fosse um deles, ela teria se juntado ao ataque – e deixado aquela flecha perfurar diretamente através do meu crânio. Eu franzi a testa e olhei para Rory, mas, mais uma vez, ela não encontrou meu olhar.

— Vamos, — Ajax disse, interrompendo meus pensamentos. — É apenas uma curta caminhada daqui até a academia. Precisamos chegar lá, entrar e começar a fazer planos para o futuro.

Nós pegamos nossas malas e seguimos o fluxo de estudantes através da estação e para a cidade. Ajax andou na frente, com Carson e Daphne atrás dele, então eu, Oliver e Alexei cobrimos a retaguarda.

Em muitos aspectos, Snowline Ridge era praticamente uma cópia carbono da Montanha Cipreste. Lojas de design, cafeterias e cafés caros se alinhavam nas ruas largas, cada janela da vitrine mostrando roupas de luxo, joias, eletrônicos e muito mais. Eu até avistei vários estacionamentos cheios de Aston Martins e BMWs, junto com SUVs robustos e caminhonetes caras com quatro rodas motrizes para ajudar a navegar nas estradas geladas desse lugar.

Achei que os alunos aqui não poderiam ter carros no campus. Mas havia muitas diferenças que me deixavam saber que eu não estava em casa. Por um lado, caminhar pelas ruas era como retroceder no tempo para o Velho Oeste.

Muitas das fachadas antigas e de madeira pareciam ter saído diretamente de algum filme de cowboy, até os ursos pretos espalhados de tamanho real que ficavam de guarda em ambos os lados das portas balançantes do salão, que você empurrava para entrar. E havia os itens que as lojas vendiam – botas de cowboy feitas sob medida, gravatas de

lariat turquesa¹, chapéus de dez galões², fivelas de cinto com diamantes. Tudo tinha uma sensação do meio Oeste, e eu esperava que algumas ervas daninhas³ rolassem pela rua, apesar da neve debaixo dos pés.

Finalmente, deixamos as lojas para trás e chegamos ao limite do campus da academia. Assim como em casa, a parede de Astone cercava toda a academia, embora o portão de ferro principal estivesse aberto para permitir que os alunos retornassem para o campus. Meus amigos atravessaram o portão sem sequer dar uma olhada, mas eu parei e olhei para cima.

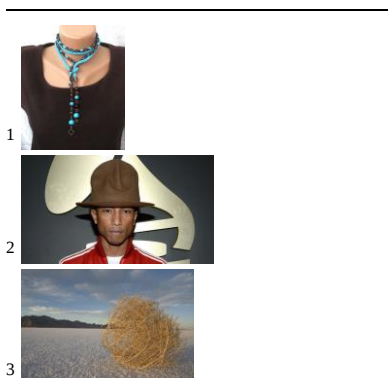
Claro, duas estátuas estavam empoleiradas em cima da parede de pedra de cada lado do portão. Mas não eram as estátuas que eu esperava – essas estátuas eram grifos.

Cabeças de águia, corpos de leão, asas, bicos curvos, garras afiadas. Essas estátuas pareciam ferozes, majestosas e vivas como as de casa. Era quase como se as estátuas pudessem ouvir meus pensamentos, porque enquanto eu observava, elas começaram a se mover. Suas asas se contraíram, as penas balançaram para frente e para trás com o frio vento do inverno, suas garras cavaram mais na pedra a seus pés, e seus olhos se estreitaram enquanto me encaravam...

— Vamos lá, Gwen! — Daphne disse. — Está congelando aqui!

Eu pisquei, e os grifos eram simplesmente pedra novamente. Bem, as figuras podem ser diferentes, mas pareceu que essas estátuas me observariam atentamente quanto as que estavam em casa. De uma maneira divertida, isso me confortou.

— Gwen! — Daphne gritou de novo.



Dei um aceno aos grifos com minha mão, então ajeitei minhas bolsas no meu ombro e segui meus amigos para dentro.



14

Quanto mais andamos, mais eu tinha uma sensação extrema de déjà vu.

Assim como em casa, uma série de caminhos de paralelepípedos cinza enlaçam cada caminho através do campus. Imaginei que todos os gramados seriam tão limpos, verdes e bem cuidados como na Mythos, com exceção do fato de que estavam enterrados sob alguns centímetros de neve agora. Nós também passamos por vários dormitórios que poderiam ter sido cópias idênticas daqueles na Carolina do Norte. Até agora, apenas uma grande diferença que eu pude ver entre as duas academias foram os pinheiros densos que pontilham o campus como filas de soldados, em vez dos arcos e dos carvalhos que eu costumava ver. Bem, isso e o fato de que as colinas eram muito mais acentuadas aqui.

Continuamos caminhando por cinco minutos, e eu já poderia sentir minhas pernas queimar.

— Qual o problema? — Alexei perguntou, percebendo que eu olhava ao redor.

— Acho estranho o quanto essa academia parece com a nossa academia, — eu disse. — Se não fosse por toda essa neve, pensaria que estava em casa.

Ele encolheu os ombros. — Todas elas se parecem muito com isso. Dormitórios, caminhos de pedra, um quadrilátero principal com vários edifícios.

— Sêrio? Cada uma delas?

Alexei encolheu os ombros novamente. — Todas as que eu estive. St. Petersburg, Londres, Nova York, Carolina do Norte, e agora aqui. Mas há sempre algumas diferenças. Você verá.

Nós caminhamos. E finalmente cruzamos a colina em que estivemos escalando, e pisquei de surpresa. Porque diante de mim estava o quadrilátero principal da Academia Mythos – mais ou menos.

Como Alexei disse, parecia muito com o nosso quadrilátero. Cinco edifícios principais dispostos em um padrão semelhante a uma estrela, uma série de caminhos sinuosos entre as estruturas. Matemática-ciência, história-inglês, um refeitório, um ginásio, uma biblioteca. Eles já estavam dispostos nos mesmos pontos que em casa, e os exteriores pareciam notavelmente similares. A mesma pedra cinzenta escura, os mesmos contornos sombrios, as mesmas estátuas cobrindo todos eles.

Mas quanto mais eu olhava, mais percebia as diferenças que Alexei havia mencionado. Em vez de ser lisa e ininterrupta, a pedra dos edifícios parecia rochas que foram empilhadas em cima uma da outra. As rochas eram mais pretas do que cinzas e intercaladas com troncos escuros que eram mais espessos do que minha altura. Várias janelas foram colocadas em todas as estruturas, eu poderia aproveitar das vistas deslumbrantes dos pinheiros que preenchiam e até pareciam se fundir na montanha acima. Tudo parecia áspero e cru, como se os próprios edifícios fossem pedras e troncos de árvores que caíram do pico da montanha irregular e pararam aqui.

Uma série de sinos tocou, os sons altos e claros soando como trovões por todo o quadrilátero e saltando de uma estrutura para a próxima. Um minuto depois, as portas do refeitório se abriram, e os alunos começaram a sair.

— O café da manhã acabou, e todos estão indo para as aulas matutinas, — murmurei.

— Isso mesmo, — Ajax disse. — Vamos. Há alguém com o qual eu preciso falar sobre os arranjos para a nossa viagem amanhã.

O treinador partiu ao longo do quadrilátero, e todos seguimos atrás dele. Não fiquei muito surpresa quando Ajax dirigiu-se para a Biblioteca das Antiguidades. Uma placa de prata na frente me contou qual era o edifício, mas eu teria adivinhado de qualquer maneira. Oh, a forma era um pouco diferente, já que esta biblioteca tinha três grandes alas unidas por uma grande torre quadrada no meio, mas ainda era a maior e mais impressionante estrutura no quadrilátero.

Os outros subiram os degraus, mas, mais uma vez, fiquei para trás. Dois grifos estavam empoleirados em ambos os lados das escadas, e eles pareciam tão ferozes como os que eu pensava como meus protetores em casa. Levei um momento para perceber que eles eram realmente um pouco menores, embora suas características fossem muito mais nítidas, como se quem tivesse esculpido as estátuas não tivesse terminado de lixar a pedra e suavizar a raiva na expressão dos grifos. Mas não era apenas a aparência que era diferente. Era o sentimento que eles irradiavam – o mesmo intenso sentimento selvagem que senti desde que saímos do avião.

Oh, eu imaginei que se tocasse esses grifos, eles se libertariam de suas pedras, como sempre pensei que os de casa fariam. Mas ao invés de atacar, tive a sensação de que essas criaturas estenderiam imediatamente suas asas, levantariam para o céu e desfrutariam da liberdade do horizonte aberto. Não sei por que pensei nisso, mas uma vez que a ideia estava na minha mente, não consegui me livrar dela, e quase parecia como se eu pudesse sentir o vento balançando meu cabelo...

Uma mão apertou meu braço, e um banho de faíscas cor-de-rosa explodiu, me fazendo contrair meu nariz para conter um espirro.

— Oh, vamos, Gwen, — Daphne disse. — Pare de encarar tudo. Você está agindo como se nunca tivesse visto uma academia diferente antes.

Tentei puxar meu braço de seu aperto firme, mas não serviu para nada. Não com a força da Valquíria.

— Você se esquece que está certa... eu nunca vi uma academia diferente antes.

Ela olhou ao redor. — Bem, eu não vejo o que é tão fascinante nisso. Agora, vamos lá. Todos os outros já entraram.

Daphne me puxou pelos degraus, dentro do prédio em um corredor e no espaço principal da Biblioteca das Antiguidades. Mais uma vez, fiquei impressionada com a sensação de déjà vu, porque esta biblioteca parecia estranhamente semelhante à que eu estive na noite passada.

Uma sacada do segundo andar cercada de estátuas de deuses e deusas. Um corredor principal que levava ao balcão de registro no meio da biblioteca. Mesas de estudos de cada lado, com estantes cheias de sombra ao redor. Havia até um carrinho de café parado a um lado, embora nenhum estudante estivesse em torno dele, já que ainda era cedo.

Mas havia diferenças aqui também. O interior do Biblioteca era quadrado e com apenas cinco andares, tornando-se baixa e atarracada em comparação com a de casa. A torre que eu notara lá fora era o centro da biblioteca, com três alas saindo dela, como raios na roda. Mais troncos grossos de madeira estavam empilhados entre si, formando as paredes e os apoios para os pisos acima. Tapetes coloridos com uma variedade de símbolos Nativos Americanos costurados neles cobriam o chão, e pareciam esculturas que foram queimadas na pedra. Olhei para baixo e percebi que estava de pé no queixo de Coyote Trickster⁴. Murmurei minhas desculpas e saí do tapete.

Mas talvez a característica mais impressionante fosse uma enorme lareira de pedra à direita do balcão de registro. Era feita com as mesmas pedras escuras como todo o resto e tinha facilmente nove metros de largura, flanqueada por cadeiras acolchoadas e sofás. Eu podia imaginar estudantes reunidos lá, estudando na frente das chamas crepitantes. Com tudo isso, a biblioteca me lembrou um alojamento rústico de caça. Não era, mas gostei da aparência disso.

4 Coiote é um símbolo mitológico nativo americano.

Daphne soltou meu braço e dirigiu-se até onde Carson estava com os outros. Eu voltei lentamente, olhando de um lado para o outro.

Finalmente, o estudei. Em vez de ser uma cúpula, o teto aqui era dividido em três seções, uma para cada ala, e todos se levantaram e se encontravam no teto quadrado da torre do meio. Inclinei minha cabeça ainda mais, me perguntando se havia um afresco no teto aqui também, e talvez eu pudesse ver isso, já que era muito menor. Havia uma pintura, e as sombras a cobriam como na de casa, mas para minha surpresa, partes do teto estavam claras – e as imagens revelavam todos os artefatos.

O Arco de Sigyn. O Chifre de Roland. As Espadas de Ruslan. Os artefatos que Daphne, Carson e Alexei usavam estavam tão claros quanto o dia para mim, junto com Vic, que estava na minha mão. Eu até vi algo que se parecia com a rede de pesca de Ran, que eu ainda tinha na minha bolsa carteiro. Parecia o mesmo fresco que na biblioteca de casa, embora desta vez, tudo o que eu pude distinguir foram os artefatos – e não meus amigos carregando-os.

Meu olhar caiu para a sacada do segundo andar. Levou um segundo para encontrar a estátua de Nike ao redor do panteão, apesar de estar mais ou menos no mesmo lugar aqui, como em casa. Olhei para a estátua e ela parecia brilhar, como se fosse uma espécie de miragem de calor. Pisquei e notei que a cabeça de Nike estava inclinada para trás, o olhar fixo nos artefatos que eu ainda conseguia ver no teto. Pisquei de novo, e os olhos da deusa estavam fixos em mim mais uma vez. Frazi o cenho. Parecia que ela tentava me avisar sobre algo...

— Bonito, não é? — Murmurou uma voz baixa.

Eu me virei para encontrar um homem a poucos metros atrás de mim. — Com licença?

Ele apontou com a cabeça para cima. — O afresco no teto. É lindo, não é? A paisagem das fontes e da academia estão no meio dela.

Era isso o que ele via? Porque definitivamente não era o que eu vi. Não aqui e nem em casa também. Mas se houve uma coisa que aprendi durante estes últimos meses, era manter minha boca fechada com

estranhos – não importando o quão agradáveis e inofensivos eles pudessem parecer.

— Claro, — eu disse. — Nunca vi nada parecido.

— Eu também, — o homem disse, sorrindo para mim.

Ele era alto, com mais ou menos 1,82 de altura e magro. Seus cabelos e olhos eram de um avelã suave, mas sua pele era muito mais escura, um marrom rico e avermelhado, como se ele passasse muito tempo ao ar livre ao longo dos anos e tivesse um bronzado que nunca desapareceria. Um pequeno cavanhaque cobria seu queixo, suavizando o ponto afiado de seu rosto. Ele usava um terno azul escuro de três peças, o que era algo que Nickamedes usaria, embora estivesse usando um par de resistentes botas de caminhada marrom em vez dos sapatos brilhantes que o bibliotecário quase sempre usava.

O sorriso do homem aumentou enquanto continuava me olhando. — Você é nova aqui? Acho que nunca a vi antes. Posso ajudá-la a encontrar algo na biblioteca?

Abri minha boca para responder quando alguém me interrompeu.

— Covington! Aí está você! — A voz de Ajax retumbou através da biblioteca e o treinador caminhou pelo corredor em nossa direção.

Para minha surpresa, Ajax bateu no ombro do outro homem, quase enviando Covington para as prateleiras antes dele conseguir recuperar o equilíbrio.

— Ajax! Que surpresa. É bom vê-lo, — Covington disse, retornando o cumprimento de Ajax com um de seus próprios. — Como estão as coisas na Carolina do Norte? Quando recebi sua mensagem de que você estava aqui, eu fiquei preocupado que algo estivesse errado.

Ajax fez uma careta. — Infelizmente, algo está errado. Há algum lugar privado onde possamos conversar? — Covington assentiu. — Claro. Apenas deixe-me terminar de ajudar essa jovem, e eu estarei com você.

— Na verdade, eu estou com ele. — Apontei meu dedo para Ajax. — E eles também são meus amigos.

Os outros perceberam que Ajax e eu falávamos com alguém e se dirigiram em nossa direção. O olhar de Covington passou por todos nós.

Ele manteve o sorriso fixo em seu rosto, mas eu poderia dizer que ele se perguntava quem nós éramos e por que estávamos lá. Eu estava pensando o mesmo sobre ele. Claro, ele parecia ser legal o suficiente, mas aprendi da maneira mais difícil que os Ceifadores sempre eram assim – eles fingiam ser seu amigo antes de esfaquear você nas costas. Vivian fez isso comigo e Agrona fez a mesma coisa com Logan, se casando e fingindo amar o pai dele.

— Covington é um amigo, — Ajax disse, percebendo meu olhar interrogativo. — Precisamos que ele se prepare para a terceira parte da nossa jornada.

— Jornada? — Covington perguntou. — Que jornada?

Ajax suspirou. — Aqui não. Vamos para algum lugar mais privado.

— Certamente. Conheço o lugar certo. — Covington deu a todos um olhar mais curioso antes de gesticular para o seguirmos.

Covington nos levou mais profundamente para a biblioteca. Em vez de ir para o balcão de registro como eu pensei que ele ia, o bibliotecário contornou essa área e entrou em uma das alas. Eventualmente, ele parou em uma porta colocada em uma das paredes, destrancou-a, abriu e nos guiou para dentro. Nós entramos em uma sala de conferências. Uma mesa comprida, cadeiras ao redor, um jarro de água e óculos empoleirados em uma bandeja de prata em um pequeno balcão. Nada de interessante, exceto a escultura do grifo, que cobria quase toda a parede traseira.

Um grifo com as asas espalhadas e a cabeça jogada para trás, o bico aberto como se estivesse prestes a soltar um grito, cair do céu e atacar. E não era o único grifo aqui. Mais imagens da criatura podiam ser vistas nas outras paredes, embora aquelas esculturas fossem muito menores, mas não menos ferozes.

Assim que entrei na sala, parecia que todos os olhos dos grifos se concentraram em mim. Eu estremeci e sentei na extremidade da mesa, tão longe das esculturas quanto conseguiria.

— Então, — Covington perguntou quando finalmente estávamos sentados. — Você quer me dizer o que está fazendo aqui? Com cinco alunos a reboque? Ouvi um boato sobre alguns estudantes serem alvos de um ataque de Ceifadores no trem esta manhã. Suponho que foram você e seus alunos?

Ajax assentiu. — Estamos aqui em nome de um amigo. Nickamedes.

Covington assentiu. — Eu o conheço. Ele é meu colega na Biblioteca das Antiguidades da academia na Carolina do Norte. Nós trocamos e-mails, livros e até artefatos de vez em quando.

— Ele foi envenenado e estamos aqui procurando uma cura. — Ajax soltou uma respiração e explicou tudo a seu amigo.

O garoto Ceifador envenenando Nickamedes, nossa jornada apressada até aqui, o ataque no trem. Para minha surpresa, o treinador não falou muito sobre mim ou sobre meus amigos. Ele nos apresentou, mas só deu a Covington nossos nomes. Isso me fez pensar se Ajax não confiava inteiramente em seu amigo e, se sim, por que não. Então, novamente, todos nós fomos enganados pelos Ceifadores. Talvez o treinador estivesse sendo extremamente cauteloso, embora eu achasse tarde demais para isso.

Quando Ajax terminou, Covington soltou um assobio baixo. — As flores da Chloris ambrosia não são fáceis de encontrar.

— Eu sei, — o treinador respondeu. — É por isso que precisamos subir às ruínas de Eir... amanhã.

Covington franziu o cenho. — Você quer ir as ruínas? Com os seus... estudantes?

Ajax assentiu. — Eu sei o que você está pensando, e acredite em mim, eu sei o quanto as ruínas são perigosas. Mas é o único lugar onde as flores da ambrosia crescem, e Nickamedes precisa delas. Então, você pode nos ajudar? Por favor?

Covington estudou seu amigo. — E se eu não fizer isso?

Ajax deu-lhe um olhar sério. — Então iremos sozinhos.

Covington continuou olhando para Ajax, então seus olhos castanhos percorreram o resto de nós. Todos olhamos para ele, mostrando-lhe a mesma determinação de ir às ruínas com ou sem a ajuda dele. Quando percebeu que falamos sério, ele assentiu com a cabeça.

— Ok, tudo bem, eu vou ajudar. Não se preocupe com isso.

Ele hesitou. — No entanto, não será fácil. Conheço alguém que pode guiá-los para as ruínas, e ficarei feliz em acompanhá-los, mas não conheço outros professores ou membros da equipe que estariam dispostos a ir. Especialmente amanhã.

— O que tem amanhã? — Ajax perguntou.

— Uma tempestade está se aproximando, — Covington disse. — Nós devemos ter uma tempestade de neve em algum momento nas próximas vinte e quatro a quarenta e oito horas. Talvez mais.

Claro que ia nevar. Como se isso já não fosse suficientemente difícil e perigoso. Imaginei se os Ceifadores haviam olhado a previsão do tempo e levado a tempestade de neve em conta quando decidiram tentar me envenenar. Provavelmente. Eu não descartaria isso. Isso seria apenas o tipo de coisa torcida que Vivian e Agrona pensariam – para nos fazer sofrer tanto quanto possível enquanto tentávamos obter o antídoto para Nickamedes.

— Bem, teremos que arriscar. E quanto menos pessoas souberem para onde vamos, melhor, — Ajax disse. — Os Ceifadores já sabem que estamos aqui e que precisamos ir às ruínas para obter as flores da ambrosia. Mas só porque estamos entrando em uma armadilha não significa que não podemos ter cuidado.

Covington assentiu. — Entendi. Vou começar a fazer os arranjos imediatamente. Partiremos amanhã.

Ele se levantou, e Ajax também. Os dois homens apertaram as mãos. Covington nos deu um aceno de cabeça educado, depois deixou a sala de conferências.

— Então, não só temos que caminhar até algumas ruínas assustadoras, mas agora, vamos ser cobertos com neve? Ótimo, — Daphne disse.

— Com medo de estragar seu traje de neve cor de rosa? — Oliver provocou.

Ela olhou para ele. — A única coisa que ficará estragada é o seu rosto, Espartano. No segundo em que eu acertar meu punho nele.

Oliver levantou uma sobrancelha. — Tente, Valquíria.

— Chega, — eu disse. — É o bastante. É ruim o suficiente, sabermos que os Ceifadores estão à espreita esperando para nos atacar de novo. Podemos não brigar um com outro também?

Daphne virou o olhar para mim, mas eu apenas olhei para ela. Depois de um momento, ela suspirou.

— Tudo bem, — ela disse. — Tudo bem. Estou apenas um pouco estressada.

— Todos nós estamos, — Carson disse com uma voz suave. — Mas ficaremos bem, desde que fiquemos juntos.

Eu lhe dei um sorriso grato. Ficamos em silêncio por um momento antes de Ajax falar.

— Bem, — ele disse. — Preciso ajudar Covington com os preparativos. Vocês podem sair da biblioteca enquanto trabalhamos.

Assenti. Felizmente, tínhamos um dia calmo aqui, e eu poderia reunir meus pensamentos e me preparar para o que viria amanhã – outra armadilha organizada pelos Ceifadores, provavelmente.



15

Voltamos para a parte principal da biblioteca.

Covington acenou para Ajax, e os dois homens desapareceram no complexo do escritório de vidro atrás do balcão de registro. Meus amigos e eu nos acomodamos nas cadeiras almofadadas em frente à lareira. Embora nenhum tronco estivesse queimando, todos pareciam perfeitamente felizes em se recostar nas cadeiras, fechar os olhos e descansar, mas não pude ficar quieta. Havia muito em minha mente, muitas coisas para me preocupar, e muitas perguntas sem respostas.

Então tirei meu casaco, puxei Vic da minha bolsa carteiro e amarrei a espada na minha cintura, apenas no caso de haver mais ataques de Ceifadores hoje. Também passei alguns minutos mexendo com minha bolsa e me certificando de que a rede de Ran ainda estava segura e escondida dentro dela, embora eu duvidasse que fosse precisar disso em breve. Depois disso, não havia mais nada para fazer, a não ser começar a andar ao redor das cadeiras e das mesas de estudo.

— Relaxe, Gwen, — Oliver finalmente disse, abrindo um olho para mim. — Tente descansar um pouco. Teremos um dia bastante difícil amanhã.

— Eu sei, eu sei, — resmunguei. — Mas odeio que tenhamos que nos sentarmos aqui o dia todo. Vou ligar para Vovó e ver como Nickamedes está.

Oliver assentiu e voltou para seu cochilo. Tirei meu celular do bolso da calça jeans e fui para perto das estantes. Parei lá, me certificando de manter os outros à vista e disquei o número da Vovó Frost. Ela respondeu no segundo toque.

— Olá, abóbora. — Sua voz calorosa e familiar inundou a linha. — Já era hora de você ligar.

— Oi, vovó. Como você está? Como estão Metis e Nickamedes?

— Estamos bem, — ela disse. — Estou na enfermaria, sentada com Nickamedes e lendo um livro. Ele está dormindo agora.

— Como ele está?

— O mesmo, — ela disse. — Nem melhor, nem pior.

— E Metis?

— Está no quarto ao lado, dormindo. Ela está se desgastando, vindo aqui e curando-o a cada poucas horas, mas até agora, ela está mantendo o veneno à distância.

Soltei uma respiração. Bem, isso era algo, eu suponha.

— Como você está, abóbora? — Vovó Frost perguntou. — Onde você está agora?

Contei tudo sobre o que aconteceu desde que deixamos a academia, incluindo o ataque dos Ceifadores no trem.

— Há algo mais, — eu disse, terminando minha história. — Conheci alguém hoje. Uma garota. O nome dela é Rory Forseti.

Vovó não disse nada. Por um momento, o único som foi o fraco zumbido da estática na linha.

— Vovó? Está me ouvindo?

Após um momento, ela suspirou. — Eu ouvi você, abóbora. Pensei que você poderia encontrar Rory por aí.

Minha mão apertou o telefone. — Seu sobrenome é Forseti... assim como o do meu pai. Eu estou certa? Somos parentes?

Por um momento, pensei que vovó não me responderia, mas ela finalmente soltou outro suspiro.

— Sim, — ela disse. — Ela é sua prima. Seu pai e o dela eram irmãos.

Meu pai, Tyr, morreu quando eu tinha dois anos. Minha mãe e minha avó sempre alegaram que ele havia morrido de câncer, mas desde que aprendi sobre o mundo mitológico, eu tinha uma poderosa suspeita de que ele foi morto, provavelmente por Ceifadores, assim como minha mãe foi assassinada por Vivian. Mas tanto estava acontecendo que não pensei em perguntar a minha avó sobre ele.

Eu não tinha lembranças reais do meu pai, e minha mãe tinha apenas algumas fotos dele que ela compartilhou comigo. Nas fotos que eu vi, Tyr Forseti era um homem alto com cabelos arenosos, olhos azuis e um rosto que sempre parecia ter uma pitada de tristeza, mesmo quando ele tinha os braços envoltos na minha mãe e estava sorrindo para a câmera.

— Existem outros? — Perguntei. — Outros Forsetis?

— Não, e até onde eu sei, Rory é a última Forseti. Os pais dela estão mortos e ela mora com a irmã da mãe dela, a tia, — vovó disse.

— Por que você não me falou sobre ela?

— Tyr... seu pai ... Não se dava bem com o resto da família dele, — ela respondeu. — Deixe a menina explicar tudo. É mais a história dela para contar do que a minha, especialmente porque ela tem que viver com as consequências todos os dias.

Fiz uma careta. — Consequências do que...

Algo passou à minha esquerda. Eu não estava prestando atenção para onde andava, e eu andava por entre as estantes enquanto conversava com Vovó Frost.

Agora eu estava a meio caminho por um dos corredores, com livros ao meu redor. Pelo canto do meu olho, eu podia ver alguém me observando da próxima prateleira. Não dava para ver muito bem a figura. As estantes eram na verdade prateleiras que foram esculpidas de troncos de madeira e a grossura formava sombras profundas.

A figura parecia ser alta, então assumi que era um cara. Ele parecia vestir roupas escuras, a julgar pelos vislumbres de seus jeans e casaco longo que eu vi pelas frestas de livros que nos separava, mas estava muito nas sombras para eu dar uma boa olhada no rosto dele.

Eu mudaria isso, no entanto. Sem dúvida, ele era um espião enviado aqui para seguir meus amigos e eu, já que os Ceifadores não conseguiram nos matar no trem. Talvez, se pudesse cercá-lo, eu poderia questioná-lo e obter algumas respostas sobre o que os Ceifadores estavam fazendo e o porquê – e onde Vivian e Agrona estavam se escondendo.

Logan não estava aqui, mas eu não deixaria isso me impedir de rastreá-los – e fazer Vivian e Agrona pagar pelo que fizeram com ele.

— Abóbora?

— Preciso ir, vovó — eu disse. — Ligo novamente esta noite, ok?

— Apenas tenha cuidado. Eu amo você, abóbora.

— Eu também amo você.

Desliguei o telefone. Mas em vez de guardá-lo, continuei mexendo nele. Comecei a andar para frente e descer o corredor, como se estivesse totalmente distraída e checando minhas mensagens de texto, embora não tivesse nenhuma. Com cada passo que dei, me aproximei um pouco mais do final do corredor – e também de quem estava do outro lado.

Ele se aproximava de mim e eu o faria pagar por isso. Quando eu estava próxima, planejei agarrar Vic, dar a volta na estante e colocar a espada contra a garganta do Ceifador. Ok, tudo bem, então não era um plano, mas era melhor do que deixar algum Ceifador me espionar para reportar para Vivian e Agrona.

Finalmente, cheguei perto do final do corredor para colocar meu plano em ação. Apertei mais alguns botões no meu telefone, deslizando de tela após a tela, antes de colocá-lo no bolso. Avancei, como se fosse voltar para o centro da biblioteca, mas no último segundo, eu virei, tirei Vic da bainha ao redor da cintura, levantei a espada e contornei a estante para o próximo corredor, pronta para atacar quem estava me observando...

Vazio... o corredor estava completamente, totalmente vazio. Olhei para a direita e para a esquerda e a frente e atrás de mim, mas ninguém estava lá. Até olhei através dos livros, olhando para as estantes de cada lado, mas aqueles corredores estavam tão vazios quanto este.

— Gwen? — Vic perguntou. Ele acordou quando o tirei com firmeza de sua bainha. — O que você está fazendo? Há Ceifadores para lutar?

Soltei a respiração que estava segurando. O Ceifador deve ter percebido que eu estava sobre ele e se afastou das estantes. Ele poderia estar em qualquer lugar agora – se realmente estivesse ali para começar.

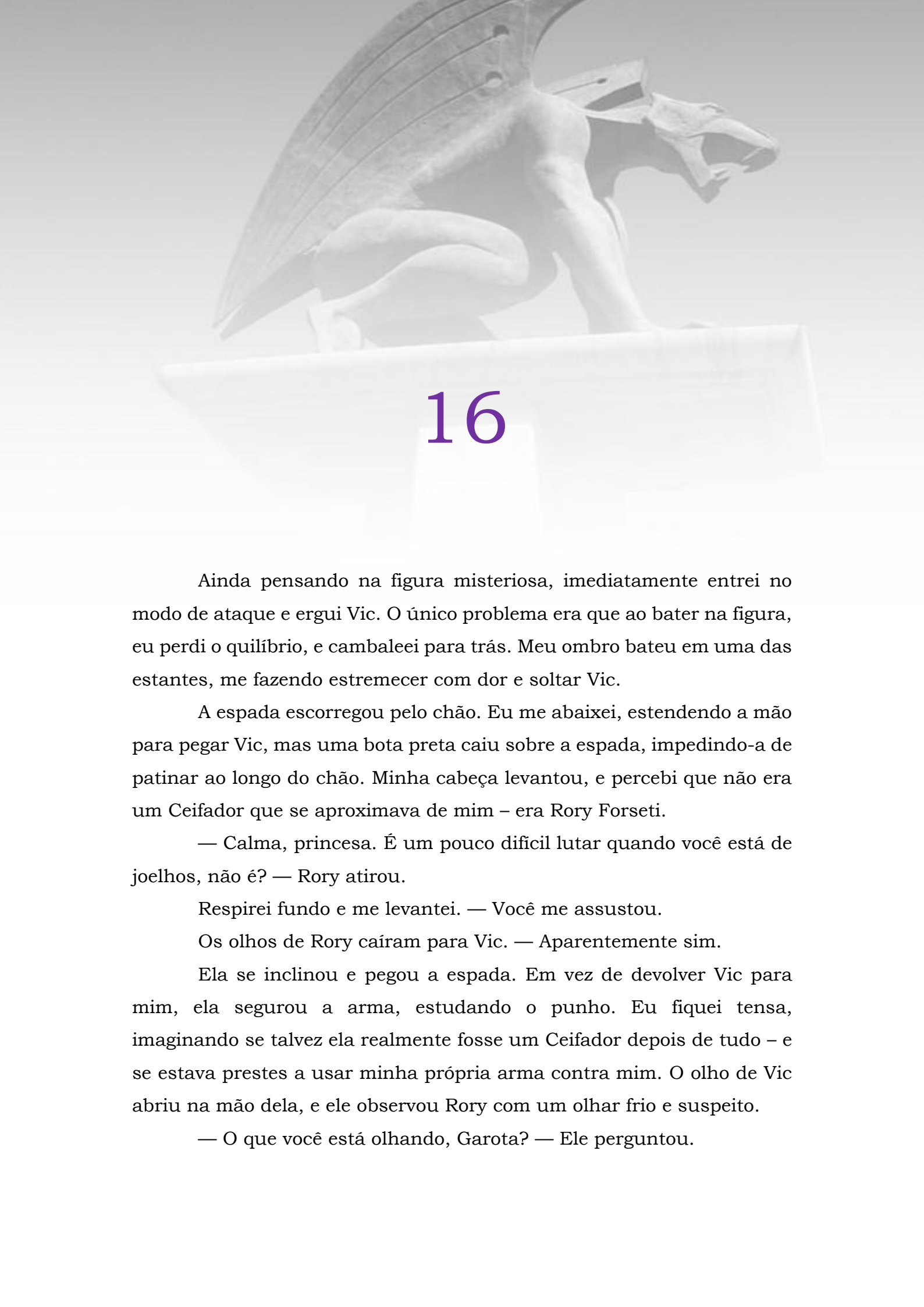
Achei que vi alguém me observando, mas agora não tinha certeza. Foi um longo dia, e ainda estava nervosa pelo ataque do Ceifador nesta manhã. Talvez alguém estivesse me observando – ou talvez eu estivesse imaginando coisas do jeito que sempre fazia. De qualquer maneira, não havia nada ali, então voltei para meus amigos.

— Gwen? — Vic perguntou novamente. — Há algo errado?

— Nada, — eu disse à espada. — Não é nada. Apenas um alarme falso. Volte a dormir.

Vic bocejou de novo e seus olhos se fecharam novamente.

Suspirei. Eu não sabia o que era pior: os Ceifadores ou a minha paranoia. Com Vic ainda na mão, eu me virei para voltar para meus amigos – e bati em alguém atrás de mim.



16

Ainda pensando na figura misteriosa, imediatamente entrei no modo de ataque e ergui Vic. O único problema era que ao bater na figura, eu perdi o equilíbrio, e cambaleei para trás. Meu ombro bateu em uma das estantes, me fazendo estremecer com dor e soltar Vic.

A espada escorregou pelo chão. Eu me abaixei, estendendo a mão para pegar Vic, mas uma bota preta caiu sobre a espada, impedindo-a de patinar ao longo do chão. Minha cabeça levantou, e percebi que não era um Ceifador que se aproximava de mim – era Rory Forseti.

— Calma, princesa. É um pouco difícil lutar quando você está de joelhos, não é? — Rory atirou.

Respirei fundo e me levantei. — Você me assustou.

Os olhos de Rory caíram para Vic. — Aparentemente sim.

Ela se inclinou e pegou a espada. Em vez de devolver Vic para mim, ela segurou a arma, estudando o punho. Eu fiquei tensa, imaginando se talvez ela realmente fosse um Ceifador depois de tudo – e se estava prestes a usar minha própria arma contra mim. O olho de Vic abriu na mão dela, e ele observou Rory com um olhar frio e suspeito.

— O que você está olhando, Garota? — Ele perguntou.

Rory saltou e quase largou a espada. Seus olhos arregalaram, e toda a cor sumiu do rosto dela.

Vic acabara de lhe dar um bom susto. Eu ri. Isso tirou Rory de seu susto. Ela olhou para mim. Ainda assim, demorou um momento para reunir coragem para levantar Vic novamente e aproximar-se ainda mais da arma.

— Tem... tem um rosto de um cara no punho de sua espada, — ela disse, uma nota impressionada em sua voz.

Vic revirou os olhos. — Bem, você não é observadora?

Estendi a mão. — O nome dele é Vic, ele fala, e me pertence.

— Sim, e se não se importa, garota, me devolva à Cigana, — ele disse. — Quero tirar o resto da minha soneca, se por acaso precisarmos lutar com mais Ceifadores hoje.

De olhos arregalados, Rory olhou para Vic um momento a mais antes de entregá-lo cuidadosamente para mim. Peguei a arma dela e deslizei a espada em sua bainha amarrada à minha cintura.

Ficamos paradas olhando uma para a outra, e a estudei de novo. Cabelo preto, olhos verdes, rosto redondo, feições bonitas. Imaginei se ela se parecia com sua mãe ou seu pai, meu tio.

— O que você está fazendo aqui? — Perguntei.

Ela encolheu os ombros. — Saí do treinamento de armas no ginásio. Estava entediada.

Claro que ela estava entediada. Rory era como Logan, Oliver, Kenzie, Nickamedes e Treinador Ajax; ela não precisava de uma arma para lutar – ou matar. Ela já havia provado no trem quando matou todos aqueles Ceifadores com apenas uma besta e, em seguida, com os pedaços quebrados dela.

Rory continuava olhando para mim, seus olhos examinavam minhas características exatamente como eu fizera com ela. Eu me inclinei contra a prateleira mais próxima e olhei para ela também. Havia tantas coisas que eu queria perguntar a ela – sobre seus pais, sobre meu pai, sobre por que todos os outros alunos olharam diretamente através dela como se ela sequer existisse. Mas decidi ser legal, então fiquei com a boca

fechada, embora eu quisesse saber todos os seus segredos – todos os segredos da nossa família – do jeito que sempre fiz.

— Então você é a famosa Gwen Frost, — ela finalmente disse.

— E você é uma Forseti.

Sua boca apertou. — Você tem algo contra os Forsetis?

— Depende. Você tem algo contra mim?

Seu cenho se aprofundou. — Por quê você diria isso?

— Porque parece que você acha que sabe tudo o que há para saber sobre mim, e eu não sei nada sobre você. — Eu respirei. — Exceto pelo fato de sermos primas.

Rory não se surpreendeu com isso. — Sim. Então seu pai e o meu eram irmãos. E daí? Não é isso que nos faz ser uma família. Não de verdade.

— Mas você não quer me conhecer? — Perguntei. — Sobre o meu pai? Sobre o resto da minha família?

Ela soltou uma risada amarga. — Não, se eles são como meus pais. Além disso, eu já sei tudo sobre você. Todo mundo está falando sobre você há semanas. Desde que ouvimos sobre o ataque dos Ceifadores no museu perto da academia da Carolina do Norte. Supostamente, você é uma grande guerreira, a Campeã da Nike e tudo isso. — Ela bufou. — Não fiquei impressionada até agora.

Meus olhos se estreitaram. — É por isso que você salvou minha vida no trem? Porque você não ficou impressionada? Porque achou que eu não poderia me defender?

Os olhos dela brilhavam com uma luz fria e dura. — Eu salvei sua vida porque os Ceifadores a queriam morta. Tudo o que eles quiserem, eu quero o contrário.

— Sério? — Perguntei. — Então por que os outros alunos falavam sobre você como se trabalhasse com os Ceifadores quando saímos do trem? Por que pensariam isso quando você acabou de ajudar meus amigos e eu a derrotar um monte deles?

Ela inclinou a cabeça para o lado e olhou para mim. — Você realmente não sabe, não é? Sobre os Forsetis?

— Meu pai morreu quando eu tinha dois anos. Eu nem me lembro dele, e minha mãe não falou sobre ele.

Rory soltou outra risada amarga. — É claro que não. Fique satisfeita com isso. Ela lhe fez um favor.

Cada palavra que esta menina dizia só me deixava mais irritada. — Olha. Tudo o que quero é alguma informação sobre o meu pai. E sobre você também, se quiser compartilhar. Minha mãe foi assassinada por Ceifadores no ano passado, então é só minha avó e eu desde então. Mas agora eu venho aqui, e descubro que tenho uma prima, que parece saber muito mais sobre meu pai do que eu. Você pode me culpar por estar curiosa?

Após um momento, ela me deu um aceno de cabeça. — Não, suponho que não.

— Então por que você não para com essa atitude e me conta o que sabe?

Ela me estudou por vários segundos, olhando fixamente no meu rosto como se pudesse julgar se eu falava a verdade apenas me olhando, e comecei a me perguntar qual outra magia ela poderia ter além de suas habilidades de luta espartanas. Talvez ela até fosse uma cigana como eu, dotada de magia por um dos deuses.

— Você quer saber sobre os Forsetis? — Rory respondeu. — Pegue seus amigos, Princesa, e eu mostrarei exatamente o que o nome dessa família significa aqui.

Rory e eu saímos das estantes. Meus amigos ainda estavam sentados na frente da lareira, tentando dormir, mas todos se sentaram ao som de nossos passos. Eles olharam para Rory, então para mim.

— Bem, bem, bem, — Oliver disse. — Parece que Gwen fez uma nova amiga.

— Cale-se, Espartano, — Rory criticou. — Ou farei você comer seu próprio punho.

Oliver endireitou-se na cadeira. — Eu gostaria de ver você tentar.

Revirei meus olhos para eles. — Mais uma vez com as brigas. Podem, por favor, parar com isso?

Oliver e Rory me ignoraram e continuaram olhando um para o outro. Rory abriu a boca, provavelmente para desafiar Oliver em uma briga, mas uma porta no complexo do escritório de vidro abriu, cortando-a. Ajax e Covington saíram e caminharam até a lareira.

— Alguma coisa errada? — O bibliotecário perguntou, olhando entre Rory e eu.

— Oh, está tudo bem, — eu disse. — De fato, Rory acabou de se oferecer para mostrar o campus para meus amigos e eu enquanto você e Ajax conversam.

Covington franziu a testa. — Ela fez isso?

Rory começou a abrir a boca novamente, mas entrei na frente dela, quase fazendo com que ela caísse no colo de Alexei.

— Pode apostar que fez, — eu disse.

Rory franziu o cenho para a minha mentira, mas não negou. — Sim. Esta sou eu. Guia de turismo do campus.

Covington franziu a testa, como se procurasse um motivo para não acreditar nela. Rory olhou para ele, seus punhos cerrados como se não quisesse mais nada além de dar um passo à frente e socá-lo. Me perguntei sobre sua reação hostil contra ele. O que ela tinha contra o bibliotecário?

Mas, no final, o rosto de Covington se suavizou. — Bem, por que você não mostra os arredores para Gwen e os outros e depois vai ao refeitório e pegam o almoço? Ajax e eu devemos ter terminado até então.

Rory revirou os olhos, mas não falou mais nada. Em vez disso, ela deliberadamente se afastou de Covington, como se ele nem tivesse falado com ela. Olhei para Ajax, que assentiu. Enquanto meus amigos e eu reunimos nossas coisas, Ajax fez um gesto para que eu fosse até ele.

— Tenha cuidado, — ele disse. — Você não conhece essa garota. Podemos estar no campus agora, mas isso não significa que estamos seguros.

— Não se preocupe, — eu disse. — Eu vou tomar cuidado. Nós ficaremos juntos. Vamos caminhar pelo campus por algum tempo, então vamos almoçar, como sugeriu Covington. Tudo ficará bem.

— Ok, — o treinador retumbou. — Basta ficarem juntos e manter suas armas com vocês em todos os momentos. Se precisar de alguma coisa – qualquer coisa – Covington e eu estaremos aqui na biblioteca.

— Entendi.

Ajax nos disse para deixar nossa bagagem em um dos escritórios de bibliotecários, embora todos nós mantivéssemos nossa arma como ele havia dito. Também coloquei minha bolsa carteiro sobre o meu ombro para levar comigo, já que a rede de Ran estava no fundo dela, junto com o desenho de Oliver dos artefatos.

— Vamos, — Rory murmurou quando terminamos de guardar tudo. — Vamos acabar com isso.

Ela saiu da biblioteca, e todos nós a seguimos.



17

Nós mal conseguimos sair e descer as escadas da biblioteca antes que Daphne se aproximasse de mim.

— Você tem certeza de que é uma boa ideia, Gwen? — Ela perguntou. — Nós não sabemos nada sobre essa garota. Ela poderia ser uma Ceifadora, assim como Vivian.

— Não acho que ela seja uma Ceifadora, — eu disse em voz baixa.

— Por que não?

Eu disse a ela o que a Vovó Frost e Rory me disseram. Daphne ficou quieta por um momento, pensando.

As faíscas de magia escorreram das pontas dos seus dedos, e o vento do inverno as girou pelo ar como flocos de neve cor-de-rosa cintilantes.

— Só porque ela é sua parente não significa que vocês serão automaticamente melhores amigas. — Daphne apontou.

— Eu sei. Mas ela sabe algo sobre meu pai... alguma coisa importante. Vovó Frost não disse muito e eu quero saber o que é. Além disso, é chato ficar sentado na biblioteca o dia inteiro, não é?

Daphne encolheu os ombros. Ela não podia discutir com isso. Nós seguimos Rory ao redor do quadrilátero. Ela fez um caminho longo e

lento, nos levando para além de todos os edifícios. Através das janelas, eu podia ver outros estudantes sentados em suas aulas, suas cabeças inclinadas sobre seus livros ou os olhos fixos nos professores dando aulas diante deles. Eles faziam as mesmas coisas que os alunos na academia da Carolina do Norte estariam fazendo - as mesmas coisas que nós deveríamos estar fazendo agora mesmo. Fiquei surpresa com a forma que isso me fez sentir nostálgica.

Comecei a perguntar a Rory se íamos caminhar em círculos o dia todo, quando uma série de sinos chamou minha atenção. Poucos segundos depois, os alunos começaram a sair dos edifícios. Alguns deles desceram a colina em direção aos seus dormitórios, mas a maioria caminhou para o refeitório.

— Vamos lá, — Rory disse. — Hora do almoço. Oh, alegria.

Ela nos conduziu até o refeitório. Meus amigos me olharam, mas encolhi os ombros. Eu não sabia o que Rory estava preparando, mas pelo menos, conseguiríamos comer algo.

Nós entramos no refeitório, mas não consegui o mesmo senso de déjà vu que tive do resto dos edifícios. Eu esperava que a área fosse preenchida com mesas redondas cobertas de toalhas brancas, porcelana fina e prata reluzente como em casa. Mas em vez disso, as mesas eram longos retângulos feitos do mesmo material que notei dentro da biblioteca. Mais madeira nas paredes, intercaladas com aquelas pedras cinzas e negras. Apenas algumas pinturas decoravam as paredes, a maioria delas de paisagens montanhosas, mais uma vez com uma rústica vibe ocidental.

A única coisa que era semelhante com a de casa era o jardim ao ar livre no meio do enorme salão. Mas, em vez de videiras, o jardim apresentava uma variedade de árvores de folhas perenes, que de alguma forma cresceram no meio das densas formações de pedras. Um estreito riacho atravessava o jardim, caindo em uma torre de rochas antes de formar uma pequena piscina no fundo. Uma variedade de estátuas de pedra pairavam ao redor da borda do rio. Animais, na sua maioria, ursos, coelhos e patos, embora eu também tenha visto uma imagem de Coyote

Trickster na mistura. Dois grifos estavam empoleirados em ambos os lados do topo da cachoeira, e olhavam para as figuras abaixo, como se protegessem as outras criaturas de danos.

Rory nos conduziu até o extremo direito da sala, onde estava a lanchonete. Nós ficamos atrás de todos os outros alunos, então estávamos no final. Meus amigos e eu pegamos algumas bandejas de vidro e entramos na fila. Conforme a fila se movia, os outros encheram suas bandejas com um prato após o outro, mas o meu permaneceu vazio.

Fígado, vitela, escargot, algum tipo de salada de frutos do mar com moluscos cozidos no vapor. Tudo bem disposto em pequenas tigelas de porcelana branca e decorados com cenouras cortadas nas formas de girassóis, pimentas verdes tão finas como veias de hera e flocos de pimenta que pareciam pedaços de neve vermelha que descansava no topo dos montes de comida fumegante.

Suspirei. Eu esperava que a comida aqui fosse um pouco mais, bem, *normal*, mas eram as mesmas coisas chiques que eles serviam em casa. Por algum motivo, os alunos da Mythos adoravam comer caviar e outras comidas frufu. Finalmente, vi alguns cheeseburgers, embora tecnicamente, a placa dizia que eles eram Hambúrgueres de bisonte. Eu realmente não queria comer bisonte, mas como era a coisa mais próxima de comida reconhecível no menu, peguei um hambúrguer, junto com algumas batatas fritas com queijo, um molho de manteiga, uma garrafa de suco de cranberry, e um grande pedaço de fudge de chocolate escuro para a sobremesa.

Finalmente, chegamos ao fim da fila. Todos os meus outros amigos já haviam pago e esperavam por Rory e eu para fazermos o mesmo. A menina espartana estava na minha frente, e ela abrandou os passos, como se realmente não quisesse pagar por sua comida, mas eventualmente chegou ao caixa.

A mulher sentada atrás do caixa se animou ao ver Rory. Ela não era muito mais velha do que nós – provavelmente em seus meados dos vinte anos – mas era excepcionalmente bonita, com longos cabelos negros brilhantes, olhos verdes e pele de porcelana. Ela usava um uniforme

branco de cozinheira chefe e eu me perguntava se ela ajudara a cozinhar a comida.

— Oi, Rory, — a mulher disse. — Como vai a escola hoje?

— Ei, tia Rachel, — Rory murmurou. — Está tudo bem.

Tia Rachel? Essa deve ser a tia da qual a Vovó Frost me contou – com quem Rory vivia. A irmã da mãe dela. A única família que ela tinha. Bem, além de mim.

Os olhos de Rachel se dirigiram para mim, e ela percebeu quão perto eu estava da sua sobrinha. Seu rosto se iluminou um pouco mais.

— Quem é a sua nova amiga?

— Olá, — eu disse com uma voz alegre, apenas para provocar Rory. — Eu sou Gwen.

Rory me disparou outro olhar feio, mas Rachel não percebeu isso. Em vez disso, ela se aproximou e pegou minha mão. Seus sentimentos e emoções me atingiram um momento depois. Normalmente, eu tinha o cuidado de não tocar as pessoas, já que minha psicomетria sempre acionava quando eu tocava outra pessoa, mas Rachel me pegou desprevenida com seu aperto de mão impróprio e entusiasmado.

Pensei em puxar de volta, mas decidi não fazê-lo. Tinha muitas perguntas e não muito tempo para obter respostas para elas, já que sairíamos para as ruínas. Queria saber mais sobre Rory, e sentir as vibrações em Rachel era uma forma de descobrir. Além disso, isso me diria se elas eram ou não Ceifadoras e o quanto eu podia confiar nelas.

Os sentimentos de Rachel preencheram minha mente. Por um momento, fiquei impressionada com as imagens dela. Rindo, falando, sorrindo, crescendo ao longo dos anos, até aprendendo a lutar como uma Espartana. Mas quanto mais eu aprofundava em suas memórias, mais eu percebi outra pessoa nelas – uma garota mais velha que se parecia com ela. Essa deve ser a irmã dela, a mãe de Rory. As três eram muito parecidas. Eu também podia sentir todo o amor de Rachel por sua irmã mais velha – e o quanto ela cuidava dela.

Mas havia uma escuridão na outra garota – uma escuridão que Rachel se preocupava cada vez mais com o passar dos anos. Uma

escuridão que só se intensificou quando ela conheceu um menino da idade dela, e os dois tiveram Rory. A princípio, Rachel pensou que Rory seria o suficiente para afastar a irmã da escuridão, mas ela não foi. As imagens ficaram cada vez mais confusas depois, transformando-se em uma sólida parede vermelha na mente de Rachel – uma parede de sangue.

O sangue de sua irmã.

Na minha frente, eu estava vagamente consciente de que Rachel olhava para Rory. De repente, as lembranças e os sentimentos mudaram, e eu vi Rory crescer ao longo dos anos – e todo o amor que Rachel sentia por sua sobrinha. Mas o principal fato que eu sentia foi quão cansada Rachel estava – e quão triste. Ela tentava fazer o melhor que podia com Rory, mas estava constantemente preocupada com o fato de não estar fazendo um trabalho bom o suficiente, de que seu amor não fosse o suficiente para Rory, que não fosse o suficiente para aliviar a dor de perder os pais.

Os pais de Rory estavam mortos? Quando? Como?

Antes que eu pudesse procurar a resposta, Rachel afastou sua mão da minha, e as lembranças e os sentimentos desapareceram. Eu pisquei, tentando me concentrar e classificar todas as imagens e emoções que vi e senti ao mesmo tempo.

Devo ter tido um olhar estranho no meu rosto, porque os olhos de Rachel se estreitaram com suspeita. Mas dei-lhe um sorriso brilhante, paguei pela minha comida e caminhei até a mesa onde meus amigos estavam sentados. Passos batiam no chão, e Rory apressou-se ao meu lado.

— O que foi isso? — Ela sibilou. — O que você fez com minha tia?

— Nada, — eu disse. — Ela não sentiu nada.

Não acrescentei que eu senti tudo o que Rachel experimentava no momento, especialmente sua última e mais forte emoção – sua surpresa e felicidade de que Rory parecia ter um novo amigo. Me perguntei sobre o que ela pensaria quando percebesse quem eu era – e que Rory e eu não éramos exatamente amigas.

Rory me deu outro olhar suspeito, mas sentou à mesa conosco. Ninguém disse nada e todos comemos nossa comida.

O cheeseburger de bisonho estava surpreendentemente bom. Realmente, eu não podia nem dizer que não era uma carne bovina normal e regular. A carne tinha um pouco de tempero picante de pimenta vermelha e o calor aqueceu minha boca agradavelmente. A alface e outros vegetais tinham uma aparência boa e fresca, enquanto a camada grossa de maionese no pão grelhado proporcionava um leve contraste. As batatas fritas estavam quentes e crocantes, com apenas a quantidade certa de bacon e queijo derretido sobre elas, e o molho tinha a mistura perfeita de acidez cremosa. O único que foi decepcionante foi o fudge, que estava bom, mas não tão gostoso e pecaminosamente decadente quanto o que a Vovó Frost fazia.

Eu estava tão ocupada comendo que não percebi os olhares feios que chegavam para nós – pelo menos, não imediatamente.

Eu estava terminando a última mordida de meu fudge quando uma onda de emoção me inundou – raiva. Raiva quente, ardente e irritante. No começo, pensei que era dirigida a mim, que havia algum Ceifador aqui, então eu me virei no meu assento, tentando ver quem estava olhando para mim e por quê. Vi um grupo de garotos olhando para nossa mesa. Demorou mais um minuto para perceber que eles, na verdade, olhavam para a Rory – e não eram os únicos.

Nós estávamos sentados em uma mesa nos fundos do refeitório, mas todos que caminhavam por ali olhavam para Rory. Ouvi os murmúrios também.

— Garota Ceifadora...

— Não acredito que ela voltou para mais um semestre...

— Por que ela simplesmente não abandona...

Rory também ouviu os sussurros irritados. Os ombros dela ficaram tensos, os nódulos ficaram brancos em torno de seu garfo, e o olhar dela deslizou de um lado para o outro, como se esperasse que um deles a atacasse a qualquer momento.

Mais uma vez, eu tive um estranho senso de déjà vu. A coisa toda me lembrou de como os estudantes da Mythos me trataram algumas semanas atrás, quando fui falsamente acusada de ser uma Ceifadora, quando Vivian me culpou por todas as coisas más que ela fizera – incluindo matar alguns dos nossos colegas de classe.

Finalmente, os olhares e os murmúrios não eram suficientes, e alguns caras se aproximaram da nossa mesa.

— Bem, bem, bem, olha quem está realmente comendo no refeitório pela primeira vez, — um dos rapazes zombou.

— Bem, bem, bem, — Rory atirou. — Olhe quem ainda está falhando em Inglês... e em todas as outras classes. Esse seria você, Duke.

O rosto de Duke ficou vermelho de raiva. Ele era um cara alto com uma compilação robusta, o tipo que seria um jogador linebacker na minha antiga escola secundária pública. Ele não estava carregando uma arma, mas percebi pela vibração que ele era um Viking, pelo jeito como continuava esfregando os nódulos, como se estivesse ansioso por acertá-los no rosto de Rory. Os Vikings eram fortes e tinham propensão a usar seus punhos para resolver problemas ao invés de armas.

— Sim, bem, — ele grunhiu. — Talvez eu não seja tão inteligente quanto você, mas pelo menos meus pais não são Ceifadores. Pelo menos eles não fizeram uma série de matanças na biblioteca. Você não pode dizer o mesmo sobre os seus, no entanto, pode?

Eu congelei. Assim como todos os meus amigos. Nós olhamos um para o outro, então para Rory. Seus pais eram Ceifadores? Eles mataram pessoas? No campus? Bem, isso explicaria por que os outros estudantes tratavam Rory como se ela não fosse melhor do que a sujeira sob suas botas.

O rosto de Rory estava completamente inexpressivo e fechado quando ela empurrou a cadeira para trás e encarou Duke. — Eu já te avisei anteriormente para não falar sobre meus pais.

Duke tinha as mãos enroladas em punhos. — Eu vou falar sobre eles quando eu quiser. E você também, vadia Ceifadora.

Vadia Ceifadora.

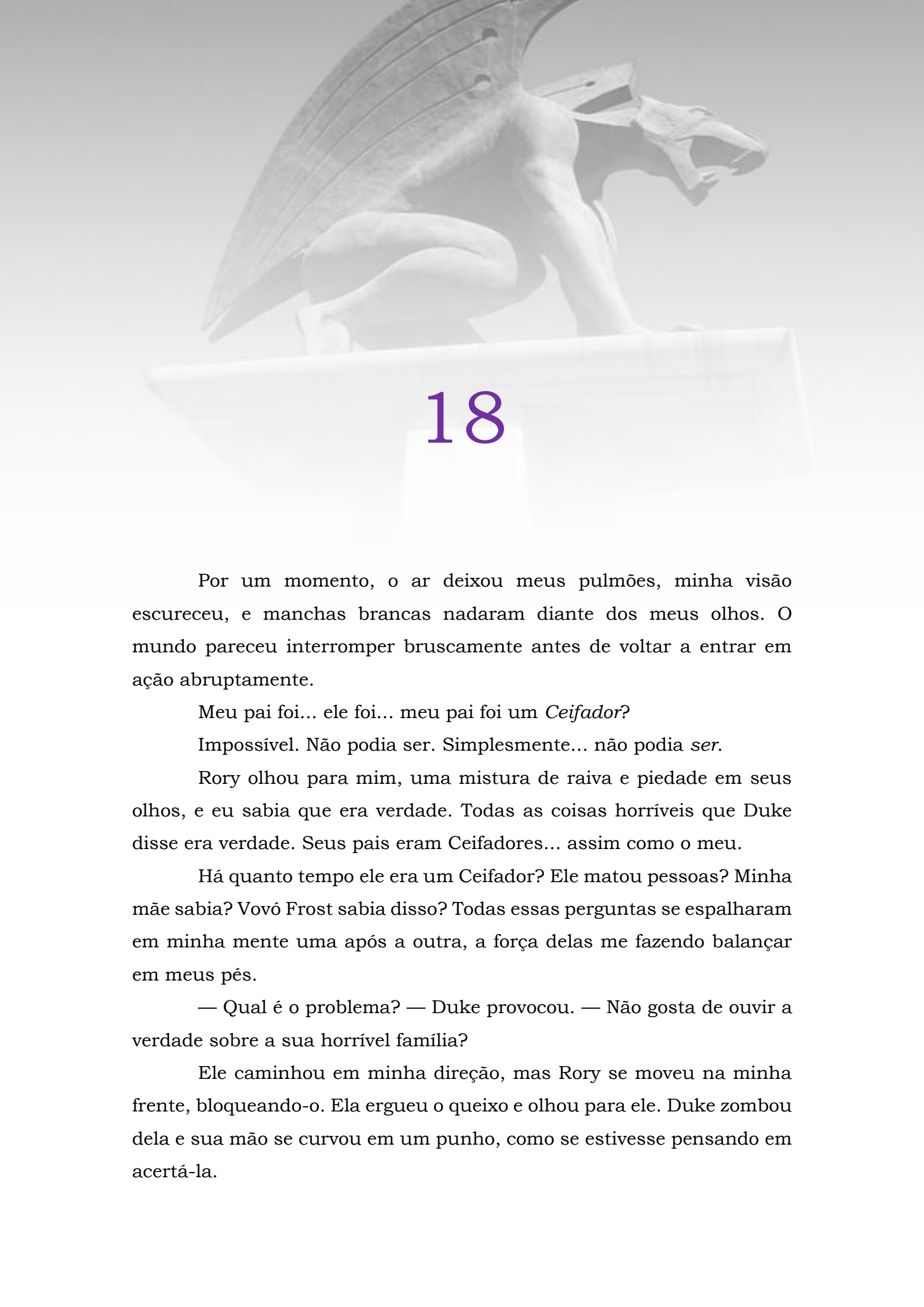
Aquelas eram as mesmas palavras que foram pintadas com spray na porta e nas paredes do meu dormitório mais de uma vez. Elas me fizeram ver vermelho agora, assim como fizeram antes. Porque aprendi algo quando toquei Rachel – que ela e Rory não eram Ceifadoras mais do que eu.

— Ei, — eu disse, empurrando minha cadeira para trás e me levantando também. — Deixe-a em paz. Ela não estava fazendo nada para você.

Duke olhou para mim e zombou de novo. — Quem é a sua amiga, Rory? Não a vi nem a nenhum desses perdedores antes.

— Esta é Gwen, — Rory disse em alta voz, certificando-se de que todas os garotos nas mesas vizinhas a ouvissem. — Minha prima. Seu pai era um Forseti. O irmão do meu pai, de fato.

Ódio apareceu nos olhos escuros de Duke. — Ah, — ele zombou. — Outra Forseti. Então seu pai era um Ceifador também, hein?



18

Por um momento, o ar deixou meus pulmões, minha visão escureceu, e manchas brancas nadaram diante dos meus olhos. O mundo pareceu interromper bruscamente antes de voltar a entrar em ação abruptamente.

Meu pai foi... ele foi... meu pai foi um *Ceifador*?

Impossível. Não podia ser. Simplesmente... não podia *ser*.

Rory olhou para mim, uma mistura de raiva e piedade em seus olhos, e eu sabia que era verdade. Todas as coisas horríveis que Duke disse era verdade. Seus pais eram Ceifadores... assim como o meu.

Há quanto tempo ele era um Ceifador? Ele matou pessoas? Minha mãe sabia? Vovó Frost sabia disso? Todas essas perguntas se espalharam em minha mente uma após a outra, a força delas me fazendo balançar em meus pés.

— Qual é o problema? — Duke provocou. — Não gosta de ouvir a verdade sobre a sua horrível família?

Ele caminhou em minha direção, mas Rory se moveu na minha frente, bloqueando-o. Ela ergueu o queixo e olhou para ele. Duke zombou dela e sua mão se curvou em um punho, como se estivesse pensando em acertá-la.

Outra cadeira arrastou para trás da mesa, e Alexei se moveu na frente de nós duas.

— Isso é o suficiente, — ele disse com uma voz arrepiante e calma. — Vá embora.

— Sim, cara, — Oliver disse, movendo-se para ficar ao lado de Alexei. — Dá o fora. Agora.

Daphne e Carson ficaram de pé também, e Duke percebeu que estava superado em número. Ainda assim, ele encarou Rory, como se não quisesse nada além de passar pelos meus amigos para chegar até ela, e a mim também.

— Que seja, — ele finalmente murmurou. — De qualquer forma, ela não vale a pena. Nenhum dos Forsetis vale.

Ele se aproximou de seus amigos e todos se sentaram à sua mesa e juntaram a cabeça. Pelo riso, as maldições e as brincadeiras, eu sabia que eles falavam sobre nós – sobre meu *pai*.

De repente, o refeitório parecia quente, pequeno e abafado. Não consegui respirar, e o ar que consegui respirar veio em uma série de suspiros sufocados. Eu abaixei, peguei minha bolsa carteira e me endireitei.

— Gwen? — Daphne perguntou, seus olhos negros preocupados.

Balancei a cabeça. — Eu apenas... preciso ficar sozinha por alguns minutos. Ok?

Alexei começou a vir comigo, quer eu desejasse ou não, mas Oliver colocou uma mão no braço dele.

— Está tudo bem, — Oliver disse. — Deixe-a ir.

Saí do refeitório sem mais uma palavra.

Acabei na Biblioteca das Antiguidades, como costumava fazer em casa sempre que algo estava na minha cabeça. Alguma nova tortura que os Ceifadores me transpuseram, algum novo e horrível segredo que descobri, uma nova forma do meu coração ser quebrado uma vez mais.

Eu não estava realmente prestando atenção para onde eu ia, então eu estava no meio do corredor principal antes de ver Ajax e Covington de pé atrás do balcão de registro, conversando. Eu não queria que eles me vissem sozinha, então escorreguei entre as estantes e fui até o segundo andar, até a estátua de Nike. Joguei minha bolsa carteiro no chão e me enrolei em uma bola no chão aos pés dela.

Vic saía do topo da bolsa e abriu o olho violeta, me olhando com uma expressão séria e piedosa.

— Eu entendo que você ouviu tudo aquilo no refeitório? — Perguntei.

— Ouvi. Sinto muito, Gwen.

— Você sabia? Sobre o meu pai?

Vic estremeceu, me dizendo o que eu já suspeitava. Ele sabia o tempo todo que meu pai era um Ceifador, e nunca disse uma palavra para mim – nem uma *palavra*. Me perguntei o que mais ele sabia que eu não, quantos outros segredos ele mantinha com ele.

Ele abriu a boca. — Mas não é tão ruim quanto você pensa...

— Cala a boca, Vic, — murmurei. — Não quero ouvir isso agora.

Vic olhou para mim um momento mais, e lentamente fechou o olho. Não me incomodei em levantar a cabeça e falar com Nike. Ela não me responderia. Não agora, não aqui. Além disso, eu não queria falar sobre isso. Ainda não. Quando achava que sabia tudo o que havia para saber sobre a minha família, algo como isso surgia. Quantos segredos eu poderia suportar antes de começar a gritar e nunca parar...

Um sapato raspou o chão atrás de mim. Virei a cabeça, e estiquei minha mão para Vic, pronta para pegar a espada e me defender contra o Ceifador, que sem dúvida estava se esgueirando para mim.

Enquanto pegava a espada, eu me amaldiçoava. *Estúpida, estúpida, estúpida, Gwen!* Ajax nos havia dito para permanecermos juntos, mas eu apressei em me afastar como uma idiota completa, como sempre fazia, e alguns Ceifador viu isso como uma oportunidade para tentar me matar, provavelmente a figura misteriosa que eu notara entre as estantes mais cedo...

Pisquei e parei minha corrida apressada, meu braço esticado no ar – porque a sacada estava vazia. Meu olhar foi para a esquerda e para a direita, para cima e para baixo, mas a cena não mudou, e nem os Ceifadores surgiram das sombras.

Abaixei lentamente a mão. Continuei olhando ao redor, olhando para todos os troncos, rochas e estátuas, mas ninguém estava lá. Ainda assim, senti alguém me observando, era real, alguém vivo e não apenas todas as estátuas que tinham a cabeça na minha direção.

Eu me abaixei para que minhas costas estivessem pressionadas contra os pés de Nike e aproximei Vic para que estivesse perto, apenas no caso de algum Ceifador aparecer. Então voltei a pensar. Eu não estava sentada junto à estátua por talvez cinco minutos, quando as botas raspavam o chão novamente. Eu fiquei tensa, mas essa pessoa não estava tentando esconder sua abordagem. Ela virou na esquina e entrou a vista. Ela hesitou um momento antes de endireitar os ombros, caminhar e sentar ao meu lado.

— Pensei que poderia encontrá-la aqui, — Rory disse.

— Bom para você, Nancy Drew, — murmurei.

— Sua deusa, hein? — Ela disse, torcendo o pescoço para que pudesse olhar para a estátua.

— Sim.

Nós não falamos por alguns instantes. Agora, eu não queria nunca mais falar com ela novamente. Mas, mais uma vez, as perguntas surgiram na minha mente e não consegui evitar querer saber as respostas, querendo conhecer todas as últimas partes e a feia verdade desse segredo familiar profundo, sombrio e sujo que foi trazido a luz para todos verem – inclusive eu.

— Você poderia ter me contado, — eu finalmente disse, minha voz agitando um pouco sobre as palavras.

Ela fez uma careta. — Eu sei. Me desculpe por isso. É que... dói, sabe? Dói *tanto*.

Eu sabia, mas ainda me levou um momento para reunir coragem para fazer minhas perguntas. — O que aconteceu?

Ela encolheu os ombros. — Não sei. Não realmente. Um dia, sou apenas uma menina, passando pelo meu primeiro semestre na Academia Mythos, lidando com aulas, professores e essas coisas. No dia seguinte, meus pais estão mortos. Então parece que meus pais eram Ceifadores, sempre foram Ceifadores, e que estavam tentando roubar um monte de artefatos da biblioteca quando Covington os pegou. Mas em vez de se renderem, eles tentaram lutar para escapar e mataram alguns alunos antes de Covington impedi-los.

Então era por isso que ela não gostava do bibliotecário – ele matou seus pais. Sim, eles eram Ceifadores, mas ele ainda era responsável pelas mortes deles.

Rory respirou fundo e terminou a história.

— E se tudo isso não é ruim o suficiente, também descobri que meus pais foram Ceifadores assassinos em segredo por anos. O resto... bem, você viu o resto no refeitório.

— Sinto muito, — eu disse. — Isso é horrível.

Ela encolheu os ombros novamente, tentando fingir que não se importava, tentando fingir que não importava, tentando fingir que não doía. — O engraçado é que meus pais sempre falavam sobre quão importante era eu aprender a lutar. Para ser uma boa espartana, a fim de poder proteger outras pessoas dos Ceifadores. E então eles se tornaram os Ceifadores. E não apenas quaisquer Ceifadores... mas um dos piores.

— Sinto muito, — repeti.

Não sabia mais o que dizer. Nenhuma palavra tornaria isso melhor. Nem para ela, e tampouco para mim.

Rory soltou uma risada amarga. — E sabe o que é pior? Eu ainda os amo. Eles eram meus pais, e eram Ceifadores, mas eu ainda os amo de qualquer maneira. Ainda queria que eles estivessem aqui comigo em vez de morrer. Que tipo de pessoa isso me torna?

— Apenas uma garota, — eu disse. — Apenas uma garota.

Rory pegou um fio solto no seu jeans. Ela não encontrou o meu olhar. Se eu não pensasse que ela se afastaria, eu teria posto minha mão

na dela e usado minha psicomетria para mostrar a ela que ela não era a única pessoa que foi traída, enganada e ferida pelos Ceifadores.

— E meu pai. — Eu finalmente perguntei. — O que você sabe sobre ele?

Ela hesitou. — Não muito. Apenas o que meu pai, Tyson, me disse sobre ele. Aparentemente, eles tiveram algum tipo de briga grande quando eram mais jovens, e seu pai foi embora. Meu pai nunca mais ouviu falar dele, mas ele sempre pareceu triste por perder seu irmão.

Eu imaginava que havia muito mais na história do que isso. Eu teria que perguntar à Vovó Frost.

— Meu pai... um Ceifador. — As palavras pareciam frias e amargas na minha boca. — Não parece possível. Isso não parece *real*.

Rory riu novamente, mas não era um som feliz. — Nem fale.

— Mas sua tia parece legal. Ela não é uma Ceifadora. E você também não.

Rory continuou puxando aquele fio solto no jeans. — Sim, Rachel é ótima. Ela também não sabia que eles eram Ceifadores, então ela ficou tão surpresa quanto eu. Mas a fofoca sobre eles tentando roubar os artefatos e matar aqueles outros estudantes se espalhou.

— E agora todos os outros estudantes atiram isso em você... eles te odeiam por isso.

Ela encolheu os ombros. — Eu dou conta disso. Sou Espartana.

Suas palavras me fizeram sorrir. — Conheço um cara Espartano que diria exatamente a mesma coisa se ele estivesse aqui. O nome dele é Logan.

Rory me olhou. — E por que ele não está aqui? Por que não é parte de sua adorável comitiva?

— É complicado.

Ela bufou. — Não é sempre?

— Você não faz ideia.

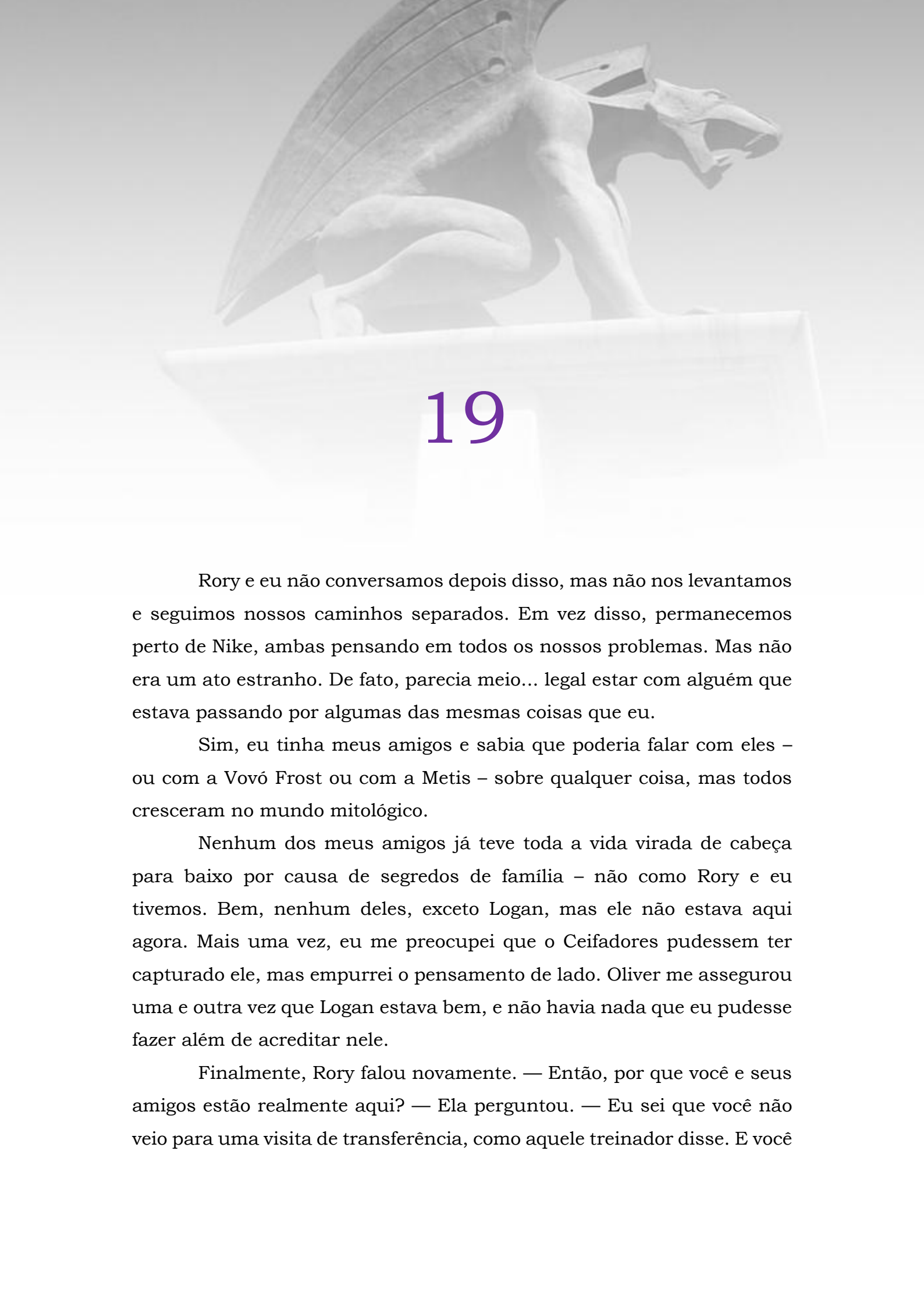
Nós não falamos por alguns instantes. Finalmente, Rory voltou-se para mim novamente.

— Então, qual é a sua história? A história real? Porque eu tenho que dizer, ouvi algumas coisas estranhas sobre você.

Deixei escapar o mesmo tipo de riso áspero que ela fez antes. — Estranho nem começa a cobrir. No começo, eu era apenas uma garota que ia à escola pública, que não tem ideia de que o mundo mitológico existe. Então, eu tive um problema com minha magia, minha mãe foi assassinada, e fui enviada para a Academia Mythos. Descubro que sou descendente de uma longa linhagem de Campeãs de Nike e que eu praticamente devo salvar o mundo de Loki. Daí acabo libertando Loki em vez disso, contra minha vontade, e agora preciso descobrir uma maneira de detê-lo. Ah, sim, e os Ceifadores tentaram colocar a alma de Loki no corpo do meu namorado, o que fez meu namorado ficar todo louco, me apunhalar no peito e quase me matar. Agora meu namorado foi embora, mas ainda tenho pesadelos sobre ele tentando me matar.

Rory soltou um assobio baixo. — E eu pensei que minha vida era uma droga.

— Droga não é uma palavra suficientemente forte, — eu disse. — Não mais.



19

Rory e eu não conversamos depois disso, mas não nos levantamos e seguimos nossos caminhos separados. Em vez disso, permanecemos perto de Nike, ambas pensando em todos os nossos problemas. Mas não era um ato estranho. De fato, parecia meio... legal estar com alguém que estava passando por algumas das mesmas coisas que eu.

Sim, eu tinha meus amigos e sabia que poderia falar com eles – ou com a Vovó Frost ou com a Metis – sobre qualquer coisa, mas todos cresceram no mundo mitológico.

Nenhum dos meus amigos já teve toda a vida virada de cabeça para baixo por causa de segredos de família – não como Rory e eu tivemos. Bem, nenhum deles, exceto Logan, mas ele não estava aqui agora. Mais uma vez, eu me preocupei que o Ceifadores pudessem ter capturado ele, mas empurrei o pensamento de lado. Oliver me assegurou uma e outra vez que Logan estava bem, e não havia nada que eu pudesse fazer além de acreditar nele.

Finalmente, Rory falou novamente. — Então, por que você e seus amigos estão realmente aqui? — Ela perguntou. — Eu sei que você não veio para uma visita de transferência, como aquele treinador disse. E você

não acreditaria em alguns dos rumores que surgiram sobre vocês no campus.

Olhei para a garota espartana, me perguntando se eu poderia realmente confiar nela. Mas então, pensei em tudo o que vi quando toquei em Rachel. Rory era mais como eu do que ela percebia.

— Nós vamos às ruínas de Eir amanhã, — eu disse. — Um dos nossos amigos foi envenenado. Temos que encontrar algumas flores de ambrosias para fazer um antídoto para ele, e as ruínas são o único lugar onde elas crescem. Mas é claro, os Ceifadores sabem que estamos chegando. Achamos que eles envenenaram nosso amigo para nos atrair até aqui e que estarão esperando para nos emboscar nas ruínas, especialmente porque não conseguiram nos matar no trem.

Rory bufou. — Isso soa como os Ceifadores, certo. Sempre planejando alguma coisa. Mas as ruínas são bem legais, na verdade.

— Você foi até as ruínas? Elas não deveriam ser assombradas ou algo assim?

Ela encolheu os ombros. — É apenas uma pilha de rochas e muitas flores, árvores e ervas em todos os lugares. Não vejo o que é tão assustador sobre elas. Tia Rachel e eu vamos às ruínas o tempo todo para colher ervas frescas para a cozinha do refeitório. Eu gosto porque é quieto lá em cima, sabe? Um lugar onde você pode sentar, pensar e ficar sozinho.

Eu sabia exatamente o que ela queria dizer. Era assim que eu acabava na Biblioteca das Antiguidades com tanta frequência. As estantes eram um ótimo lugar para se perder e fugir de tudo – pelo menos por um tempo.

Mas agora era hora de eu voltar para meus amigos. Sem dúvida, eles estavam preocupados, desde que eu fugi do refeitório, especialmente porque Ajax nos disse para ficarmos juntos. Além disso, precisávamos começar a nos preparar para a viagem às ruínas amanhã. E a cada segundo que eu ficava aqui, sentindo pena de mim mesma, era outro em que Nickamedes ficava um pouco pior, conforme o veneno lentamente tomava conta dele.

— Vamos, — eu disse, me levantando e seguindo para a escada.
— Hora de voltar para o mundo real.

Rory sorriu, levantou e me seguiu. Descemos para o primeiro andar. Meus amigos estavam novamente sentados nas confortáveis cadeiras ao redor da lareira. Carson, Alexei, Daphne. Todos relaxaram quando perceberam que eu estava bem. Oliver estava ocupado enviando mensagens de texto em seu telefone novamente, e me deu um aceno distraído.

Daphne levantou e veio até mim. — Você está bem? — Ela sussurrou.

— Estou bem, — eu disse, sorrindo para ela, embora eu realmente não sentisse isso. — Lido com isso depois. Agora precisamos nos concentrar em nossa viagem às ruínas, encontrar as flores da ambrosia e levá-las até Nickamedes a tempo.

Daphne assentiu, mas ainda estendeu o braço e me abraçou. Minhas costas rangeram, e estremeci com a força de seu aperto, mas devolvi seu abraço. Ela estava apenas tentando me consolar. Ela era uma boa amiga assim.

Sentei num sofá ao lado de Oliver, que ainda mexia no telefone. Rory pairava fora do círculo de cadeiras, claramente querendo se juntar a nós, mas incerta se seria bem-vinda. Gesticulei para o lugar vazio a poucos metros de distância de mim. Rory hesitou um momento mais antes de avançar e sentar.

Ela mal se acomodou antes de passos soarem, e Rachel apareceu. Ela ia ao balcão de registro, mas então viu Rory e virou em nossa direção. Seus olhos vagavam por cima do nosso grupo antes de pararem em sua sobrinha.

— Rory? — Ela perguntou. — O que você está fazendo aqui?

— Eu poderia te perguntar o mesmo, — Rory disse. — Você não deveria estar no refeitório ajudando os outros chefes a limpar após o almoço?

— Recebi uma ligação para vir aqui, — Rachel disse. — Covington quer falar comigo sobre orientar algumas pessoas até as ruínas de Eir amanhã.

O rosto de Rory escureceu com a menção do bibliotecário.

— Rachell! — A voz de Covington veio do complexo de escritórios. — Aí está está.

O bibliotecário deu a volta no balcão de registro, com Ajax atrás dele. O treinador fez um gesto para que o seguissemos, e todos voltamos para a sala de conferências em que estivemos antes. Quando estávamos todos dentro, incluindo Rachel e Rory, Covington fechou a porta. O olhar do bibliotecário passou de mim para Rory, para Rachel e voltou.

— Bem, parece que alguns de vocês se conheceram. Mas para o resto de vocês, esta é Rachel Maddox. Ela trabalha no refeitório.

— Ela é uma *chef*, — Rory o interrompeu. — A melhor cozinheira nesta escola miserável. Não é uma ajudante aleatória.

Covington fez uma pausa. Rachel estremeceu e lhe deu um olhar de desculpas. Todos ouviram a ira na voz de Rory.

— Er, sim, — ele finalmente continuou. — Rachel é uma *chef*. Ela também está familiarizada com as Ruínas de Eir, e concordou em servir como nossa guia amanhã.

— Como você sabe tanto sobre as ruínas? — Ajax perguntou.

— Meus pais tinham uma cabana de verão perto das ruínas, — Rachel respondeu. — Minha irmã e eu costumávamos explorar lá quando éramos crianças. Rory e eu ainda conseguimos ir um pouco.

Rachel sorriu para sua sobrinha, mas então seus olhos me olharam e a suavidade em seu rosto desapareceu. Ela provavelmente viu os alunos no refeitório confrontando Rory e eu. Isso significava que Rachel sabia exatamente quem eu era... outra Forseti.

— De qualquer forma, pensei em mostrar algumas imagens das ruínas para que vocês possam se preparar para o que podemos encontrar lá, — Covington disse.

O bibliotecário instalou um laptop em um canto, puxou para baixo uma tela de filme branca sobre uma das paredes e apagou as luzes.

Ele apertou um botão em seu computador, e uma série de imagens apareceu na tela.

As ruínas de Eir estavam empoleiradas em cima de uma bela montanha coberta de neve. Elas eram maiores do que eu pensava que seriam, parecendo se esticar de um lado da montanha para o outro, embora fosse possivelmente apenas as fotos que as faziam parecer tão vastas. As ruínas eram na verdade uma série de construções agrupadas em torno de um campo cheio de flores. Um pequeno córrego fluía pelo meio do campo, terminando em uma fonte quebrada, antes de escorrer pelo lado oposto, embora a água pareça estar congelada nas fotos. Talvez elas tivessem sido tiradas no inverno, embora eu não conseguisse imaginar como muitas flores poderiam sobreviver em um clima tão frio.

— A lenda diz que as ruínas eram uma vez a casa de inverno de Eir, a deusa nórdica da cura, — Covington disse, clicando em mais algumas fotos. — Claro, o que nos interessa é o campo principal. Bem, é mais como um jardim, na verdade. Todos os tipos de plantas e flores florescem durante todo o ano. Há também um rio que atravessa a área.

A próxima foto mostrou uma estátua de pedra de uma deusa, que eu assumi ser Eir. Cabelo curto, nariz afiado, corpo curvilíneo. Ela não era tão bonita quanto Nike, mas havia... uma gentileza em seu rosto, uma que eu poderia sentir mesmo através da foto.

— Depois que Rachel nos guiar para as ruínas, vamos acampar e procurar as flores da ambrosia, — Covington disse. — Rachel acredita que elas devem estar em algum lugar nesta área no campo principal.

O bibliotecário apertou um botão em seu computador, e outra imagem apareceu, desta vez um close-up de várias flores silvestres coloridas que cresceram através de pequenas rachaduras no pátio de pedra.

— Após localizar as flores da ambrosia, aguardaremos até a meia-noite para colhê-las, de acordo com as instruções da Professora Metis, — Covington disse. — Então vamos descansar até o amanhecer e voltar para a Academia. Rachel, você quer dizer algumas palavras sobre o que todos podem esperar na viagem?

Ela assentiu, levantou da cadeira e ficou na frente da sala. — A viagem em si não é tão perigosa, — Rachel disse. — É uma caminhada de duas horas de Snowline Ridge até o topo da montanha, onde as ruínas estão localizadas. Agora, tenho certeza de que vocês já ouviram algumas coisas. Os moradores afirmam que as ruínas são preenchidas com todo tipo de criaturas estranhas e curiosas. Eu nunca vi algo assim, mas ainda precisamos ter cuidado. O clima de inverno escondeu muitos pontos perigosos ao longo da trilha, e tornozelos e pernas quebradas são sempre uma preocupação. Tivemos sorte de que não tenha nevado muito nas últimas semanas, então a caminhada não deve ser muito difícil, mas há uma tempestade vindo. Precisamos sair da montanha antes que comece a nevar.

— Então as ruínas na verdade não têm nenhum feitiço? — Perguntei. — Você tem certeza?

Rachel sacudiu a cabeça. — Não da maneira que você quer dizer. A única magia que elas têm é o que quer que esteja no chão e nas rochas que ajuda as flores a crescerem durante todo o ano, mesmo durante o inverno mais severo. Essa magia torna as ruínas bonitas, mas não perigosas.

Olhei as flores silvestres. Eu não as conhecia. Sim, eram apenas flores, mas quase podia sentir uma força que emanava delas, uma espécie de energia bruta e selvagem. Quando olhei para a foto, as pétalas e as folhas começaram a se mover, como se o vento estivesse sobre elas. Lentamente, todas as flores giraram na minha direção, as listras, e as estrelas em suas pétalas brilhantes que se transformaram em rostos que olhavam para mim. De repente, um perfume encheu meu nariz – um aroma leve e floral que de alguma forma era doce, afiado e nítido, tudo ao mesmo tempo...

Balancei a cabeça e a visão, os sons e os aromas desapareceram. Minha psicometria estava atuando novamente. Era apenas uma foto. Mas o que eu sentiria quando visse as ruínas e as flores pessoalmente? Eu não sabia, mas estava prestes descobrir.

Covington apertou outro botão, e a foto desapareceu. Ajax levantou e acendeu as luzes.

— Nós vamos sair ao meio-dia, amanhã, — Covington disse. — Deve nos dar tempo suficiente para subir a montanha, montar acampamento e encontrar as flores da ambrosia. Não concorda, Rachel?

Ela assentiu.

— Eu também vou, — Rory falou.

Covington hesitou. — Não tenho certeza de que essa seja uma boa ideia. Pelo que Ajax me disse, o tempo é essencial. Quanto mais pessoas forem, mais lento será o grupo. Além disso, por que você quer ir?

Ela olhou para o bibliotecário como se a resposta devesse ser óbvia. — Porque haverá Ceifadores lá... Ceifadores que eu posso matar.

Com olhos arregalados, Covington olhou para Rachel, que suspirou. — Rory, você não sabe se os Ceifadores estarão lá, — Rachel disse.

— Claro que estarão lá, — eu disse. — Todos sabemos que esta é uma espécie de armadilha dos Ceifadores. É por isso que eles usaram o veneno... para que tivéssemos que vir até aqui para conseguir as flores da ambrosia para fazer o antídoto. Não me surpreenderia se Vivian e Agrona já estivessem nas ruínas, esperando por nós para que possam tentar nos matar.

Os três adultos trocaram olhares, mas não me contradisseram. Todos sabíamos que não podiam. Os Ceifadores nos atraíram até aqui. Agora, tudo o que podíamos fazer era ver o tipo de armadilha que estabeleceram... e esperar que possamos sobreviver de alguma forma.



20

Os outros começaram a falar sobre as coisas que precisávamos fazer, o que deveríamos levar e a rota que faríamos pela montanha para chegar às ruínas. Rachel e Rory conversaram com Ajax e Covington. Alexei também ofereceu algumas opiniões. Aparentemente, ele fez muitas caminhadas quando vivia na Rússia. Daphne e Carson juntaram a cabeça e começaram a sussurrar, enquanto Oliver mais uma vez puxou o telefone e começou a mandar mensagens de texto.

Inquieta, levantei e comecei a passear pela sala de conferências. Eventualmente, eu me encontrei olhando para a grande estátua do grifo perto da parede. Não recebi a mesma vibração familiar e reconfortante dele como acontecia com os que estavam do lado de fora da Biblioteca das Antiguidades em casa, mas os grifos eram protetores. Por algum motivo, olhar para a escultura me fazia sentir um pouco melhor sobre nossas chances de encontrar as flores de ambrosia.

Após alguns minutos, Covington passou por mim.

— Você parece muito interessada nessa escultura.

— Eu acho que você poderia dizer isso. O que há com todos esses grifos?

Ele franziu a testa. — O que você quer dizer?

Gesticulei para a estátua e todas as outras na sala. — Quero dizer, parece que há estátuas e esculturas de grifos em todo o campus. Nas paredes aqui, ao lado das escadas da biblioteca, em cima da fonte no meio do refeitório, em ambos os lados do portão principal. Nós não temos tantas imagens assim em casa.

— Ah, — ele disse. — Isso é porque na verdade existem ninhos de grifos aqui nas montanhas. A lenda diz que quando esta academia estava sendo construída, os construtores ficaram bastante inspirados pelas criaturas. Até hoje, você pode vê-los voando sobre a academia, embora ninguém saiba exatamente onde eles fazem seus ninhos. Talvez mais alto nesta montanha ou em alguns dos picos vizinhos.

— Vocês tem algum contato com eles?

Ele balançou sua cabeça. — Não. Na maior parte, eles nos evitam, e nós fazemos o mesmo, embora todas as vezes em que um estudante ou professor faz caminhada, ele é atacado por um. Rachel deveria tê-los mencionado quando ela falou sobre coisas perigosas na montanha. Grifos são animais selvagens, perigosos, e completamente imprevisíveis.

Pensei em Nyx. Me perguntei se Covington pensaria o mesmo dela – que ela era uma criatura selvagem, perigosa e imprevisível. Talvez ela fosse, mas também era minha amiga, minha família e eu a amava tanto quanto a Vovó Frost e o resto dos meus amigos. Eu me senti da mesma maneira sobre a mãe de Nyx, Nott, apesar dela estar morta, assassinada por Vivian, assim como minha mãe.

— Claro, os Ceifadores não se importam com o quão perigosos os grifos são, — Covington acrescentou. — Há rumores de que os Ceifadores vem para esta área várias vezes por ano para capturar grifos selvagens para adicioná-los aos que já estão a seu serviço, embora eu não veja como os Ceifadores consigam controlá-los.

Eu sabia como. Nike havia me dito que os Ceifadores alimentavam criaturas como grifos, Lobos Fenrir e gatunos de Nemean com um veneno

especial para mantê-los sob controle. Sem a dose diária do veneno, as criaturas morreriam, horrivelmente e dolorosamente, então eram forçadas a servir os Ceifadores, ainda que não desejem. Imaginei se os Ceifadores usavam alguma versão da Serket sap para isso também.

— Mas Ceifadores ou não, todos sabem que os grifos morderiam sua cabeça assim que avistasse você, — Covington terminou.

Ele fez parecer que os grifos eram os monstros, em vez dos Ceifadores. Eu não achava que fosse verdade, mas não disse mais nada. Não era como se eu tivesse muita experiência com grifos. Talvez eles fossem tão perigosos quanto Covington havia dito. Ou talvez eles simplesmente fossem mal interpretados, assim como muitas outras criaturas mitológicas. De qualquer forma, eu duvidava que encontraria algum grifo nas ruínas. E se eles eram tão inteligentes como eu pensava, eles dariam uma olhada em nós e nos Ceifadores que provavelmente estavam tentando nos emboscar e voariam para longe o mais rápido possível.

— Tudo bem, — Ajax disse, acenando com a mão para chamar a atenção de todos. — Acho que resolvemos todos os detalhes. Vamos. Ainda temos muito a fazer.

Pegamos nossas coisas e saímos da sala de conferências. Ainda assim, antes de sair, olhei sobre o meu ombro uma última vez para a estátua do grifo. Por um momento, a cabeça do grifo pareceu girar lentamente através da pedra, até que a criatura estivesse olhando diretamente para mim. Seus olhos se estreitaram, e suas garras pareciam ficar mais e mais afiadas enquanto ele olhava para mim, como se não quisesse nada mais do que se libertar da parede, se lançar sobre a mesa de conferência e lutar comigo...

— Vamos, Gwen! — Daphne gritou.

Eu pisquei, e a estátua era apenas uma pedra novamente. Eu estremeci e saí correndo da sala, sem ousar olhar novamente.

Passamos o resto do dia nos preparando para nossa viagem. Rachel voltou para o refeitório e fez Rory prometer ir às aulas da tarde. Covington levou o resto de nós para fazer compras em Snowline Ridge, e nos preparamos com bolsas, botas de caminhada, tobogãs, luvas, cachecóis, mochilas, sacos de dormir, cordas de escalada e mais. Todos possuímos nossas próprias armas, mas todos, exceto eu, adquiriram uma espada extra ou alguns punhais. Todos queriam estar tão prontos quanto possível para qualquer coisa que pudesse nos esperar na montanha.

Quando terminamos de comprar, era hora do jantar, e voltamos para o refeitório. Ajax foi conosco, então não tivemos nenhum problema com os outros estudantes. Na verdade, todos pareciam sair do caminho para nos dar um espaço tão grande quanto possível. Ninguém queria mexer com um adulto tão forte e tão habilidoso em luta como o Treinador Espartano.

Depois disso, pegamos nossa bagagem da biblioteca e fomos para a colina, até os dormitórios. Os Poderosos arranjaram para nós alguns quartos vazios, mas Ajax continuou caminhando além dos prédios e virou para um caminho que dava até o outro lado do campus. As construções ficaram menores e mais distantes, embora as fileiras de pinheiros se tornassem mais espessas. Eventualmente, surgiu uma casinha de pedra aninhada no meio das árvores. Ela tinha na frente uma varanda branca e de madeira. As persianas e a parede foram pintadas de um verde claro, embora o telhado fosse feito de ardósia negra. Fumaça cinzenta saía da chaminé e mergulhava no céu de inverno, misturando-se com as nuvens escuras que já se juntaram.

Paramos na varanda. A porta da casa de campo se abriu, e Rachel saiu, junto com Rory.

Olhei para o Ajax. — O que está acontecendo?

— Rachel tem um quarto extra, e ela ofereceu para acomodar você e Daphne esta noite. — Ajax apontou para uma estrutura semelhante entre as árvores mais distante na colina. — Aquela casa está vazia. Os

meninos e eu ficaremos lá. Além disso, pensei que lhe daria uma chance de... conversar com Rachel e Rory sobre o seu pai.

Oh. Então ele conhecia toda a história triste. Me questionei qual dos meus amigos contou para ele. Eu apostaria em Daphne, que sem dúvida teve ajuda de Carson e os outros.

— Assim está bem? — Ajax perguntou. — Ou prefere ficar com o resto de nós?

Olhei para Rachel e Rory. Eu podia sentir a curiosidade e a tensão irradiando das duas – e esperança também.

— Não, — eu disse. — Eu gostaria de ficar com elas, se estiver bem para Daphne.

— Você está brincando? — Ela disse. — *É claro* que eu quero ficar com elas. Olá, boa casa acolhedora, camas, lençóis, água quente e, o melhor de tudo, sem gente por perto para roncar no meu ouvido a noite toda.

Eu queria ressaltar que Daphne roncava mais alto do que um carro de corrida acelerando em alta velocidade, mas não disse nada. Nós dissemos adeus aos rapazes e observamos enquanto caminharam pela colina e desapareceram na outra casa de campo. Então, nós pegamos nossas coisas e nos movemos em direção a Rachel e a casa de Rory.

Rachel nos deu um sorriso brilhante e nos levou para dentro. — Fico feliz que as meninas estejam com a gente. Rory e eu não temos muita companhia atualmente.

— Sim, — Rory atirou. — Engraçado, seus pais tornarem-se Ceifadores mata totalmente a sua vida social.

Rachel fez uma careta, mas não contradisse sua sobrinha. A cabana era tão quente e convidativa por dentro como era fofa e encantadora por fora. Tapetes de lã verde cobriam o piso de madeira, e um fogo crepitava alegremente na lareira da sala principal. Os enfeites de vidro brilhavam no topo das mesas antigas, enquanto uma variedade de flores, vinhas e árvores foram esculpidas nos pesados móveis de madeira.

Fotos também estavam dispostas em cima das mesas e me aproximei para ver melhor. Vi Rory sentada entre Rachel e outra mulher

que parecia exatamente com elas, os braços ligados. Essa deve ser a mãe dela. Outra foto mostrou Rory com a mesma mulher e um homem que era seu pai, já que ele tinha o mesmo cabelo arenoso e olhos azuis que meu pai.

Rory sorria nas fotos, mas o sorriso de seus pais parecia triste, assim como o meu pai sempre pareceu para mim.

Rory notou que eu olhava para as fotos. Ela fez uma careta e me afastei. Rachel nos mostrou onde estava o banheiro, junto com o quarto de hóspedes onde Daphne e eu dormiríamos.

— Vocês vivem aqui há muito tempo? — Eu perguntei, colocando Vic e minha bolsa carteiro na cama. — Porque é um lugar muito legal.

Rachel sorriu para mim. — Eu acabara de me mudar e começar meu trabalho como uma dos chefes júnior quando... — seu sorriso escorregou e desapareceu completamente.

— Quando meus pais se assumiram Ceifadores na biblioteca, — Rory acrescentou.

Rachel tentou sorrir novamente, mas depois de um momento, ela desistiu. — Covington foi gentil o suficiente para convencer o Protetorado que deixasse eu manter o meu trabalho e que Rory e eu pudéssemos ficar aqui.

— Sim, — Rory atirou novamente. — Ele é um homem verdadeiramente nobre. Ele fez isso só para que pudesse ficar de olho em nós, como se também fôssemos Ceifadores. Ele e o resto do estúpido Protetorado.

Rachel suspirou. — Rory, você sabe que Covington não tem sido nada além de bom para nós desde que... tudo aconteceu.

Sua sobrinha resmungou. — Que seja. Isso não muda o fato de que ele os matou. Não me importo quão legal ele tem sido... ou o fato de você ter uma enorme queda por ele.

As bochechas de Rachel começaram a corar. Rory continuou olhando para sua tia. Após um momento, a menina espartana sacudiu a cabeça para ela.

— E você nem nega. Que seja. Vou para o meu quarto. — E saiu pisoteando.

Alguns segundos depois, uma porta bateu na parte de trás da casa. Rachel estremeceu, então tentou sorrir outra vez... e mais uma vez falhou.

— De qualquer forma, — ela disse com uma voz frágil, muito brilhante. — Se houver alguma coisa que você precisa hoje a noite, avise a mim ou Rory. Estamos bem no final do corredor.

— Claro, — eu disse. — Avisaremos você.

Ela assentiu, então se afastou da sala. Por um momento, Daphne e eu ficamos em silêncio. Então a Valquíria balançou a cabeça.

— Uau, — Daphne disse. — E eu pensei que você era mal-humorada. Eu diria que a prima Rory acabou com você nesse departamento, Cigana. Olá, drama familiar.

Revirei os olhos, tirei um travesseiro da cama e o joguei nela. Daphne e eu passamos a próxima hora nos preparando para dormir – tomar banho, escovar os dentes, pentear nosso cabelo, arrumar nossas roupas, e empacotar nossa coisas para amanhã. Quando terminamos, Daphne disse que estava esgotada e se arrastou para a cama. Em poucos minutos ela estava roncando. Assim como Vic, a quem coloquei contra a mesa de cabeceira do meu lado da cama. Seus roncos soavam ao mesmo tempo que o de Daphne, como se eles estivessem competindo para ver quem poderia ser mais alto e me manter acordada por mais tempo. Até agora, estava pau a pau.

Como eu não ia adormecer tão cedo, saí da cama, peguei meu celular, abri a porta e saí para o corredor. Liguei para a Vovó Frost. Ela respondeu no primeiro toque.

— Como você está, abóbora?

— Estou bem, — eu disse em voz baixa para não despertar Daphne. — Apenas um pouco cansada. Mas acho que isso é esperado. Foi um dia interessante.

Contei tudo o que aconteceu, tudo o que todos tinham dito e feito – e todas as coisas que eu descobri sobre meu pai.

— É verdade? — Perguntei, meu estômago agitando. — Meu pai era realmente um Ceifador?

Vovó não me respondeu por um momento. — Sim e não, — ela finalmente disse.

— O que isso significa?

Ela respirou fundo. — Isso significa que seu pai cresceu em uma família de Ceifadores. O pai, a mãe e irmão dele. Todos eram Ceifadores, e todos abraçaram o mal que vem junto com ser um seguidor de Loki. A família Forseti era bastante famosa por serem Ceifadores... e gostavam disso.

Minha mão apertou o telefone. — E meu pai?

Vovó soltou outro suspiro. — Tyr também... por um tempo. Então ele conheceu sua mãe. Os Ceifadores o enviaram para matá-la, na verdade.

— O que aconteceu? — Sussurrei.

— Eles se apaixonaram, — vovó respondeu. — Seu pai começou a se cansar de ser um Ceifador, das batalhas intermináveis, da constante luta, sempre machucando as pessoas ao seu redor. E sua mãe sentiu o mesmo, especialmente depois de ter sido Campeã de Nike por tantos anos. Então os dois decidiram que criariam uma nova vida para eles... uma completamente separada do mundo mitológico. Por um tempo, funcionou.

— O que aconteceu? — Perguntei. — E não me diga que meu pai morreu de câncer. Não acredito nisso. Não tenho acreditado por algum tempo.

— Eu sei, abóbora, — ela respondeu. — E sei que prometi não manter mais segredos de você. Mas sua mãe e eu não queríamos te machucar.

— Os Ceifadores mataram o meu pai também, não é?

Silêncio.

Então, um suspiro. Finalmente, ela me respondeu. — Sim. Um grupo de Ceifadores conseguiu rastrear Tyr e Grace depois que você

nasceu. Eles atacaram e seu pai se sacrificou para que você e sua mãe pudessem viver.

Tantos pensamentos se aglomeraram em minha mente – sobre meu pai, sobre os Ceifadores, sobre como ele e minha mãe não conseguiram escapar deles ou do mundo mitológico, não importa o quanto quisessem, não importava o quanto tentassem. Me perguntei se eu estava condenada ao mesmo tipo de vida, se Logan e eu estávamos destinados a repetir o destino dos meus pais – ou se já tínhamos.

Eu não podia ficar quieta, então fui na ponta dos pés pelo final do corredor e olhei para a sala principal. Rory deve ter conseguido superar sua irritação, porque ela e Rachel estavam sentadas diante da lareira, jogando algum tipo de jogo de mesa.

— E quanto aos pais de Rory? — Perguntei.

Vovó suspirou. — Não sei muito sobre eles, só que seguiram um caminho diferente do seu pai. Eles eram Ceifadores, e sempre ficaram com Ceifadores.

— Mas por que eles não disseram a Rory nada sobre serem Ceifadores? Por que não a tornaram um deles? Por que não a criaram para ser um Ceifador também?

— Não sei, — ela disse. — Talvez eles quisessem que ela decidisse se tornar um Ceifador por sua própria vontade. Talvez esperassem secretamente que se ela não soubesse sobre eles, ela poderia escolher um caminho diferente na vida. Não posso responder isso por você... ou por ela.

Eu olhei para Rory. Rachel disse alguma coisa, e um sorriso se espalhou pelo rosto de Rory, suavizando o escárnio que ela sempre parecia usar. Por um momento, quase parecia relaxada... e feliz. Me questionei se era porque nenhum dos outros estudantes estavam por perto para zombar dela ou julgá-la pelas coisas terríveis que seus pais fizeram.

— Obrigada por me contar isso.

— De nada, — vovó disse. — Embora eu devesse ter lhe dito há muito tempo, abóbora. Mas com sua mãe sendo assassinada e você indo

para a Mythos e tudo o que aconteceu nos últimos meses... Nunca pareceu haver um bom momento para falar. Você já passou por tanto. Eu não queria causar mais dor.

— Eu sei que você estava tentando me proteger, — eu disse. — Mas nós duas sabemos que você não pode mais fazer isso. Pelo menos, agora eu sei a verdade sobre o meu pai, mesmo não gostando.

— Eu sei.

Ficamos em silêncio por alguns momentos antes dela finalmente falar novamente.

— Cuidado, amanhã, — vovó Frost disse. — Eu sei que seus amigos estarão com você, mas não gosto da ideia de você ir até aquelas ruínas. Especialmente porque os Ceifadores sabem que você estará lá.

— Eu terei cuidado. Ajax está tomando muitas precauções. Estaremos prontos para o que os Ceifadores tenham em mente.

— Eu sei, mas isso não impedirá de me preocupar.

— Como está Nickamedes? — Perguntei, percebendo que ela não havia dito nada sobre ele enquanto estávamos conversando.

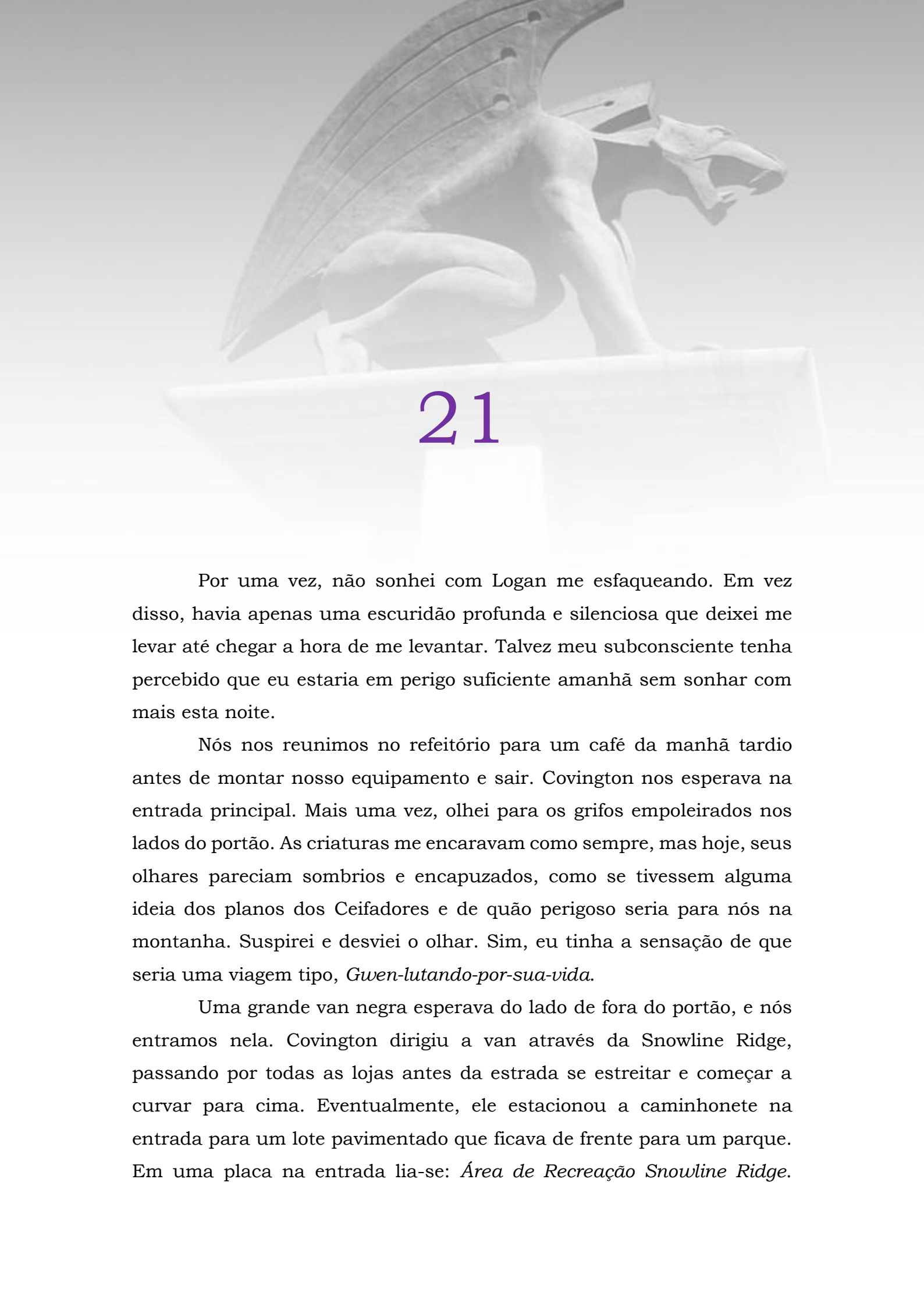
Ela hesitou. — Ele está piorando. Ele tem febre. Não está muito alta agora, mas Metis diz que é apenas uma questão de tempo antes de sua temperatura disparar e o veneno começar a dominar sua magia de cura. Ele também... ele não consegue sentir as pernas às vezes. A sensibilidade vai e vem. É outro sinal da propagação do veneno. Metis acha... que a paralisia deve ser permanente, mesmo que as flores da ambrosia liberem o veneno de seu corpo.

Esfreguei uma mão em minha cabeça, que estava doendo de repente. Aqui estava eu, preocupada com o meu drama familiar, como Daphne havia dito, quando Nickamedes estava sofrendo... por minha causa. Mas empurrei minha preocupação por ele de lado e abracei a outra emoção ardendo em mim – a determinação de encontrar as flores e levá-las à academia a tempo.

— Eu te amo, abóbora, — vovó Frost disse. — Seja boa e tenha cuidado.

— Eu vou. Eu também te amo, vovó.

Nós desligamos. Voltei para o quarto, entrei e fechei a porta, coloquei meu telefone na mesa e me arrastei para a cama ao lado de Daphne. Eu sabia que deveria descansar, que amanhã seria um dia mais longo e mais difícil do que hoje, mas ainda foi um longo, longo tempo antes de eu ser capaz de desintonizar dos outros e adormecer.



21

Por uma vez, não sonhei com Logan me esfaqueando. Em vez disso, havia apenas uma escuridão profunda e silenciosa que deixei me levar até chegar a hora de me levantar. Talvez meu subconsciente tenha percebido que eu estaria em perigo suficiente amanhã sem sonhar com mais esta noite.

Nós nos reunimos no refeitório para um café da manhã tardio antes de montar nosso equipamento e sair. Covington nos esperava na entrada principal. Mais uma vez, olhei para os grifos empoleirados nos lados do portão. As criaturas me encaravam como sempre, mas hoje, seus olhares pareciam sombrios e encapuzados, como se tivessem alguma ideia dos planos dos Ceifadores e de quão perigoso seria para nós na montanha. Suspirei e desviei o olhar. Sim, eu tinha a sensação de que seria uma viagem tipo, *Gwen-lutando-por-sua-vida*.

Uma grande van negra esperava do lado de fora do portão, e nós entramos nela. Covington dirigiu a van através da Snowline Ridge, passando por todas as lojas antes da estrada se estreitar e começar a curvar para cima. Eventualmente, ele estacionou a caminhonete na entrada para um lote pavimentado que ficava de frente para um parque. Em uma placa na entrada lia-se: *Área de Recreação Snowline Ridge*.

Apresentava uma escultura de pinheiros verdes e a montanha cinzenta rochosa que ficava acima deles.

Covington parou a van. Ajax virou para que pudesse olhar para a parte de trás, onde o resto de nós estava sentado.

— Todos sabemos o que enfrentamos, — Ajax disse. — E todos sabemos o que está em jogo. Nickamedes está se segurando, por enquanto. Mas quanto antes conseguirmos o antídoto, melhor.

Liguei para a Vovó Frost esta manhã. Ela tentou fingir que tudo estava bem, mas ouvi a tensão em sua voz, e ela finalmente me disse que Nickamedes havia piorado muito durante a noite. Metis agora usava toda a energia dela para curá-lo, mas o veneno já começara a ultrapassar sua Magia. A vovó relutantemente me disse que só tínhamos mais três dias, talvez menos, antes da magia de Metis falhar completamente, e o veneno tomar conta do corpo de Nickamedes.

— Mas se algum de vocês não quiser fazer isso, vou entender, — Ajax continuou. — Na melhor das hipóteses, será perigoso. Na pior, bem, eu acho que não tenho que dizer quão ruim poderia ser.

— Pior do que os Ceifadores matando minha mãe e matando Nott? Pior do que eles usando meu sangue para libertar Loki? Pior do que eles tentando colocar a alma de Loki no corpo de Logan? — Perguntei, olhando para Ajax. — Já passamos por muitas coisas ruins. Esta será apenas uma outra versão torcida disso. Certo, pessoal?

Olhei para os meus amigos. Todos concordaram com a cabeça. Daphne abriu as mãos, fazendo faíscas cor-de-rosa de Magia silvar no ar à sua volta. — Gwen está certa. Os Ceifadores estarão prontos... e nós também.

Ajax olhou para nós mais uma vez. O que ele viu em nossos olhos pareceu satisfazê-lo, porque ele finalmente assentiu.

— Tudo bem, — ele disse. — Vamos fazer isso.

Saímos da van. Parecia ainda mais frio do que ontem, ou talvez fosse por que eu sabia que não haveria um banho quente e uma cama quente esperando por mim no final do dia. Em vez disso, encontraríamos algum lugar para acampar nas ruínas, o que significava uma fogueira,

algumas tendas e um saco de dormir espalhado sobre o terreno nevado e rochoso – e isso se os Ceifadores não nos atacarem primeiro.

Rachel nos conduziu pelo estacionamento e passou por uma trilha, marcada com uma pequena placa. O vento tirou a maior parte da tinta na madeira, mas eu ainda conseguia distinguir a figura da deusa Eir na placa, o dedo apontando para cima, como se ela nos dirigisse pessoalmente para as ruínas. Eu estremeci, empurrei minha mochila e acompanhei os outros.

Rachel assumiu a liderança, seguida de Rory, depois Covington. Daphne e Carson seguiram o bibliotecário, com Oliver e Alexei atrás deles. Eu estava no final com Ajax atrás de mim. Nós andamos em silêncio.

Eu não era realmente uma garota de ar livre, preferindo me enrolar no meu quarto e ler gibis, mas mesmo eu tinha que admitir que este era um lindo lugar para caminhar. Havia mais neve na montanha do que na academia, várias polegadas em algumas das derivações mais altas. Pinheiros cobertos de neve se alinhavam dos lados da trilha enquanto agulhas que eram mais longas do que os meus dedos e galhos maiores do que o meu punho saíam da neve aqui e ali. O aroma afiado das árvores permeava o ar, misturando com o perfume da neve. Alguns pássaros voaram em volta das árvores, chilreando suavemente entre si...

De vez em quando, uma sombra escura surgiria na trilha e atravessava a floresta, fazendo os outros pássaros gritar e fugir de seus postos. A terceira vez que aconteceu, eu olhei para cima, tentando descobrir o que estava fazendo que os pássaros voassem.

Ajax tocou meu ombro. — Grifos, — explicou. — Não se preocupe. Eles raramente atacam os seres humanos, especialmente um grupo tão grande quanto o nosso.

Bem, isso não me fez sentir melhor, mas assenti com a cabeça e continuei andando. Não havia nada mais que eu pudesse fazer. Mas quanto mais subimos a montanha, mais eu me convenci de que alguém estava nos seguindo. Não sei exatamente quando percebi isso, mas senti

uma sombra à minha esquerda, se movendo paralelamente comigo na floresta. Era uma forma vaga que eu quase podia ver pelo canto do meu olho. Se eu acelerava, a sombra acelerava. Se eu abrandava, o mesmo acontecia. Muitas vezes eu olhei para a frente antes de virar minha cabeça para a esquerda, tentando ver melhor o que era. Mas vi somente árvores e mais árvores. Se Ajax pensava que meu comportamento era estranho, ele não comentou. Então, novamente, não era o mais estranho que eu já tive.

Finalmente, fiquei farta de tentar detectar a misteriosa sombra e me concentrei em colocar um pé diante do outro. Se havia um Ceifador ou alguém ou algo mais lá fora, parecia satisfeito em apenas nos seguir e não atacar. Adivinhei que eu teria que me contentar com isso – por enquanto.

Caminhamos por cerca de uma hora quando Rachel parou perto de um riacho. A água correndo entre os dois bancos era lenta, já que uma fina camada de gelo cobria a maior parte. Mas era um bom local, e nos sentamos nas rochas planas ao longo do banco e tiramos alguns lanches das nossas mochilas.

— Todo mundo descansa por alguns minutos, — Rachel disse. — Nós ainda temos pelo menos mais uma hora antes de chegarmos às ruínas no topo.

Nós pegamos algumas coisas no refeitório esta manhã e eu rasguei meu pacote. Manga e damascos secas misturados com cerejas azuis, grandes pedaços de chocolate, amêndoas e torradas de aveia. Os sabores explodiram na minha língua, uma mistura perfeita de doces e salgados, com uma grande crocância e uma pitada de cereja. Yum. Muito bom.

Após terminar o nosso lanche e tomar um pouco de água, Daphne, Rory e eu nos dirigimos para as árvores para responder ao chamado da natureza, por assim dizer. Durante todo o tempo, eu continuava examinando as árvores à procura da sombra misteriosa que avistei anteriormente. Mas não vi nem ouvi nada, e não senti que eu ainda estava sendo observada. Talvez tenha sido algum animal nos seguindo.

Foi o que eu disse a mim mesma, de qualquer jeito, embora eu realmente não acreditasse nisso.

Nós três começamos a voltar para os outros quando um suave gemido soou. Fiquei gelada, me questionando se eu só estava imaginando coisas, mas os gemidos voltaram. Isso soou como... Nyx.

Franzi a testa. Mas não havia como o filhote lobo estar aqui. Ela estava na academia, segura e bem com a Vovó Frost. Mas o pequeno lamento soou novamente, indicando que algum tipo de bicho estava em apuros. Então, em vez de seguir os outros para a trilha, desviei das árvores.

— Gwen? — Daphne perguntou, finalmente percebendo que eu não seguia atrás dela e Rory. — Onde você vai?

— Você não ouviu isso? Está vindo dessa direção.

Ela suspirou e colocou as mãos nos quadris. — E é claro que você vai ver o que é, apesar do fato de que as árvores provavelmente estão cheias de Ceifadores. Em algumas ocasiões, Gwen, acho que você será a minha morte.

Eu parei por tempo suficiente para mostrar minha língua para ela, então me dirigi mais fundo na floresta. Depois de um segundo, Daphne e Rory me seguiram. Parei de repente, olhando e ouvindo. Também tirei Vic da bainha na minha cintura. A espada bocejou e lentamente abriu o olho.

— O que está acontecendo? Já estamos nas ruínas? Há Ceifadores para matar?

— Não tenho certeza, — sussurrei. — Espere.

Continuei indo para o bosque, com Daphne e Rory atrás de mim. A Valquíria havia tirado um arco de flecha, mas a menina espartana não carregava armas. Então, novamente, ela não precisava delas. Rory poderia pegar um galho e esfaquear alguém até a morte com ele, e abrir a garganta de um Ceifador com a borda de uma folha congelada.

— Você sabe que há ursos aqui, certo? — Rory disse. — Ursos grandes e furiosos. Acredite em mim quando digo que você não quer ficar cara a cara com um deles.

— Eles não podem ser piores do que os Ceifadores, podem? — Brinquei.

Rory murmurou algo em voz baixa sobre eu ser louca. Eu sorri e continuei.

Os lamentos ficaram mais altos e mais sinceros quanto mais longe nós íamos, quase como se o que quer que fosse pudesse nos ouvir se aproximando e soubesse que não poderia escapar antes de nós o encontrarmos.

Finalmente, nos agachamos atrás de uma árvore a vários metros do que estava fazendo o barulho. Embora parecesse um animal ferido, eu não me precipitaria em direção a ele. Daphne estava certa quando disse que a floresta provavelmente estava cheia de Ceifadores, e isso poderia ser facilmente uma de suas armadilhas.

— O que você quer fazer agora? — Daphne perguntou. — Porque, seja lá o que for aquilo, não soa feliz.

— Eu vou ver o que é, — sussurrei. — Se for uma armadilha dos Ceifadores, talvez possamos pelo menos matar alguns deles antes de chegar às ruínas.

Ela assentiu, assim como Rory.

Me levantei, apertei Vic e dei a volta na árvore. Eu fiquei tensa, esperando que uma flecha saísse da floresta. Mas quando nada aconteceu, eu lentamente comecei a avançar. Eu só havia dado cerca de dez passos quando entrei em uma pequena clareira e finalmente descobri a fonte do lamento – um filhote de grifo.

Pelo menos eu achava ser um filhote. Ainda tinha cerca de um metro de comprimento do seu bico até a ponta da cauda de leão. As penas e as asas do grifo eram de um bronze bonito que brilhava com toda a luz do sol deslizando pelas árvores para o chão da floresta. Seus olhos eram como sombras fascinantes, embora seu bico e as garras fossem tão pretos e brilhantes como o ébano.

O grifo me viu e parou seu lamento, embora tenha entrecerrado seus olhos e esticado as asas, como se estivesse se preparando para me atacar e me despedaçar.

Primeiramente, me perguntei o que havia de errado com a criatura, mas então percebi por que ela estava chorando, a pata direita estava presa em um armadilha de metal. Na verdade, armadilha não era a palavra certa. Esta coisa tinha pequenas filas de dentes que parecia mais um dispositivo de tortura. O grifo deve ter pisado no centro, fazendo com que a armadilha fosse fechada e as fileiras de dentes metálicos afiados acabassem cravadas na pata da pobre coisa. Uma grossa corrente de metal prendia a armadilha em uma árvore, impedindo o grifo de se afastar. A criatura deve estar lá há um tempo porque o sangue em sua pele já estava seco.

— Está tudo bem, — chamei minhas amigas. — Não é um Ceifador.

Folhas farfalharam, e Daphne e Rory se aproximaram para ficar ao meu lado.

— Isso é uma armadilha snap, — Rory disse, desprezo evidente em sua voz. — É tipo uma armadilha de urso, mas com mais dentes. Os Ceifadores as deixam na floresta na esperança de capturar grifos. Lobos Fenrir também. Quanto mais se mexerem, mais os dentes entram no corpo.

A cauda do bebê grifo começou a balançar de um lado para o outro ao som da voz de Rory, e estudou cada uma de nós. Seus olhos de bronze se estreitaram muito mais, e ficou muito quieto, com exceção de seu rabo, que continuava chicoteando de um lado para o outro. De repente, a criatura saltou pelo ar, apontando para minha garganta...

Mas a corrente anexada à armadilha puxou-a de volta, e o grifo bateu no chão bem na minha frente. A criatura gritou com surpresa e dor, mas eu também podia ouvir o mais fraco suspiro em seus altos gritos. Apesar de sua fachada resistente, o grifo estava com medo, cansado e com dor. Eu conhecia os sentimentos. Ceifadores e seus esquemas cruéis tinham uma maneira de fazer isso com você.

— Calma, garoto, — eu disse, tirando minhas luvas, estendendo minha mão direita e me aproximando da criatura. — Nós não estamos aqui para te machucar. Vamos tirar essa coisa desagradável da sua pata.

— O que você está fazendo? — Rory sibilou. — Esse grifo vai morder sua mão se você chegar muito perto. Em caso de não ter notado, ele teria arrancado sua garganta se essa corrente não o tivesse parado. Você está louca?

— Você não conhece a Gwen? — Daphne retorquiu. — Porque loucura é o tipo de coisa dela. Acredite em mim, isso é leve em comparação com algumas das coisas que ela já fez.

Eu lhe atirei um olhar feio, então voltei para o grifo. — Ele está assustado e confuso, — eu disse. — Por isso tentou me atacar. Não vou deixá-lo aqui para que os Ceifadores o encontrem. Você sabe o que eles fizeram com Nott. Você sabe o que eles farão com esse rapazinho também.

— Tudo bem, seja toda valente e heróica, — Daphne murmurou. — Mas não me culpe se isso for contraproducente.

Entreguei Vic para a Valquíria. Então caí de joelhos, me colocando no nível do grifo, e rastejei lentamente em direção a ele. A criatura sentou e me assistiu abordá-lo, ainda mais cautelosa do que antes. Suas garras começaram a cavar no chão coberto de neve, como se estivesse pensando em me atacar novamente. Eu podia ver a suspeita nos olhos do grifo, mas não o deixaria ali, mesmo que me atacasse de novo.

Mais perto e mais perto, eu arrastei. Nesse ponto, o grifo poderia ter avançado e me cortado com suas garras – com bastante facilidade. Mas, em vez disso, a criatura me observou. Talvez percebesse que eu não era um inimigo. Talvez percebesse que eu queria ajudar. Ou talvez apenas quisesse que eu me aproximasse o mais perto possível, assim poderia causar a maior quantidade de dano em mim. Eu estava prestes a descobrir. Estava a três metros de distância, dois, um...

Respirei fundo, avancei e coloquei minha mão na pata dianteira do grifo.



22

A primeira coisa que encheu minha mente foi a dor do bebê grifo.

Cada leve movimento, cada pequena mudança, cada respiração superficial que ele dava parecia torcer os dentes da armadilha um pouco mais profundo na pata traseira da criatura, como filas de agulhas lentamente cavando em sua pele. Fiz uma careta e afastei o sentimento, me afundando mais profundamente na mente do grifo, tentando descobrir alguma maneira de fazer com que a criatura confiasse em mim o suficiente para eu, Daphne e Rory podermos tirar a armadilha da sua pata.

O grifo tentou se afastar de mim, mas o segurei, sendo tão gentil quanto pude com ele. Eu estava vagamente consciente de seu rosto ao lado do meu, seu bico se aproximando do meu nariz em um aviso *para soltar ou senão...*, mas ainda assim eu o segurei. Se tirasse minha mão da pata do Grifo, eu duvidava que ele me deixaria tocá-lo novamente, e então, nunca poderíamos ajudá-lo.

Então apertei meu controle e procurei minha psicomетria novamente. Imagem após a imagem inundou minha mente, como se estivesse assistindo um filme de alta velocidade da vida do grifo. A maioria das memórias envolvia o grifo subindo para o céu azul claro e

uma sensação de maravilha e selvageria me atravessou – junto com uma paz. Não havia nada que ele gostasse mais do que abrir suas asas e voar para cima e para baixo nas correntes de ar que atravessavam as montanhas. Mas também havia outras vistas e sons, principalmente de grifos adultos fazendo o mesmo, como se voassem juntos, em algum tipo de formação. E, finalmente, havia outro grifo, um que parecia maior, mais forte e mais feroz do que todos os outros. O líder do grupo – e o pai do bebê diante de mim. Mais que qualquer coisa, o bebê grifo queria crescer para ser tão grande, forte e resistente como seu pai. Os pensamentos, os sentimentos, as imagens, me fizeram sorrir.

Lentamente, muito devagar, empurrei meus pensamentos no grifo, tentando deixá-lo saber que eu era uma amiga e não um Ceifador que queria prendê-lo e tirá-lo de sua família para sempre. Mostrei imagens de mim lutando contra Ceifadores na Biblioteca das Antiguidades, o Museu Crius e todos os outros lugares em que lutei contra eles.

Mas as imagens pareciam confundir o grifo, então, em vez disso, eu me concentrei nas minhas memórias de Nott e as mostrei, mas isso também não funcionou. O grifo começou a gritar no meu ouvido e bater suas asas contra o meu corpo, tentando me afastar, como se ele pensasse que o lobo Fenrir iria saltar da minha mente e de alguma maneira, atacá-lo. Então tentei mostrar imagens de mim brincando com Nyx em vez disso, mas nada aliviou as suspeitas do grifo, e percebi que ele pensava em tentar me atacar de novo.

Finalmente, em desespero, peguei todas as memórias que eu tinha dos grifos nos degraus da Biblioteca das Antiguidades em casa. O bebê grifo imediatamente se acalmou e deixei-o sentir o quanto eu pensava que as estátuas eram nobres, como pareciam reais, quão corajosos, fortes e ferozes. Sobretudo, tentei mostrar como eu via os grifos como meus amigos silenciosos e que eu queria ser o mesmo tipo de amigo para ele.

Era tão *difícil*, especialmente porque o grifo continuava batendo suas asas contra meu corpo e tentando se afastar de mim. O suor

deslizou pelo meu rosto, e minha mão doeu de agarrar a pata dele, mas mantive minha posição e derramei toda a minha energia, toda minha concentração, toda minha magia, em tentar alcançar o grifo e deixar sua mente à vontade. Finalmente, senti a criatura se acalmar e senti sua percepção de que eu não o machucaria, que queria tirar a armadilha da pata dele. O que teria que ser suficiente por enquanto. Eu não tinha forças para mais nada.

Abri os olhos, soltei a pata do grifo e limpei o suor frio da minha testa. Então eu olhei por cima do meu ombro para Daphne. — Ok. Você pode tirar a armadilha da pata dele agora. Ele não vai nos morder.

Rory olhou para mim, depois no grifo, seus olhos verdes arregalados de surpresa. — Como você fez isso? Em um segundo, pensei que ele arrancaria o seu nariz ou tentaria matá-la com as asas dele. Mas agora ele parece um filhote de cachorro que você poderia amar.

Era verdade. O grifo havia caído de lado, expondo sua rechonchuda barriga de bebê. Estendi a mão e passei os dedos com cuidado sobre suas sedosas penas cor de bronze, antes de alcançar e acariciar sua cabeça. Nyx sempre pareceu gostar disso, e o grifo também, a julgar pelos gemidos de felicidade que ele soltou.

— O que posso dizer? — Sorri. — Tenho um toque mágico quando se trata de animais.

Daphne bufou. — Você ser louca da cabeça é mais parecido com isso.

Ainda assim, ela devolveu Vic para mim e caiu de joelhos ao meu lado. Com a força de Valquíria, era fácil para ela alcançar e abrir com cuidado a armadilha presa ao redor da pata traseira do grifo. Rory levantou a pata da criatura e a tirou do metal. Daphne soltou a armadilha e depois a jogou longe.

— Coisa horrível, — ela murmurou.

Eu fiquei no chão ao lado do grifo, ainda acariciando-o. — Tudo bem, amigo. Tudo está bem agora.

Eu não sabia se o grifo entendia minhas palavras ou não, mas ele tentou levantar – e logo caiu novamente. Ele soltou um grito lamentável que me contou quanta dor ele sentia.

Virei para Daphne. — Você acha que poderia usar sua magia de cura nele? Ele está com muita dor, e acho que ele não nos deixará levá-lo aonde os outros estão.

Ela olhou para o grifo. Dúvida encheu seus olhos negros. — Eu acho que poderia tentar. Ainda estou aprendendo sobre minha magia. Mas sei o que você quer dizer. Não podemos simplesmente deixar o pequeno aqui. Vale a pena tentar.

Daphne colocou o arco no chão e lentamente rastejou até o grifo. A criatura a olhou com a mesma suspeita que teve comigo, então mais uma vez eu coloquei minha mão em sua pata e mostrei-lhe minhas lembranças de Daphne e como ela era minha amiga.

— Ela vai deixar sua pata melhor, — eu disse ao grifo. — Tudo ficará bem. Você verá.

Daphne pegou sua magia, e as faíscas cor-de-rosa saindo da ponta dos dedos combinaram para formar um brilho dourado e rosado. Ela se inclinou e apertou suavemente a mão na pata do grifo, logo acima de onde os dentes da armadilha haviam cavado na carne da criatura. O brilho dourado e rosado se espalhou lentamente pelo corpo da criatura e juntou nos cortes feios e irregulares que rodeavam a pata. Conforme eu assistia, as bordas das feridas lentamente se juntaram e, em seguida, se curaram perfeitamente. Durante todo o tempo, eu senti o poder calmante da magia de Daphne, onda após onda pulsando sobre ela e afundando na criatura. Só estar perto dela quando ela usava seu poder me fez sentir um pouco mais forte e meu coração um pouco mais leve, e eu sabia que se colocasse minha mão sobre ela, eu veria uma brilhante luz cor de rosa princesa queimando no centro do seu ser.

— Quase lá, — Daphne disse alguns minutos depois. — Está pronto.

Ela afastou a mão do grifo, recostou-se e soltou um longo e cansado suspiro. Quando olhei para o grifo, a perna da criatura estava

completamente curada. Exceto pelo sangue ainda emaranhado em sua pele, você nunca saberia que o grifo esteve ferido para começar. O bebê grifo parecia sentir a mudança também. A criatura começou a levantar e cambaleou de um lado para o outro, como se estivesse testando sua perna para ver quão bom trabalho Daphne havia feito ao curá-lo.

— Ei, — eu disse, estendendo minha mão para ele novamente. — Você pode querer ir com calma...

Mas era tarde demais. Com um grito alto, o grifo bateu as asas e se lançou no ar. Daphne e eu levantamos. A criatura pairou no ar por um momento antes de soltar outro grito, aumentando o volume, atravessando a parte superior dos pinheiros e desaparecendo no céu nublado e cinza, longe, muito alto.

Tudo o que eu podia fazer era inclinar meu pescoço e olhar para onde o grifo esteve. Eu queria passar mais tempo com a criatura, mas ele era uma coisa selvagem, assim como Covington dissera. Eu deveria estar contente de que o grifo deixou Daphne, Rory e eu ajudar. Pelo menos agora ele estava livre da armadilha e sua pata estava curada. Eu teria que ficar satisfeita com isso. Além disso, foi bastante surpreendente vê-lo voar pelo céu como um foguete.

— Bem, isso foi estranho, — Rory disse. — Vocês fazem coisas assim o tempo todo?

Daphne e eu olhamos uma para a outra, depois para ela.

Mais frequentemente do que você imagina, — Daphne disse.

Rory vagou, agachou-se e olhou para a armadilha que eu chutei para o lado. Daphne e eu olhamos para o dispositivo também. Como Rory havia dito, parecia uma armadilha de urso – mas com mais dentes. O sangue do grifo brilhava em algumas das arestas afiadas, me deixando enjoada.

Daphne me cutucou com o ombro. — Você fará a sua coisa nisso? Pode nos dar uma ideia sobre os Ceifadores.

Eu não queria usar minha psicometria na armadilha, mas ela estava certa. Então me agachei, estendi a mão e toquei parte do metal que estava livre de sangue. As imagens do grifo lutando para se livrar da

armadilha escorreram por minha mente, mas a empurrei para o lado, tentando ver quem plantou a armadilha em primeiro lugar. Por vários momentos, as únicas memórias que vi eram da armadilha no chão da floresta, escondida debaixo de uma pilha de folhas e, em seguida, a neve caindo sobre ela. Eu me concentrei, indo ainda mais para trás.

Um par de mãos apareceu na minha cabeça. Concentrei na lembrança, tentando deixá-la mais nítida, mas tudo o que vi era alguém colocando a armadilha na floresta, empilhando as folhas em cima dela. Frustração me inundou porque eu nem vi a pessoa – apenas suas mãos. Pior ainda, ele usava luvas pretas, então eu não conseguiria descobrir a que tipo de pessoa elas pertenciam, se era um homem, uma mulher, uma criança de minha idade.

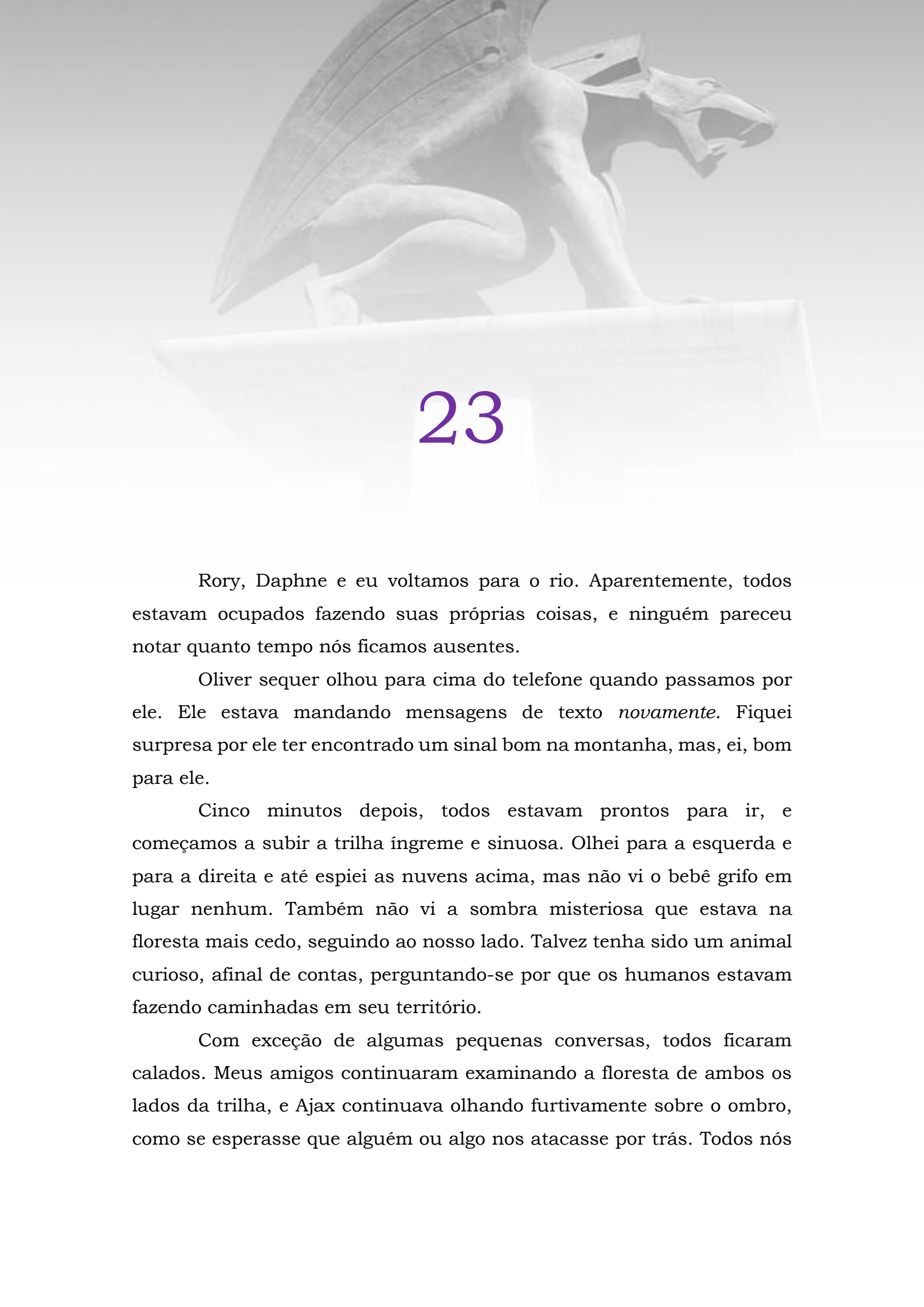
Abri os olhos, soltei a armadilha e me levantei.

— Algo? — Daphne perguntou.

Balancei a cabeça e coloquei minhas luvas. — Nada. Apenas um Ceifador colocando a armadilha aqui.

Rory olhou para a armadilha, depois a atirou para uma árvore próxima. Ela olhou para o metal, como se quisesse matá-lo de alguma forma. Daphne e eu olhamos uma para a outra, mas ficamos caladas. Nós sabíamos tudo sobre estar irritadas com o Ceifadores e não ser capaz de fazer nada sobre isso.

Daphne se abaixou e agarrou seu arco. — Bem, se acabamos de brincar de veterinário, devemos continuar. Precisamos voltar para os outros.



23

Rory, Daphne e eu voltamos para o rio. Aparentemente, todos estavam ocupados fazendo suas próprias coisas, e ninguém pareceu notar quanto tempo nós ficamos ausentes.

Oliver sequer olhou para cima do telefone quando passamos por ele. Ele estava mandando mensagens de texto *novamente*. Fiquei surpresa por ele ter encontrado um sinal bom na montanha, mas, ei, bom para ele.

Cinco minutos depois, todos estavam prontos para ir, e começamos a subir a trilha íngreme e sinuosa. Olhei para a esquerda e para a direita e até espiei as nuvens acima, mas não vi o bebê grifo em lugar nenhum. Também não vi a sombra misteriosa que estava na floresta mais cedo, seguindo ao nosso lado. Talvez tenha sido um animal curioso, afinal de contas, perguntando-se por que os humanos estavam fazendo caminhadas em seu território.

Com exceção de algumas pequenas conversas, todos ficaram calados. Meus amigos continuaram examinando a floresta de ambos os lados da trilha, e Ajax continuava olhando furtivamente sobre o ombro, como se esperasse que alguém ou algo nos atacasse por trás. Todos nós

tínhamos nossas armas próximas também – no caso dos Ceifadores terem decidido atacar antes de chegarmos às ruínas.

Mas os minutos passaram e se transformaram em uma hora, sem nenhum sinal dos Ceifadores. Eu estava prestes a reclamar e perguntar quão longe estava, quando chegamos a um morro alto. Os outros diminuíram e depois pararam, e nos espalhamos em uma fila pelo caminho, para que todos pudessem ver a vista diante de nós.

Uma ponte de corda estava esticada, se movendo e ligeiramente caiada entre ambos os lados de um profundo abismo. À distância, os restos desmoronados do que parecia ser uma mansão de pedra cobria a paisagem.

— Chegamos, — Rachel disse. — Bem-vindos às ruínas de Eir.

As fotos de Covington não faziam justiça.

Uma pedra linda e negra se estendia tanto quanto o olho podia ver, as pedras empilhadas em montes precisos, como se as paredes do edifício fossem dominó que caíam um sobre o outro em um determinado padrão. As vinhas verdes da hera serpenteavam ao redor, e, às vezes, até nas rochas e na neve que as cobriam. Mais longe nas ruínas, pude ver pequenos e brilhantes salpicos de cor, provavelmente as flores silvestres e outras plantas que floresciam no pátio principal, apesar do clima frio.

— Bem, — Alexei disse. — Suponho que devemos ir.

— Sim, — Carson disse com uma voz fraca, olhando a ponte e para o abismo abaixo. — Vamos, hum, fazer isso.

Rachel gesticulou para as cordas. — A ponte é bastante robusta, mas não tenho certeza de que seja forte o suficiente para todos nós cruzarmos de uma só vez. Então, por segurança, iremos de dois em dois. Rory e eu iremos primeiro, já que estamos mais familiarizadas com a área. Esperem até que estejamos do outro lado antes de enviar a próxima dupla.

Ajax e Covington assentiram.

Rachel se aproximou da ponte, segurou as cordas de cada lado e pisou nas tábuas de madeira. A ponte estava sem neve, com todo o vento que constantemente girava em torno dela. Rory a seguiu, e as duas

rapidamente cruzaram para o outro lado, sem hesitação e sem problemas. O rosto de Carson tinha um tom decididamente esverdeado, e eu podia ouvir seu estômago revoltado, mas o nerd da banda correu, e ele e Daphne cruzaram em seguida. Eles foram seguidos por Oliver e Covington.

Então foi minha vez. Alexei se aproximou do meu lado e me deu um sorriso confiante. Ele foi primeiro. Esperei até ele dar alguns passos antes de ir para a ponte atrás dele.

Assim como Rachel havia dito, a ponte suspensa parecia bastante robusta. As tábuas de madeira estavam desbotadas para um cinza claro pelo sol e pelo vento, mas não tinham nenhuma fissura ou buraco nelas, e as cordas eram grossas e fortes. Então coloquei um pé na frente do outro, deslizei minhas mãos enluvadas ao longo da corda e tentei não olhar para baixo.

Cheguei ao meio da ponte quando uma rajada de vento subiu do abismo abaixo. A precipitação repentina de ar fez a ponte balançar de um lado para o outro. Meu estômago subiu até a minha garganta e minhas mãos apertaram as cordas. Tudo o que consegui fazer foi ficar lá e me segurar.

Alexei olhou por cima de seu ombro para mim. — Vamos, Gwen, — ele disse. — É apenas um pouco de vento. Isto não é nada em comparação com os invernos na Rússia.

— Sim, — repeti em voz fraca. — Não é nada.

Outra rajada de vento subiu do cânion. O som alto e penetrante me fez pensar no bebê grifo, e me lembrei de que era exatamente assim que ele se sentiu enquanto subia e descia nas correntes do vento – e o quanto ele amava a sensação.

Claro, ele tinha asas, e não entendi porque pensar na criatura me deu coragem de seguir andando, um passo de cada vez, até que eu estava do outro lado. Eu me apressei da extremidade da ponte. Pensar no grifo poderia ter me ajudado a cruzar a ponte, mas não era algo que eu queria fazer novamente em breve.

— Por favor, me diga que há outra maneira de descer a montanha, — eu disse a Rachel enquanto observava Ajax atravessar a ponte sozinho.

Ela sorriu. — Não é uma fã da ponte suspensa?

Dei de ombros.

— Há uma trilha no outro lado das ruínas, — ela disse. — No entanto, eu não estive lá em anos. É muito mais íngreme, e levaria duas vezes mais tempo para descer a montanha desse jeito. E isso apenas se não houve nenhum deslizamento de pedra naquela parte da montanha para bloquear o caminho.

Em outras palavras, eu teria que voltar pela ponte quando voltássemos, quer eu quisesse ou não.

Yippee-skippee.

Uma vez que Ajax cruzou, nós deixamos a ponte para trás e entramos nas ruínas. Eu estava certa quando pensei que a pedra era linda. De perto, pude ver as flores e vinhas que foram esculpidas na superfície lisa dos pedregulhos caídos. Mesmo em lugares onde as paredes se desintegraram e as rochas se espalharam sobre o solo nevado, tudo parecia limpo, preciso e belo, como se alguém quisesse que as ruínas parecessem exatamente como ele queria. Eu me perguntei se era a Deusa ou alguma outra magia que fez isso.

E mais uma vez, fiquei surpresa com o número de grifos.

Eles estavam em todos os lugares, assim como na academia. Esculpidos em pedaços de pedra quebradas, pintados em partes de paredes, surgindo de pedaços de escombros em forma de estátua. Eu até vi algo que parecia uma coluna de pedra gigante com um grifo empoleirado no topo dela, como se cuidasse das ruínas. Os olhos do grifo se encontraram com os meus e então pareceram me seguir.

Assustador, como sempre.

Rachel nos conduziu pelas ruínas, apontando coisas interessantes, como aves cantoras que foram esculpidas em um dos pedregulhos ou os ursos que cortavam outros. Ela até nos mostrou

alguns remendos de aneto⁵, sálvia, e outras ervas que ela colhia e levava à academia para usar na cozinha.

Enfim chegamos ao campo no coração das ruínas. Mais uma vez, as fotos de Covington não fizeram justiça à área. As paredes derrubadas e os pedaços de pedra desintegrados formaram uma espécie de recanto nas margens do campo. Então, as flores assumiram. Centenas de milhares de flores, vinhas e pequenas árvores espalhadas no enorme espaço. Depois das infinitas fileiras de pinheiros verdes ao longo da trilha, era como se um arco de cor explodisse aos meus pés. Rosas e azuis e roxos e vermelhos espalhadas por centenas de metros. As únicas coisas que romperam a implacável nota de cor foram o fluxo do rio que atravessava o campo e a fonte de pedra no meio. Mas até mesmo ele parecia refletir de alguma forma o brilho alegre das flores à sua volta. Talvez a coisa mais incrível fosse o perfume – um aroma doce, nítido e puro, o qual me fez pensar em flores, água, neve e vento, tudo ao mesmo tempo.

— Se houver flores Chloris ambrosia, elas devem estar aqui, — Rachel disse. — Este é o lugar onde a deusa Eir criou o seu jardim, e como você pode ver, todos os tipos de flores ainda florescem aqui hoje. Elas são a verdadeira magia das ruínas.

Eu resmunguei. Bem, isso era um eufemismo. Um mar de flores enchia o campo. Nunca vi tantos tipos diferentes de flores em tantas cores diferentes, formas e tamanhos antes. Era uma visão deslumbrante, mas fez meu coração afundar mesmo assim. Porque, como devíamos encontrar uma flor em um campo de milhares?

Eu duvidava que até mesmo Hércules pudesse ter completado uma tarefa tão impossível.

Os outros devem ter tido o mesmo pensamento deprimente porque todos ficaram em silêncio enquanto olhávamos para as flores. Por um



momento, o único som foi o apito afiado do vento enquanto ele soprava através do campo, fazendo com que as flores flutuassem e algumas pétalas se movimentassem para o céu. Viravam flocos de neve coloridos antes de voltarem a descer lentamente.

— Vamos lá, — Ajax disse. — Vamos começar. Precisamos encontrar as flores da ambrosia antes do anoitecer.

Alexei e Oliver ajudaram Rachel a montar nossas barracas em um terreno limpo em um lado do pátio, então os três foram buscar lenha. Ajax e Covington ficaram de guarda na borda do pátio, enquanto Daphne, Carson, Rory e eu começamos a procurar as flores de ambrosia.

Eu me mudei de uma videira e de um ramallete para outro, comparando as plantas na minha frente com a imagem no meu celular. Chloris ambrosia parecia uma espécie de madressilva, como Carson havia dito. Uma videira verde bonita e ondulada coberta por flores brancas em forma de trompete. A única diferença era os mais variados tons de lavanda púrpura e cinza claro no interior das pétalas brancas. Assim, como se não fosse o suficiente procurar por flores brancas no pátio, percorrer e olhar atentamente. Você realmente necessitava se aproximar da flor e olhar em seu interior para ver se tinha os tons de lavanda e cinza. E, claro, todas as vezes que eu fui até uma flor e observei, elas eram brancas por dentro e não lavanda e cinza.

Avançando no jardim, Carson soltou uma série de espirros violentos, mostrando a todos o quanto ele era alérgico a elas. Rory deu-lhe um olhar ligeiramente piedoso, mas ambos continuaram a busca.

— Nunca vi tantas flores na minha vida, — Daphne murmurou, seguindo algumas vinhas a poucos metros de mim. — Nós nunca encontraremos a ambrosia. Tudo o que vejo são flores brancas. Para não mencionar a variação de tons que são creme, marfim, casca de ovo e branco perolado a esbranquiçadas.

— Nós temos que continuar procurando... por Nickamedes.

Os olhos de Daphne escureceram. — Eu sei. Só estou preocupada que não possamos encontrá-la.

— Vamos encontrá-la, — eu disse, tentando fazer minha voz soar mais confiante do que eu realmente sentia. — Nós precisamos encontrar.

Continuamos olhando. Alexei, Oliver e Rachel voltaram, todos carregando uma braçada de madeira. Poucos minutos depois, Rachel começou uma fogueira em um buraco de pedra perto das tendas. Fiz uma pausa para me aquecer. Eu virei para frente, deixando o calor das chamas crepitantes aquecer meu corpo, antes de mergulhar nas flores mais uma vez.

Outra hora passou. Nesse ponto, os acampamentos estavam montados, e todos estavam à procura das flores de ambrosia, mas ninguém estava tendo sorte.

— Alguma coisa? — Ajax gritou, sua voz tensa com frustração.

Todos sacudiram a cabeça. Ele suspirou e agachou de repente, examinando as flores na frente dele e comparando-as com a imagem em seu telefone, como o resto de nós estava fazendo.

Terminei de varrer uma seção e me levantei para esticar minhas costas. Eu estava perto da borda direita do campo, e meu coração afundou novamente enquanto eu olhava para todas as plantas e vinhas. Ainda não verificamos nem metade do campo. Poderíamos procurar por uma semana e ainda não encontrar uma única flor de ambrosia – e Nickamedes não tinha esse tempo.

Soltei um suspiro e me encostei contra uma parede meio abaulada. Pelo menos, eu tentei. Estremeci quando algo cravou nas minhas costas, me espetando através do meu traje de neve roxo e todas as camadas que eu tinha por baixo dele. Eu me virei e percebi que não era uma parede em que eu estava inclinada – era uma estátua da deusa Eir.

Eu me endireitei e recuei. — Whoops. Desculpe-me por isso. Não queria bloquear sua visão ou nada. Posso imaginar o quanto você gosta de olhar para suas flores.

Claro, a estátua não respondeu. Em vez disso, parecia me encarar. De certa forma, a cabeça da deusa virou na minha direção até que seus vazios olhos de pedra estavam firmemente fixos em mim.

Suspirei. Todas as estátuas olhavam para mim. Essa era apenas uma parte da minha vida na Mythos. Pensei que eu deixaria de me assustar com isso, mas aparentemente não. Ou talvez meu desconforto fosse porque uma deusa estava me olhando – uma deusa em cujas ruínas eu estava agora. Não me surpreenderia se de repente seus olhos se abrissem e uma série de dardos envenenados disparassem e batessem no meu peito. Era o que sempre acontecia nos filmes.

Prendi a respiração por um momento, mas Eir continuou olhando para mim. Aparentemente, eu não ficaria cheia de dardos venenosos, afinal de contas. Bom. Isso era bom.

A deusa me encarou por mais um momento – e então sua cabeça começou a se mover.

Sério, a pedra... apenas... a estátua acabou de se *virar*.

Em um segundo, Eir olhava diretamente para mim. No próximo, uma série de pequenos rangidos *scrape-scrape-scrapes*. Quando pisquei de novo, a deusa olhava na direção oposta. Não só isso, mas jurei que a vi levantar a mão, o dedo apontando para a parte de trás do jardim... quase como se ela desejasse que eu fosse ver o que era.

Me afastei da estátua. A deusa seguiu apontando para aquele ponto, embora sua cabeça se voltasse em minha direção. Depois de um momento, seus olhos se estreitaram, como se estivesse chateada por eu não seguir suas instruções. Mais uma vez, pensando em dardos envenenados e outras armadilhas desagradáveis, decidi fazer o que ela queria. Provavelmente não era uma boa ideia enfurecer uma deusa quando você estava na casa dela. Ou, pelo menos, de pé no que restava dela.

— Tudo bem, estou indo, eu vou, eu vou, — eu disse. — Me dê um segundo.

Contornei a estátua. Então me inclinei para poder ver melhor o ponto onde ela apontava. Já que eu tinha uma ideia dele, eu caminhei naquela direção.

Todo mundo estava ainda ocupado procurando as flores, então ninguém me notou caminhando ao longo da parede direita do campo. De

vez em quando, olhei atrás de mim, mas a estátua de Eir continuou na mesma posição. Finalmente, alcancei o que parecia ser o lugar certo. Eu me agachei, meus olhos varrendo o ramalhete de flores na minha frente. Trepadeiras de um lilás vívido misturadas com algum tipo de videiras enroladas que foram cobertas por glórias da manhã⁶ acinzentadas. Sem flores brancas e nada que parecia ser remotamente a Chloris ambrosia. Frustração me encheu e olhei por cima do ombro para Eir.

— Não me diga que você me enviou aqui à toa, — murmurei.

Os olhos da estátua pareciam se estreitar um pouco mais, como se ela estivesse descontente comigo e com meu tom sarcástico. Bem, ela não seria a primeira pessoa... ou a última.

— Tudo bem, ok, — murmurei novamente. — Quem sou eu para questionar uma deusa?

Então, mais uma vez eu olhei para a estátua, tentando ver exatamente o que ela apontava, e percebi que o dedo dela não apontava para o chão, mas sim para a parede de pedra em frente. Inclinei minha cabeça, e olhei para cima... e quase gritei quando percebi que estava cara a cara com outra escultura de grifo.

Sério, eu olhei para cima... e *estava bem perto* do meu nariz. Balancei em meus calcanhares e quase me abaixei antes de conseguir encontrar meu equilíbrio. Dei um par de respirações para aliviar o meu coração acelerado. *Acalme-se, Gwen*. Era apenas uma escultura, uma das dezenas que eu vi até agora no campo. Não era como se fosse um grifo de verdade.

Mas quanto mais olhava, mais eu percebia que não era apenas uma escultura de um grifo... era uma de Eir também. O grifo estava na frente da deusa com a cabeça inclinada. Algumas pequenas e frágeis flores realmente cresceram na parte da rocha que formava o bico do grifo, fazendo parecer que a criatura apresentava as flores para Eir. Ok, isso



era um pouco estranho, mas meu mal-estar não me impediu de observar ainda mais as flores.

Usei meu telefone para ver a foto das flores de ambrosia. Videira verde, flores brancas. Por enquanto, tudo certo. Agora vinha o teste real. Estendi minha mão e gentilmente puxei uma das flores para que eu pudesse ver dentro dela. Estrias lavanda e cinza rodeavam as pétalas.

Meu coração começou a bater com emoção, mas me obriguei a estudar as flores muito mais atentamente. Elas eram minúsculas, cada uma um pouco maior do que a minha unha do polegar, e as comparei novamente com a foto no meu telefone. Videira verde, flores brancas, estrias lavanda e cinza.

Desta vez, eu sabia que não havia cometido um erro... e que tínhamos a chance de salvar Nickamedes depois de tudo.

— Ei! — Gritei, um sorriso se espalhando em meu rosto. — Encontrei! Encontrei as flores da ambrosia!

Os outros correram, e nós olhamos para as flores crescendo da parede rochosa.

— São elas, não é? — Perguntei.

Ajax ergueu seu próprio telefone contra as flores. — Parece com elas para mim. Rachel?

Ela concordou com a cabeça.

— Como você pensou em olhar para este ponto remoto? — Covington perguntou, olhando para mim em vez das flores. — Todos nós assumimos que a ambrosia Chloris estaria no próprio campo, não aqui na beira.

Encolhi os ombros. — Tenho sorte, acho.

O bibliotecário me olhou com desconfiança, mas não disse mais nada. Os outros começaram a bater nas minhas costas e me parabenizaram, mas eu ainda podia sentir o olhar de Covington em mim. Perguntei-me sobre o que Ajax lhe contara sobre mim – e o que ele sabia das fofocas que ouvira. Mas não havia nada que eu pudesse fazer sobre Covington e o que ele pensava de mim, então olhei para Ajax mais uma vez.

— Agora o que? — Perguntei.

— Agora esperamos até a meia-noite, — Ajax disse.



24

Agora que nós achamos as flores da ambrosia, não restava nada para fazer, além de esperar, como o Treinador Ajax havia dito. Tirei meu celular e tentei ligar para a Vovó Frost, mas eu não tinha nenhum sinal de recepção no alto da montanha, então me sentei com os outros.

Nós aquecemos nosso jantar – uma espessa sopa de batata assada que Rachel fizera esta manhã, junto com sanduíches de frango grelhado cobertos com legumes frescos, e uma maionese picante no pão focaccia. Comemos a refeição com uma cidra de maçã quente e chocolate quente. Então peguei marshmallows, bolachas de água e sal e barras grossas de chocolate da minha mochila, e nós tínhamos s'mores⁷ para a sobremesa.

— Só você pensaria em embalar uma sacola cheia de açúcar em uma viagem como essa. — Daphne bufou, mas não evitou que ela comesse três s'mores.

Sorri. — O que posso dizer? Eu trouxe as coisas importantes.

Depois do jantar, Carson, Oliver e Covington foram procurar mais lenha para durar à noite, enquanto Ajax, Rory, Daphne e Alexei começaram a falar sobre armas e técnicas de combate. Ajax começou a

⁷ Aqueles marshmallows derretidos ou assados com chocolate.

demonstrar alguns movimentos, e logo, todos estavam lutando e se jogando um contra o outro. Isso me deixou sentada junto ao fogo com Rachel. Ela olhou para mim por um longo tempo.

— Há algo que você quer me dizer? — Finalmente perguntei.

Ela encolheu os ombros. — Você não parece muito com um Forseti. Tyson, o pai de Rory, tinha cabelos lindos, loiros e olhos azuis. Assim como o seu pai.

Estendi a mão e tentei suavizar meus cabelos castanhos, mas só os arrepiou ainda mais.

— Todos dizem que eu me pareço com a minha mãe. *Os olhos violetas são olhos sorridentes*. Ela costumava dizer muito isso.

Rachel sorriu um pouco. — Ela parece ser uma boa mulher.

— Ela era. Era a melhor.

— O que aconteceu com ela?

— Ela foi assassinada por Ceifadores.

Rachel estremeceu. — Oh. Eu sinto muito.

Assenti com a cabeça, aceitando sua simpatia.

— O que era... Como era meu pai? Você o conhecia?

Rachel se moveu sobre a pedra em que estava sentada. — Não, eu não conhecia Tyr tão bem. Não tão bem como eu conhecia Tyson. Então, novamente, eu nunca sonhei que ele era um Ceifador ou que minha irmã, Rebecca, fosse seguir por esse caminho. Então, talvez não o conhecesse de verdade, ou a ela.

Ela riu, mas estava longe de ser um som feliz. Ela ficou em silêncio por um momento, depois olhou para mim de novo.

— Pelo que eu lembro, Tyr parecia um cara legal. Ele sempre estava brincando, sempre tentando fazer os outros rir, até Tyson, que não era muito de sorrir ou ter qualquer senso de humor.

— O que aconteceu? — Perguntei. — Minha avó Frost me disse que meu pai teve uma briga com Tyson. Você sabe alguma coisa sobre isso?

Rachel sacudiu a cabeça. — Não, desculpe, mas não. Um dia, Tyr foi embora e nunca voltou. Foi quando comecei a notar como Tyson

estava bravo o tempo todo... e como Rebecca ficava com raiva também. Mas, então, Rebecca descobriu que estava grávida de Rory, e as coisas ficaram melhores um tempo depois disso. Rebecca e Tyson... eles realmente amavam Rory, apesar do que fizeram.

Ela se engasgou nas últimas palavras. Memórias escureceram seus olhos, e eu sabia que ela estava pensando em sua irmã, no fato de que ela se tornara uma Ceifadora, e em todas as pessoas que ela machucou e matou.

— Só porque você ama alguém não significa que nunca vão machucar ou trair você, — eu disse. — Confie em mim. Eu sei disso melhor do que ninguém.

Mais uma vez, pensei em Logan e naquele horrível momento, quando ele se virou no Auditório Aoide e percebi que seus olhos eram vermelho Ceifador.

Que Vivian e Agrona lhe fizeram algo terrível. E que seria tarde demais para salvá-lo. Foi um dos piores momentos da minha vida. E agora Logan desaparecera, e também doía. Porque desta vez, ele havia partido por vontade própria, e não por causa de algum feitiço de um Ceifador. Ele foi embora porque queria, me deixando com nada além de pesadelos.

Rachel me deu um sorriso triste. — Triste, não é? Quão verdade é isso. Que o amor pode doer tanto às vezes.

Eu não disse mais nada. Não havia mais nada a dizer. Todos nós fomos feridos pelos Ceifadores, alguns de nós mais do que outros, e todos nós tivemos que lidar com isso da nossa maneira. Ainda assim, cheguei um pouco mais perto de Rachel, e fiquei ao seu lado até que os outros terminaram a luta e se juntaram a nós.

Ficou mais escuro e frio quando o sol se pôs e as horas passaram lentamente. Todos se aconchegaram em seus sacos de dormir, mas, ao contrário dos outros, eu não estava prestes a dormir. Então me sentei junto ao fogo, encostada tão perto das chamas quanto conseguiria. Eu me ofereci para manter a vigilância enquanto os outros dormiam. Não vimos nenhum sinal dos Ceifadores, mas isso não significava que eles

não estivessem lá em algum lugar, esperando o momento certo para atacar. Também fiquei atenta pelo bebê grifo e a sombra misteriosa. Mas se eles estavam por perto, eram tão invisíveis quanto os Ceifadores.

Finalmente, meu telefone tocou às onze e quarenta e cinco, dizendo que era hora de acordar os outros. Alguns reclamaram e gemeram um pouco, mas todos se levantaram. Nós pegamos algumas lanternas de nossas bolsas, as ligamos e nos dirigimos para o canto de trás do campo. A ambrósia parecia a mesma de antes... um pequeno trecho de flores brancas, de alguma forma florescendo na parede da rocha.

— Você tem certeza disso? Nós temos que colher à meia-noite? — Perguntei. — Porque me parece a mesma que naquela tarde. Pequena e adorável.

— Foi o que Metis disse, — Ajax respondeu. — Que tem que ser colhida à meia-noite, de preferência no meio de uma noite fria.

— Bem, pelo menos temos o frio, — murmurei.

A temperatura caía constantemente durante toda a noite. Quanto mais baixa ela ficava, mais as gotas de gelo nas pedras e as paredes congelavam. Agora, todo o pátio parecia uma folha de prata gelada e linda – embora as flores permanecessem estranhamente intocadas pela geada, parecendo uma noite de verão em vez de um inverno mortal.

Esperamos enquanto os minutos passavam lentamente, nossas respirações fumegantes no ar e depois caindo para o chão em nuvens de cristais de gelo. Durante o maior tempo, as flores de ambrosia não fizeram nada além de tremular com o ar frio assim como o resto de nós.

— Um minuto até a meia-noite, — Oliver anunciou, espiando seu telefone, o brilho branco iluminando seu rosto como um fantasma.

Nós todos olhamos para as flores, observando qualquer mudança, para qualquer sinal de que elas fariam o que fosse que Nickamedes precisava que elas fizessem.

E lentamente... muito, muito devagar... as flores começaram a crescer.

Primeiramente, pensei que era apenas minha imaginação. Mas eu pisquei e depois pisquei novamente, e percebi que elas estavam na verdade... *movendo-se*.

Três flores pequenas e individuais pareciam se esticar umas com as outras, como se as pétalas estivessem sendo unidas pelo brilho prateado da lua cheia.

— Todos estão vendo isso? — Perguntei.

— Sshh, — Oliver disse. — Você está estragando o momento.

Eu o acertei com o cotovelo, e ele sorriu. Então nós dois fixamos nossos olhos nas flores uma vez mais.

Assim que as pétalas das três flores se tocaram, todas pareciam se agitar, como se não pudessem estar tão próximas. Eu respirei, me perguntando se algo estava errado, se elas não iriam florescer porque estávamos aqui e nós precisávamos tanto delas. Mas, assim que as flores floresceram, uma luz prateada começou a queimar no centro de cada uma delas, e as pétalas lavanda e cinza explodiram em chamas frias. Por um momento, as cores rodaram, uma mistura estrelada de prata, lavanda e cinza que ficou mais e mais brilhante até que eu tive que fechar os olhos e desviar o olhar da luz intensa. Então, tão rápido quanto começou, as cores e as luzes se desvaneceram abruptamente.

Abri os olhos... e fiquei espantada com o que vi.

De alguma forma, as três pequenas flores se juntaram em uma flor grande e linda. As pétalas eram agora de um prata cintilante e tinham um aspecto vagamente metálico sobre elas, quase como se elas soariam como um sino se você tocasse nelas com a unha. O branco, a lavanda e o cinza se misturaram nas pétalas, como se fossem uma só faixa. Era uma das coisas mais bonitas que eu já vi.

Ninguém falou por vários momentos.

— É incrível — Daphne finalmente sussurrou.

— Isso é, — Covington disse, uma nota estranha, quase invejosa em sua voz. — Isso é.

Todos nós ficamos em silêncio novamente.

— Bem, — eu disse, avançando e cuidadosamente puxando o caule da flor da parede rochosa e do bico do grifo.

— Não me importo quão bonita é. Tudo o que importa é que ela faça o que é preciso. Agora podemos usá-la para ajudar Nickamedes.

— Claro, — Covington disse. — Claro.

Cuidadosamente coloquei a flor da ambrosia em um tubo de plástico longo e esguio que Ajax comprara quando pegamos suprimentos ontem. Felizmente, o tubo protegeria a flor para que pudéssemos levá-la inteira à academia.

— E agora? — Rory perguntou.

— Nós dormimos, — Ajax disse. — Foi um longo dia, e ainda temos que caminhar de volta pela manhã.

Todos voltaram para o nosso acampamento. Ajax acrescentou bastante madeira ao fogo, de modo que ele queimaria pelo resto da noite, enquanto todos os outros entravam em suas barracas e sacos de dormir. Meia hora depois, eu estava em uma barraca com Daphne.

Rachel e Rory também dormiriam aqui conosco mais tarde, após terem observado em volta. Eu me aproximei de Daphne por causa do calor, apesar de que ela já estava roncando. De vez em quando, uma centelha de magia rosa escapava de seu saco de dormir e cintilava no ar como se apontasse antes de desaparecer.

Fechei meu saco de dormir, me certificando de que eu tinha uma mão em Vic e a outra no tubo com a flor de ambrosia. O olho da espada se abriu e ele me encarou com uma expressão séria. Vic estava tranquilo hoje, e nós não conversamos muito, mas eu sabia que ele estava descansando para a batalha que deveria ter acontecido. A espada percebeu que a parte mais perigosa da viagem ainda era estava por vir – descer a montanha e sobreviver a qualquer armadilha que os Ceifadores estivessem planejando.

— Não se preocupe, Gwen, — Vic disse. — Você pode dormir. Vou ficar de olho. Nenhum Ceifador irá atacar você esta noite. Prometo.

— Ok, Vic, — murmurei. — Vou deixar com você.

Fechi meus olhos e deixei a escuridão do sono me levar embora.



25

O frio me acordou.

Em algum momento durante a noite, saí do meu saco de dormir, e o frio no ar havia penetrado na parte de trás do meu pescoço como um dedo fazendo cócegas. Tremi e me aconcheguei novamente no meu saco de dormir, até que o calor do meu corpo, combinado com o material fofo, afastou o pior do frio. Era cedo, e Daphne, Rory e Rachel ainda dormiam na barraca comigo, mas percebi que estava ficando mais claro lá fora. Deve estar perto do amanhecer. Com sorte, estaríamos de volta à Academia até o meio dia, depois voltaríamos para Carolina do Norte esta noite.

Deitei no meu saco de dormir, mas não demorou muito para que os outros começassem a se mexer. Trinta minutos depois, estávamos reunidos ao redor do fogo, que havia diminuído até as brasas durante a noite. Nós ainda estávamos meio adormecidos, então ninguém sentiu muita vontade de falar. Em vez disso, todos abriram alguma garrafa de água e procuraram em suas mochilas algo para o café da manhã. Mais uma vez, peguei um pacote de cereais. As frutas secas, o chocolate, aveia

e nozes não estavam tão saborosos quanto ontem, mas fizeram meu estômago parar de resmungar.

Logo que todos estavam mais ou menos acordados e alimentados, nós nos certificamos de que o fogo estava completamente apagado, desmontamos as barracas e guardamos nossas coisas. Rachel colocou sua mochila nas costas e depois olhou para o céu. O sol da madrugada já havia desaparecido, substituído por um véu pesado de nuvens cinzentas escuras.

— A tempestade finalmente está chegando, — ela disse. — Precisamos sair da montanha antes do pior da neve começar.

Nós assentimos. Nenhum de nós queria ficar preso aqui. Já estava bem frio o suficiente. Eu nem podia imaginar quão pior seria com polegadas de neve. Apesar do frio, não coloquei minhas luvas. Eu queria poder tirar Vic de sua bainha sem problemas no caso de um ataque dos Ceifadores.

À medida que pegamos nossas bolsas e nos preparamos para sair, não pude evitar a sensação de desconforto que me varreu. Tudo parecia tão... *fácil*. Com exceção do ataque no trem, os Ceifadores não fizeram nenhum movimento contra nós enquanto estávamos nas ruínas. Eu me perguntava por que – e o que eles realmente estavam preparando.

Estávamos prestes a sair do pátio quando vi a sombra misteriosa no canto dos meus olhos. Em um segundo, eu pensava em quanto tempo nos levaria para caminhar pela montanha e quando e onde os Ceifadores poderiam atacar. No próximo, eu percebi que havia uma figura pairando na borda da minha visão – uma que parecia olhar diretamente para mim.

Virei a cabeça para a esquerda... mas ninguém estava lá. Tudo o que vi foram paredes derrubadas e pedras revoltas, com as flores espalhadas como uma manta colorida no meio do pátio.

— Qual é o problema, princesa? — Rory perguntou, percebendo que eu olhava ao redor.

Balancei a cabeça. Eu não tinha certeza do que dizer a ela. *Desculpe, parece que estou vendo coisas que não estão realmente aqui*, não me pareceu exatamente o certo a dizer...

Caw-caw-caw.

Congelei, realmente esperando que eu estivesse apenas imaginando esses sons.

Caw-caw-caw.

Mas os gritos altos e estranhos voltaram, ecoando de um lado do pátio para o outro novamente, e eu sabia que não estava alucinando – e que estávamos com sérios problemas.

Um segundo depois, uma sombra caiu sobre mim, escondendo o pouco sol que havia, e um pássaro caiu do céu. Era uma criatura enorme, facilmente duas vezes a minha altura, com brilhantes penas pretas misturadas com raias vermelhas; longas garras pretas curvas; e olhos negros que continham uma faísca de vermelho Ceifador.

A Roca negra... e não estava sozinha.

Uma garota estava sentada em um arnês de couro preso às costas largas da criatura. Uma túnica preta flutuava ao redor de seu corpo coberto por uma roupa também preta. Cabelos castanhos, brilhantes olhos dourados, sorriso ofensivo. Ela parecia exatamente a mesma que nos meus pesadelos. E, assim como a Roca, o olhar dela cintilou com aquela faísca de vermelho Ceifador.

A menina olhou para mim e sorriu. — Olá, Gwen, — Vivian Holler disse. — Pensei que poderia encontrá-la aqui.

Imediatamente joguei minha bolsa e tirei Vic da bainha na minha cintura. Comecei a avançar, mas Alexei estendeu a mão, me parando. Ele balançou a cabeça em alerta, depois tirou suas espadas gêmeas da bainha nas costas e entrou na minha frente. Os outros deixaram cair as bolsas e tiraram suas armas também, prontos para lutar contra a menina Ceifadora.

Quando ela percebeu que não íamos avançar de imediato sobre ela, Vivian fez beicinho, como se estivesse desapontada com a nossa moderação. Isso me disse que ela queria que a atacassemos. Eu me

perguntei por que, já que ela parecia estar sozinha. Meu olhar examinou as ruínas, mas não vi nenhum outro Ceifador espreitando atrás das ruínas.

Eles estavam aqui em algum lugar. Tinham que estar. Vivian nunca tentaria nos enfrentar sozinha. Ela não era tão estúpida... ou corajosa.

Vivian olhou para Alexei, seus olhos permaneceram nas espadas gêmeas em suas mãos. — Um guarda-costas, Cigana? Sério? Até eu não tenho um desses. Que pena que sinto a necessidade de ter um. — Ela estalou a língua com simpatia fingida. — Então, novamente, eu posso cuidar de mim, e simplesmente não podemos dizer o mesmo de você, podemos?

— Oh, eu não sei, — lancei. — Acho que estou bem. Afinal, você não conseguiu me assassinar ainda. O que é um grande fracasso épico de sua parte, não é? Especialmente já que eu sou tão fraca, miserável e desamparada? O que há de errado com você que não pode matar uma garota nerd, Viv? Você não deveria ser essa grande guerreira com magia tão poderosa? Loki não deve estar muito feliz com tudo isso... que sua Campeã não conseguiu realizar esta única e simples ordem. Quem sabe? Se você continuar falhando assim, ele pode decidir nomear um novo Campeão. Pode até tirar sua telepatia. E isso seria *tão* humilhante para você.

Os olhos dourados brilhavam, e aquela terrível faísca vermelha Ceifador queimou um pouco mais brilhante e quente. Suas mãos apertaram as rédeas da Roca, como se estivesse pensando em empurrar a criatura e fazê-la me atacar.

Depois de um momento, Vivian relaxou seu aperto, mas eu sabia que ela estava irritada. Bom. Eu planejava fazer muito mais disso antes de matá-la. Ainda assim, não pude deixar de sentir que Vivian já havia puxado a armadilha – e tudo o que restava era que ela afundasse na nossa garganta, como a armadilha snap fizera na perna do bebê grifo. Mais uma vez, meus olhos examinaram as ruínas, mas não vi ninguém,

e o único som era o assobio do vento de inverno que chicoteava nas pedras arruinadas.

Vivian saltou de seu arnês e deslizou para o chão, tirando uma espada que estava amarrada ao arnês da Roca. Ela entrou na frente do pássaro e segurou a espada pela lâmina, de modo que o punho estava aparecendo. Após um momento, eu fui para o lado de Alexei e fiz o mesmo com Vic.

— Lucretia, — Vic sibilou.

Um olho vermelho de Ceifador abriu no punho da espada de Vivian e olhou de relance para ele.

— Vic, — refletiu uma voz baixa e feminina. — Tão bom ver você novamente, especialmente parecendo tão embotado e manchado. Mas você está sendo usado há anos, não é?

— Embotado? Embotado e manchado? Por que, por que você... — Vic estava tão irritado que tudo o que ele podia fazer era balbuciar.

Lucretia riu da raiva dele, sua risada sombria refletindo as que saíam da boca de Vivian. Finalmente, quando ambas deixaram de rir, eu olhei de novo para Vivian.

— O que você quer? O que é tudo isso?

Vivian fez um beicinho novamente. — Com pressa, Gwen? Se você quiser morrer mais cedo do que tarde, tudo bem para mim.

Ela agarrou o punho da espada, então levantou Lucretia no alto. Eu fiquei tensa, me perguntando o que ela estava fazendo, mas recebi minha resposta um segundo depois, quando outra Roca negra caiu do céu nas ruínas, pousando ao lado de Vivian. Outra figura familiar montava o enorme pássaro – Agrona Quinn.

Ela também parecia a mesma como em meus pesadelos – cabelo loiro e sedoso, pele bronzeada, olhos verdes intensos. Ela usava um longo manto preto que vibrava no vento, mostrando a roupa de neve e as botas prateadas por baixo. Apesar do frio, ela não usava luvas, e um anel piscava na mão esquerda, assim como nos meus sonhos. Ela deve estar usando mais das joias Apate que ela roubou da Biblioteca das

Antiguidades. As que ela usou para controlar Logan e colocá-lo contra mim.

Mas o que me chamou a atenção foi sua mão direita. Quase parecia com uma das garras curvas da Roca. Os dedos de Agrona estavam escuros, inchados e retorcidos em um ângulo estranho. Ela notou meu olhar em sua mão, franziu o cenho e a escondeu de vista, não querendo que eu visse sua fraqueza.

Fiz uma careta, me perguntando o que estava errado com a mão dela, e então lembrei – eu fiz isso com ela.

Durante a luta no Auditório Aoide, usei Vic para esmagar a mão de Agrona para tentar destruir o rubi Apate em forma de coração que ela usava em um anel. Aparentemente, sua mão não se curou completamente da lesão. Devia ser porque usei Vic para quebrar seus dedos. O dano era incurável, já que ele era um artefato poderoso também.

Talvez fosse errado, mas uma onda de satisfação sombria me encheu ao saber que eu podia machucar Agrona assim. Ela merecia pelo que fez com Logan e o pai dele. Ela merecia isso... e pior.

— Agrona, — Ajax grunhiu. — Eu deveria saber que você estaria por trás disso.

Ela sorriu, mas a expressão não era nada agradável. — Tão bom ver você novamente também, Ajax. Diga, como está meu querido enteado? Estou desapontada por não ver Logan aqui entre sua pequena tropa de guerreiros.

— Ele está bem, — eu cortei antes que alguém pudesse dizer algo. — Apesar do que você fez com ele.

Agrona riu. — É claro que ele está. Ele é tão bom que não está ao seu lado como você queria. Certo, Cigana?

Eu não disse nada, mas, mais uma vez, meu estômago apertou com preocupação de que os Ceifadores haviam capturado Logan, como Vivian afirmara. Prendi a respiração, esperando que Agrona dissesse sobre como Logan estava sendo torturado até a morte.

Agrona deve ter visto a dor, a ira e o medo no meu rosto, porque ela riu de novo e acenou com a mão no ar.

— Não importa. Logan não é importante, de qualquer maneira. Não mais. Mas alguns de vocês são... ou melhor, as coisas que vocês trouxeram com vocês. — Seus olhos verdes se concentraram em Vic, e uma centelha de inveja flertou em seu olhar.

Talvez fosse o olhar invejoso de Agrona ou talvez fosse a forma como o fraco sol de inverno brilhou sobre a lâmina de Vic, mas voltei a pensar em dois dias atrás, quando eu olhava para o afresco dentro da Biblioteca das Antiguidades. Em vez do afresco dos meus amigos e eu lutando contra os Ceifadores, eu só consegui ver as armas que levávamos – não quem estava realmente empunhando-os.

Meus olhos foram de um dos meus amigos para o seguinte.

Daphne segurando o arco de Sigyn, pronta para soltar a flecha no fio dourado. Alexei lentamente torcia as espadas de Ruslan em suas mãos. Carson com o Chifre de Roland que se deslocava do lado de sua bolsa. Eu com Vic na minha mão e a rede de Ran escondida na minha mochila.

— Artefatos, — sussurrei. — É disso que se trata.

Agrona ergueu uma sobrancelha, aparentemente surpresa por eu ter descoberto. Ela olhou para Vivian, que encolheu os ombros.

— Eu não disse nada, — Vivian disse. — Eu esperava sua grande entrada.

Agrona lançou-lhe um olhar afiado, mas Vivian deu-lhe um sorriso angélico em troca. Depois de um momento, Agrona se voltou para mim.

— Bem, eu odeio arruinar a surpresa, mas sim, Cigana, isso é tudo sobre artefatos, — ela disse. — De acordo com os espiões que eu tenho, você está procurando por artefatos ultimamente... artefatos em que estou muito, muito interessada. E, surpresa, você realmente conseguiu colocar suas mãos em pelo menos um deles que eu conheço... a rede de Ran. O que fez você decidir começar a procurar artefatos?

Mantive meu rosto em branco. Eu não lhe falaria sobre a missão que Nike havia me dado para encontrar artefatos e mantê-los fora das mãos dos Ceifadores.

Agrona deu de ombros quando percebeu que eu não ia responder. — Sua resposta realmente não importa. Tudo o que importa é que você caminhou diretamente para a minha armadilha, assim como eu pensei que faria. — Seus olhos se encontraram com os meus. — No começo, fiquei desapontada por você não ter bebido o veneno, tão cuidadosamente feito para você, mas isso funcionará ainda melhor. Agora não teremos que descobrir uma maneira de roubar sua espada da academia. Nós vamos simplesmente tirá-la do seu corpo frio e morto.

— É por isso que você envenenou Nickamedes? — Carson perguntou, empurrando os óculos no nariz. — Para nos trazer até aqui? Esperando que trouxéssemos nossas armas conosco?

— Não são suas armas, — Agrona zombou. — São *artefatos*. Arco de Sigyn. O Chifre de Roland. As espadas de Ruslan. E é claro, Vic.

— Bem, naturalmente, — a espada cantou, sua voz inchada de orgulho. — Eu coloco a *arte* em *artefato*.

Olhei para ele. — Sêrio? — Sussurrei. — Você realmente vai falar sobre o quão incrível você é em um momento como esse?

— Certamente, — Vic disse. — Por que não?

Revirei os olhos. — Sabíamos que se envenenássemos a Campeã da Nike, vocês ficariam frenéticos para encontrar um antídoto, — Agrona disse. — Tão frenéticos que se esqueceriam de todo o resto, como o fato de que era uma armadilha. Era simplesmente uma questão de escolher o veneno certo e garantir que fosse exatamente onde queríamos. Tola. Não perceberam que nós os observamos desde que deixaram a Carolina do Norte?

— Percebemos, — Ajax disse. — Mas precisávamos vir de qualquer maneira. Você se certificou disso.

— Sim, — Daphne falou. — Nós cuidamos de nossos amigos, não importa o que. Algo que vocês duas não conhecem.

Vivian levantou uma mão ao coração. — Oh, Valquíria. Estou tão machucada por suas palavras.

Daphne olhou para sua flecha e então para a outra garota. — Você ficará machucada quando eu colocar uma flecha no seu coração negro.

Vivian levantou Lucretia. — Tente.

Agrona disparou a Vivian outro olhar de advertência. Depois de um momento, a menina Ceifadora abaixou a espada, embora continuasse olhando para Daphne.

— E é claro que você acabou trazendo seus artefatos, e depois entrou nas ruínas. Não só isso, mas você realmente achou a flor de ambrosia, o que será um bom bônus, — Agrona disse. — É tão triste que você só queira usar isso em Nickamedes. É muito poderoso, sabe. Tem todos os tipos de usos. Por que a lenda diz que pode curar até os próprios deuses.

Suas palavras me fizeram pensar na noite em que Vivian usou meu sangue para libertar Loki no portão de Garm. O deus maligno era poderoso, mas eu também sentia a fraqueza dele – que todos os longos séculos de estar preso em Helheim lhe cobraram um preço. A fraqueza de Loki foi a razão pela qual os Ceifadores tentaram colocar sua alma em Logan – para que o deus maligno tivesse um corpo jovem e saudável. Um sentimento entorpecido se espalhou por mim.

— Você vai usar a flor de ambrosia para tornar Loki mais forte.

— Bem, bem, Gwen. Olhe para você, sendo tão inteligente novamente. Mas você está realmente certa, — Agrona disse. — Nós daremos a ambrosia ao nosso senhor. Não devolverá sua força total, mas cuidará de algumas... dificuldades no reino mortal.

Eu não precisava olhar para os outros para perceber que eles estavam tão horrorizados quanto eu. Nós pensamos que a armadilha dos Ceifadores era apenas para nos matar, mas eles tinham um plano secreto, como sempre faziam. Não importava o que acontecesse, se vivêssemos ou morressemos, não poderíamos deixar que os Ceifadores tomassem nossos artefatos – e especialmente não podíamos deixar que eles tivessem a flor de ambrosia.

— Bem, muito ruim, nada disso vai acontecer, — eu disse, tentando fazer com que minha voz soasse mais forte e mais confiante do que eu me sentia. — Você não receberá nada. Nenhuma coisa. Nem nossos artefatos, nem a flor da ambrosia, nem nossas vidas.

Agrona riu de novo. — Oh Cigana. Você sempre bancou a idiota tão bem, não é?

Meus dedos apertaram o punho de Vic. — Talvez. Mas eu gostaria de ver você tentar tirar minha espada.

Agrona sorriu. — Com alegria.

Ela inclinou a cabeça para Vivian. Eu fiquei tensa, esperando que a menina Ceifadora levantasse sua espada e, finalmente atacasse para começar a luta. Mas, em vez disso, tudo o que Vivian fez foi colocar os dedos nos lábios e soltar um assobio.

Oliver lhe deu um olhar zombeteiro. — Que bom que você sabe fazer...

Caw-caw-caw.

Caw-caw-caw.

Caw-caw-caw.

Uma série de gritos ressoaram, afogando sua voz.

Em um momento, as únicas coisas no céu eram a neve e as nuvens carregadas. No próximo, Rocas negras encheram o espaço acima das ruínas. Uma a uma, elas aterrissaram no chão ao lado de Vivian e Agrona, formando uma linha sólida na nossa frente. Devia haver mais uma dúzia de Rocas, todos com um Ceifador ou dois montando-as. As túnicas longas e pretas dos Ceifadores flutuavam no vento, enquanto as máscaras de borracha que cobriam seus rostos pareciam especialmente horríveis, imagens espelhadas de Loki olhando para nós.

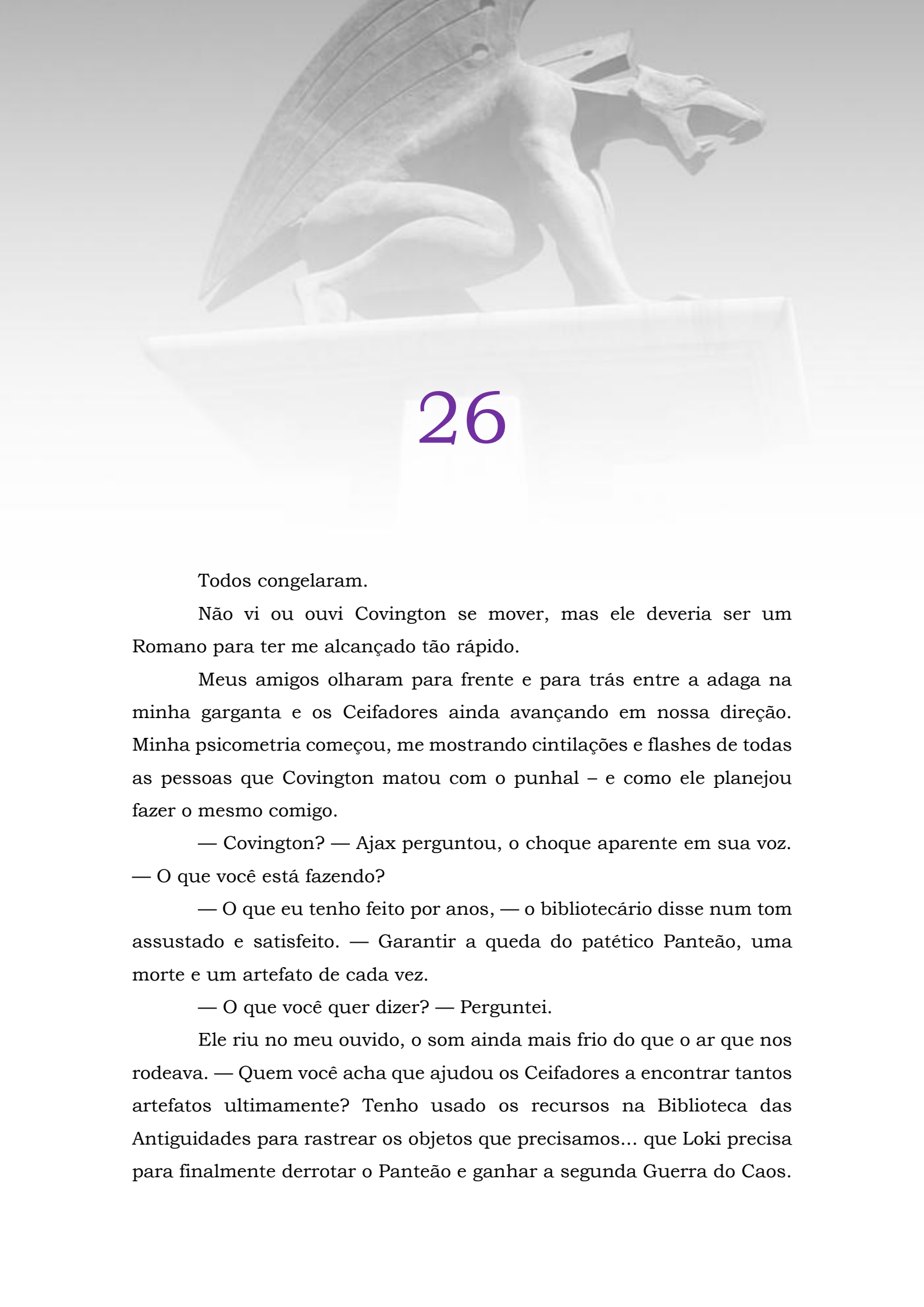
— Preparem-se, — Ajax murmurou, estalando os dedos. — Na minha marca, levantem suas armas e retornem ao pátio. Façam os Ceifadores chegarem a nós. Ataquem à vontade, mas fiquem em grupos e fiquem longe das Rocas. Caso contrário, as aves nos rasgaram em pedaços com seus bicos e garras. Daphne, você fica atrás de todos nós e atira o máximo possível com seu arco.

Ela assentiu e começou a retroceder. Os outros apertaram suas armas e as levantaram para a posição de ataque.

Um a um, os Ceifadores desmontaram das Rocas, deslizaram para o chão e começaram a avançar.

Respirei e levantei Vic, pronta para lutar novamente. Uma mão serpenteou em volta da minha cintura por trás. Antes que eu pudesse reagir, antes que eu pudesse me mover ou tentar revirar, metal frio e afiado foi pressionado contra minha garganta – um punhal. Mas ainda mais surpreendente era a pessoa segurando-o.

— Não se mexam, — Covington disse aos meus amigos. — Ou a Campeã da Nike morre.



26

Todos congelaram.

Não vi ou ouvi Covington se mover, mas ele deveria ser um Romano para ter me alcançado tão rápido.

Meus amigos olharam para frente e para trás entre a adaga na minha garganta e os Ceifadores ainda avançando em nossa direção. Minha psicometria começou, me mostrando cintilações e flashes de todas as pessoas que Covington matou com o punhal – e como ele planejou fazer o mesmo comigo.

— Covington? — Ajax perguntou, o choque aparente em sua voz. — O que você está fazendo?

— O que eu tenho feito por anos, — o bibliotecário disse num tom assustado e satisfeito. — Garantir a queda do patético Panteão, uma morte e um artefato de cada vez.

— O que você quer dizer? — Perguntei.

Ele riu no meu ouvido, o som ainda mais frio do que o ar que nos rodeava. — Quem você acha que ajudou os Ceifadores a encontrar tantos artefatos ultimamente? Tenho usado os recursos na Biblioteca das Antiguidades para rastrear os objetos que precisamos... que Loki precisa para finalmente derrotar o Panteão e ganhar a segunda Guerra do Caos.

Mas todas as vezes, você e seus amigos já estiveram lá primeiro. Você já obteve o arco de Sigyn, as Espadas de Ruslan e o Chifre de Roland, e você quase impediu Agrona de roubar as joias de Apate. Como você está fazendo isso? Como sabe tanto sobre artefatos?

Eu não respondi, mas meus olhos se encontraram com Oliver, e eu poderia dizer que ele pensava o mesmo que eu – o desenho que ele fez para mim de todos os artefatos, pessoas e criaturas que Nike me mostrou. Um que eu escondi na minha mochila agora. Outra coisa que eu não podia deixar os Ceifadores colocarem as mãos.

— Diga! — Covington gritou e pressionou a adaga na minha garganta.

Estremeci quando a lâmina cortou a pele, mas não respondi. Eu não ia falar sobre o desenho ou o fato de que eu sabia que havia outros artefatos por aí – aqueles que poderiam fazer a diferença entre quem ganhava e quem perdia a guerra do Caos iminente. Eu não diria nada a ele.

Não tive a chance de responder antes que Rachel desse um passo à frente, um olhar horrorizado em seu rosto.

— Rebecca... Tyson... você disse que eles o atacaram. Que eles estavam tentando roubar artefatos da biblioteca. Você disse que eles assassinaram os alunos e que você não teve escolha senão se defender contra eles... contra os pobres e mal sucedidos Ceifadores. Foi assim que você os chamou.

— Eles eram tolos, — Covington zombou. — Eles concordaram em entrar na Biblioteca das Antiguidades e roubar os artefatos para fazer parecer um assalto e um ataque de outro Ceifador, então a suspeita não cairia sobre mim. Mas no último momento, eles mudaram de ideia e tentaram me impedir.

Rory avançou para ficar ao lado de Rachel. A raiva fez suas bochechas arderem e seus olhos piscarem, e suas mãos estavam apertadas em punhos. — Por quê? Por que eles tentaram detê-lo?

— Eles estavam infelizes, — ele zombou de novo. — Não queriam que você crescesse para ser como eles. Idiotas. Eles estavam falando em

deixar os Ceifadores completamente. Mas deveriam saber melhor. Ninguém nos deixa... nunca.

— Então você os matou, — Rory disse, com a voz rude de raiva.
— Você os matou para esconder o que você fez.

— Oh, cresça, sua idiota, — Covington disse. — Seus preciosos pais não eram inocentes. Eles foram Ceifadores por *anos*. Você não tem ideia das coisas que eles fizeram, tudo em serviço para Loki.

Lágrimas caíram do rosto de Rory, mas ela não se preocupou em limpá-las. Rachel também chorava, mas ela tinha a mesma expressão dolorida e determinada em seu rosto, como Rory.

Covington riu de suas lágrimas e raiva. — E você sabe qual é a melhor parte? Que vocês duas foram idiotas o suficiente para vir até aqui com o resto desses tolos. Por que você acha que eu pedi que você fosse nossa guia?

Confusão encheu o rosto de Rachel, mas tive uma sensação de que eu sabia exatamente o que ele ia dizer.

— Porque eu sou o único do nosso grupo que voltará para a academia vivo, — Covington respondeu. — Haverá uma investigação do Protetorado, é claro, mas, no final, parece que finalmente cuidei do resto dos Ceifadores da família Forseti.

Então, ele não só ajudaria Vivian e Agrona a nos matar, mas o bibliotecário também planejava enquadrar Rachel e Rory por nossos assassinatos. E claro, todos acreditariam nele, por causa do fato de os pais de Rory terem sido Ceifadores. Cruel... muito, muito cruel.

— Você não se safará dessa, — Rory prometeu. — Eu não vou deixar.

Mais lágrimas deslizaram pelo seu rosto, mas lentamente ela começou a avançar para o bibliotecário. Rachel também. Enquanto isso, os Ceifadores avançaram para meus amigos.

Meus amigos hesitaram, querendo atacar os Ceifadores, mas não podiam – não enquanto Covington tivesse sua adaga contra minha garganta – o que significava que eu precisava encontrar algum jeito de me libertar ou todos nós morreríamos.

Rapidamente considerei minhas opções. Claro, eu tinha Vic em minha mão direita, mas não conseguiria levantar a espada e atacar o bibliotecário com ela. Não com Covington logo atrás de mim. Então eu me concentrei exatamente como e onde ele estava de pé. Ele tinha a mão esquerda em volta da minha cintura, e a sua direita na minha garganta, ainda segurando a adaga. Sangue quente escorria pelo meu pescoço de onde ele já me cortou.

Não, eu não podia usar Vic, não sem ter minha garganta cortada, mas a espada não era minha única arma – eu também tinha minha magia de toque.

Foi o que usei em Preston Ashton quando ele me esfaqueou com a Adaga de Helheim. Puxei a força vital do garoto Ceifador para o meu próprio corpo e me curei com isso – e Preston morreu como resultado. Matá-lo foi horrível o suficiente, mas Vic queria que eu fizesse o mesmo com Logan, impedindo-o de me assassinar quando ele estava sob a influência das joias de Apate. Mas eu me recusei. Eu não queria machucar Logan. Não queria usar o meu dom de Cigana assim. Não novamente... *nunca* mais.

Mas Covington era um Ceifador, ele era meu inimigo, e ele alegremente levou a mim e os meus amigos para a armadilha de Agrona e Vivian. Não só isso, mas assassinou os pais de Rory por algo que eles sequer fizeram.

Matar Preston com minha magia me deixou doente, e pensar em usá-lo em Covington me deixava mal agora, mas não vi nenhuma alternativa para sair disto. Meus amigos não podiam se defender até eu estar livre, e essa era a única maneira de que eu pudesse sair do alcance do bibliotecário.

Então eu me concentrei na mão de Covington envolta da minha cintura. Eu segurava Vic na minha mão direita, mas minha mão esquerda estava pendurada ao meu lado. Lentamente, muito, muito devagar, comecei a mover minha mão livre até o bibliotecário.

— Fique parada ou vou cortar sua garganta! — Ele grunhiu.

Congelei, minha mão não muito acima do meu quadril. Eu não podia movê-la pelo restante do caminho ou ele cumpriria sua ameaça. A frustração me encheu porque eu precisava que minha pele tocasse a dele. Era assim que minha magia funcionava. Mas percebi que havia outra maneira de usar meu dom de Cigana no bibliotecário – fazê-lo me tocar ao invés disso.

Os dedos de Covington tocavam o colarinho da minha roupa de neve enquanto ele segurava o punhal contra meu pescoço. Eu me mexi, tentando fazer com que seus dedos escorregassem sobre a borda do pano e pressionassem minha pele, mas o ângulo estava errado e eu não conseguia.

Mais frustração surgiu por mim e meu olhar foi para meus amigos. Eles se aproximaram uns dos outros, formando um círculo no meio do pátio, mesmo quando os Ceifadores continuaram avançando sobre eles, cortando o ar com suas espadas curvas em antecipação a luta. E percebi que eu estava quase sem tempo – e só me restava uma opção.

Se eu não conseguia fazer Covington me tocar, então eu teria que tocá-lo. Tudo o que eu precisava fazer era virar minha cabeça na lâmina na minha garganta. Era um plano arriscado, e eu não sabia quanto dano a adaga faria, mas era a única maneira de salvar minha vida e meus amigos.

Com o canto do olho, notei que Vivian me observava com uma careta no rosto, e senti uma dor súbita na minha cabeça, como se um par de dedos estivesse cavando no meu cérebro. Vivian estava tentando usar sua magia de telepatia para ver minha mente. Após um momento, seus olhos se arregalaram. Tarde demais, ela percebeu o que eu planejava.

— Covington! Não deixe que ela se mova! Não permita que ela toque você...

Cerrei os dentes e virei meu pescoço, tentando não gritar quando a adaga cortou minha pele. Covington recuou de surpresa, mas eu continuava girando, me virando, voltando o pescoço, embora a lâmina cortasse mais fundo na minha garganta. Finalmente, quando pensei que

não aguentaria a dor por mais um segundo, senti os dedos frios do bibliotecário contra minha pele nua e sangrenta... e então eu *puxei*.

Os pensamentos e os sentimentos de Covington inundaram minha mente no segundo que sua pele tocou a minha.

O ciúme sombrio que se infiltrava em todas as partes do seu ser quase tirou o meu fôlego. Uma após a outra, eu vi imagens dele ao longo dos anos. Trabalhando na biblioteca, olhando para todos os alunos e professores, reunindo-se com Agrona e outros Ceifadores, alegremente fazendo qualquer coisa que Agrona lhe pedia. Metis, Nickamedes e Ajax estavam em algumas de suas memórias, quando Covington visitou a academia da Carolina do Norte. Senti seu ódio profundo e ardente por eles, particularmente por Nickamedes e o fato dele estar no comando da nossa Biblioteca das Antiguidades, um trabalho que Covington sempre cobiçou secretamente.

Eu pisquei, e outra memória surgiu na minha mente – Covington discutindo com duas pessoas vestindo túnicas pretas de Ceifador. Elas não usavam máscaras, então eu podia ver seus rostos – as mesmas feições, as mesmas pessoas que eu vi na foto com Rory. Eu sabia que estava vendo seus pais – Rebecca e Tyson.

— Você terá que encontrar outra maneira... Não vamos fazer isso... — a voz de Rebecca soou em minha mente. — Estamos cansados disso... dos Ceifadores. Tudo o que queremos fazer é viver uma vida agradável, tranquila e pacífica com a nossa filha...

Tyson assentiu, concordando com ela.

Os dois se afastaram e Covington pegou a espada que ele havia escondido debaixo do balcão de registro da biblioteca. Silenciosamente, ele avançou sobre eles e levantou a arma, apesar de suas costas estarem viradas. O resto da memória se precipitou antes que eu pudesse ver, mas eu sabia como isso terminava – Covington assassinando os pais de Rory.

Mas uma nova imagem tomou seu lugar – uma de Covington sozinho na biblioteca, verificando livro após livro, olhando páginas cheias de plantas, ervas e flores. Pesquisando um veneno – o veneno que os Ceifadores usariam em mim...

Eu respirei e afastei as imagens. Em vez disso, eu me deixei afundar ainda mais no bibliotecário até que vi a chama negra cintilando no centro de seu ser – a coisa feia que tornava Covington quem e o que ele era. Me imaginei fechando minha mão em torno daquela faísca, e então a puxei novamente – ainda mais do que antes.

Covington gritou quando puxei sua magia, seu poder, sua vida para meu próprio corpo. As feridas em meu pescoço se curaram, e eu podia sentir que ficava cada vez mais forte, mesmo quando a centelha dentro do corpo dele começou a diminuir. Naquele momento, eu não desejava nada mais do que diminuir sua centelha completamente – e matar o bibliotecário onde ele estava.

— Solte-a! — Ouvi Vivian gritar. — Você será morto se ela continuar tocando você! — Covington soltou um grito agonizante.

Então ele deixou a adaga cair do meu pescoço e se afastou. Eu tropecei e caí de joelhos nos escombros rochosos.

— Você! — Covington rosnou. — Você acha que pode usar a sua psicomетria lamentável para me matar? Vou te mostrar quão errada você está, Cigana!

Ele ergueu a adaga. Eu levantei Vic, embora soubesse que não seria rápida o suficiente para bloquear seu ataque...

Uma figura apareceu entre nós. Levei um segundo para perceber que era Rory – a menina espartana tinha sua mão travada em torno do pulso do bibliotecário.

O punho livre de Rory avançou, e ela golpeou Covington no rosto. Ele se curvou e cambaleou para trás, e Rory tirou rapidamente a adaga da mão dele.

Ela girou a arma algumas vezes, sentindo seu peso, seus olhos verdes brilhando com uma combinação predatória de raiva e antecipação pela luta por vir.

— Eu assumo daqui, Gwen, — ela disse com uma voz fria. — Você ajuda os outros. Covington é *meu*.

— Vivo! — Ouvi Ajax gritar. — Nós precisamos dele vivo, Rory!

Covington tentou se afastar, chegando até a parte detrás de uma pilha de pedras, mas Rory o seguiu, perseguindo-o tão friamente quanto um lobo Fenrir faria com sua presa. Um segundo depois, o bibliotecário gritou. Rory deve tê-lo cortado com a adaga. Eu só esperava que ela o deixasse viver, como Ajax disse. Sem dúvida, o Treinador queria respostas sobre os Ceifadores – respostas que Covington poderia nos dar.

Aqueles foram os pensamentos que correram na minha mente quando me levantei. Levantei Vic, pronta para combater quem estivesse no meu caminho – e imediatamente tive que me abaixar quando a espada do Ceifador assobiou acima da minha cabeça.

Clash-clash-clang!

O Ceifador e eu lutamos, trocando golpe após golpe, até que finalmente consegui cortar sua defesa e enterrar a ponta de Vic no peito do homem.

— Essa é minha garota! — Vic cantou. — Para o próximo!

Puxei a espada, me afastei do Ceifador morto e segui em frente. Então parei, insegura de onde ir.

Porque as ruínas estavam em completo caos.

Os Ceifadores se lançaram para os meus amigos, seus mantos negros chicoteando ao redor deles, como se fosse a morte, derramando-se no pátio cheio de flores.

Ajax, Alexei e Rachel estavam na frente da luta, segurando a primeira onda de Ceifadores. Ajax e Rachel usavam suas espadas para lutar contra os guerreiros do mal, junto com suas adagas, enquanto Alexei balançava suas espadas gêmeas em todas as direções, cortando todos os Ceifadores que ele podia alcançar.

Assim como os Ceifadores, as Rocas negras soltaram seus gritos de batalha ferozes. Alguns dos Ceifadores golpearam as criaturas em seus lados, exortando-as a voar, juntar-se ao ataque, e mergulhar acima dos meus amigos.

Mas, cada vez que uma das Rocas negras tentava voar, Daphne erguia o arco e soltava uma flecha dourada. Ela era uma das melhores arqueiras da Mythos, e seu objetivo era verdadeiro. Roca após Roca

mergulhou para o chão, já morta antes que seus corpos atingissem as rochas. Carson e Oliver flanquearam Daphne de cada lado, protegendo-a dos Ceifadores que conseguiram passar por Ajax, Alexei e Rachel.

— Gwen! — Alexei gritou.

Ele usou suas espadas gêmeas para cortar primeiro um Ceifador, depois outro. Mas antes de ter dado mais do que uma dúzia de passos na minha direção, mais dois Ceifadores se moveram para bloqueá-lo.

Acenei para ele. — Eu ficarei bem! Ajude os outros a proteger Daphne! Ela é a única capaz de evitar que as Rocas se juntem ao ataque!

Alexei não gostou disso, mas acenou e começou a voltar até os outros.

— Oh, bom, — uma voz ronronou atrás de mim. — Ela dispensou seu guarda-costas.

Eu me virei para encontrar Vivian e Agrona atrás de mim, junto com suas Rocas. Ambas as Ceifadores seguravam espadas. Elas avançaram lentamente e eu levantei Vic mais uma vez. Vivian ainda segurava Lucretia, e o brilho vermelho do olho da mulher estava mais brilhante do que antes.

— Olhe, — Lucretia ronronou. — O pequeno Vic pode finalmente ter algum uso na luta, afinal. Se meu primeiro golpe não partir sua lâmina insignificante em dois.

— Lucretia! — Vic exclamou. — Venha aqui e repita isso!

— Com prazer! — A outra espada respondeu.

E esses foram os únicos insultos que conseguiram trocar antes de Vivian e eu atacarmos uma a outra.

Clash-clash-clang!

Clash- clash-clang!

Clash-clash-clang!

Nós lutamos em meio as ruínas. Sobre as pedras, em torno das rochas, dobrando e correndo, movendo-se para trás e para frente, para cima e para baixo, tentando obter todas as pequenas vantagens que pudermos para machucar a outra tanto quanto possível. Pisoteamos as flores sob nossos pés, nossas botas esmagando as lindas flores coloridas.

Pétalas voavam pelo ar com nossos movimentos frenéticos, e o aroma doce das flores virou um fedor grosso enquanto o sangue se escorria das feridas que Vivian e eu conseguimos infligir uma na outra.

Finalmente, consegui prendê-la de costas contra uma grande rocha e atacá-la com a minha espada. Vivian afastou-se de um lado, a tempo de me impedir de cortar sua cabeça, mas eu ainda consegui abrir um corte na sua bochecha direita. Vivian ofegou com dor e surpresa e levou os dedos para o rosto. Ela os puxou para baixo, olhando com incredulidade para o sangue em sua mão.

— Você me cortou, — ela disse. — Você cortou meu *rosto*.

Eu girei Vic em minha mão. — Vou fazer mais do que isso antes que esta luta tenha terminado.

— Não tão rápido, Cigana, — Agrona disse.

Até agora, ela apenas observou nós lutarmos. Primeiramente, eu me perguntava por que Agrona não juntara forças com Vivian, mas então percebi que ela segurava sua espada em um ângulo estranho, como se não estivesse acostumada a empunhá-la com a mão esquerda. Sua mão direita – sua mão de espada – deve ter sido muito danificada por Vic para ser de qualquer utilidade. Tudo o que ela podia fazer era assistir – até agora.

Agrona estalou os dedos, e a Roca negra avançou. Eu me atirei para um lado, mal conseguindo evitar o golpe perverso das garras da Roca. Se tivesse ficado no meu lugar, eu estaria morta, meu peito despedaçado pelas garras da criatura. Mas a Roca era mais rápida do que eu. Mal consegui voltar aos meus pés quando a Roca se moveu e bateu uma das suas asas no meu ombro esquerdo. Eu grunhi, e a força do impacto me jogou alguns metros para a esquerda. Minhas pernas cederam, e tropecei no chão, pousando nas mãos e joelhos. A Roca se lançou no ar, pairando sobre mim como um helicóptero preto e malvado. Bateu as asas uma vez, depois avançou, suas garras se estendendo em direção à minha garganta.

Uma figura se lançou entre a Roca e eu. Primeiro eu pensei que fosse Rory novamente, e me levou um momento para perceber que era

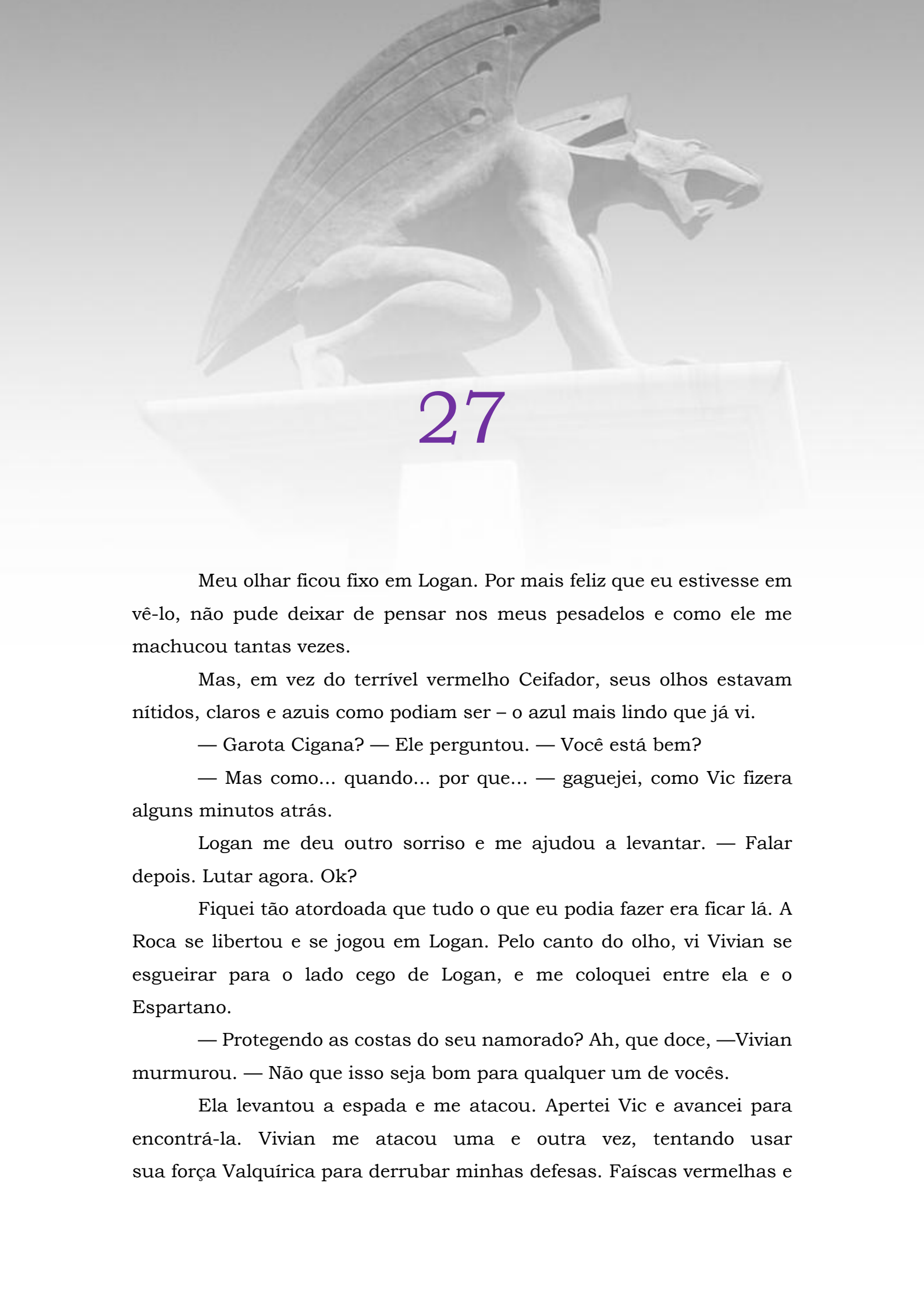
um cara da minha idade. Ele pegou a Roca, girou de um lado e conseguiu agarrar o arnês da criatura. O cara puxou as longas rédeas de couro com a força que pôde, fazendo com que a criatura parasse a dois pés de mim. Mas ele não terminara. Ele avançou novamente, jogando as rédeas sobre a Roca de tal maneira que amarrou as asas da criatura aos seus lados. A Roca atingiu o chão com um baque audível enquanto gritava freneticamente e tentava arrancar as rédeas com seu bico.

Então o cara virou para mim e minha respiração ficou presa na garganta.

Cabelo preto, intensos olhos azuis e um sorriso torto que fazia uma sensação calorosa e efervescente explodir no meu coração.

— Logan? — Sussurrei.

Seu sorriso aumentou. — Ei, Garota Cigana.



27

Meu olhar ficou fixo em Logan. Por mais feliz que eu estivesse em vê-lo, não pude deixar de pensar nos meus pesadelos e como ele me machucou tantas vezes.

Mas, em vez do terrível vermelho Ceifador, seus olhos estavam nítidos, claros e azuis como podiam ser – o azul mais lindo que já vi.

— Garota Cigana? — Ele perguntou. — Você está bem?

— Mas como... quando... por que... — gaguejei, como Vic fizera alguns minutos atrás.

Logan me deu outro sorriso e me ajudou a levantar. — Falar depois. Lutar agora. Ok?

Fiquei tão atordoada que tudo o que eu podia fazer era ficar lá. A Roca se libertou e se jogou em Logan. Pelo canto do olho, vi Vivian se esgueirar para o lado cego de Logan, e me coloquei entre ela e o Espartano.

— Protegendo as costas do seu namorado? Ah, que doce, —Vivian murmurou. — Não que isso seja bom para qualquer um de vocês.

Ela levantou a espada e me atacou. Apertei Vic e avancei para encontrá-la. Vivian me atacou uma e outra vez, tentando usar sua força Valquírica para derrubar minhas defesas. Faíscas vermelhas e

roxas crepitaram no ar toda vez que as lâminas se encontraram. À minha esquerda, Logan continuou lutando contra a Roca, pulando para frente e para trás para manter-se fora do alcance do bico afiado e mortal da criatura.

Finalmente, a Roca ziguezagueou em vez de atacá-lo, pegando Logan de surpresa. Seus pés escorregaram, e a Roca se lançou no ar mais uma vez.

— Logan! — Eu gritei, sabendo que ele não seria capaz de sair do caminho antes que a criatura mergulhasse e o atacasse com as garras...

Uma flecha dourada voou pelo ar e atingiu a lateral da Roca. A criatura colapsou, e seu corpo por pouco não caiu em cima de Logan. Ele rolou para o lado, tentando se afastar da criatura se debatendo no chão.

— De nada! — Daphne gritou através do campo.

Acenei para ela e voltei minha atenção para Vivian. Desta vez, me joguei na outra garota.

Ataquei Vivian com toda a força, habilidade e fúria que eu podia reunir. A intensidade dos meus ataques pareceu surpreendê-la, como se ela fosse a única de nós que poderia ser tão feroz e vingativa. Eu disse a Daphne antes que os Ceifadores ainda não viram meu lado louco – mas o mostrei para Vivian.

Ataquei com tudo o que eu tinha.

Todos os movimentos que Logan me mostrou. Todos os ataques furtivos que Oliver e Kenzie me ensinaram. Todas posições que Ajax me fez fazer na aula de ginástica. Toda a paixão e ferocidade intensa que Daphne deu a tudo em sua vida. Todos os movimentos graciosos e fluídos de Alexei. Toda a devoção silenciosa que Carson mostrou aos seus amigos. Toda a dor, raiva e frustração que Rory e Rachel sentiram nestes últimos meses. Todo o amor que Vovó Frost, Nyx e a Professora Metis sempre me deram. Toda a preocupação que Nickamedes e Vic tinham por mim.

Eu golpeei e golpeei Vivian com tudo que eu tinha e muito mais. E pela primeira vez, na verdade, parecia *suficiente*. Não pude machucá-

la – não seriamente – mas ela também não conseguiu superar minhas defesas.

Quanto mais lutamos, mais frustrada ela ficou, até seus olhos ficarem brilhando como duas piscinas de lava derretida em seu rosto.

— Por que você não morre? — Ela sibilou.

— Você vai falhar novamente, Viv, — zombei. — Porque você não me matará hoje. Não com essa jogada. Não com esses movimentos fracos. E olhe. O resto de seus amigos também está perdendo.

O olhar de Vivian se moveu para as ruínas. Nesse ponto, Daphne matou todas as Rocas, exceto a de Vivian, e a Valquíria agora estava atingindo os Ceifadores um a um com o arco. Ajax e Alexei lutavam contra três Ceifadores, enquanto Carson e Oliver encurralaram mais dois. Rachel estava ao lado, lutando contra o último, e eu ainda podia ouvir gritos de Covington, o que significava que Rory o tinha sob controle. Um por um, os Ceifadores estavam caindo. Era apenas uma questão de tempo antes dos meus amigos terminarem com o resto deles e virem me ajudar contra Vivian.

A garota Ceifadora também sabia disso. Ela me amaldiçoou e me atacou com a espada, me fazendo recuar.

Então ela se virou e correu em direção a sua Roca. Agrona percebeu que a maré se voltou contra os Ceifadores, e já tentava subir nas costas do pássaro, embora sua mão danificada a abrandasse. Vivian usou a força de Valquíria para empurrar a outra mulher para cima da Roca, então subiu na frente dela.

— Vá, Gwen! — Vic gritou, sua voz ligeiramente abafada pela minha palma suada sobre sua boca. — Vá! Não as deixe fugir de novo!

Comecei a ir em direção a elas, mas Logan foi mais rápido. O Espartano levantou e correu em direção a Roca, rapidamente me superando. Neste ponto, Vivian estava no topo da criatura e tinha as rédeas nas mãos. Tudo o que ela tinha a fazer era sacudi-las, e o pássaro levantaria voo. Mas, em vez disso, ela olhou para mim, um sorriso cruel em seu rosto.

— Não! Logan! — Gritei. — Pare!

Mas ele não me escutou. Em vez disso, ele continuou correndo o mais rápido que podia, porque ele tinha sua própria conta para acertar com sua antiga madrastra.

— Agrona! — Logan gritou. — Me enfrente!

Agrona inclinou-se e sussurrou algo na orelha de Vivian, e o sorriso da menina de Ceifadora aumentou. Corri atrás de Logan, mas eu sabia que seria tarde demais – de novo.

Logan estava a dez metros de distância da Roca e aproximando-se rapidamente. Sete... cinco... três... Assim que se lançou no ar e para a Roca, Vivian soltou um assobio afiado. A Roca se lançou para frente e atingiu seu bico na lateral de Logan. Todo o seu avanço parou bruscamente, e ele caiu no chão.

— Logan! — Gritei novamente.

Ele gemeu e não me respondeu, embora suas pernas se mexessem, enviando ondas de pétalas.

— Termine! — Agrona gritou. — Agora!

Vivian soltou outro assobio, e a Roca avançou novamente – mas desta vez, eu estava lá. Eu me coloquei entre Logan e o pássaro e balancei minha espada em um arco rápido. A Roca saltou para me evitar.

— Esqueça-os! — Agrona gritou. — Tire-nos daqui!

Mas Vivian não estava prestes a desistir dessa chance de finalmente me matar. De novo e de novo, ela pediu que o pássaro avançasse. Uma e outra vez, acertei com a minha espada, impedindo a criatura de matar Logan e eu. Era bizarro, lutar contra algo com mais do que o dobro do meu tamanho, mas talvez todas aquelas aulas de treinamento de armas tivessem finalmente começado a valer a pena porque eu realmente consegui lutar contra a criatura. Então, novamente, ela também estava sobrecarregada pelos dois cavaleiros nas suas costas, Considerando que tudo o que eu precisava fazer era evitar suas garras e o bico afiado.

— Gwen! — Daphne gritou atrás de mim. — Abaix-se!

Imediatamente caí de joelhos. Um segundo depois, uma flecha dourada passou sobre minha cabeça. Mas Vivian ouviu o grito de Daphne

também, e conseguiu manobrar sua Roca para fora do caminho, então a flecha passou sobre a cabeça da criatura.

— Fique abaixada! — Daphne gritou e soltou outra flecha.

Vivian e sua Roca conseguiram evitar a segunda flecha também.

— Tire-nos daqui! — Agrona gritou novamente. — Agora!

Desta vez, Vivian a ouviu. Ela bateu as rédeas de couro contra as costas da Roca. A criatura soltou outro grito alto antes de bater as asas, levantar voo para o céu e desaparecer.

Esperei alguns momentos para me certificar de que Vivian e Agrona não voltariam para outro ataque, depois me virei para Logan.

Ele se levantou, embora ainda estivesse segurando seu lado. Eu me apressei para ele.

— Você está bem? — Ele sorriu, embora eu pudesse ver a dor em seus olhos.

— Ficarei, garota Cigana. É apenas um pequeno arranhão.

— Tem certeza? Deixe-me dar uma olhada...

— Não! — Ele disse, se afastando violentamente antes que eu pudesse tocá-lo. — Não me toque! Somente... não.

Fiquei de pé, minha mão estendida para ele. Logan deve ter visto a dor no meu rosto, porque ele soltou um suspiro.

— Desculpe, — ele disse. — Eu só... eu sinto muito. Eu ficarei bem. Realmente, eu ficarei. Nada para se preocupar.

Abaixei minha mão e olhei para ele, sem saber o que fazer, sem saber o que dizer. Este foi o momento que desejei desde que ele partiu. Ver Logan novamente. Mas agora que ele estava aqui, agora que estávamos cara a cara, percebi que as coisas ainda não estavam bem entre nós – e eu não sabia como melhorá-las.

— Gwen! Gwen! — As vozes dos meus amigos ecoaram pelas ruínas.

Um segundo depois, todos se aglomeravam ao meu redor e de Logan. Daphne, Carson, Oliver, Alexei, Ajax, Rachel, até mesmo Rory, que empurrava um Covington sangrando, machucado e desgrenhado na frente dela.

Meus olhos examinaram cada um deles. Com exceção de Daphne, todos tinham alguns inchaços, machucados e contusões. Carson mancava e usava seu bastão para ficar de pé, como se ele tivesse torcido o tornozelo enquanto o braço direito de Ajax parecia estar quebrado pela maneira estranha que o Treinador o segurava ao seu lado e fazia caretas. Rachel e Oliver tinham sangue no rosto e juntas raspadas, e sangue saía de uma série de cortes profundos no braço esquerdo de Alexei. Mas ninguém parecia estar gravemente ferido. Pelo menos, nada que Daphne não pudesse cuidar com sua magia de cura até que pudéssemos voltar para a academia. Soltei um suspiro de alívio por que ninguém sofreu algo pior.

— Você está bem? — Daphne perguntou.

— Estou. Apenas alguns cortes sangrando e machucados. Nada com que se preocupar, — eu disse, ecoando as palavras de Logan.

Logo que perceberam que eu estava bem, todos olharam para Logan, que se deslocou sob o peso de seus olhares curiosos. Todos pareciam surpresos ao vê-lo – exceto Oliver.

Oliver me viu observando-o e estremeceu. Pensei em todas as vezes que ele havia escrito mensagens no telefone alguns dias antes. Pensei que ele estava conversando com Kenzie na academia, mas agora, eu sabia melhor.

Estreitei meus olhos. — Você trocou mentagens com Logan este tempo inteiro. É por isso que você tinha tanta certeza que ele não foi capturado pelos Ceifadores. Você sabia que ele estava aqui.

Um rubor culpado subiu pelo pescoço de Oliver, mas ele não disse nada.

— Hum, olá. Totalmente perdida agora. Quem é esse cara? — Rory perguntou, apontando com o polegar para Logan. — E por que você está olhando para ele como se acabasse de ver um fantasma?

Logan estremeceu, mas olhou para ela. — Eu sou Logan Quinn.

A testa de Rory franziu em confusão, mas depois de um momento, seu rosto se iluminou. — Oh. Você é o cara que ficou todo Ceifador em Gwen e tentou matá-la. Certo?

— Sim, — Logan murmurou. — Sou eu.

Rory abriu a boca, mas Daphne deu uma cotovelada na outra garota e atirou-lhe um olhar de advertência. Rory olhou para ela e deu um passo à frente, como se fosse empurrar Daphne, mas Rachel entrou entre elas.

— Isso é o suficiente, — ela disse, seus olhos verificando as ruínas como se esperasse que mais Ceifadores aparecessem a qualquer momento. — Precisamos sair daqui... agora mesmo.

Oliver gesticulou para os corpos dos Ceifadores. — Mas e quanto a eles? Você não quer que nós os verifiquemos? Eles podem nos dar uma pista sobre onde Vivian e Agrona foram.

Ajax balançou a cabeça. — Não há tempo. Vivian e Agrona poderiam voltar com reforços, para não mencionar a neve que começará a cair logo. Precisamos sair da montanha e voltar para a academia o mais rápido possível. Então vamos lá.

Todos nos apressamos a pegar nossas mochilas e outros equipamentos de onde eles caíram. Cinco minutos depois, saímos das ruínas, não deixando nada para trás, além dos Ceifadores mortos, das Rocas mortas e um pátio com flores esmagadas, partidas e cobertas de sangue.



28

Nós nos dirigimos para a ponte de corda na borda das ruínas, ainda mantendo as armas desembalhadas, caso os Ceifadores tivessem planejado uma segunda emboscada. Apesar do perigo, eu mantive o passo ao lado de Logan na parte de trás do grupo.

Ele carregava uma espada curvada e sangrenta que pegara de um dos Ceifadores mortos. Vê-lo com a arma me fez pensar em quando ele me esfaqueou com uma lâmina semelhante no Auditório Aoide, mas eu afastei a memória. Logan estava aqui agora, e eu tinha tantas coisas que queria perguntar a ele – e tantas coisas que queria dizer também.

— Acho que podemos andar e conversar ao mesmo tempo, — eu disse. — Você não?

Por um momento, pensei que ele poderia correr de mim, mas ele finalmente suspirou e assentiu. Nós dois caminhamos alguns metros atrás dos outros.

— Então, — eu disse. — Você está aqui.

— Sim. Estou aqui.

— Você quer me falar sobre isso?

Logan suspirou de novo. — Metis ligou para o meu pai na noite em que Nickamedes foi envenenado e nos avisou sobre o que estava

acontecendo. Eu não podia me sentar e não fazer nada, especialmente quando Oliver me disse que você estava vindo aqui para procurar uma cura – e que provavelmente era uma armadilha dos Ceifadores. Então peguei um dos aviões privados do Protetorado e voei até aqui. Cheguei duas horas antes de vocês.

— E o que seu pai achou disso?

Logan encolheu os ombros. — Ele não gostou, mas me deixou vir. Principalmente porque eu disse a ele que se ele não o fizesse, eu iria até o aeroporto mais próximo e compraria um bilhete para voar até aqui sozinho.

— E então? Você está nos seguindo esse tempo todo?

Ele assentiu. — Eu já estava na estação de trem quando vocês apareceram. Até estive em um assento no seu vagão, mas me levantei e me mudei para outro antes que vocês pudessem me ver. Meu pai me arranhou espaço em um dos dormitórios da academia e depois um carro para me levar até a entrada do parque. Há outra trilha que é paralela à que vocês usaram, então foi fácil seguir vocês. Acampeei do outro lado da ponte na noite passada, no caso de os Ceifadores decidirem atacar por essa direção. Eu estava arrumando minhas coisas para sair quando ouvi as Rocas. Então corri pela ponte para vir ajudá-los.

Pensei em todas as vezes nos últimos dias, quando parecia que alguém estava me observando. — Então você estava na estação de trem, e foi você que vi entre as estantes da biblioteca. E você estava observando por entre as árvores enquanto caminhávamos até aqui ontem.

— Culpado.

Me estiquei e o apertei no ombro.

— Bem, você me assustou muito. Pensei que fosse um Ceifador espião. Por que você faria isso? Por que não deixar que saibam que você estava aqui? E que queria ajudar? Por que não me informar?

Logan olhou para mim, um olhar perturbado e assombrado em seus olhos. — Porque ainda não confio em mim mesmo. Especialmente não quando se trata de você, Garota Cigana.

Culpa encheu o rosto dele e ele afastou o olhar do meu. Estava tão concentrada em meus próprios pesadelos, na minha própria raiva, em minha própria dor, que não parei para pensar que Logan poderia ter o mesmo tipos de sentimentos. Que ele pode ter passado as últimas semanas revivendo como Loki invadiu sua mente e o forçou a me atacar, assim como eu vi dezenas de vezes em meus sonhos.

— Você não recebeu minha carta? — Perguntei com uma voz suave. — Nada foi culpa sua. Foi tudo Vivian e Agrona. Não havia nada que você pudesse ter feito contra eles. E eu vi na carta que você me enviou. Vi o quanto você lutou contra o próprio Loki... o quanto você lutou para não me machucar.

Logan soltou uma risada amarga. — Mas eu machuquei você. Claro, eu lutei... lutei com Loki com todas as minhas forças, mas no final, não foi o suficiente para me impedir de esfaquear você. Eu quase te matei. E quem pode dizer que não farei isso de novo? Talvez da próxima vez você não possa usar sua magia de toque para passar por mim. Talvez da próxima vez, Daphne e Metis não estarão lá para curá-la. Talvez da próxima vez, você estará *morta*.

Sua voz tremeu na última palavra. Mais do que qualquer outra coisa, eu queria abraçá-lo e dizer que estava tudo bem, que tudo ficaria bem, mas ele apenas me afastaria de novo antes que eu pudesse chegar muito perto dele. Mesmo agora, quando caminhávamos, Logan se certificou de estar fora do alcance de um braço – e do alcance da espada – de mim.

— Você não me atacará novamente, — protestei. — Você está livre de Loki agora. Eu também vi isso. E vejo em seus olhos agora.

Ele me deu um sorriso sombrio. — Somente porque você usou sua psicometria em mim. Mas você nem sempre estará por perto. E se ele voltar? E se eu virar um Ceifador novamente? E se eu machucar alguém? Não posso arriscar – especialmente não com você.

Suas palavras quebraram meu coração de novo, especialmente porque eu podia ver o quanto ele estava sofrendo. Ele mal podia olhar para mim, e mesmo quando olhava, a culpa torcia suas feições.

— Então, o que acontece agora? — Perguntei, forçando as palavras através do forte nó de emoção na garganta. — Depois de descermos a montanha? Você voltará para Mythos conosco?

Logan balançou a cabeça. — Vou voltar para a academia para garantir que Nickamedes esteja bem... mas não vou ficar. Depois disso, voltarei para ficar com o meu pai.

— Por quanto tempo? — Sussurrei.

Ele encolheu de ombros novamente. — Não sei. Simplesmente não sei. Desculpe, Gwen. Realmente, eu sinto muito.

Logan me deu um sorriso triste, então acelerou o ritmo, me deixando sozinha na parte de trás do grupo. Mas não me importei muito. Pelo menos assim, ninguém viu meu rosto fechado com dor ou ouviu o soluço que escapou da minha garganta. Logan pode estar aqui, mas ele ainda estava tão longe e perdido para mim como sempre, e não sabia como consertá-lo – eu não sabia como nos consertar.

Agora, eu me perguntava se era sequer possível... ou se Logan e eu estávamos tão afastados e quebrados como as rochas que nos rodeavam.

Chegamos à ponte de corda alguns minutos depois. Meu coração ainda doía, mas mantive minhas emoções sob controle.

Como Ajax havia dito, nós ainda estávamos em perigo, e me transformar em uma bagunça chorosa e lamentar não ajudaria.

Ajax ergueu a mão e paramos. O treinador olhou ao redor, assim como o resto de nós, mas não havia nenhum sinal de Vivian, Agrona ou qualquer outro Ceifador.

Ajax deu alguns passos para a ponte, testando-a, mas parecia tão resistente como quando chegamos aqui. Parecia que os Ceifadores esperavam nos matar no jardim, e não se preocuparam em sabotar a ponte.

— Tudo bem, — Ajax disse. — Vamos acabar com isto. E mantenham seus olhos abertos. Ainda pode haver Ceifadores aguardando do outro lado para nos emboscar.

Ajax e Oliver cruzaram a ponte primeiro. Segurei a respiração, mas eles surgiram do outro lado, e nenhum Ceifador veio correndo da floresta para atacá-los.

Rory foi depois, empurrando uma adaga nas costas de Covington para fazê-lo andar na frente dela. Ela usou um pouco da corda de escalada que trouxemos para amarrar as mãos dele. O bibliotecário maligno não disse uma palavra enquanto caminhamos, embora continuasse nos dando olhares assassinos.

Rachel apressou-se atrás de sua sobrinha, e Daphne e Carson as seguiram. Alexei hesitou, mas acenei para ele ir em frente.

— Logan e eu cruzaremos por último, — eu disse.

Alexei olhou para mim, então para Logan. Depois de um momento, ele assentiu e partiu pela ponte. Ele chegou do outro lado sem problemas.

— Você primeiro, Garota Cigana, — Logan disse.

Comecei a pisar na ponte...

Caw-caw-caw.

Congelei.

Caw-caw-caw.

Os gritos da Roca soaram novamente, embora por algum motivo, os gritos parecessem vir do chão abaixo dos meus pés, em vez das nuvens acima. Eu me afastei da ponte, tirei Vic e me virei, procurando a Roca – e os Ceifadores que estariam cavalgando na criatura.

Um segundo depois, em vez de cair do céu, uma Roca negra se elevou do abismo abaixo. A criatura esmagou a ponte no meio, dividindo as tábuas e as cordas em duas partes, como se fossem feitas de nada mais substancial do que palitos de fósforos e barbante. Os detritos arruinados pareceram pairar no ar por um momento antes de flutuarem silenciosamente para dentro do penhasco, muito abaixo.

A Roca negra voltou para baixo, com Vivian e Agrona nas costas. Apertei meu controle sobre Vic, esperando que a criatura mergulhasse e atacasse Logan e eu, mas em vez disso, a Roca só pairou acima do abismo.

— Boa sorte em descer da montanha agora, Gwen! — Vivian gritou.

Ela bateu as rédeas contra as costas da criatura e levantou voo para o céu. Uma flecha dourada a seguiu, disparada por Daphne, mas o vento a atirou para o lado, e ela caiu nas ruínas.

Atordoadada, tudo que eu pude fazer foi olhar para as nuvens e depois para o abismo na minha frente. Lentamente, a realidade da situação rompeu minha surpresa. Agora, apenas o ar vazio estava entre mim, Logan e os outros – e o Espartano e eu ficamos presos no lado errado da ponte.



29

Olhei com descrença para o canyon. Nós conseguimos a flor de ambrosia, descobrimos que Covington era um traidor, e sobrevivemos ao ataque de Vivian, Agrona, os outros Ceifadores e suas Rocas. Pensei que finalmente estávamos livres e seguros. Eu realmente deveria saber melhor até agora.

— Gwen! — Rachel gritou, o vento trouxe suas palavras até mim. — Você terá que descer pela outra trilha, no lado oposto do campo! É a única maneira de sair da montanha agora!

Lembrei do que ela falou sobre a trilha antes – a trilha íngreme e sinuosa na qual ela não ia há anos e que provavelmente se tornara impássavel devido a queda de rochas. Formidável. Mas Rachel estava certa... era a única opção que tínhamos.

— Onde está? — Gritei para ela.

— Olhe para o mapa na sua mochila! Vá para o lado sul do campo!
— Ela gritou. — Começa lá! Você não tem como perder!

— Fiquem tão perto da trilha quanto possível! — Ajax gritou, sua voz ecoando através do espaço aberto. — Vamos voltar e buscá-los assim que pudermos!

Ele não disse que levaria horas, se não mais. Meus amigos teriam sorte se conseguissem voltar para a academia no almoço. No momento em que fossem se preparar para uma missão de resgate, a escuridão se aproximaria, e seria muito tarde para nos procurar sem colocar todos em perigo – o que significava que Logan e eu provavelmente passaríamos a noite na montanha.

O pânico surgiu em mim, tão frio e penetrante como o vento de inverno mexendo o meu cabelo, mas o afastei. Eu não poderia me dar ao luxo de entrar em pânico. Agora não. Em vez disso, coloquei um sorriso no rosto e acenei para os meus amigos.

— Vejo vocês lá embaixo! — Gritei.

Todos olharam para mim, os rostos marcados com preocupação.

Mas não havia nada que pudessem fazer, não havia nada que pudéssemos fazer. Então eu me forcei a virar para longe deles.

Em vez disso, olhei para Logan. O medo e o mal-estar estavam em seus olhos azuis, e seu rosto estava torcido em uma careta de dor. Ele segurou a mão contra seu lado, onde a Roca o feriu, como se a ferida o incomodasse cada vez mais, embora eu não conseguisse ver o quão ruim era por causa do pesado casaco de neve preto que ele usava.

— Por favor, me diga que você trouxe seus suprimentos para este lado da ponte.

Ele estremeceu. — Desculpa. Deixei todo o meu equipamento para trás quando vim ajudá-los a lutar contra os Ceifadores.

Isso significava que só tínhamos o pouco de comida e água que eu deixara na minha mochila, junto com o meu saco de dormir. Mas eu não sabia o quão quente isso nos manteria esta noite sem a barraca para ajudar a afastar o frio.

Como se estar separada de meus amigos e com poucos suprimentos não fosse ruim o suficiente, alguns flocos de neve grandes e macios começaram a cair do céu. A tempestade estava aqui – e Logan e eu estaríamos presos no meio dela.

— Nós precisamos nos mexer, — eu disse.

— Eu sei. — Ele hesitou, então me entregou a espada que pegou de um dos Ceifadores mortos. — Eu quero que você fique isso... e use em mim, se precisar.

Estendi a mão e peguei a espada. Eu a virei na minha mão por um momento, depois me virei e a joguei no abismo.

Logan prendeu a respiração, mas não disse nada. Olhei para ele mais uma vez e deslizei Vic de volta à bainha na minha cintura.

— Eu confio em você, Espartano. Você não me machucará. De novo não.

Não importa quantos pesadelos horríveis tivemos. Eles não eram reais. Logan era... este Logan. Ele era real, e ele era o que importava.

— Mas e se eu...

Levantei minha mão, cortando-o. — Não quero ouvir outra palavra sobre isso... nem mais uma palavra. Caso você não tenha notado, está nevando. Isso significa que uma grande tempestade está quase chegando. Precisamos pelo menos descer um pouco mais a montanha e encontrar um pouco de lenha e um lugar para acampar esta noite. Caso contrário, vamos congelar até a morte. Estou mais preocupada com isso do que com Loki de repente aparecer na sua cabeça e fazer você virar um Ceifador para cima de mim novamente. Nós podemos... falar sobre essas coisas depois. Quando estivermos em algum lugar seguro está noite. Tudo bem?

Logan olhou para mim, mas, no final, nenhum de nós tinha escolha, e nós dois sabíamos disso.

Finalmente, ele assentiu, seu rosto ainda sombrio. — Ok. Vamos descer.

Encontrei a trilha com bastante facilidade no lado sul do campo, exatamente onde Rachel havia dito que estaria. Antes de sairmos da entrada do parque, Rachel dera a cada um de nós um mapa da montanha, as ruínas e as várias trilhas, então tirei isso da minha mochila e tentei dar sentido a todos os traços, linhas e símbolos.

— Parece que a trilha deste lado da montanha é duas vezes maior que a outra pela qual viemos, como Rachel disse, — murmurei. — Maravilhoso.

Logan não disse nada. Ele ainda estava tomando cuidado de ficar pelo menos a cinco metros de distância de mim. Coloquei o mapa na minha bolsa, tirei minhas luvas e a fechei. Então coloquei minhas luvas e comecei a seguir a trilha. Depois de um momento, Logan entrou, me seguindo.

Foi lento, assim como Rachel disse que seria. A trilha era tão íngreme e estreita que tivemos que ter cuidado com cada passo que dávamos ou arriscaríamos escorregar e começar uma queda que seria difícil parar, se não impossível. Seria muito fácil escorregar da borda do caminho – e cair de centenas de pés de altura para as rochas abaixo.

Por alguma razão, o vento era mais intenso nesse lado da montanha, até quase parecer que os dedos estavam constantemente agarrando meu casaco, cachecol, toca e luvas. Eu me envolvi o melhor que pude, mas nada parecia parar o frio que se arrastou para todos os cantos das minhas roupas, botas e até mesmo dentro das minhas meias.

Então havia a neve.

Ela aumentava de velocidade e intensidade com cada minuto que passava. Não andamos uma hora, e já havia várias polegadas no chão. A única razão pela qual eu ainda podia ver a trilha era porque era a única parte da montanha que não estava coberta de árvores.

Logan não falava, e eu também não. Não queríamos desperdiçar nossa respiração ou energia. Mesmo enquanto andávamos pelo caminho abaixo da encosta íngreme, eu procurei nas laterais da trilha, tentando encontrar algum lugar onde poderíamos encontrar abrigo da neve esta noite. Dois metros à minha esquerda, a terra terminava em uma queda vertical, então não havia nada lá. Dois metros à minha direita, uma sólida fileira de pinheiros corria ao longo do caminho, e eu não tinha como saber o quão longe teríamos que entrar na floresta antes de encontrar uma caverna – ou se encontraríamos uma. Tudo que eu podia ver era neve, pedras e árvores. Então nós caminhamos.

Nós fomos talvez duas milhas abaixo da montanha quando percebi que Logan não estava acompanhando meu ritmo. Ele manteve sua distância, mas eu nem conseguia ouvi-lo se arrasar na neve atrás

mim. Eu me virei e percebi que ele estava a cerca de cinquenta metros atrás de mim, cambaleando como se estivesse bêbado. Pela primeira vez, notei que seu traje de neve preto tinha um ponto úmido, quase brilhante, onde a Roca o esfaqueou com o bico.

Um sentimento doentio encheu meu estômago enquanto ficava preocupada de que ele estivesse pior do que deixara parecer – uma suspeita que foi confirmada um momento depois quando vi sangue escorrendo das pontas de seus dedos e salpicando o chão.

— Logan?

— Desculpe, — ele disse, furioso com o rosto branco de dor. — Acho... que não posso... ir... mais longe...

Ele caiu no chão nevado da floresta.



30

— Logan!

Eu corri para o Espartano e caí de joelhos ao lado dele. Ele sorriu para mim, mas eu só tinha olhos para a ferida dele. Levantei cuidadosamente sua mão e afastei as bordas esfarrapadas de seu casaco e de suas roupas, a fim de dar uma olhada em sua lesão.

A Roca deixara um corte profundo e feio em seu lado esquerdo – um que continuava sangrando.

— Por que você não disse nada? — Perguntei.

— Eu não queria que você se preocupasse, — ele riu. — Eu iria pedir para Daphne curar isso assim que deixássemos as ruínas.

Daphne não estava aqui, mas eu estava. Talvez eu não tenha a magia de cura dela, mas aprendi algumas habilidade de primeiros socorros em Mythos. Essa foi outra coisa que o Treinador Ajax nos fez praticar na aula de ginástica, junto com o treinamento de armas.

Abaixei minha mochila dos ombros, abri e passei pelos itens dentro até encontrar duas bandagens cinzentas extra que eu trouxe. Usei Vic para cortar as bandagens e coloquei um par de quadrados do tecido sobre a ferida. Então envolvi o resto da bandagem ao redor do peito de Logan e amarrei tão forte quanto pude. Tentei não notar quão rápido o

sangue penetrou no tecido, mesmo enquanto ajudava Logan a colocar suas roupas e casaco de neve.

— Você precisa me deixar para trás, — ele disse com uma voz suave.

Balancei a cabeça. — Nem pense nisso. Nós ficamos juntos, lembra? Essa é a melhor chance que temos de sair desta montanha. Essa é a nossa única chance. Sempre foi, e sempre será.

Logan me deu um sorriso torto, aquele que sempre transformou meu coração em uma pilha derretida. — Eu senti falta disso.

— O quê?

— Sua determinação, — ele disse. — Parece que perdi a minha no segundo que Agrona colocou aquele maldito colar Apate em volta do meu pescoço.

Ele esfregou a garganta, como se o colar de ouro com suas brilhantes joias ainda estivesse lá. A dor e as lembranças escureceram seus olhos.

— Bem, tenho determinação suficiente para nós dois. — Eu disse. — E estou determinada que ambos saíamos desta montanha... vivos. Você não gostaria de me tornar uma mentirosa agora, não é?

Logan olhou para mim. Depois de um momento, seu rosto suavizou em um sorriso mais uma vez. — Não, eu não gostaria de fazer isso.

— Tudo bem então. Vamos levantar você. Ainda temos um longo caminho a percorrer.

Consegui levantá-lo, embora ele estivesse pior do que antes. Mas não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso – não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso, além de continuar em frente.

Então coloquei meu braço no ombro de Logan, ajudando-o tanto quanto pude, e juntos tropeçamos adiante na tempestade. Consegui meio arrastando levar Logan por outra milha da trilha antes dele desmaiar. Em um momento, ele se arrastava o melhor que podia. No próximo, ele estava de bruços na neve.

— Logan? Logan!

Eu me abaixei e toquei seu ombro, mas ele não respondeu. Me abaixei e coloquei minha orelha sobre a boca dele. Sua respiração quente raspou contra minha pele, e seu peito levantou e caiu com um ritmo constante.

Deixei escapar um suspiro silencioso. Ele ainda respirava, ainda vivo. Mas por quanto tempo? Até agora estava mais frio do que antes, e o vento uivava como uma alcateia de lobos Fenrir. Além disso, eu ainda não vi nenhum lugar onde poderíamos nos refugiar da tempestade. Eu queria gritar, chorar e bater meus punhos contra todas as rochas estúpidas e árvores ao nosso redor. Eu faria, se eu pensasse que meus dedos não iriam rachar e sangrar e que as lágrimas congelariam no meu rosto e adicionariam o meu sofrimento.

— Agora, o que você fará? — Uma voz interrompeu meus pensamentos. — Porque o Espartano está praticamente fora do ar.

Olhei para Vic, que ainda estava em sua bainha em torno da minha cintura. Estava tão focada em descer a montanha que quase esqueci da espada, mas ele olhava para Logan, seu olho roxo brilhante contra a paisagem branca de neve.

Eu sabia o que Logan diria se ainda estivesse acordado – que eu deveria deixá-lo para trás. Que de maneira nenhuma, ele poderia sair da montanha agora, e que eu deveria me salvar. Mas não importa o que Logan dissesse, eu não o deixaria aqui no frio. Ele congelaria até a morte – ou sangraria da ferida feita pela Roca. Não, eu precisava continuar em movimento, e precisava descobrir alguma maneira de levá-lo comigo.

— Gwen? — Vic perguntou novamente. — Você precisa tomar uma decisão rápido.

— Eu vou salvá-lo... e a nós também.

Abri minha mochila, cavando todos os itens dentro, esperando que um deles me desse uma ideia sobre como eu poderia nos levar pela montanha.

Fósforos, roupas extras, dois gibis, meu celular, uma lanterna, um pacote de granola, uma garrafa de água. Itens importantes, mas nada

que me ajudaria agora mesmo. Estava quase desistindo quando percebi algo fino e frágil no fundo da bolsa – a rede de Ran.

Desesperada, eu tirei a rede e a segurei. Fios finos de algas cinzentas tecidos e amarrados com uma série de nós pequenos e quebradiços. Parecia ainda mais pequeno e mais lamentável do que eu me lembrava. Comecei a afastá-la e empurrá-la de volta na minha bolsa quando pensei sobre o que o cartão de identidade na minha bagagem dizia sobre a rede – e o que alegava que o artefato poderia fazer.

Considera-se que essa rede pertencia à Ran, a deusa nórdica das tempestades, e os rumores indicam que estaria entre suas artes de pesca favoritas. Apesar da aparência frágil, a rede é bastante forte e pode segurar muito mais do que deveria, dado o seu tamanho relativamente pequeno. O trançado de algas foi pensado para ter a propriedade incomum de fazer o que quer que esteja dentro parecer muito mais leve do que o peso real...

Olhei para o cartão, depois para Logan – e finalmente tive a ideia de que tanto precisava.

Fechei minha mochila e voltei a colocá-la novamente. Então envolvi a rede em torno de Logan. Certamente, não pensei que haveria algas suficientes para cobri-lo, mas cada vez que eu a puxava, havia mais e mais da rede para usar.

Finalmente, eu passei o último pedaço em torno dos ombros dele. Coloquei-o em uma posição sentada, envolvi um braço em volta da sua cintura e coloquei o meu ombro debaixo do dele. Então soltei um suspiro e o levantei. Para minha surpresa, eu pude levantá-lo, como se ele não pesasse mais do que um par de halteres.

— Vamos, Espartano, — eu disse. — De volta aos seus pés.

— Ok... — Logan murmurou, seus olhos se abriram antes de fecharem novamente. — Tudo bem, estou pronto...

Lentamente, comecei a seguir a trilha. Oh, ainda era estranho, com Logan meio apertado, meio escorado, e eu tentando evitar que a rede

escorregasse do corpo dele, mas ele era muito mais leve do que antes. Eu poderia, pelo menos, entrar no meio da montanha, apesar de estar me movendo muito, muito mais lento do que antes. Ainda assim, cada passo que eu dava era aquele que nos aproximava do final.

— Obrigada, Ran, — murmurei, embora duvidasse que a deusa estivesse ouvindo ou estivesse interessada em meus problemas.

Não sei por quanto tempo guiei Logan pela trilha. Pode ter sido cinco minutos, pode ter sido uma hora. O tempo deixou de ter qualquer significado. Havia apenas frio, neve, vento e árvores. Mais de uma vez, minhas botas escorregaram na neve, e quase escorregamos pela trilha, mas consegui me segurar antes que meus pés cedessem.

Eu acabara de impedir de escorregarmos na neve pela quinta vez quando percebi alguma coisa na trilha à minha frente.

Fiquei paralisada, Logan pendendo do meu lado, como uma espécie de membro estranho e extra, e estreitei meus olhos por causa dos flocos.

Qual era essa forma à frente? Por um momento, pensei que poderia ser um Ceifador, alguém que estava esperando na parte de trás da montanha para acabar conosco caso viéssemos tão longe na trilha, mas a forma não parecia escura e delgada para isso. Parecia... grande. Isso foi tudo o que eu realmente poderia dizer. Talvez um pedregulho tivesse caído no caminho, como Rachel disse.

Bem, isso não seria tão terrível.

Suspirei, apertei Logan e a rede e prossegui. Talvez fosse uma árvore ou uma rocha que eu poderia encontrar alguma maneira de superar ou virar. Eu quase atingi a forma – seja lá o que fosse – quando um grito afiado e feroz atravessou o redemoinho de neve. Fiquei congelada de novo. Abaixei minha cabeça contra o frio, com uma visão perfeita da pata do leão bem na minha frente. Era maior do que a minha mão e apresentava garras longas, afiadas e curvas, as quais brilharam como ébano contra o branco.

Engoli e lentamente levantei a cabeça.

Um grifo estava no meio da trilha, sobre mim e Logan.



31

Olhei para a enorme criatura.

Corpo de leão, cabeça de águia, pele de bronze, asas e olhos. A criatura parecia ainda maior do que a Roca negra que Vivian e Agrona usaram, provavelmente um macho, pelo tamanho dele. Olhei para as garras novamente antes do meu olhar subir até seu bico curvo. Também brilhava como ébano, apesar da neve.

Finalmente, levantei meu olhar para os olhos da criatura. Eles brilhavam como lanternas brilhantes, quentes e de bronze no meio da neve rodopiante. Olhei para as íris, mas não vi nenhum traço de vermelho Ceifador nos olhos da criatura. Então este era um grifo selvagem, e nenhum dos Ceifadores o pegou e o forçou a servi-los. Eu não sabia se isso melhorava ou piorava as coisas. Porque um grifo selvagem poderia matar Logan e eu tão facilmente quanto um controlado pelos Ceifadores. As garras ainda eram garras, afinal.

— Droga, — Vic disse de sua bainha. — Ele é um grande amigo, não é?

— Sshh, — eu disse, falando de lado. — Não fique com raiva.

O grifo ficou no meio da trilha, olhando para mim. Somente... olhando para mim, como se eu fosse uma espécie de erro que ele estava

examinando. Depois de mais alguns segundos de escrutínio, o olhar do grifo moveu-se para Logan. A criatura estudou o Espartano com a mesma intensidade antes de seus olhos caírem para a lateral de Logan. Ele provavelmente poderia cheirar o sangue, que não havia dúvidas ainda escorria das ataduras que envolvi em torno do Espartano.

Eu fiquei tensa, então virei meu corpo para que eu estivesse de pé entre o grifo e Logan. Pensei em puxar Vic de sua bainha, mas eu teria que soltar Logan para fazer isso, e eu não queria deixá-lo cair na neve, não quando ele já estava tão ferido. Mas eu iria pela espada se eu tivesse que fazer. Porque o que quer que acontecesse, o Grifo não faria mal a Logan.

Pelo menos, não até que ele tivesse me comido primeiro.

Segundos passaram e se transformaram em minutos. O silêncio se esticou, e, ainda, o grifo não se moveu. Finalmente, respirei. Porque eu ainda tinha Logan para pensar, e nós dois estávamos cada vez mais fracos e com frio a cada segundo que passava.

Soltei outra respiração e dei um passo à minha direita. O grifo não se moveu. A criatura poderia ter sido uma das estátuas da Biblioteca das Antiguidades com toda a emoção que mostrou. Então dei mais um passo para minha direita. Então, outro, e outro, até que eu não estava mais diretamente na frente do grifo.

E então, comecei a avançar.

A trilha não era tão ampla, e as asas da criatura escovavam meu casaco de neve enquanto passava por ele.

O grifo virou a cabeça, me observando, mas continuei andando. Eu nunca quis tanto apenas correr, correr e correr como quis naquele momento, mas eu me forcei a manter o controle e não entrar em pânico e colocar um pé na frente do outro.

Lentamente, cuidadosamente, cautelosamente, e consciente da criatura mitológica nas minhas costas o tempo todo.

— O que você está fazendo? — Vic disse.

— O que eu preciso fazer, — eu disse. — Agora cale a boca. Talvez ele goste de comer coisas que façam ruído desnecessário.

— Ruído desnecessário? Ruído desnecessário? Hmph! — Vic bufou.

Mas, felizmente, a espada não disse mais nada. Continuei andando, meus ombros tensos. Em qualquer momento, eu esperava sentir as garras do grifo afundando nas minhas costas ou o bico quebrando o meu pescoço. Mas nada aconteceu. Talvez a criatura tenha perdido o interesse em nós. Eu esperava assim. Eu chegara a cerca de cinquenta metros da trilha quando me senti segura o suficiente para olhar para trás.

Mais uma vez, me encontrei olhando os olhos do grifo.

A criatura estava a cerca de cinco metros atrás de mim, sua cabeça inclinada enquanto olhava para mim. Apesar do seu tamanho, eu não ouvi o grifo se mover pela neve.

Mais uma vez, a curiosidade brilhava em seu olhar, e percebi que não era um erro que ele estava olhando – eu era um rato.

Um minúsculo e pequeno rato que poderia ser comido a qualquer momento.

Engoli um forte nó de medo, junto com um grito que estava preso na minha garganta, virei minha cabeça, e comecei a avançar mais uma vez. A cada 50 metros mais ou menos, eu parava para olhar para trás, mas o grifo sempre estava ali – me seguindo.

Sério, a criatura estava trotando ao longo da trilha atrás de mim como Nyx correndo atrás de mim no quadrilátero. Ok, isso foi assustador. Mas, como o Grifo não nos atacava, continuei caminhando.

Logan entrou e saiu da consciência enquanto eu o levava para baixo da montanha. Ocasionalmente, ele dizia algumas palavras, mas eu estava tão concentrada em seguir a trilha que não prestei atenção ao que ele dizia, embora de vez em quando, ele gritasse meu nome.

— Garota Cigana... — ele murmurou. — Não pode lutar contra isso... Não pode lutar contra ele... corra, Gwen... corra!

Logan se debateu contra mim, perdido em suas memórias de nossa luta e no momento em que ele me esfaqueou. Eu não era a única com alguns sérios pesadelos. Mas não havia nada que eu pudesse fazer

por ele, então apertei meus dentes, fingi que não conseguia ouvir seus gritos angustiados e segui em frente.

Não sei quanto mais eu andei antes de notar o filhote de grifo.

Por algum tempo, a trilha à frente era uma mistura de neve e vento. Então, olhei para cima, e o filhote estava lá, como se ele tivesse saído das árvores. Eu diminuí a velocidade, depois parei, me perguntando se isso era o que o grifo adulto esperava. Se a criatura esteve seguindo Logan e eu durante todo o tempo, porque sabia que o filhote estava esperando e isso facilitaria que ambas as criaturas avançassem imediatamente para nós. Eu estava tão fria e exausta que me levou um momento para perceber por que essa seria uma coisa ruim. Ser comido por grifos? Não muito legal.

Novamente eu parei e esperei para ver o que as criaturas fariam. O pequeno grifo se aproximou de mim. O filhote me olhou da mesma maneira que o adulto fizera. Finalmente, depois do que parecia uma eternidade, o filhote soltou um grito afiado e estridente.

O grifo adulto gritou um tipo de resposta. Antes de perceber o que havia acontecido, o grifo adulto avançou, colocou seu bico através da rede de Ran e puxou Logan de mim. Em um momento, eu tinha o meu braço ao redor da cintura do Espartano. No próximo, toda a rede estava pendurada no bico do grifo, com Logan balançando de um lado para o outro como se estivesse relaxando em uma rede de verão. O grifo me deu um olhar longo e quase severo, depois saiu da trilha e entrou nas árvores.

Fiquei tão atordoada que fiquei parada por um momento. Então a realidade da situação me atingiu.

— Ei! — Gritei. — Volte aqui com ele!

Mas o grifo me ignorou e se moveu mais fundo na floresta, levando Logan com ele. Eu tirei Vic da bainha e mergulhei nas árvores atrás deles. Achei que o grifo poderia espalhar suas asas e subir para o céu, mas, em vez disso, a criatura atravessou a floresta em um ritmo lento e constante, como um leão atravessando as planícies da África, apesar das árvores caídas, rochas e outros obstáculos que arrasavam o chão da floresta. Segui o mais rápido possível, sem me importar que minhas botas

afundassem na neve a cada passo e que eu estivesse em perigo de cair e quebrar uma perna. Tudo o que eu poderia pensar era em Logan e como eu não podia deixá-lo ser comida de grifo.

Aparentemente, o filhote pensou que era um tipo de jogo porque a criatura saltou através da neve bem perto de mim, ocasionalmente soltando pequenos gritos de excitação. Bem, eu estava feliz porque ele estava tendo um bom momento, porque eu certamente não estava.

Não sei quão longe por entre as árvores fomos quando o grifo adulto finalmente parou. A criatura olhou para mim outro segundo antes de mergulhar em uma abertura escura que levou a algum tipo de caverna. O filhote soltou outro grito feliz e seguiu a criatura mais velha para a escuridão.

Tomei uma respiração e corri atrás deles. Sim, talvez correr cegamente em uma caverna não fosse a coisa mais inteligente a fazer, mas não conseguia deixar Logan para a misericórdia dos grifos – ou a falta dela.

Então corri e me encontrei numa enorme caverna. As paredes eram feitas de uma pedra brilhante, reflexiva e fosforescente, que dava ao interior um brilho suave e dourado, quase como se houvesse cintilações na pedra. O teto subia a uma centena de pés acima da minha cabeça, enquanto pinheiros e gramas de verão secas alinhavam o chão, esticando de um lado para o outro como as flores nas ruínas do pátio. Também era surpreendentemente quente na caverna – muito mais quente do que deveria ter sido – e suspirei aliviada quando a temperatura mais alta afugentou o frio que afundara em meus ossos.

Muito ruim, os grifos esperavam por mim.

Deveria ter uma dúzia de criaturas na caverna, e antes de perceber o que eles estavam fazendo, todos se aglomeraram ao meu redor, formando um anel inquebrável e me afastando da saída. Meu passo diminuiu a velocidade, depois parou, e olhei de uma criatura para a outra, esperando que eles avançassem e me rasgassem, a garota Cigana louca que foi estúpida o suficiente para acabar no meio do ninho.

— Hum, Gwen? — Vic perguntou. — Você sabe que isso não é bom, certo?

— É melhor você torcer para que eles não gostem de comer coisas brilhantes também, — murmurei.

Mas em vez de me atacar, o filhote pulou e pôs a cabeça contra a minha perna, me cutucando para frente. Engoli novamente, mas tudo o que eu podia fazer era ir para onde ele queria.

O filhote continuou me empurrando até eu estar perto da parte de trás da caverna. O grifo adulto que levava Logan estava lá, parado ao lado de uma série de piscinas rasas. A superfície de água brilhava como uma moeda sob o brilho dourado das rochas, aumentando a sensação arejada e encantada da caverna. O grifo colocou Logan ao lado de uma das piscinas de água. Um pouco de vapor subiu à superfície e, com cuidado, dei um passo à frente, tirei minha luva, me inclinei e mergulhei minha mão dentro.

Para minha surpresa, a água estava quente e percebi que a caverna devia abrigar algum tipo de fontes termais naturais – e que talvez os grifos não planejassem nos comer, afinal de contas.

— Você não nos trouxe aqui para nos machucar, — perguntei ao grifo adulto quando me endireitei. — Você nos trouxe aqui para nos manter aquecidos... para nos salvar de congelar até a morte na tempestade.

O grifo assentiu, concordando com minhas palavras. Eu hesitei, então deslizei Vic à sua bainha, tirei minha outra luva e as coloquei cada uma em um bolso do meu casaco de neve. Lentamente, caminhei em direção ao grifo e estendi minha mão nua. A criatura me viu me aproximar com olhos solenes, como se soubesse exatamente o que eu faria. Tomei uma respiração e toquei cuidadosamente em sua asa.

As imagens e sentimentos inundaram minha mente. Senti a força do grifo, seu orgulho, seu amor pela navegação através das nuvens. O grifo estava voando alto quando ouviu seu filhote chorar. A criatura ficou nas árvores, vendo meus amigos e eu ajudá-lo. Uma onda de intensa

gratidão me inundou, por eu ajudar a salvar seu filhote de ser transformado em um escravo de Ceifador.

Havia outras imagens também, dos grifos escondidos nas ruínas, observando meus amigos e eu lutando com os Ceifadores. Então eles sentiram o mesmo que eu. Senti o ódio da criatura pelos Ceifadores e sua tristeza por como os Ceifadores forçaram as Rocas negras a lhe obedecerem. E, finalmente, eu vi o grifo me observando, ajudando Logan através da floresta e sua admiração por como eu continuava, mesmo sabendo que não sobreviveria a noite sem encontrar algum tipo de abrigo.

Abri meus olhos, abaixei minha mão, e olhei para ele. — Obrigada, — sussurrei. — Por me trazer até aqui. Por nos salvar. Você não precisava fazer isso.

O grifo olhou para mim, e senti uma onda de orgulho inundá-lo – que sim, ele precisava nos trazer até aqui. Ele se sentiu honrado em nos ajudar, assim como nós ajudamos seu filhote.

Passei com cuidado meus dedos através das asas do grifo. A criatura soltou um pequeno resmungo, mas eu poderia dizer que ele gostava. O filhote cutucou a cabeça contra minhas pernas e eu caí de joelhos, o acariciando também.

Então voltei minha atenção para Logan, que não se mexera o tempo todo em que estivemos na caverna. Os grifos se reuniram ao redor e observaram enquanto eu desenrolava a rede de Ran de Logan e o deitava cuidadosamente. Ele não acordou, nem mesmo quando tirei seu casaco de neve e puxei sua roupa para que eu pudesse verificar sua ferida. O sangue penetrou na bandagem grosseira que envolvi em torno dele, e lentamente desamarrei o pano e tirei. Felizmente, a ferida finalmente havia coagulado, e Logan não sangrava mais. Eu não sabia quanto mais sangue ele poderia perder.

Usei Vic para cortar a última das minhas roupas extras, então mergulhei o pano na água quente da fonte e passei nele. Eu esperava que a água tivesse um cheiro azedo de enxofre, mas em vez disso, cheirava a luz e flores, com um perfume fresco, limpo e quase de baunilha. Usei o pano para limpar o sangue seco da ferida de Logan.

A Roca deixou um corte desagradável em seu lado, e ele provavelmente precisava de pontos, mas não era algo que eu poderia fazer. No entanto, a ferida não parecia infectada. Talvez Logan estivesse um pouco mais forte de manhã – ou pelo menos, bem o suficiente para caminhar pelo resto do caminho pela montanha.

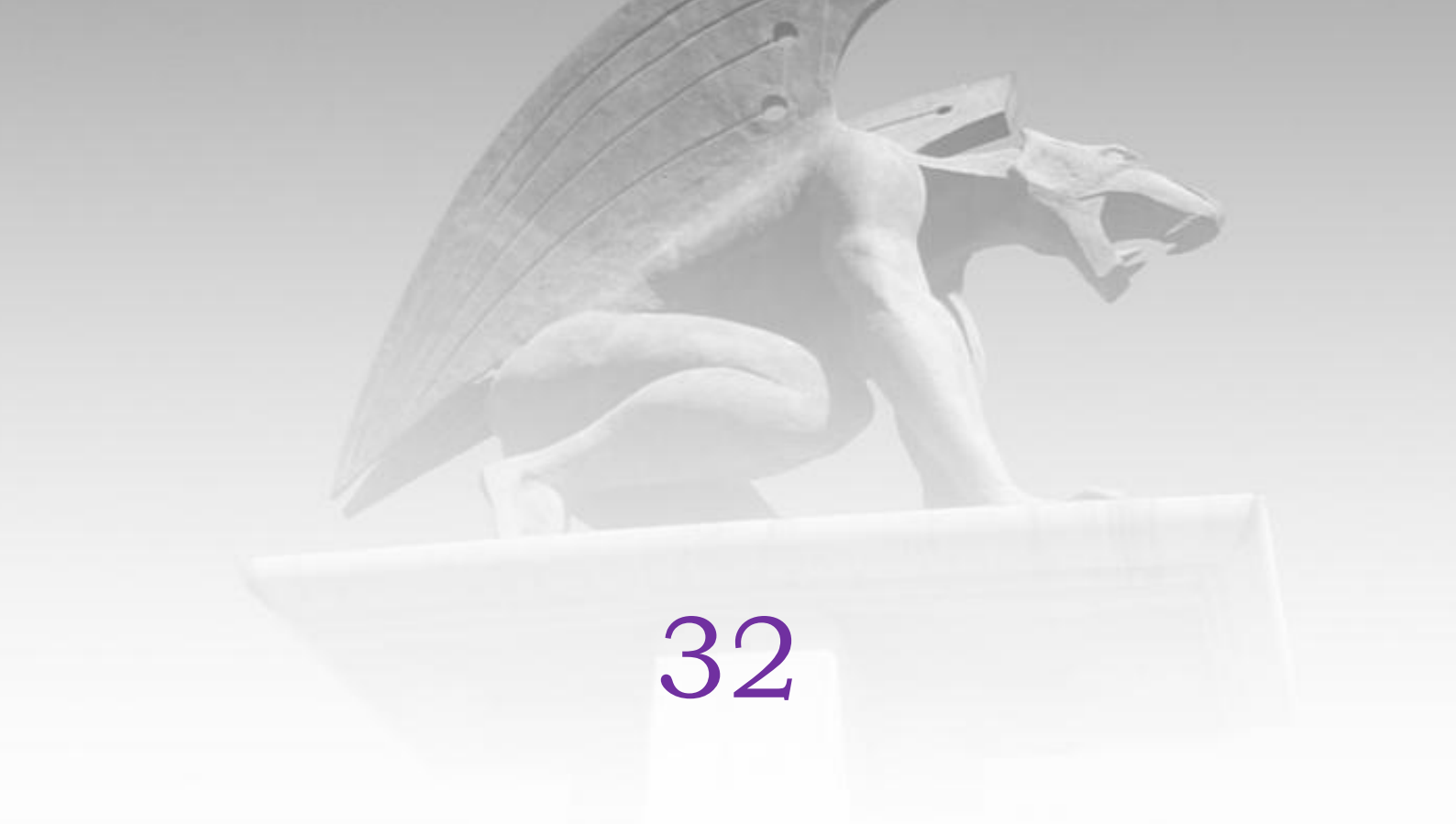
Usei a última das minhas roupas cortadas para envolver sua ferida de novo e, em seguida, o cobri com suas roupas, me certificando de que ele estava confortável na cama de grama. Também tirei meu saco de dormir da mochila e o cobri com ele. Logan dormiu o tempo todo. Acariciei seu cabelo preto, depois me inclinei e o beijei na bochecha. Logan suspirou, mas não acordou.

Desabotoei a bainha da minha cintura e apoiei Vic contra uma das paredes de rochas para que ele pudesse ver a caverna e observar. Só porque eu estava cercada por grifos não significava que Vivian e Agrona não pudessem aparecer com mais Ceifadores e Rocas.

— Durma um pouco, Gwen, — Vic disse, percebendo o quanto eu estava exausta. — Eu ficarei de guarda esta noite, apenas em caso de uma dessas bolas de pelos de grandes dimensões decidir fazer uma jogada.

O líder Grifo resmungou com isso, mas uma a uma, as criaturas se deitaram ao meu redor, o calor combinado de seus corpos aumentando o vapor que subia das fontes termais.

Não havia mais nada a fazer senão aguardar a passagem da tempestade e a manhã seguinte. Então me deitei e dormi, com os grifos me cercando.



32

Caí em um sono profundo e sem sonhos, acordando mais tarde.

Pelo menos, pensei que estivesse acordada – até perceber o que estava no meio da caverna olhando fixamente para o meu corpo dormindo ao lado de Logan. Pisquei e a imagem permaneceu mesmo assim. Eu me virei e voltei, mas todos os grifos estavam dormindo também, e eu era a única que parecia estar acordada – ou seja o que fosse. No entanto, não parecia ser outro pesadelo. Isto era... real.

— Droga, — murmurei, ecoando o sentimento anterior de Vic.

Olhei ao redor da caverna, mas tudo era o mesmo que antes. Grifos dispostos em um círculo ao meu redor, as piscinas de água trazendo calor, as paredes brilhando com aquelas estranhas rochas douradas. Finalmente, olhei para a boca da caverna. Por um momento, tudo o que vi foi uma folha sólida de branco conforme a neve continuava caindo. Mas então os flocos se separaram, como se o vento os chicoteasse como cortinas, e uma figura apareceu na porta da caverna.

Seu vestido comprido e branco era a mesma sombra que a neve rodopiava ao redor dela, embora o ondulado de seu cabelo brilhasse como bronze polido. As asas arqueavam-se sobre suas costas. Elas também eram brancas como a neve, mas as penas macias não se agitavam, apesar

do vento feroz. Ela ficou ali, suas mãos juntas, como se estivesse pacientemente esperando que eu a visse. Os olhos dela encontraram os meus e, mais uma vez, fiquei impressionada com a cor incomum e viva – todos os diferentes tons de lilás e cinza misturados para criar uma sombra vibrante e crepuscular.

Nike, a deusa grega da vitória, olhou para mim por um segundo a mais, depois se virou e saiu de vista da entrada. Bem, se a deusa não viesse até aqui, suponho que eu teria que ir até ela.

Caminhei na ponta dos pés através dos grifos dormindo, mesmo que eu provavelmente não precisasse. Já que, você sabe, eu estava neste estranho tipo de mundo, e eles não. Pelo menos eu achava que não, já que eu estava acordada e eles não. Ou eu estava sonhando, e eles não estavam. Ou exatamente o que era que eu estivesse fazendo e eles não.

Balancei a cabeça e afastei esses pensamentos. Pensar em quão real era ou não esse mundo dos sonhos sempre me causava dor de cabeça. Cheguei à entrada. Para minha surpresa, a neve havia parado de cair, embora mais do que um pé de camada branca cobria o chão como um chantilli sobre um bolo. Saí e percebi que não fiquei com frio, apesar do fato de ter deixado o calor da caverna e os corpos dos grifos para trás.

Notei um movimento do canto do meu olho e virei nessa direção. A deusa estava empoleirada em uma rocha larga e plana a vários metros de distância. O rosto dela se dividiu em um sorriso.

— Olá, Gwendolyn, — Nike disse.

Olhei em volta da neve, das rochas e dos pinheiros que se elevavam acima de nós. Tudo parecia exatamente o mesmo que eu lembrava de quando entrei na caverna. Não sei quanto tempo passou, mas deve estar perto do amanhecer, porque as marcas de prata e lavanda no céu estavam lentamente dando lugar a um nascer do sol laranja claro.

— Oi, — finalmente respondi à Nike. — Então, estamos fazendo essa coisa de sonho estranho novamente, hein?

A deusa continuava sorrindo para mim. — Se é assim que você deseja pensar sobre isso.

— Se eu tentar pensar nisso de outra maneira, tenho certeza de que minha cabeça vai explodir.

Ela riu, o som me inundou como a melodia alta e suave de sinos de vento tilintando na brisa. Ela acariciou a rocha, e caminhei, sentando ao lado dela. Ficamos em silêncio por vários segundos.

— Então, — perguntei. — Isso significa que Logan e eu vamos sair da montanha vivos?

— Por que você pensaria o contrário?

Dei de ombros. — Bem, foi quase o contrário lá atrás por um tempo. Com toda a neve, Logan ferido, eu tentando nos levar pela montanha. Não foi exatamente uma viagem divertida.

— Não, acho que não, — Nike murmurou. — Mas você fez o que você precisava fazer para sobreviver.

— O que você quer dizer com isso?

Mas a deusa não me respondeu. Em vez disso, ela se levantou. — Venha, — ela disse. — Vamos caminhar.

Levantando-me, a segui mais fundo até a floresta. Nike parecia deslizar sobre a neve, como se estivesse em uma nuvem, e notei que ela não deixou nenhuma pegada para trás na neve densa. Eu me virei e percebi que eu não estava deixando qualquer pegada na neve também. Na verdade, eu nem conseguia sentir o peso molhado pressionando contra minhas pernas. Arrepiante. Tremi e me apressei para alcançá-la.

Nike parou na beira de uma grande clareira, e eu me arrastei ao lado dela. A neve estava empilhada ao nosso redor, em dois e até três metros de profundidade em alguns lugares, mas dentro da clareira, as flores silvestres tinham de alguma forma florescido, suas hastes verdes saindo através da neve, e suas pétalas azuis, rosa, roxas e vermelhas brilhando como joias que foram derramadas em um chão de mármore branco.

Uma mulher estava no meio da clareira. Seu longo vestido de veludo era do mesmo verde rico que os pinheiros, embora as bordas do tecido parecessem brilhar com todo tipo de cores opalescentes – rosa, azul, roxo, vermelho, prata e ouro. Ela não era linda, não em comparação

a Nike, mas o rosto dela era suave e gentil, embora seus lábios estivessem pressionados com uma pitada de tristeza. Seu cabelo preto era curto, com pontas que se enrolavam. Sua pele era tão pálida quanto a neve, o que a fazia parecer mais verde... Algo sobre suas características parecia familiar, como se eu a tivesse visto antes, embora não conseguisse me lembrar de quando ou onde.

Enquanto eu assistia, a mulher se moveu pela clareira. Ela não tinha nenhum sapatos, mas a neve não pareceu incomodá-la, e ela não deixou nenhuma pegada no rastro. Sua cabeça estava inclinada, e ela falava suavemente, como se falasse com o tapete de flores selvagens que a cercavam. Eu não conseguia entender suas palavras, mas as flores pareciam responder à sua voz, suas hastes girando e suas pétalas brilhantes se arqueando em sua direção, como se tentassem mostrar seus melhores lados apenas para agradá-la.

— Quem é essa? — Sussurrei.

— Essa, — Nike respondeu, — É Eir.

Então foi por isso que seu rosto parecia tão familiar. Eu a vi nas esculturas e estátuas nas ruínas.

— Essa é a deusa nórdica da cura?

Nike assentiu. — Eir é uma das minhas amigas mais antigas, querida e aliada mais forte.

Nós assistimos Eir se mexer entre as flores silvestres. De repente, uma sombra atravessou a neve e o grifo caiu do céu – o mesmo grifo que salvou Logan e eu da tempestade de vento. Eu não estava certa de como eu sabia disso, mas eu sabia.

O grifo fez uma reverência para Eir, depois puxou suavemente algumas flores silvestres na neve e as apresentou para ela, assim como na escultura que eu vi nas ruínas – onde estavam as flores de ambrosia. Eir sorriu e devolveu a reverência da criatura antes de tirar cuidadosamente as flores do seu bico. Ela as levou até o seu rosto e inalou profundamente. Talvez fosse minha imaginação, mas quase pensei que podia sentir o mesmo cheiro do que ela – os aromas doces das flores se misturando com a fria friabilidade da neve.

Ela sussurrou algo para o grifo, e ele voltou para o ar, se dirigindo para um lugar próximo e agarrando algo do topo. Ele aterrisou na clareira novamente um momento depois. Eir curvou-se e arrancou uma planta verde do bico dele – algo que parecia um monte de visco. Depois de um momento, ela se virou. Seus olhos escuros encontraram os meus, e fiquei novamente impressionada com a bondade em seu rosto. Ela irradiava emoção da mesma maneira que Nike exalava o poder vitorioso. Eir começou a caminhar para nós enquanto o grifo caminhava ao lado dela.

— Há poucas coisas que Eir ama mais do que suas flores silvestres, — Nike disse. — Mas seus grifos são um deles.

— Então eles são grifos de Eir? — Perguntei. — Como os lobos de Fenrir e os gatunos de Nemean e asps de Maat?

Nike assentiu. — Exatamente assim, embora poucos mortais se lembrem do nome próprio dos grifos, assim como se esqueceram que Eir é a deusa da misericórdia, bem como a da cura. Mas Eir sempre teve um lugar em seu coração para as criaturas. Essa é uma das razões pelas quais ela construiu sua casa aqui no topo da cidade – para que eles pudessem fazer seus ninhos nas proximidades e ela pudesse cuidar deles.

— Por que você está me contando tudo isso?

Nike sorriu. — Você verá.

Eir e o grifo pararam na nossa frente. A deusa inclinou a cabeça para o lado, seus olhos verdes encontraram os meus violetas como se ela pudesse ver todos os segredos da minha alma apenas olhando para mim. Talvez ela pudesse. Eu me endireitei para não tremer sob seu intenso escrutínio.

— Eu vejo agora, — ela disse, sua voz tão suave como uma brisa que atravessava as flores silvestres. — Por que você acredita nela. Ela tem força de vontade. Jovem, mas muito forte.

O sorriso de Nike se alargou, e, por um momento, me senti como um filhote de cachorro que estava brincando e que as duas viram em alguma loja de animais. Como se eu tivesse feito algum tipo de truque para ganhar sua aprovação, embora não tivesse ideia do que poderia ser.

Ela continuou olhando para mim, como se esperasse que eu dissesse alguma coisa.

— Hum... Obrigada, — eu disse. — Obrigada, deusa. Esse é um elogio muito legal.

— Não foi um elogio, apenas uma declaração de fato. — Ela mais uma vez inclinou a cabeça para o lado. — Às vezes, eu acho que nunca realmente entendi os mortais. Eles são tão estranhos em seus sentimentos.

O grifo gritou seu acordo, e me perguntei o que eu disse de tão errado. Mas a deusa parecia pensativa em vez de chateada, então eu supus que não havia trocado os pés pelas mãos.

— Você foi misericordiosa com um dos meus grifos, — Eir disse. — Um dos poucos mortais que ajudou em muito, muito tempo. Por isso, eu tenho um presente para você.

Ela pegou as flores silvestres e o grupo de visco que ainda segurava e começou a torcê-los, como se fosse fazer uma corrente de margarida com as hastes verdes e pétalas coloridas. Uma luz brilhante de prata vazou por entre seus dedos, quase como se as flores estivessem com algum tipo de metal com o qual a pele estava trabalhando. A luz era tão intensa que doía meus olhos, mas não desviei meu olhar.

— Pronto, — Eir disse, alguns momentos depois. — Está pronto.

Algo clicou, e senti um pequeno peso no meu braço. Olhei para baixo e percebi que uma fina pulseira de prata apareceu no meu pulso direito. A própria cadeia era feita de mechas de visco, com várias pequenas pétalas penduradas. Todas juntas, me lembrou de uma pulseira que Carson deu a Daphne um tempo atrás.

A pulseira tocava minha pele nua, e esperei que minha psicomетria fosse acionada, mas não. Na verdade, eu não consegui grandes flashes da pulseira – apenas o mesmo tipo de vibração calma e gentil que senti da deusa.

Curiosa, toquei uma das pétalas. Era pequena, prateada e mais como uma folha do que uma flor verdadeira, mas reconheci a forma dela. Meus olhos se deslocaram. As folhas em forma de coração correspondiam

exatamente com a coroa de flores na cabeça da Nike. Louros – o símbolo da vitória.

— O louro é uma planta curiosa, — Eir disse. — E os louros de prata são extremamente raros. Eu sou a única que os faz crescer, mas até mesmo isso foi quase esquecido – junto com suas propriedades. O visco também é bastante poderoso, embora todos os mortais pareçam usá-lo a fim de beijar agora.

Ela fez uma careta como se não gostasse da ideia, então fez uma pausa.

— E... quais são suas propriedades? — Perguntei, já que parecia que queria que eu dissesse alguma coisa.

— Os louros de prata podem ser usados para curar até as feridas mais dolorosas, — Eir disse. — Ou podem ser usados para matar o inimigo mais poderoso. Em alguns casos, os louros de prata podem até mesmo destruir os próprios deuses.

Minha respiração ficou presa na minha garganta e meus dedos se enrolaram firmemente ao redor da folha das arestas de metal que tocavam minha pele. Ela estava dizendo – ela quis dizer – eu poderia, possivelmente, *matar* Loki com os louros?

Quando Nike me mostrou os artefatos no afresco no teto da Biblioteca das Antiguidades, pensei que segurava uma flecha ou uma lança de prata, alguma arma que me ajudaria a derrotar o deus maligno. Mas, e se o que eu vi foi a pulseira? E se fosse pelo menos parte da resposta?

Olhei para a Nike, e a deusa assentiu, como se soubesse o que eu estava pensando. Ela provavelmente sabia. Ela sempre parecia saber.

— A outra coisa interessante sobre os louros de prata é que a cura ou a destruição dependem inteiramente da vontade e intenção do usuário, — Eir disse. — Então, tome grande cuidado com eles, Gwendolyn Cassandra Frost. Porque suas escolhas afetarão todos nós.

Seus olhos verdes se encontraram com os meus, e ela estendeu a mão para mim, como se quisesse se despedir. Eu hesitei, então escovei meus dedos contra os dela. Por um momento, seu poder me inundou,

com mais bondade maravilhosa em relação a todas as criaturas grandes e pequenas, seu amor por seus grifos, seu prazer quando os mortais usavam suas flores silvestres para curar os doentes e feridos.

E também senti sua crueldade implacável.

Como a vitória, a misericórdia pode ser uma coisa grande e terrível. Dando piedade, aceitando, rejeitando, retendo – todas essas coisas tinham um preço que alguém necessitava pagar. E percebi que, à sua maneira, Eir era tão fria, terrível, bonita e poderosa como Nike – como todos os deuses e as deusas, incluindo Loki. Então os dedos de Eir se afastaram dos meus e as sensações daquela noite desapareceram, embora eu ainda tenha a mesma calma e boa vibração do bracelete ao redor do meu pulso. Olhei para as folhas de metal e para a corrente de videira.

Perguntei-me se Eir havia dado a Nike a coroa de louros que a deusa da vitória usava – e eu me perguntava o que deveria fazer com o que eu tinha agora. Como folhas tão simples poderiam curar alguém? Ou possivelmente matar um deus? Como eu deveria usá-las? Elas eram a chave para destruir Loki e acabar com a Guerra do Caos? Ou têm algum outro propósito? E para o que era o visco?

Essas perguntas e uma dúzia mais queimaram na ponta da minha língua, mas Eir já havia retornado ao centro da clareira, com o grifo caminhando ao lado dela. A deusa inclinou a cabeça novamente, E as flores silvestres se viraram para ela mais uma vez.

Um sorriso curvou o rosto de Eir quando ela começou a murmurar para elas e o grifo.

— Venha, — Nike disse. — Ela lhe deu o único presente que pode. Vamos deixar Eir em paz, como ela me pediu.

Voltamos pela floresta até chegar à caverna. Em vez de entrar, eu olhei para o bracelete, então para Nike. — Você está sempre jogando algum tipo de jogo, não é?

Não consegui esconder a amargura na minha voz.

— O que você quer dizer?

Joguei minhas mãos para o alto. — Eu quero dizer isso. Tudo isso. Meus amigos. Vir aqui. Os Ceifadores envenenando Nickamedes. Você planejou tudo, não é? Então eu viria aqui, e Eir me daria os louros e o visco.

Ela balançou a cabeça. — Não planejei nada, Gwendolyn. O bibliotecário Espartano sendo envenenado era o que sempre aconteceria. Você e seus amigos fizeram suas próprias escolhas, e você usou seu próprio livre arbítrio, da mesma forma que sempre faz.

Não entendi como algumas coisas podiam parecer predeterminadas, enquanto meus amigos e eu ainda tínhamos liberdade sobre outras. Tentar entender isso fez minha cabeça doer, como sempre. Ainda assim, continuei olhando para a deusa. Havia mais do que tudo isso que ela estava me dizendo, e deixei que ela visse as perguntas e as suspeitas nos meus olhos.

Depois de um momento, ela acenou com a cabeça. — Admito que eu tinha... esperava que você se aproximasse de Eir, que mostrasse a bondade em seu coração, — Nike disse. — Ela estava... indecisa sobre se envolver na fuga de Loki. Mas você a convenceu a nos dar uma arma que precisávamos, que você precisava.

Olhei novamente para os louros prateados.

— Uma arma? Então é assim que eu deveria matar Loki? Com isso? Pensei que eu deveria encontrar uma lança ou algo assim, aquela coisa misteriosa e sombria no afresco no teto da Biblioteca das Antiguidades que você me mostrou.

Nike balançou a cabeça. — Você sabe que não posso te dizer isso, Gwendolyn. Só posso dar-lhe as ferramentas para combater Loki e seus Ceifadores. Como você os usa depende de você.

— Claro que você não pode, — eu disse. — Porque isso seria fácil demais. Porque isso só faz muito sentido.

Ela continuou olhando para mim.

— Chame do que você quiser, — finalmente murmurei. — Isso soa como deuses e seus jogos para mim.

— A guerra não é mais que um jogo, Gwendolyn, — ela respondeu.
— Um com um vencedor e um perdedor.

Eu não disse a ela que estava cansada de fazer parte de seus jogos – e especialmente dos truques de Ceifadores. Se já não soubesse disso, bem, ela não era tão inteligente quanto parecia ser, ou tão poderosa. Mas não havia nada que eu pudesse fazer, além de colocar a pulseira sob a luva da minha roupa de neve. Eu teria que colocar isso na minha lista de coisas para pesquisar. Às vezes eu pensava que passava mais tempo na biblioteca procurando por livros nesses dias do que Nickamedes. Meu coração torceu com o pensamento dele. Eu me perguntava como ele estava – e se ainda estava vivo.

— Eu sei que você está chateada comigo, Gwendolyn, — Nike disse. — Mas não é fácil, tentar ganhar uma guerra, especialmente contra um inimigo tão forte como Loki.

Suspirei. — Eu sei. Apenas odeio ter ficado presa no meio de tudo. Eu nunca quis isso, sabe?

— Eu sei, — ela respondeu. — Eu também nunca quis isso para você. Mas é o que deve ser feito.

Fiz uma careta, me perguntando o que ela queria dizer, mas a deusa se inclinou e me beijou na bochecha, como sempre fazia quando nosso tempo juntas estava chegando ao fim. Foi um breve toque, apenas um sussurro de seus lábios contra minha pele, mas, mais uma vez, as ondas frias e ferozes de seu poder me inundaram, me dando a força que eu precisava para continuar. E desta vez, o frio não pareceu desaparecer – em vez disso, senti que ele se infiltrava no bracelete de louro prateado, até sentir como se uma série de flocos de neve fosse congelar meu pulso. Mas a sensação não era desagradável.

Se alguma coisa, era uma lembrança da deusa – e sua fé em mim.

Nike se endireitou e recuou, e a neve começou a girar ao redor dela mais uma vez.

— Fique bem, Gwendolyn.

Ela inclinou a cabeça e juntou as mãos novamente. Ela ficou na minha frente por um instante. Então foi embora, engolida pela neve, como se nunca estivesse lá para começar.



33

Acordei como antes.

Em um segundo, eu estava lá fora sozinha na neve. No seguinte, eu estava no meio da caverna dos grifos. Eu me sentei, bocejei e esfreguei o sono dos meus olhos. Olhei para o meu lado para ver que Logan estava sentado e olhando para mim.

— Você está acordado, — eu disse com uma voz suave, para não perturbar os grifos que dormiam.

Ele me deu um sorriso fraco. — Você não achou que eu perderia o resto da nossa viagem, achou, Garota Cigana?

Resmunguei. — Ah não. Por que eu deveria ter toda a diversão?

Ele riu, depois gesticulou para as criaturas espalhadas ao nosso redor. — Você, hum, quer me dizer como acabamos aqui? E por que ainda não somos uma pilha de ossos?

Eu contei como Daphne, Rory e eu ajudamos o filhote de grifo no nosso caminho até a montanha e como as criaturas retornaram o favor nos salvando da tempestade.

Quando terminei, Logan assentiu com a cabeça, mas então seu rosto ficou sério.

— Bem, grifos ou não, eu quero te agradecer por cuidar de mim. Eu sei que teria sido mais fácil se você me deixasse para trás na trilha.

— Eu não poderia deixá-lo para trás. Nunca faria isso.

Sua boca se apertou. — Talvez você devesse.

Olhei para ele. Cabelo preto, olhos azuis e corpo musculoso. Do lado de fora, Logan parecia o mesmo de sempre, mas pude ver a diferença nele – na curva de seus ombros, nas sombras que assombravam seus olhos, e mais especialmente, em seu sorriso. Não era o sorriso divertido, confiante e provocante que eu me lembrava. Não, agora seu sorriso simplesmente parecia... triste. O mesmo tipo de sorriso triste que os pais de Rory haviam dado em suas fotos... e meu pai na dele. Estava *tão* cansada de ver aqueles sorrisos tristes e derrotados.

Eu sabia que Logan estava sofrendo, mas eu também estava. Talvez tenha sido minha conversa frustrante com a Nike, talvez fossem todos os pesadelos, ou talvez fosse simplesmente tudo o que aconteceu nas últimas semanas, mas, mais uma vez, essa mistura de dor e raiva mergulhou dentro de mim – e desta vez a ira ganhou.

— Oh, pare de sentir pena de si mesmo.

Logan piscou. — O que?

— Você me ouviu, — eu disse, minha voz ficando cada vez mais alta. — Pare de sentir pena de si mesmo. Sim, algo horrível aconteceu com você, e os Ceifadores tentaram transformá-lo no pequeno fantoche de alma de Loki. Mas sabe o que, Espartano? Aconteceram coisas horríveis com todos nós até agora... e coisas mais terríveis estão vindo. Então, recomponha-se e volte a lutar.

— Eu não entendo, — Logan disse, suas sobrancelhas franzindo em confusão. — Pensei que você não estava com raiva de mim.

Soltei uma respiração. — Eu não estou brava com você porque você me atacou. Estou com raiva de você porque você está se entregando... porque está *desistindo*. Pensei que os Espartanos nunca desistissem.

Logan suspirou. — Mas você não entende. Eu poderia ser um perigo para você e para os outros. Loki... eu poderia ainda estar conectado a ele. Não quero arriscar machucá-la de novo.

Eu não pude impedir as lágrimas de encherem meus olhos ou as palavras que deixaram meus lábios. — Você já me machucou. Você quebrou meu coração quando me deixou, quebrando a sua promessa para mim. Você disse que sempre estaria lá para mim, lutando bem do meu lado contra os Ceifadores, e você partiu... você foi embora. Sem sequer me dar a chance de me despedir, ou de dizer que eu te entendia.

— Eu tinha medo de você tentar me convencer a ficar, — ele sussurrou. — E que eu te deixaria fazer isso.

— Eu sei, — sussurrei. — Eu sei que você só queria fugir depois do que Agrona e os Ceifadores fizeram com você, mas doeu mesmo assim. Ainda dói, saber que você vai embora novamente no segundo que voltarmos para a academia e Nickamedes estiver bem.

Logan não disse nada. Eu me levantei e me afastei para que ele não me visse enxugando as lágrimas dos meus olhos. Acabei de limpar a última delas quando percebi que eu podia ver a luz do dia através da entrada da caverna – a luz do dia real e não a do mundo do sonho onde eu estava com Nike e Eir.

Respirei fundo, ergui o queixo e olhei para Logan novamente. Porque não importa o quanto eu gostaria de encontrar algum lugar para me enrolar em uma bola e chorar, ainda precisávamos caminhar pelo resto do caminho da montanha para podermos levar a flor de ambrosia para Nickamedes a tempo.

— Está claro lá fora, — eu disse com um tom apagado. — Devemos nos mover. Ajax e os outros provavelmente virão nos procurar em breve.

Logan assentiu. Não nos olhamos enquanto nos preparamos para sair.

Guardei meu saco de dormir, peguei minha mochila da cama de gramas e a coloquei sobre os meus ombros. Também caminhei até a parede onde apoiei Vic na noite passada. A espada soltou um bocejo largo, estalando a boca, depois me olhou com um olho violeta sonolento.

— Bom, — ele disse. — Sua vez. Isso significa que eu finalmente conseguirei dormir um pouco. Não me acorde, a menos que exista algo para matar.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ele fechou os olhos. Menos de um minuto depois, ele começou a roncar e falar enquanto dormia.

— Malditos Ceifadores... — ele murmurou. — Vou matar todos...

Vic não se agitou quando o peguei e coloquei a bairha em torno da minha cintura.

Com essa tarefa completa, não havia mais nada além de finalmente virar e encarar Logan novamente. Ele se aproximou, embora estivesse um tanto vacilante. Ele apertava seu lado, mas parecia ser um pouco mais forte do que no dia anterior. Tomei um gole de água da garrafa que eu carregava na minha mochila, então dei o resto para ele. Ele tomou tudo de um só gole. Também ofereci o último pacote de granola que eu tinha, mas ele balançou a cabeça, dizendo que não queria. Nem eu, então a coloquei dentro de um dos meus bolsos.

— Você pode andar? — Perguntei. — Quer que eu cheque sua ferida de novo?

Ele balançou a cabeça. — Eu posso conseguir, com sua ajuda. Acho que devemos deixar o curativo assim. Caso contrário, a ferida pode começar a sangrar novamente.

Eu acenei, avancei e deslizei meu braço debaixo de seu ombro. Nós ficamos em silêncio, embora ele se inclinasse enquanto saíamos lentamente. Quando Logan e eu saímos da caverna, o frio foi como uma bofetada no rosto, e o arrepio penetrou profundamente em todas as minhas camadas de roupas.

Mas a pior parte era a neve. Mais do que um pé do material branco caiu durante a noite – uma neve pesada, fofa e úmida, que seria difícil de andar, ainda que Logan não estivesse ferido. Sem mencionar o fato de que estávamos no meio da floresta, e eu não tinha a menor ideia de onde estava a trilha – ou como encontrá-la.

— Onde está a trilha daqui? — Logan perguntou, expressando meus pensamentos.

— Não tenho ideia. Talvez os grifos possam nos levar de volta.

Nossos movimentos na caverna despertaram as criaturas, e eles nos seguiram, gritando, bocejando e se esticando, sacudindo o último de seu sono como Logan e eu fizemos. Ajudei Logan a se apoiar contra a lateral da caverna enquanto fui em busca do líder. Ele estava de pé com os outros, com o filhote aconchegado ao lado dele.

Olhei para o grifo adulto, me questionando se ele realmente esteve com Eir na clareira antes, mas eu não tinha como saber.

Limpei minha garganta. — Hum, então, eu queria saber como meu amigo e eu podemos voltar para a trilha? Sabe, para que possamos caminhar o resto do caminho pela montanha?

O grifo inclinou a cabeça para o lado, como se não entendesse o que eu estava perguntando. Balancei meus braços para cima e para baixo ao meu lado e caminhei no lugar, tentando mostrar o que eu queria. O grifo me olhou por um momento, depois caiu de barriga na neve. Ele gritou, espalhou as asas e depois as bateu antes de fazer um pequeno movimento, como se estivesse prestes a voar no ar. Ele fez isso uma e outra vez, mas não o entendi mais do que ele me entendeu.

Olhei para Logan, mas ele deu de ombros. — Não olhe para mim, — ele disse. — Não falo grifinês.

— Oh, é tão *óbvio*, — Vic resmungou. — Ele quer que você o monte.

Olhei para a espada. — Pensei que você ia dormir.

— Difícil dormir com toda essa maldita gritaria, — ele murmurou. — Aparentemente, eu tenho que traduzir além de ficar de guarda. Meu trabalho *nunca* termina.

Ignorei a espada e voltei a enfrentar o Grifo. — Você realmente quer que nós... acompanhemos você?

Ele assentiu.

Balancei a cabeça. — Acho que não é uma boa ideia.

O grifo estreitou seus olhos de bronze e gritou de novo. Ele não aceitaria um não como resposta. E na verdade, não tínhamos outra escolha, de qualquer maneira. Não se quiséssemos sair da montanha para levar a flor de ambrosia para Nickamedes.

— Vamos, Garota Cigana, — Logan disse, sorrindo. — Será divertido.

Suspirei, pensando que a ideia de diversão dele era de longe muito diferente da minha.

Ajudei Logan a subir as costas largas do grifo; então me sentei na frente dele. Também tirei a rede de Ran da minha mochila e a usei para amarrar Logan, Vic e eu na criatura – porque, *realmente*, eu não queria cair. Eu também esperava que a rede tornasse nós três muito mais leves. Vi que as Rocas negras carregavam mais de um cavaleiro, e o grifo provavelmente tinha o mesmo tipo de força, mas achei que não faria mal.

O grifo parecia divertido com o embrulho da rede ao redor de nossos corpos, e parecia estar rindo de mim.

— O quê? — Murmurei. — No caso de você não ter notado, você é o único com asas aqui. Logan e eu não podemos voar como você. Se cairmos, bem, nem teremos tempo para gritar no caminho para baixo.

O grifo soltou outra risada irritante. Finalmente, quando eu estava tão pronta quanto poderia estar, coloquei suavemente a mão na cabeça do Grifo e acaricieei sua pele de bronze.

— Por favor, leve-nos de volta, — eu disse.

O grifo soltou um grito alto, feroz e selvagem e se lançou no ar. No espaço de alguns batimentos cardíacos, tínhamos disparado a centenas de metros no céu. Minhas mãos apertaram a rede de Ran, e senti o braço de Logan deslizar firmemente ao redor da minha cintura.

— Fácil — ele murmurou no meu ouvido. — Se Vivian e Agrona conseguem, também podemos. O grifo não nos deixará cair. Então, apenas relaxe e aproveite o passeio.

Me levou alguns minutos para abrir meus dedos e relaxar o suficiente para fazer isso. O grifo voou em um ritmo agradável, suas asas se espalharam, navegando para cima e para baixo nas correntes de ar.

Lentamente, comecei a apreciar a sensação forte, irreal e leve. Era quase como se fôssemos uma pena flutuando por aí naquela brisa.

Eventualmente, eu pude olhar para o lado do corpo do grifo. Por um momento, eu desejei não ter feito isso, enquanto a floresta, as árvores e as rochas abaixo de nós, tornavam-se um borrão branco, verde e cinza. Mas lentamente me acostumei com a sensação e percebi o quão maravilhoso era – estar completamente e totalmente livre.

Me perguntei se era assim que Vivian se sentia sempre que montava a Roca negra. Eu me perguntei se ela sentia alguma felicidade de subir pelo céu na criatura – ou se alguma vez gostou de algo além de matar outras pessoas. Mas afastei os pensamentos da garota Ceifadora, decidida a aproveitar este momento durante o tempo que eu pudesse.

Os outros grifos se juntaram a nós no ar, até o filhote, e eles formaram uma espécie de guarda de honra ao nosso redor. Eu me encontrei rindo e acenando para as criaturas, mesmo quando o vento levou minhas risadas felizes e enviou-as navegando até o chão muito abaixo. Atrás de mim, eu podia ouvir Logan rindo também. Ele estava gostando do passeio tanto quanto eu.

Até Vic cantou na ocasião com um *bom show*. *Bom show, garotos*.

Voamos pela montanha, e eu tive vislumbres da trilha sinuosa que nós subimos primeiro. Uma vez que ele sentiu que nós relaxamos, o grifo acelerou o ritmo, bombeando suas asas para frente e para trás e voando mais rápido e mais rápido. Logo deixamos o topo da montanha completamente para trás e voamos sobre Snowline Ridge. Sentimos que as pessoas e os carros nas ruas pareciam pequenos brinquedos meio enterrados na neve. Inclinei ao lado do grifo e acenei, embora duvidasse que alguém pudesse me ver. Algumas pessoas olharam para cima enquanto as sombras dos grifos deslizavam sobre suas cabeças, mas rapidamente entraram em qualquer loja de onde saíram. Eu continuava rindo.

Finalmente, a academia apareceu. Como todo o resto, a neve cobria o terreno, mas eu ainda vi o muro que cercava o campus, bem como os prédios no quadrilátero principal. Eu me inclinei para frente.

— Deixe-nos lá embaixo, — eu disse ao grifo. — No meio de tudo.

A criatura assentiu, soltou outro grito e começou a circular em direção ao chão. Um garoto olhou para cima e viu os grifos.

Ele começou a gritar com seus colegas de classe e, logo, todos olhavam em nossa direção. Tudo o que eu podia ouvir era o vento rugindo nos meus ouvidos, mas eu podia imaginar a conversa no chão.

As pessoas saíram correndo dos prédios, bocas abertas, olhos arregalados com choque. Levou alguns minutos, mas finalmente avistei meus amigos entre eles. Tudo o que eu precisava fazer era procurar um toque de rosa da cabeça aos pés, e vi Daphne, com os outros perto dela. Eu acenei, apesar de não ter certeza de que pudessem me ver.

Finalmente, os grifos aterrissaram no chão no centro do quadrilátero principal. Os sussurros giraram ao meu redor, mas os ignorei enquanto desamarrava Logan, Vic e eu da rede de Ran e do grifo, e deslizei para o chão.

Tirei minha luva e coloquei minha mão nua contra a lateral do grifo.

— Obrigada, — sussurrei. — Por tudo.

E então fechei os olhos e me concentrei, tentando mostrar ao grifo o quanto eu apreciava sua ajuda para Logan e eu – salvando nossas vidas.

O grifo inclinou a cabeça e depois me cutucou com ela. Eu sabia o que ele queria, e eu ri, acariciando o topo de sua cabeça. Mais uma vez, senti os sentimentos quentes de amizade e gratidão da criatura para mim.

— Sabe, — murmurei — Se você for para perto das minhas montanhas, eu adoraria ter outro passeio.

O grifo inclinou a cabeça e eu sabia que era um encontro.

Logan tocou meu ombro, então inclinou a cabeça, e percebi que havíamos atraído bastante atenção. Estudantes seguravam seus telefones e tiravam fotos, mas ninguém se atrevia a se aproximar dos gritos – ninguém além dos meus amigos.

Daphne. Carson. Oliver. Alexei. Ajax. Rory. Rachel.

Meus amigos, velhos e novos, ficaram em uma fileira diante de mim, seus olhos se movendo para frente e para trás entre mim, Logan e os grifos.

— Ei, pessoal, — eu disse.

Ninguém falou por um momento.

Finalmente, Rory balançou a cabeça. — Eu terei que admitir, princesa. Você sabe como fazer uma entrada.

Eu apenas sorri.



34

Eu disse adeus aos grifos uma última vez. Então, como uma equipe, as criaturas abriram suas asas e subiram ao céu, ficando cada vez mais alto. Um sentimento de reverência fez com que todos no quadrilátero assistissem as criaturas – e decepção, também, que as criaturas não ficariam por mais tempo. Tive a sensação de que os grifos voltariam – mais cedo do que eu pensava.

Uma vez que os grifos se foram, todos os olhos se viraram para mim e meus amigos conforme deixávamos o quadrilátero para trás. Bem, eu estava tentando sair. Todos ainda andavam lentamente e olhavam para o céu, na esperança de pegar mais um vislumbre das criaturas.

Daphne finalmente abaixou o olhar e balançou a cabeça.

— Só você faria amizade com um grifo e o encontraria depois.

Pensei na pulseira de louro prateado que Eir me dera. — Eu não sei sobre isso.

— Como foi? — Rory perguntou com uma voz ansiosa.

— Na verdade, como consigo um?

Suspirei. — Foi *fantástico*.

Eu disse a todos sobre minha caminhada pela montanha com Logan e como os grifos nos salvaram da tempestade. Não disse nada

sobre minha visita com Nike e Eir ou minha discussão com o Espartano. Mas meus amigos poderiam dizer que algo estava acontecendo entre Logan e eu. Mais de uma vez, Daphne levantou suas sobrancelhas para mim, depois para ele.

Balancei a cabeça, dizendo que falaríamos depois. Assim que terminei minha história, Ajax tirou o celular e começou a fazer arranjos para um avião nos levar de volta à Carolina do Norte o mais rápido possível. Entreguei o recipiente com a flor de ambrosia para o treinador, e Ajax colocou-o dentro de sua jaqueta. Ainda não contei sobre a pulseira. Ela ainda estava escondida debaixo da roupa de neve e das camadas de roupas. Eu não sabia o que faria com a pulseira – ou quando faria isso.

Daphne usou sua magia para curar a ferida de Logan e cuidou de todas as minhas feridas e contusões, também. Uma vez que foi feito, voltamos para a casa de Rachel enquanto os caras se dirigiam para a colina, até a casa vazia onde ficavam. Aparentemente, meus amigos estavam empacotando seus equipamentos e se preparando para caminhar de volta até a montanha para encontrar Logan e eu quando pousamos no quadrilátero com os grifos.

Daphne e eu pegamos nossas coisas e fomos para a sala da frente. Rachel e Rory estavam olhando para as fotos em uma das mesas – as fotos dos pais de Rory que eu havia notado antes. Os olhos de Rachel e Rory estavam vermelhos e as bochechas coradas, era óbvio que ambas estiveram chorando.

Daphne olhou entre Rory, Rachel e eu. — Eu irei até a outra casa de campo ajudar os rapazes, — ela disse. — Carson *sempre* demora muito para se preparar.

Eu queria ressaltar que ela demorava muito tempo também, mas ela estava nos dando algum espaço para nos despedirmos, então eu assenti. Daphne saiu e fechou a porta.

Rory, Rachel e eu ficamos em silêncio por um momento. Finalmente, limpei a garganta.

— Então, acho que é um adeus, — eu disse. — Obrigada por toda sua ajuda. Meus amigos e eu não teríamos saído da montanha sem vocês duas.

Rory e Rachel assentiram com a cabeça.

Olhei para a mulher mais velha. — O que acontecerá agora? Com Covington?

Ela suspirou. — No momento, ele está em uma cela na prisão da academia. Ajax alertou o Protetorado que Covington era um Ceifador e que matou todas aquelas pessoas na biblioteca. O Protetorado enviará algumas pessoas para questionar Covington, para ver o que ele sabe sobre os planos dos Ceifadores. Esperançosamente, agora que sabemos o que realmente aconteceu, Rory e eu possamos tentar limpar os nomes de Rebecca e Tyson... pelo menos sobre o que aconteceu na biblioteca. E o nosso também.

Ela sorriu para Rory, que retornou a expressão. O telefone tocou. Rachel me deu um rápido abraço de despedida, então desculpou-se para ir atender.

Rory olhou para mim e balançou a cabeça. — Sabe, eu ouvi todas essas histórias sobre você, e nunca acreditei que eram verdadeiras. Mas você com certeza impressiona, Princesa.

— Assim como você, Espartana, — respondi. — Você acabou com alguns Ceifadores lá nas ruínas.

Ela sorriu, mas seus olhos ainda estavam escuros e tristes. — Alguns, mas não o suficiente. Não é o suficiente. Não depois do que Covington fez aos meus pais e como planejava culpar Rachel e eu.

— Eu sei. Me desculpe por isso.

Ela se iluminou. — Mas pelo menos agora você sabe que não está realmente relacionada a uma família de Ceifadores. Ou pelo menos, que nem todos nós somos Ceifadores. Eu apenas queria... eu só queria que meus pais tivessem me dito o que eram e que queriam mudar.

— Oh, acho que os segredos de família são um modo de vida para nós, garotas Forseti, — eu disse, tentando fazer meu tom iluminar. —

Mas você sabe que os amava. Isso ajudará. Talvez não hoje ou amanhã. Mas algum dia, ajudará.

Ela assentiu e olhou para a foto dela com seus pais. — Eu sei.

— O que quer que aconteça, não os deixe afetar quem você é... ou quem você quer ser.

Ela bufou. — Até parece. Rachel diz que eu nunca ouço, de qualquer maneira. Aparentemente, ser teimosa é outra característica da família.

— Bem, acho que é bom, — respondi. — Se for para Carolina do Norte, venha dizer oi. Porque nós temos muitos Ceifadores para lutar lá fora.

Rory sorriu para mim. — Posso acabar indo lá apenas por isso, Princesa.

Devolvi seu sorriso. — Espero que você faça. Realmente espero que você faça.

Rachel terminou seu telefonema, e nós três saímos. Meus amigos estavam esperando na varanda, e Rory e Rachel caminharam com a gente até o portão, através do Snowline Ridge, e até a estação de trem.

Vinte minutos depois, meus amigos e eu tínhamos nossos rostos pressionados contra as janelas, acenando para Rory e Rachel. Muito cedo, porém, o trem começou a descer a montanha, e elas desapareceram da vista.

Sim, pode haver Ceifadores em todos os lugares, mas fiz alguns novos aliados e amigos nestes últimos dias. Isso me fez sentir melhor sobre as coisas. Talvez eu pudesse realmente realizar todas as missões que Nike havia me dado. Encontrar artefatos. Matar Loki.

Salvar o mundo. Nós descemos a montanha sem incidentes, e uma hora depois, estávamos no aeroporto em Denver, preparando-nos para embarcar no avião para a Carolina do Norte.

Enquanto os outros carregavam sua bagagem a bordo, Logan fez um gesto para mim. Fui para um lado da pista com ele.

Ele hesitou. — Eu gostaria de voltar para a academia, se isso estiver bem com você. Quero ter certeza de que Nickamedes está bem.

— Claro, — eu disse. — Ele é seu tio. Sempre pensei que você voltaria conosco.

— É só... depois do que você me disse na caverna dos grifos, eu não sabia se você gostaria que eu fosse junto ou não.

Estivemos tão ocupados voltando para a academia, empacotando e depois chegando ao aeroporto, que Logan e eu realmente não conversamos desde a nossa discussão. Ele pode ter voltado conosco, mas ele ficou longe de mim no trem, sentado com Oliver, Alexei e Carson. Ele ainda não confiava em si mesmo, e eu não sabia o que podia fazer ou dizer para fazer com que ele mudasse de ideia. Todo mundo havia me dito que Logan precisava de algum tempo. Eu sabia disso – de verdade, eu sabia – mas isso ainda não fazia doer menos.

— Garota Cigana? — Ele perguntou, invadindo meus pensamentos.

— É claro que eu quero que você venha, — eu disse, finalmente respondendo a pergunta dele. — Eu nunca disse que não queria.

Apenas não quero que você vá embora e quebre meu coração novamente.

Isso é o que eu realmente queria dizer a ele, mas fiquei de boca fechada. Eu poderia estar ferida e com raiva, mas não queria acrescentar mais nada à culpa de Logan. Ele já tinha o suficiente.

Ele abriu a boca, mas Ajax enfiou a cabeça na porta do avião.

— Vamos, vocês dois, — o treinador disse. — Precisamos estar no ar o mais rápido possível.

Logan hesitou novamente e estendeu a mão. — Depois de você.

Subi os degraus do avião com ele atrás de mim. Sentei ao lado de Daphne enquanto Logan passou por mim e se sentou ao lado de Oliver, mantendo sua distância de mim mais uma vez. Eu podia sentir os olhos de Logan em mim, mas abaixei a cabeça e fingi procurar algo na minha bolsa carteiro, então ele não me viu piscar as lágrimas queimando em meus olhos.

Não perguntei a Logan o que ele faria depois de voltarmos para a academia e darmos a flor de ambrosia para Nickamedes. Eu não precisava porque já sabia a resposta.

Logan planejava deixar a academia, me deixando novamente.



35

Era o final da tarde quando finalmente voltamos para a Carolina do Norte. Os outros conseguiram dormir no avião, mas eu não consegui. Ah, eu não estava preocupada com mais pesadelos. Agora não, quando eu sabia que Logan estava a salvo dos Ceifadores. Mas aconteceu coisas demais nos últimos dias – e muito ainda estava na minha mente.

Todos nós mantivemos um olho atento para os Ceifadores, mas, por uma vez, conseguimos chegar ao nosso destino sem sermos atacados.

Metis e Vovó Frost estavam passeando de um lado para o outro na sala de espera da enfermaria. Vovó parecia cansada, as rugas em seu rosto mais profundas e mais pronunciadas do que o habitual, os lenços coloridos caindo do corpo dela. Metis também parecia exausta e muito mais magra do que eu me lembrava, mas o rosto dela se iluminou quando Ajax lhe entregou o tubo contendo a flor de ambrosia.

Metis e Ajax desapareceram na parte de trás da enfermaria sem outra palavra, nos deixando para sentar e esperar... apenas esperar.

Abracei a vovó e a afastei dos outros. — Como está Nickamedes?

Ela sorriu, mas era uma expressão triste e cansada. — O veneno progrediu mais rápido do que Metis pensou que seria e mais rápido do que sua magia curativa poderia lidar. Ela está usando sua magia em Nickamedes praticamente sem parar durante as últimas seis horas, e tudo o que ela conseguiu fazer foi mantê-lo vivo. Ainda bem que vocês voltaram agora, abóbora. Agora vamos ter que esperar e ver.

Soltei uma respiração. Nós nos sentamos na extremidade da enfermaria, longe dos outros, e eu disse a Vovó Frost tudo o que aconteceu – incluindo o que eu descobri sobre o meu pai e os pais de Rory.

— Por que você não me contou nada sobre meu pai? E Rory e sua família?

Vovó se mexeu na cadeira, e seus olhos violetas pareceram distantes, quase como se estivesse olhando para o passado.

— Depois que seu pai foi morto pelos Ceifadores, Tyson finalmente conseguiu rastrear eu, você e sua mãe. Tyson disse a Grace que estava arrependido pelo que aconteceu, e também disse para manter você o mais distante possível dele e do mundo mitológico. Ele disse que tinha uma filha também, e que ele estava tentando descobrir alguma maneira de mantê-la segura dos Ceifadores. Acho que ele não conseguiu.

Ficamos em silêncio por vários minutos. Finalmente, eu olhei para ela de novo. — Então é isso? Ou há mais esqueletos profundos, sombrios e horríveis em nosso armário familiar que eu preciso saber?

Vovó balançou a cabeça. — Tanto quanto eu sei, é isso, abóbora. Não há mais segredos.

Fiz uma careta. — Bem, eu não diria isso. Porque eu tenho um para compartilhar com você.

Virei para o lado para que meus amigos não vissem o que eu estava fazendo e lhe mostrei o louro prateado e a pulseira de prata que Eir havia me dado. Eu também disse à vovó o que a deusa havia dito sobre como os louros podem ser usados para curar ou destruir.

— O que você acha que devo fazer com eles? — Perguntei. — Você acha... você realmente acha que eu posso matar Loki com os louros?

Vovó estendeu a mão e passou o dedo por uma das folhas de prata. — Não sei, abóbora. Mas Eir e Nike queriam que você os tivesse por algum motivo. Você descobrirá o que é quando for a hora. Eu sei que você irá. Você sempre descobre.

Eu queria dizer a ela que estava cansada de mistérios e enigmas e que o destino do mundo descansasse sobre meus ombros, mas fiquei com a boca fechada. Isso não ajudaria. Esta era a minha vida, para o melhor ou o pior, para o bem ou para o mal, e tudo o que eu podia fazer era dar o meu melhor... e tentar fazer a coisa certa no final.

Embora começasse a pensar que eu não tinha uma pista sobre o que poderia ser o certo.

As horas passaram. Todos ficamos na sala de espera, entretanto, um a um, nós dormimos. Daphne. Carson. Oliver. Alexei. Logan. Vic. Vovó Frost. Até mesmo eu fui dormir eventualmente, apesar de não conseguir me sentir confortável na minha cadeira.

Em um segundo, eu estava mudando no meu lugar pela centésima vez. No próximo, senti que alguém me sacudia suavemente. Abri os olhos. Metis estava de pé sobre mim, a mão no meu ombro.

— Nickamedes está acordado, — ela disse em uma suave voz. — Ele está pedindo para te ver.

Pisquei para afastar o sono, sentei e me levantei. Passei sobre as pernas dos outros, tendo cuidado para não acordá-los, e segui Metis para a parte de trás da enfermaria.

Nickamedes estava sozinho em um quarto. O bibliotecário parecia magro e pálido, e seus olhos azuis estavam mais aborrecidos do que eu lembrava, mas seu rosto estava calmo e relaxado quando virou a cabeça na minha direção.

Metis avançou e puxou o cobertor. — Você está confortável? Tem tudo o que precisa?

— Claro, — ele disse, estendendo a mão e agarrando a dela. — Você cuidou de mim, Aurora. Assim como você sempre faz.

Ela sorriu, mas sua expressão estava um pouco triste, e rapidamente afastou a mão da dele. — Sim. Assim como sempre.

Nickamedes franziu o cenho para ela. Aparentemente, ele não tinha ideia de como ela se sentia por ele. Talvez eu tivesse que fazer algo sobre isso quando ele estivesse bem.

Metis tocou meu ombro novamente. — Eu te darei dois minutos, — ela disse, fechando a porta ao sair.

Fui até a cama e fiquei lá, sem olhar para o bibliotecário. O que você dizia à pessoa que foi envenenada por sua causa? Que sofreu tanta dor? Que quase morreu por sua causa? *Sinto muito* não parecia suficiente.

— Obrigado, — Nickamedes finalmente disse. — Metis disse o que você fez por mim. Como você foi até as ruínas de Eir e todos os perigos que enfrentou ao longo do caminho.

Encolhi os ombros e peguei um dos louros prateados no meu bracelete apenas para ter algo a fazer.

— Não foi apenas eu. Todos fomos juntos. Daphne. Carson. Oliver. Alexei. Ajax. E Logan estava lá também.

Ele assentiu. — Eu sei, mas se você não tivesse descoberto qual era o veneno, eu não estaria aqui agora. Então, obrigado por isso, Gwendolyn.

Eu me mudei sem jeito, desconfortável com a gratidão del. — Desculpe... — eu disse, levando os olhos para os dele. — Eu sinto muito por não ter conseguido impedi-lo de beber o veneno. Que você ficou doente em vez de mim. Se eu pudesse voltar e mudar as coisas, eu iria. Sinto muito que Ceifadores te machucaram.

Engoli, tentando desalojar o nódulo duro na garganta. Porque agora vinha a parte difícil, dizer algo que estava na minha mente desde aquela noite horrível na biblioteca, quando ele desmaiou.

— Talvez... talvez eu não devesse mais trabalhar na biblioteca, — eu disse em voz baixa. — Os Ceifadores sempre podem tentar novamente, sabe. Eles provavelmente vão tentar de novo, e não quero que você ou qualquer outra pessoa se machuque porque está entre eles e eu.

Nickamedes olhou para mim com descrença. Então seus olhos azuis brilharam, e seus traços mudaram para aquele olhar firme que eu conhecia tão bem.

— Absolutamente *não*, — ele criticou. — Não ouvirei nada sobre isso.

Eu pisquei. Esperava que ele aceitasse minha renúncia sem perguntas. Na verdade, pensei que ele ficaria muito feliz por se livrar de mim.

— Mas...

— Mas nada, — Nickamedes interrompeu, sua voz tão feroz como eu nunca ouvi. — Não aceitarei que você deixe seus deveres só por causa de um triste ataque de Ceifador. Você é a minha melhor trabalhadora.

Pisquei novamente. — Sou?

— Sim. — Ele fez uma pausa. — Apesar do seu eterno atraso.

Revirei os olhos, mas não pude deixar de sorrir. Suas palavras e o tom irritado de sua voz me disseram que Nickamedes ficaria bem. Comecei a pedir licença para deixá-lo descansar quando ele franziu a testa e acenou para as mãos.

— Com o que você está brincando? — Ele perguntou.

Olhei para baixo e percebi que estava mexendo com uma das folhas de louro. Comecei a puxar minha blusa e dizer que não era nada quando outra ideia me ocorreu.

— Na verdade, eu... eu encontrei algo além da flor de ambrosia enquanto estávamos no Colorado, — eu disse. — Algum tipo de... artefato, acho que você diria. Você quer dar uma olhada nela?

Nickamedes endireitou os ombros. — Claro. Ainda posso estar um pouco para baixo, mas ainda não estou morto, Gwendolyn. Você deveria saber por agora que eu estou sempre interessado em artefatos.

Então empurrei minha manga para cima e mostrei a pulseira para ele. Ele se inclinou e correu os dedos sobre as folhas, como a Vovó Frost fizera. Nickamedes virou uma das folhas de louro de um lado para outro, estudando-a com sua intensidade usual. Após um momento, seus olhos se iluminaram com admiração.

— A pulseira de visco é bastante bonita, mas isso parece uma folha de louro prateado. Todas elas. Onde você conseguiu tantas delas? O louro de prata é ainda mais raro do que as flores de ambrosia. Nunca vi uma, não pessoalmente, apenas retratado em livros na biblioteca.

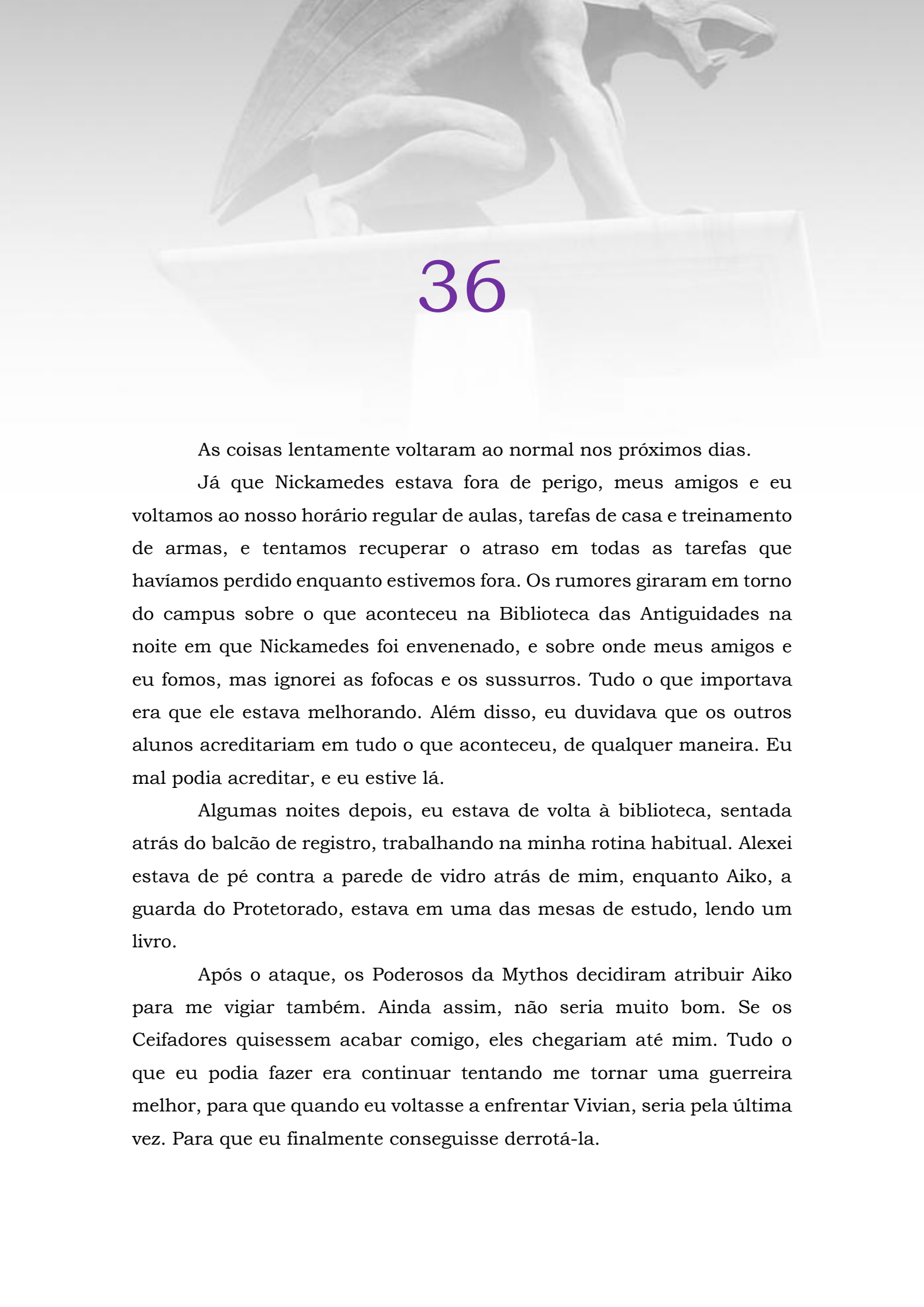
— Oh, é apenas uma coisa que eu... achei nas ruínas, — eu disse, não muito pronta para lhe contar a verdade ainda. — Preciso saber como usar as folhas e o que elas podem fazer. Você acha que... você pode me ajudar com isso? Por favor?

Nas ruínas Covington se gabou de como ele estava investigando artefatos para os Ceifadores. Imaginei que não poderia doer, se Nickamedes fizesse o mesmo pelo Panteão – e para mim também. Ele sorriu de novo, parecendo cada vez mais como seu velho eu.

— Claro. Eu me pergunto se poderia convencer Ajax a trazer para mim alguns livros da biblioteca. Bem, na verdade, você poderia buscá-los. Você poderá encontrá-los mais rápido do que ele, de qualquer maneira. Conheço o lugar certo para começar a pesquisar isso. Pegue um pedaço de papel e caneta, ok? Rapidamente, agora, por favor. Quero fazer algumas anotações antes que eu as esqueça...

Entreguei ao bibliotecário os itens que ele pediu, e ele começou a resmungar para si mesmo e anotar todos os livros que queria usar para começar a pesquisar sobre o louro prateado. Em vez de sair, me sentei no canto do quarto e o ouvi falar, feliz por ele estar bem e que tudo acabou bem, apesar dos planos dos Ceifadores.

Pelo menos por enqunato.



36

As coisas lentamente voltaram ao normal nos próximos dias.

Já que Nickamedes estava fora de perigo, meus amigos e eu voltamos ao nosso horário regular de aulas, tarefas de casa e treinamento de armas, e tentamos recuperar o atraso em todas as tarefas que havíamos perdido enquanto estivemos fora. Os rumores giraram em torno do campus sobre o que aconteceu na Biblioteca das Antiguidades na noite em que Nickamedes foi envenenado, e sobre onde meus amigos e eu fomos, mas ignorei as fofocas e os sussurros. Tudo o que importava era que ele estava melhorando. Além disso, eu duvidava que os outros alunos acreditariam em tudo o que aconteceu, de qualquer maneira. Eu mal podia acreditar, e eu estive lá.

Algumas noites depois, eu estava de volta à biblioteca, sentada atrás do balcão de registro, trabalhando na minha rotina habitual. Alexei estava de pé contra a parede de vidro atrás de mim, enquanto Aiko, a guarda do Protetorado, estava em uma das mesas de estudo, lendo um livro.

Após o ataque, os Poderosos da Mythos decidiram atribuir Aiko para me vigiar também. Ainda assim, não seria muito bom. Se os Ceifadores quisessem acabar comigo, eles chegariam até mim. Tudo o que eu podia fazer era continuar tentando me tornar uma guerreira melhor, para que quando eu voltasse a enfrentar Vivian, seria pela última vez. Para que eu finalmente conseguisse derrotá-la.

Era uma noite lenta na biblioteca, e a maioria dos estudantes já havia saído e voltado para seus dormitórios.

Peguei vários livros das estantes e estava ocupada comparando as imagens nas páginas com os artefatos no mapa que Oliver desenhara para mim. Desde o ataque nas ruínas de Eir, eu estava mais determinada do que nunca a encontrar os artefatos antes de Vivian, Agrona e o resto dos Ceifadores.

Tap-tap-tap. Tap-tap-tap.

Olhei atrás de mim. Nickamedes caminhava lentamente pelo complexo de escritórios de vidro. Com a mão esquerda, ele segurava alguns livros em seu peito. Com a mão direita, ele se apoiava sobre a bengala que usava para ajudá-lo a andar.

O bibliotecário ainda sentia os efeitos secundários do veneno que danificara suas pernas, e seus passos eram lentos e um pouco instáveis.

Tap-tap-tap. Tap-tap-tap.

Nickamedes estava melhorando, e Metis havia dito que provavelmente teria uma recuperação total, mas o som fraco e oco de sua bengala atingindo o chão causou uma nova onda de culpa em mim – porque deveria ser eu mancando e não ele. Assim que percebêssemos exatamente o que o louro prateado fazia, eu ia usar uma das folhas nele para torná-lo tão forte e saudável quanto antes.

Ainda assim, apesar da minha culpa, fiquei sorrindo quando Nickamedes caminhou até mim e deslizou com cuidado os livros em seu braço para o balcão.

— Alguma coisa? — Perguntei.

Eu não era a única a fazer pesquisas. Assim que ele foi liberado da enfermaria, Nickamedes começou a analisar os livros, na esperança de que eles pudessem conter alguma informação sobre as folhas de louro de prata.

Ele balançou a cabeça. — Não nesses livros. Mas não se preocupe, Gwendolyn, vamos descobrir mais sobre os louros. Vai demorar algum tempo.

Olhei para o rosto dele, o cansaço fazendo seus ombros caírem, e a maneira como ele se apoiara na bengala, apenas para ficar na posição vertical. Mais culpa surgiu em mim, junto com a raiva. Não pela primeira vez eu fiz uma promessa silenciosa – que os Ceifadores pagariam pelo que fizeram a ele.

— Gwendolyn?

— Sim, — eu disse, afastando meus pensamentos sombrios e me forçando a sorrir um pouco mais e mais brilhante. — Eu sei que você descobrirá algo sobre as folhas. Vai demorar algum tempo, como você disse.

— De qualquer forma, — ele respondeu. — Você pode guardar aqueles. Tenho mais alguns livros para verificar no meu escritório. Quero começar a pesquisar o visco também, caso tenha propriedades especiais.

Eu assenti.

Nickamedes me deu um sorriso cansado antes de virar lentamente e voltar para o escritório. Observei-o pelo canto do meu olho, me certificando de que ele voltou ao escritório e estava novamente sentado em sua mesa.

Eu havia alcançado os livros para poder guardá-los quando os passos soaram. Levantei os olhos para ver Logan andando em minha direção. Meu coração disparou ao vê-lo. Eu não havia visto muito Logan nos últimos dias, já que ele passara muito tempo com Nickamedes, certificando-se de que o bibliotecário estava descansando e se cuidando como Metis havia mandado que ele fizesse. Também não tive mais pesadelos sobre Logan me apunhalando. Nosso tempo juntos nas montanha ao menos afastaram esses medos.

Meus olhos rastrearam o rosto de Logan. Seus traços esculpidos pareciam tão bonitos como sempre, mas algo parecia... diferente nele. Talvez fosse o conjunto de seus ombros ou a maneira como o olhar dele estava fixo firmemente no meu rosto, em vez de se afastar como sempre fizera na montanha. Ele simplesmente parecia... melhor.

Logan se encostou na frente do balcão e colocou as mãos nos bolsos de seu jeans escuro.

— Oi, — ele disse com uma voz suave.

— Oi.

Ele olhou para mim, e eu olhei para ele, me perguntando se essa era a última vez que eu o veria. Mas depois de alguns segundos, eu não aguentava mais o silêncio – ou a forma como meu coração se apertou ao pensar que ele se afastaria.

— Veio dizer adeus? — Perguntei, querendo que ele simplesmente dissesse a palavra e partisse. Pelo menos assim eu poderia ir até as estantes onde ninguém, além de Alexei e Aiko, me veriam chorar.

Logan balançou a cabeça. — Não, não vim me despedir... desculpe.

Fiz uma careta. — Desculpar pelo quê?

Ele olhou para mim, seus olhos azuis sérios. — Por fugir, assim como você disse.

Desta vez, balancei a cabeça. — Eu não quis dizer isso. Não de verdade. Eu sei que você precisava de algum tempo para pensar nas coisas. Sou eu quem deveria pedir desculpas. Os Ceifadores feriram você, não eu. Estava apenas sendo uma cadela egoísta e chorona na caverna. Você é a pessoa mais forte e corajosa que eu conheço, Logan. O que os Ceifadores fizeram com você foi horrível, mas você sobreviveu. Isso é o que importa. Desculpe-me por todas as coisas maldosas e dolorosas que eu disse a você... mais do que você nunca saberá.

Nos últimos dias, eu tive muito tempo para pensar em mim, Logan, e o que os Ceifadores fizeram com ele. Sim, eu ainda estava ferida e zangada, mas também percebi que parte de mim estava com ciúmes de Logan – e o fato dele poder se afastar dos Ceifadores e de tudo o mais quando eu não podia. Mas estar em perigo, ser um alvo, ser ferida uma e outra vez, fazia parte de ser uma Campeã – Campeã de Nike. E era algo com o qual só eu teria que lidar até que a segunda Guerra do Caos fosse decidida – de um jeito ou de outro. Mas, no entanto, não iria dizer minhas emoções a Logan, não quando ele sofreu tanto quanto eu – talvez até mais.

Soltei outra respiração. — Então, de qualquer jeito, eu... eu só sinto muito. Por tudo. Espero que você possa me perdoar.

— Não há nada para perdoar, — Logan disse. — Porque você está certa. Eu fugi. Foi mais fácil te deixar em vez de ficar aqui e encarar você.

— Você não queria me ver e ser constantemente lembrado de como me machucou. Eu entendo... de verdade, eu entendo. Provavelmente eu teria feito o mesmo se nossas posições estivessem invertidas.

Ele balançou a cabeça novamente. — Não, não teria. Você teria ficado aqui. Você teria encarado e feito o que precisava fazer para derrotar os Ceifadores e manter todos seguros. Porque esse é o tipo de pessoa que você é, Garota Cigana. E é o tipo de pessoa que eu quero ser também.

— O que você está dizendo? — Sussurrei.

— Estou dizendo que eu voltei, — ele disse. — Voltei para a academia, e voltei para lutar, aqui mesmo, do seu lado, Cigana. Eu amo você, e não planejo ir embora novamente.

Tantas emoções me atravessaram com as palavras dele — esperança, alívio, felicidade e apenas um toque de medo. Que não duraria. Que algo mais aconteceria. Que ele iria embora novamente. Mas eu me obriguei a olhar nos olhos dele, e deixei que ele visse o quanto isso era importante para mim.

— Promete? — Sussurrei novamente. — Promete que você ficará, não importa o que aconteça? Porque eu não sei... não sei o que farei se você for embora de novo.

— Prometo.

Ele desenhou um X sobre seu coração — o mesmo tipo de X que refletia as cicatrizes no meu próprio peito e na minha mão. Então ele sorriu, e era o sorriso *dele* de novo... o sorriso louco, torto, sexy e provocante do Logan que eu tanto amava. Não havia culpa em seus olhos azuis. Não havia dor. Sem medo. Apenas sua determinação — e seu amor por mim.

E assim, toda a raiva, mágoa e culpa que senti quando Logan me esfaqueara e deixara a academia desapareceu. Talvez fosse uma loucura, mas toda a dor apenas... foi embora, e tudo o que eu sentia era uma onda

de amor vertiginoso e preocupação por ele, a emoção tão intensa que o meu corpo foi envolvido por ela.

Logan me disse uma vez que já passamos tempo suficiente separados, e ele estava certo. Fechei os olhos e respirei. Então eu estremeci, pulei do meu banquinho, corri ao redor do balcão de registro e me joguei nos braços dele. Logan deu um passo a frente para me encontrar, enterrando o seu rosto no meu pescoço. O calor de seu corpo derreteu o meu, afastando o arrepio que eu sentia no meu coração desde que ele se afastou.

Dei um passo atrás, fiquei na ponta dos pés e levei meus lábios para Logan em um beijo quente e feroz, não me importando com quem nos visse ou o que eles pensavam sobre isso. Seus lábios se encontraram com os meus, e tudo o mais acabou desaparecendo. Tudo o que eu conhecia era a pressão de seus lábios nos meus, nossa respiração se misturando, nossos braços segurando muito mais apertado, e toda a corrida de amor fluindo dele.

Finalmente o beijo terminou e eu olhei para o rosto dele. — Eu amo você, — sussurrei. Ele me deu outro sorriso torto.

— Sabe, acho que é a primeira vez que você já disse isso pra mim. Em pessoa, de qualquer forma. Pensei que as garotas deveriam dizer *eu te amo* primeiro, junto com todas essas outras coisas melosas.

Revirei os olhos, recuei e dei um golpe no seu ombro. — Lá vai você novamente, Espartano. Arruinando o momento.

Ele sorriu. Eu me levantei na ponta dos pés e dei outro beijo em seus lábios. Então balancei a cabeça para o balcão de registro.

— O que é? — Logan perguntou. — Qual o problema?

— Nada, — eu disse. — Mas agora que você voltou, temos trabalho a fazer. Quer me ajudar com uma coisa?

Ele sorriu novamente. — Sempre, Garota Cigana. Sempre.

Entrelacei meus dedos com os dele e o guiei até o balcão para mostrar o mapa dos artefatos que iríamos encontrar. Juntos.



Bônus

DIÁRIO DA GWEN

– SÁBADO –

Hoje, Daphne, Alexei e eu fomos ao Museu Crius para procurar um possível artefato, mas as coisas não acabaram como eu esperava...

— Você realmente acha que o artefato está aqui?

Encolhi os ombros. — Não sei.

Daphne Cruz, minha melhor amiga, parou no meio da sala, pôs as mãos nos quadris e me olhou. As pequenas faíscas rosas de magia saíam das pontas dos dedos da Valquíria, me dizendo que ela não estava feliz comigo agora.

— Bem, se você não sabe, então o que estamos fazendo aqui? — Ela perguntou. — E por *nós*, eu realmente digo *eu*.

O *aqui* era o Museu Crius, um museu nos arredores de Asheville, Carolina do Norte, dedicado a todas as coisas mitológicas. A maioria das pessoas que visitavam o coliseu achavam que era interessante olhar os tempos antigos, com suas salas expondo artefatos gregos, nórdicos, russos, romanos, japoneses, chineses e todos os outros povos, culturas e deuses do mundo.

O que não perceberam foi que tudo era real. Que aqueles no mundo mitológico estavam presos em uma luta que havia transitado para os tempos modernos – e que era feita com garotos guerreiros como Daphne e eu, para garantir que os caras bons do Panteão ganhassem.

Certo. Eu, Gwen Frost, a menina cigana que tocava coisas e via coisas, era oficialmente responsável por salvar o mundo. Algo que eu não estava fazendo tão bem até agora, já que perdi mais do que ganhei. Mas não importa quão terrível, continue com a luta. Eu era a única que podia fazer isso.

Vim ao coliseu em busca de uma rede que supostamente pertencia a Ran, a deusa nórdica das tempestades. Nike, a deusa grega da vitória, me pediu, como sua Campeã, para encontrar esses artefatos míticos e protegê-los dos Ceifadores do Caos. Outra coisa em que eu não estava indo tão bem.

— Bem? — Daphne perguntou. — O que você tem a dizer por si mesma, Gwen?

Olhei para o folheto que peguei de uma prateleira metálica perto da porta da frente.

— Que a rede está em uma das três salas na parte de trás. Então, venha.

A Valquíria continuou olhando para mim, mas eu estava acostumada com seu temperamento. A casca de Daphne era sempre pior do que sua mordida, a menos que você fosse um Ceifador.

Bati meus cílios para ela. — Por favor?

— É claro que está na parte de trás, — Daphne murmurou, mas ela seguiu ao meu lado.

Era sábado à tarde, final de janeiro, antes do horário de fechamento. Dado o frio implacável e os flocos de neve no exterior, nós éramos as únicas no coliseu, além de alguns membros da equipe que usavam longas togas brancas que estavam fazendo inventário na loja de presentes.

Ninguém da equipe nos deu um segundo olhar, apesar das faíscas da magia Daphne ainda estarem saindo. Os estudantes da Academia

Mythos, como nós, entravam no museu o tempo todo para ver as exposições e reunir informações para relatórios, ensaios e outros deveres de casa. A maioria dos membros da equipe formaram os próprios estudantes da Mythos, então eles sabiam tudo sobre o mundo mitológico e as Valquírias, Espartanos, Amazonas e outros guerreiros.

Navegamos pela sala principal do coliseu, que estava cheio de expositores de artefatos de vidro. Espadas de prata e lanças de bronze, todos brilhavam com uma luz maçante, enquanto as joias nos anéis e colares piscavam como olhos malvados, abrindo e fechando, seguindo meus movimentos. As sedas transparentes pairavam no ar, como se fossem fantasmas prestes a se libertar dos fios segurando-os, atravessando o vidro e atacando.

Eu tremi e acelerei meus passos. Armas sangrentas. Olhos malvados. Vestuário fantasma. Meu dom de Cigana estava agindo de novo.

— Calma, Gwen, — Daphne murmurou novamente. — Desacelere. Não é uma corrida.

Mordi o lábio para não dizer que era uma corrida contra nós, e me concentrei em um ritmo mais normal. Nós deixamos a sala principal para trás e entramos em um longo corredor.

— É todo o caminho até o fundo, — eu disse, apontando para a frente. — Em uma sala ao lado da biblioteca.

Daphne suspirou, e outro banho de faíscas cor-de-rosa saiu da ponta dos seus dedos.

— Olhe, — eu disse. — Eu sei que você está cansada de perseguir artefatos, mas a rede que eu vi no site do Museu parecia ser a que estamos procurando. Então pensei que poderíamos vir e verificar isso. Além disso, não é como se estivéssemos fazendo algo importante.

— Oh não, — ela atirou. — Não é como se eu quisesse passar a tarde com meu namorado ou qualquer coisa assim.

— Eu pedi a Carson para vir também, — eu disse, me referindo ao namorado dela, Carson Callahan, — Mas ele tinha aquela reunião sobre reagendamento do show de inverno que os Ceifadores arruinaram.

Daphne bufou. — Arruinaram é um eufemismo, você não acha?

Fiz uma careta. Ela estava certa. *Arruinaram* sequer se aproximava de descrever o show de horror em que o auditório se transformou quando o Ceifadores interromperam o evento, mataram membros do Protetorado, e os fez de refém, junto com estudantes da Mythos. Os Ceifadores tinham a intenção de matar todos no Auditório Aoide como um sacrifício de sangue para o malvado deus Loki. Eu impedi o plano deles, mas isso me custou – mais do que eu gostava de me lembrar.

— Bem, pelo menos, Gwen decidiu procurar esse artefato durante o dia, — uma voz com um sotaque russo falou. — Em vez de me arrastar até a Biblioteca das Antiguidades no meio da noite como fez na semana passada.

Olhei à esquerda para Alexei Sokolov. Com a pele bronzeada, com seus cabelos escuros e as características fortes, Alexei era tão bonito quanto qualquer estrela de cinema, mas também era o guerreiro de Bogatyr que servia como guarda costas.

— Você só está mal-humorado porque Oliver não pôde vir com a gente hoje, — eu disse.

Alexei sorriu, e os olhos de avelã suavizaram com o pensamento de Oliver Hector, o Espartano com quem ele estava envolvido.

— Talvez.

— E você só está mal-humorada porque Logan não está aqui, — Daphne atirou novamente.

Suas palavras me surpreenderam e tropecei em meus próprios pés, enquanto meu coração torcia no meu peito. Daphne pegou meu braço e me puxou com sua grande força de Valquíria. Ela estremeceu com a expressão triste no meu rosto.

— Desculpe, Gwen. Eu não quis dizer isso...

Levantei minha mão, cortando-a. — Não, está bem. Todos sabemos que é verdade. Eu estou mal-humorada sobre Logan.

Outro eufemismo. O Espartano Logan Quinn era o melhor lutador da Academia Mythos. Ao longo dos últimos meses ele me ensinou tudo o

que sabia sobre armas e como usá-las. Ele também era o cara que eu amava – e aquele que me atacou e depois deixou a academia.

— Gwen? — Alexei perguntou.

Afastei meus pensamentos sombrios. — Estou bem. Vamos ver se a rede está aqui.

Nós nos apressamos até o final do corredor e a última sala de exibição nesta parte do museu. De acordo com um sinal na parede, esta área foi dedicada a deuses e deusas do mar, do céu e de todas as tormentas que havia entre eles. Coloquei minha bolsa carteiro no canto e passei de um expositor para o outro, olhando todos os artefatos. Eles incluíram tudo, desde as tábuas implantadas do barco condenado que o guerreiro grego Odisseu tentou navegar para casa até os tridentes de ouro que supostamente pertenciam a Poseidon, o deus grego do mar. Finalmente, eu avistei uma placa de bronze que falava sobre a rede de pesca de Ran, e me aproximei desse expositor.

Uma rede feita de algo que parecia uma alga cinza clara estava embaixo do vidro, junto com um pequeno cartão de identificação branco. Eu teria que me lembrar de levar isso comigo também. Espero que isso me diga o que era tão importante sobre a rede. Eu me inclinei ainda mais perto do vidro, estudando o artefato.

Graças à minha psicomетria, eu nunca esquecia nada que via, então consegui retirar minhas lembranças do desenho que apresentava os artefatos que eu devia encontrar para a Nike. Comparei a rede antes de verificar a do desenho. Era um par perfeito.

— Aqui está! — Gritei.

Daphne e Alexei se aproximaram para ficar ao meu lado. Ambos olharam para a rede.

— O que você acha que isso faz? — Daphne perguntou, seus olhos negros se estreitaram.

Encolhi os ombros. — Não faço ideia. Mas Nike me mostrou isso, então deve ser importante.

— Agora o que? — Alexei perguntou.

Encolhi meus ombros novamente. — O habitual. Liguei para Metis, e ela e Nickamedes podem vir e pegar a rede.

Vi um flash de prata com o canto do meu olho e instintivamente saltei para trás.

A espada do Ceifador perdeu minha cabeça por uma polegada. Em um segundo, Alexei, Daphne e eu estávamos sozinhos na sala de exposições. No seguinte, apareceram seis Ceifadores, todos com túnicas pretas e máscaras de borracha de Loki carregando espadas curvas.

— Ceifadores! — Gritei, embora meus amigos já os tivessem visto.

O Ceifador ao meu lado ergueu sua espada novamente e virei, atacando com o meu pé, chutando-o no estômago. O Ceifador tropeçou para trás, me dando a chance de pegar minha própria arma – a espada na bainha de couro preto que estava ao redor da minha cintura.

Levantei a lâmina para uma posição de ataque e um olho violeta se abriu no punho. Ao invés de ser plana, metade do rosto de homem estava embutido no punho da minha espada, com um nariz, uma orelha e uma boca que eu podia sentir curvando em um sorriso satisfeito debaixo da minha palma ao pensar na batalha.

— Ceifadores! — Vic, a espada, disse com um deleite sombrio. — Vamos matar todos!

Ao meu lado, Daphne pendurou um arco de ônix em seu ombro e pegou uma flecha dourada, enquanto Alexei puxava duas espadas gêmeas da bainha de couro cinza nas suas costas.

Apertei Vic e entrei na batalha.

Clash-clash-clang!

Balancei minha espada no Ceifador uma e outra vez, atacando impiedosamente e cortando meu caminho através de suas defesas até que consegui enterrar minha arma no peito dele.

— Essa é minha garota! — Vic cantou enquanto eu puxava a espada do corpo do Ceifador. — Para o próximo!

Eu me virei para enfrentar o próximo Ceifador vindo até mim...

Thwack!

Uma flecha dourada se aproximou e se enterrou no peito do Ceifador, e ele também caiu no chão.

Minha cabeça girou.

— De nada! — Daphne gritou.

Levantei Vic e a saudei com a espada. Ela sorriu antes de levantar o arco e usá-lo como escudo para se defender de outro Ceifador. Daphne deu um passo à frente e acertou o Ceifador no rosto, a força de Valquíria jogando-o contra a parede. Eu sabia que ela ficaria bem, então virei para onde Alexei estava lutando contra dois Ceifadores. As espadas do Bogatyr passaram pelo ar como um raio de fogo enquanto ele se movia de um lado para o outro, atacando primeiro um Ceifador e depois outro.

— Pegue a rede! — Um dos Ceifadores gritou para o sexto e último.

O último Ceifador esmagou o vidro com sua espada, passou pelo vidro quebrado e pegou a rede de Ran. Ele jogou as algas sobre o ombro e correu em direção à porta aberta.

— Vá! — Alexei disse, cortando a espada no peito de Ceifador, depois o outro, fazendo com que ambos gritassem de dor. — Eu posso lidar com esses dois!

Eu me apressei atrás do último Ceifador. Ele se virou para ver quão perto eu estava e bateu em outro artefato, derrubando-o. O Ceifador tropeçou e bateu no chão com força, deslizando até parar perto da porta de entrada.

— Pegue ele, Gwen! — Vic gritou.

Pulei sobre o expositor esmagado e levantei a espada, pronta para acertá-la no Ceifador. E então foi quando ele jogou a rede para mim. Abaixei-me para um lado, mas a rede ainda me cortou. Era mais pesada do que parecia, e senti que alguém havia batido alguns pesos de chumbo no meu ombro. Eu gritei, mexi e consegui me livrar, embora o lado esquerdo do meu corpo tenha sofrido com o impacto estranhamente forte. Mas isso deu ao Ceifador tempo suficiente para se arrastar, sair da sala de exposições e entrar no corredor. Peguei meu ritmo, correndo atrás dele. Ele não ia fugir. Não se eu pudesse evitar.

O Ceifador parou no corredor, virou e jogou algo que parecia uma bola de borracha preta na minha direção. Eu parei logo quando um lampejo de fogo explodiu diante da entrada, me separando do Ceifador. Através das chamas, eu assisti o malvado guerreiro correr pelo corredor e sair de vista.

Olhei em volta, mas é claro que não havia outra saída desta sala, o que significava que não conseguiria persegui-lo. Eu amaldiçoei, coloquei meu capuz cinza e usei para bloquear as chamas. O que o Ceifador jogou em minha direção não era tão poderoso, porque consegui sufocar o fogo rapidamente. Eu tossi, afastei os fios de fumaça do meu rosto e saí da sala.

Vazio – o corredor estava vazio, o Ceifador já se foi.

Amaldiçoei novamente, mas não havia nada que eu pudesse fazer para pegá-lo, então voltei para a área de exibição para verificar meus amigos. Daphne e Alexei já estavam se movendo de um corpo para o outro, tirando as máscaras de borracha de Loki para revelar os rostos reais dos Ceifadores. Eu fui até Daphne e toquei seu ombro.

— Você está bem? — Perguntei.

Ela assentiu.

— Alexei?

— Estou bem, — ele respondeu.

Soltei um suspiro de alívio. Alexei pode ser tecnicamente meu guarda, mas ele também era um amigo, e eu estava feliz por ele e Daphne estarem bem.

Daphne notou a preocupação no meu rosto e colocou o braço em volta do meu ombro.

— Relaxe, Gwen. Nós vencemos a luta, e eles não. Meu cabelo sequer ficou bagunçado.

Ela usou a mão livre para suavizar as mechas douradas em seu longo rabo de cavalo. Daphne sorriu, e eu mesma sorri um pouco.

— Bem, enquanto seu cabelo estiver bem, acho que estamos bem.

Ela assentiu. — Você não faz ideia.

Do outro lado da sala, Alexei se agachou sobre um dos corpos dos Ceifadores e usou seu telefone celular para tirar a foto do rosto do morto. Ele fez o mesmo com todos os Ceifadores, então colocou o telefone no ouvido. Provavelmente estava ligando para a Professora Metis e o resto do conselho de segurança da academia para que eles soubessem sobre o ataque. Esta não era a primeira vez que algo assim acontecia nas últimas semanas, e certamente não seria a última enquanto eu continuasse procurando por artefatos.

— Você fez bem, Gwen, — Vic disse. — Estou orgulhoso de você.

Levantei a espada para poder olhar em seu olho. — Obrigada, Vic.

Ele olhou para mim. — Embora você realmente devesse ter matado mais Ceifadores. E você realmente não deveria permitir que aquele último fugisse...

E ele estava começando uma de suas conversas, falando exatamente sobre o que devemos fazer para rastrear o Ceifador e o quanto ele estava ansioso para cortá-lo em tiras. A espada era totalmente sanguinária. Revirei os olhos com sua conversa violenta, mas deixei a espada falar. Era mais fácil.

Enquanto Vic murmurava para ele mesmo sobre todos os Ceifadores que queria matar, olhei para a sala de exposição.

Sangue e corpos cobriam o chão como bonecas que uma criança jogara por birra. Vários dos expositores de artefatos foram destruídos, e pedaços de vidro brilhavam como fragmentos de diamantes entre as vestes pretas dos Ceifadores. Dêjà vu. Esta era a terceira vez que eu via uma cena como essa no museu. Pelo menos, os Ceifadores foram os únicos que morreram desta vez, e não estudantes da minha escola, como anteriormente.

Gritos ecoaram na minha cabeça, e todas as sombras na sala brilharam, como se houvesse poças de sangue contaminando tudo com seu horrível fedor de cobre – eu balancei minha cabeça, banindo os pensamentos do meu cérebro.

— Qual o problema? — Daphne Perguntou, notando minha expressão cansada. Balancei minha cabeça novamente.

— Eu estava pensando que realmente estou começando a odiar esse lugar.